

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MESTRADO EM HISTÓRIA

A ESCRITA DE SI DO MENINO E DO JOVEM SERAFIM BERTASO:

CARTAS ENTRE O COLÉGIO INTERNO E A FAMÍLIA (1920-1929)

ISABEL SCHAPUIS WENDLING

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2021

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

MESTRADO EM HISTÓRIA

ISABEL SCHAPUIS WENDLING

A ESCRITA DE SI DO MENINO E DO JOVEM SERAFIM BERTASO:

CARTAS ENTRE O COLÉGIO INTERNO E A FAMÍLIA (1920-1929)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História, para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Méri Frotscher Kramer

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PARANÁ

2021

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Schapuis Wendling, Isabel
A ESCRITA DE SI DO MENINO E DO JOVEM SERAFIM BERTASO:
CARTAS ENTRE O COLÉGIO INTERNO E A FAMÍLIA (1920-1929) /
Isabel Schapuis Wendling; orientadora Méri Frotscher
Kramer . -- Marechal Cândido Rondon, 2021.
179 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido
Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro
de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
2021.

1. Infância e juventude. 2. escrita epistolar. 3. família
Bertaso. 4. Chapecó-SC. I. Frotscher Kramer , Méri , orient.
II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Isabel Schapuis Wendling, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, e de acordo com a Resolução do Programa e o Regimento Geral da Unioeste.

Ao(s) 16 dia(s) do mês de julho de 2021 às 14h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Isabel Schapuis Wendling**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): **Silvia Maria Fávero Arend**, **Yonissa Marmitt Wadi**, **Meri Frotscher Kramer**. Os trabalhos foram presididos pelo(a) **Meri Frotscher Kramer**. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado, intitulada: "As escritas de si do menino e jovem Serafim Bertaso: cartas entre o colégio interno e a família (1920 - 1929)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): **Silvia Maria Fávero Arend**, **Yonissa Marmitt Wadi**. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi aprovado(a). A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado De acordo com o que está previsto nos § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Dissertação foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

Orientador(a) - **Meri Frotscher Kramer**
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Silvia Maria Fávero Arend
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ISABEL SCHAPUIS WENDLING, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Yonissa Marmitt Wadi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Isabel Schapuis Wendling

Aluno(a)



Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Profa. Dra. Carla Luciana Souza da Silva

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

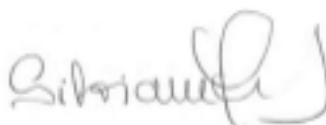
Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Silvia Maria Fávero Arend**, declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) **Isabel Schapuis Wendling**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, formalizo como membro externo, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) **APROVADO(A)**, na banca realizada na data de 16 de julho de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições:

A banca considera que a dissertação cumpre com os requisitos necessários para a defesa. O trabalho se baseia em rico acervo documental, se apóia em referencial teórico e metodológico adequado e coerente com os objetivos e a problemática central. Para a entrega da versão final, deve-se incorporar as sugestões apresentadas pela banca e submeter o texto à revisão ortográfica e gramatical. A banca sugere que o texto da dissertação seja publicado no formato de artigos em periódicos científicos.

Atenciosamente,



Profa Dra. **Silvia M. F. Arend**
UDESC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

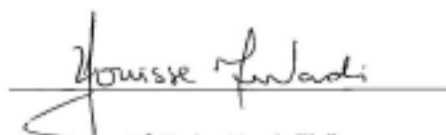
Eu, Prof.(a) Dr.(a) Yonissa Marmitt Wadi, declaro que participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a), Isabel Schapuis Wendling deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, formalizo como membro externo, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) APROVADO(A), na banca realizada na data de 16 de julho de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A banca considera que a dissertação cumpre com os requisitos necessários para a defesa. O trabalho se baseia em rico acervo documental, se apoia em referencial teórico e metodológico adequado e coerente com os objetivos e a problemática central. Para a entrega da versão final, deve-se incorporar as sugestões apresentadas pela banca e submeter o texto à revisão ortográfica e gramatical. Sugere-se a publicação do texto da dissertação em formato de artigos científicos.

Atenciosamente,



Dr^a. Yonissa Marmitt Wadi

Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Bolsista de Produtividade em Pesquisadora - CNPq

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8470729900371454>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-0224-8478>

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dra Méri Frotscher Kramer, declaro, como ORIENTADORA, que presidi os trabalhos à distância, de forma síncrona e por videoconferência da banca de de Defesa de Mestrado da candidata Isabel Schapuis Wendling deste Programa de Pós- Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, formalizo como orientadora, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que a candidata foi considerada **APROVADA** na banca realizada na data de 16 de julho de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A discente deverá incorporar, para a entrega da versão final da dissertação, as recomendações feitas pelas integrantes da banca avaliadora.

Atenciosamente,



Méri Frotscher Kramer
Programa de Pós-Graduação em História
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA
SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente Isabel Schapuis Wendling,
declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO à distância, de forma síncrona e
por videoconferência do trabalho intitulado:
A escrita de si do menino e jovem Serafim Bektas: cartas entre o colégio interno e a família (1920-1929),
para banca examinadora realizada na data de 16 julho de 2021.

Atenciosamente,

Isabel S. Wendling

nome e assinatura

Programa de Pós-Graduação em História Universidade
Estadual do Oeste do Paraná

AGRADECIMENTOS

No ano de 2019 aceitei o desafio que o meu parceiro e namorado Guilherme propôs, tentar um mestrado na UNIOESTE. Eu que sempre desejava seguir a vida acadêmica, decidi sem receio. Juntos, passamos no mestrado e juntos mudamos de Chapecó-SC para Marechal Cândido Rondon-PR, uma cidade nova para nós, estávamos animados, ansiosos e com um pouco de medo.

É claro que quando iniciei essa jornada não esperava que em 2020 fosse chegar ao mundo uma pandemia como aconteceu. Com ela, o isolamento social, medo, angústia, álcool em gel, máscara, fechamento das escolas e o universo acadêmico por um tempo paralisado – buscando alternativas para dar continuidade. Além disso, vimos o Brasil ser pouco a pouco destruído pelo governo do presidente Bolsonaro, que ignorava – e ignora – toda a crise sanitária causada pelo COVID-19, espalhando pelo país diversas *fake news*. Além da crise sanitária, uma crise política e financeira foi tomando força no país, quem não se abalou nesse momento tão sombrio de nossa história?

Por tantos motivos, algumas pessoas foram muito importantes para que eu pudesse me manter sã, forte e focada. Primeiramente agradeço minha orientadora Méri Frotscher Kramer por aceitar o desafio de me orientar, pela paciência, carinho e determinação em me ajudar a tornar essa pesquisa o que é hoje. Por tantas vezes que me ajudou a confiar na minha capacidade e nesta pesquisa, por compreender as minhas dificuldades, por cada dica de livro e bibliografias que me passou, por tantas orientações e pelas atenciosas leituras deste texto, muito obrigada!

Agradeço a minha família, mãe Maristela, pai Adenor, irmã Tamires, que me incentivaram, me mantiveram motivada, e me animavam, mesmo à distância, além daquele apoio financeiro que foi muito importante para me manter focada somente na pesquisa. Não posso deixar de lembrar do nascimento de meu sobrinho e afilhado Marvin, que chegou em 2020 trazendo muita alegria, vida e esperança e me lembrando da beleza e simplicidade da vida.

Agradeço também à família que nos acolheu aqui no Oeste do Paraná: minha tia e madrinha Cléria, ao Douglas, primos Artur e Lara, agradeço por terem dado a estadia nos nossos primeiros meses na região, além dos calorosos domingos de almoço! Muito Obrigada!

Agradeço às professoras Dra. Yonissa Warmit, Dra. Silvia Maria Arend e Dra. Andrea Vicente da Silva (suplente) por mais uma vez aceitarem fazer parte da banca de defesa deste

trabalho, pelas atentas leituras e considerações que de fato foram muito construtivas para esta pesquisa, meu muito obrigado!

Agradeço ao meu parceiro, namorado e amigo Guilherme, por nossas noites de sexta tomando aquela cervejinha, aliviando tantos dias exaustivos, por cada leitura de algum parágrafo ou página – só para ver se fazia sentido – pelo amor, carinho, paciência, a ti sou extremamente grata!

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado, que me possibilitou toda a atenção e disposição em focar unicamente na pesquisa.

*[...] O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma
chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus
despropósitos!
(Manoel de Barros, 1999)*

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo analisar a infância e juventude de Serafim Bertaso por meio de sua escrita epistolar produzida nos colégios internos e endereçada aos pais. Utilizou-se a coleção particular de documentos da família Bertaso, sendo a grande maioria deles constituído por cartas de Serafim e de seus irmãos endereçadas aos pais, e, em menor quantidade, documentos escolares e cartas aos amigos. Serafim Bertaso foi filho do dono da colonizadora *Bertaso, Maia e Cia* e imigrante italiano, coronel Ernesto Bertaso e da descendente de imigrantes italianos e comerciantes, Zenaide Bertaso, nascida Ballista. Tinha como irmã mais velha a Elza, e irmãos mais novos o Jayme e o Ari. As cartas de Serafim foram escritas nos anos de 1926 a 1929, quando estudava nos colégios internos católicos. Através das análises das cartas e dos outros documentos deste acervo, buscamos visualizar os diferentes espaços de formação, constituição e agência de Serafim. Mais especificamente, buscamos compreender os caminhos trilhados pela família Bertaso para conquistar capital cultural, social e financeiro levando-os a ser tornar uma elite local de Chapecó-SC. Além disso, analisamos como se organizava a família Bertaso, mas especialmente como Serafim se subjetivava, se posicionava e exercia agência dentro do espaço familiar. Finalmente, focamos na subjetividade de Serafim dentro do cotidiano escolar, já que viveu muitos anos de sua infância e adolescência em colégios católicos conservadores, destinados às elites, nos quais a vigilância e controle dos corpos, a emulação e premiação faziam parte do cotidiano dos alunos e reforçavam ideais das elites, trabalho contínuo e superação. Consideramos as idades para realizar as análises e compreender a atuação e subjetivação de Serafim, como também consideramos a escrita de si na escrita epistolar como espaço de reflexão e construção de subjetividade diante do outro. No âmbito familiar percebemos desde uma ampla mobilização das redes sociais por parte dos pais de Serafim, como também o alto investimento na educação dos filhos e filha, destinando-os a escolas particulares em regime de internato. Percebemos que a agência de Serafim ocorreu de formas diferentes entre a sua infância e adolescência. No espaço escolar percebemos como Serafim desenvolve agência diante das normas e como ela é permitida por ser um menino e jovem das elites. Além disso, notamos diferentes identidades narrativas construídas por ele a cada um de seus correspondentes ao longo dos anos. Nas cartas aos pais Serafim se preocupava em relatar seus desenvolvimentos escolares e bom aproveitamento do investimentos da família. Conforme o passar dos anos, Serafim desenvolve técnicas de escrita para agradar e se posicionar diante dos pais, desenvolve gostos e, diante dos aprendizados escolares, passa a incorporar comportamentos e condutas condizentes às masculinidades destinadas aos homens das elites em Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Infância e juventude, escrita epistolar, família Bertaso, Chapecó-SC, educação.

ABSTRACT

The following research aimed to understand the childhood and youth days of Serafim Bertaso through his epistolary writings produced when he was attending boarding schools. As source we worked with documents belonging to the private collection of the family and among the seven hundred and twenty-two items, the vast majority were letters written by Serafim and his siblings addressed to their parents while at school age, in addition to school documents, cards and letters written by other family members. Serafim Bertaso, his older sister Elza and his younger brothers Jayme and Ari are the children of the Colonel Ernesto Bertaso, owner of colonization company *Bertaso, Maia e Cia*, and of the Italian and merchants' descendant Zenaide Bertaso, birth name Ballista. The letters were written by Serafim from 1926 to 1929 while attending catholic schools, thus the goals consisted in tracing not only the formation and agency of Serafim but also the path which made possible for his family to achieved the social, financial and cultural capital that turned them into a local elite in the city of *Chapecó*, focusing on how the boy acted within the family environment since he lived many years in elitist and conservative catholic schools where surveillance, strict rules, emulation and rewards were part of the students' daily life, yet reinforcing ideals of continuous work and overcoming of adversities. The research also considered the age factor in order to analyze and comprehend the agency and subjectivation of Serafim once his epistolary practice was seen as a place of self-reflection and construction of his own subjectivity in face of others. Concerning the family, we noticed a significant effort from the parents in acquiring social networking connections as well as the high investment in the children's education, sending them to private schools under boarding system. In conclusion, we realized Serafim's agency occurred in different ways throughout his childhood and adolescent years, moreover we noticed changes in his narrative identities depending on the correspondent he was sending the letters to. At school it was possible to summarize that Serafim developed his agency amidst the rules and how he was allowed to be raised as a young boy belonging to an elite family. In the letters addressed to his parents, Serafim used to report his school development aiming to please the family and show the good use of the family's wealth in education while developing throughout the years writing techniques that showcase behaviors fitting the school system which he was a part of and he also behaved according to the masculinity practices expected from elite men in *Santa Catarina*, his home state in Brazil.

KEYWORDS: Childhood and Youth, Epistolary, Bertaso family, Chapecó-SC, School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Trecho de orações de Elza Bertaso deixadas para o irmão Serafim que estava se preparando para primeira comunhão. (Sem data, provavelmente de 1920-1923).....	46
Imagem 2: Carta de Elza Bertaso à mãe. Palavra escrita na diagonal e outra de cima para baixo em letras grandes. 26 de março de 1914.....	73
Imagem 3: Carta de Serafim Bertaso aos pais enviada do ginásio Anglo-brasileiro. 14 de março de 1921.	80
Imagem 4: Carta de Serafim ao Pai. São Paulo, 8 de setembro de 1922.....	82
Imagem 5: Nota de despesas emitida pelo Colégio Júlio Theodorico sobre o aluno Serafim Bertaso. Agosto de 1920.....	114
Imagem 6: Carta de Serafim à mãe, detalhe nas rasuras e falta de pontuação.	118
Imagem 7: Boletim mensal do aluno Serafim Bertaso. Ginásio Anglo-brasileiro. 31 de maio de 1921.	121
Imagem 8: Carta de Serafim aos pais. 16 de abril de 1921.	122
Imagem 9: Carta de Serafim aos Pais. São Paulo, 14 de maio de 1921	124
Imagem 10: Detalhe ao final da carta de Serafim. Número de matrícula na escola 227 e “1º ano”. 13 de agosto de 1921.....	125
Imagem 11: Boletim mensal do aluno Serafim Bertaso. 5 de setembro de 1921.....	127
Imagem 12: Registro de medidas antropométricas de Serafim pelo Ginásio Anglo-brasileiro. 1921	130
Imagem 13: Carta de Serafim à mãe. 14 de julho de 1922.....	131
Imagem 14: Boletim escolar referente aos meses de março e abril de 1926.....	141
Imagem 15: Boletim quinzenal de Serafim Bertaso no Ginásio Catarinense. 20 de abril de 1929	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Documentos da Coleção Particular da Família Bertaso disponível no CEOM.	12
Tabela 2: Troca epistolar entre membros da família Bertaso.	13
Tabela 3: Cidade e escola na qual estavam os diferentes membros da família Bertaso nos anos de 1915 a 1924	53
Tabela 4: Cidade e escola na qual estavam os diferentes membros da família Bertaso nos anos de 1924 a 1929.....	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: FAMÍLIA BERTASO: A FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA FAMÍLIA DE ELITE.....	28
1.1 DO VÊNETO AO OESTE DE SANTA CATARINA: A FAMÍLIA BERTASO E A REPRODUÇÃO DE CAPITAIS	28
1.2 A EDUCAÇÃO NUMA FAMÍLIA DAS ELITES	48
1.3 O ACERVO DOCUMENTAL DA FAMÍLIA BERTASO E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA FAMILIAR E PÚBLICA	57
CAPÍTULO II: NAS TEIAS DA FAMÍLIA: SERAFIM BERTASO EM MEIO ÀS RELAÇÕES FAMILIARES NA INFÂNCIA E NA JUVENTUDE.....	65
2.1 O MENINO SERAFIM NAS CORRESPONDÊNCIAS FAMILIARES (1920-1922): SUBJETIVIDADE E INFÂNCIA	66
2.2 O JOVEM SERAFIM NAS CORRESPONDÊNCIAS FAMILIARES (1926-1929): SUBJETIVIDADE E JUVENTUDE.....	88
CAPÍTULO III: ENTRE A DISCIPLINA E O PRAZER: O MENINO E O JOVEM SERAFIM BERTASO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES (1920-1929)	112
3.1 PRIMEIROS ANOS COMO INTERNO: ESCOLARIZAÇÃO, INFÂNCIA E SUBJETIVIDADE (1920-1922).....	113
3.2 O JOVEM SERAFIM NO GINÁSIO CATARINENSE: COTIDIANO ESCOLAR, RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADE (1926-1929)	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
FONTES	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
ANEXO.....	179

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar como o menino e jovem Serafim Enoss Bertaso (1908-1976) viveu e narrou suas experiências cotidianas a partir de colégios internos entre 1920 e 1929, por meio de sua escrita epistolar, em correspondências com a família.

Serafim Bertaso nasceu em 1908 em Guaporé-RS, cidade em que moravam naquele momento seus pais, Ernesto e Zenaide Bertaso, e irmã. No ano de 1920, aos 12 anos, foi mandado pela família para Curitiba para estudar no primeiro colégio, o Colégio Júlio Theodorico, como aluno interno. Naquele ano, Serafim enviava suas primeiras cartas aos pais. Até 1929 passou por mais dois outros internatos, primeiro em São Paulo-SP, no Colégio Anglo-Brasileiro, e em Florianópolis-SC, no Ginásio Catarinense. Assim como Serafim, a irmã Elza, nascida em Bento Gonçalves em 1905, também foi enviada ainda criança (em 1914, aos 9 anos de idade) para estudar em internato católico no colégio Nossa Senhora do Bom Conselho em Porto Alegre-RS, depois para o Colégio Nossa Senhora de Sion em Curitiba (1919) e em São Paulo (1920-1923) até completar 18 anos. Jayme, o irmão mais novo, nascido em 1912, saiu de casa para estudar já mais velho, aos 14 anos, em 1926, ingressando no Ginásio Catarinense junto com Serafim e o primo, Plínio.

Os três eram filhos de Zenaide Ballista, natural de Bento Gonçalves-RS, filha de imigrantes italianos estabelecidos nesta região colonial do Rio Grande do Sul. O pai de Serafim foi Ernesto Bertaso, imigrante italiano instalado com a família no Rio Grande do Sul, conhecido mais tarde na região de Chapecó-SC como Coronel Bertaso por sua atuação na colonização da região a partir dos anos 1920, como proprietário da Colonizadora Bertaso, Maia & Cia. O casal viveu no Rio Grande do Sul nas cidades de Bento Gonçalves, Guaporé e Passo Fundo, até a família se estabelecer em Chapecó nos anos 1920.

O sobrenome Bertaso é muito presente na história e historiografia regional de Santa Catarina devido às ações de Ernesto e Serafim Bertaso na esfera pública. Ernesto é visível pelo seu papel à frente da empresa colonizadora e Serafim Bertaso pela sua atuação enquanto vereador (1947-1951) e prefeito de Chapecó (1951-1954) pelo PSD – Partido Social Democrático. A historiadora Eunice Nodari, que estudou o processo de colonização do Oeste do Paraná, se refere, por exemplo, à atuação de Ernesto Bertaso e também a Serafim Bertaso, que projetaram e idealizaram projetos de cidade moderna e “limpa” para Chapecó (2009, p. 89-93). Ernesto Bertaso e sua empresa também aparecem nos trabalhos da antropóloga Arlene Renk (2004; 2006) que discutiu as disputas territoriais e de ocupação, os processos de

colonização, migração e formação étnica do oeste catarinense. Entre outros trabalhos menciona-se aqui ainda a dissertação do historiador Gustavo Henrique de Siqueira (2016) que trata das redes sociais e políticas das elites em Chapecó entre 1957 e 1977, abordando também a atuação política de Serafim Bertaso, que enquanto vereador e prefeito, articulou redes sociais e políticas dentro do mundo público e político.

Esta dissertação trata de um período bem anterior, quando Serafim e irmãos ainda eram crianças e jovens alunos de colégios internos. As cartas familiares dos três filhos dos Bertaso, Elza, Serafim e Jayme compõem substancial parte da Coleção Particular da Família Bertaso, preservadas no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM), em Chapecó-SC, e foram doadas por descendentes, netas de Elza Bertaso. Junto dessas cartas encontram-se também cartas de Ernesto, Zenaide, cartas recebidas pelos membros da família de amigos e outros familiares, como também documentos escolares, cartões postais e escolares, e documentos pessoais. Esses documentos permitem investigar o universo da esfera privada dessa família das elites locais, a partir da perspectiva delas durante a infância e juventude.

A seguir, apresento uma tabela para melhor visualizar a composição da Coleção conforme a tipologia dos documentos:

Tabela 1: Documentos da Coleção Particular da Família Bertaso disponível no CEOM

TIPO DE DOCUMENTO	QUANTIDADE	SOBRE QUEM
Cartas	123	Para/de Serafim Bertaso
Documentos escolares	136	Serafim Bertaso
Papel de contas	1	Serafim Bertaso
Cartas	150	Para/de Elza Bertaso
Documentos escolares	69	Elza Bertaso
Cartas	27	Para/de Jayme Bertaso
Documentos escolares	80	Jayme Bertaso
Cartas	58	Ernesto Bertaso
Correspondências sem identificação	3	S/identificação
Cartas	4	De/para Plínio Bertaso
Documentos escolares	43	Plínio Bertaso
Cartões	26	Elza Bertaso/Serafim Bertaso
Documentos Pessoais: registro de óbito	1	Jayme Bertaso
Trecho contrato da Baronesa de Limeira	1	Empresa Colonizadora Bertaso

Importante entender a formação desse arquivo familiar até sua chegada ao CEOM, pois, como propõe Luciana Heymann, “traçar a biografia dos arquivos pode ser interessante na medida em que ela contribua para desnaturalizá-los. [...] Não se trata de tomar o arquivo como uma entidade, mas de entender como o arquivo se torna uma entidade com contornos, localizações e atributos” (2013, p. 72). O acervo familiar da família Bertaso é composto por um total de 722 documentos. Pode-se perceber que a grande maioria dos documentos é constituída por cartas dos filhos Elza, Serafim e Jayme da época escolar e seus documentos escolares que envolvem boletins, menções de honra e recibos. Os documentos presentes nessa coleção estão mais limitados ao âmbito privado, entre amigos e familiares, apesar de muitas das cartas de Ernesto com amigos também abordarem negócios¹.

Para se perceber a dimensão da importância das correspondências privadas para esta família e as trocas epistolares entre seus membros, elaboramos também a tabela abaixo:

Tabela 2: Troca epistolar entre membros da família Bertaso

GRUPO DE CARTAS	QUANTIDADE DE DOCUMENTOS
CARTAS DE SERAFIM BERTASO:	
Cartas de Serafim Bertaso à irmã Elza Bertaso	10
Aos pais em 1920	5
Aos pais em 1921	32
Aos pais em 1922	22
Aos pais em 1926	7
Aos pais em 1927	9
Aos pais em 1928	15
Aos pais em 1929	10
Memorandos remetidos a Serafim Bertaso	6
Cartas de amigos para Serafim	13
CARTAS DE ELZA BERTASO:	
Cartas de Elza Bertaso à Mãe	101
Cartas de Elza Bertaso aos Irmãos	7
Cartas de Elza Bertaso aos Pais	42
Cartas remetidas à Elza Bertaso por amigos	2
CARTAS DE JAYME BERTASO	

¹ Cabe aqui anotar que há outro grupo documental disponível no CEOM, o Fundo Empresarial Bertaso, que contém documentos referentes especialmente à colonizadora de Bertaso, tais como projetos arquitetônicos, plantas e mapas, e cartas comerciais, documentos esses que foram utilizados por Eunice Nodari (2009).

Cartas remetidas a Jayme Bertaso pelo amigo Jorge Mercades	1
Cartas remetidas por Jayme Bertaso aos pais 1926-1929	25
CARTAS DE ERNESTO BERTASO	
Cartas e memorandos remetidos por Ernesto Bertaso	1
Cartas remetidas a Ernesto Bertaso	37
Correspondências relacionadas ao trabalho entre outras	18
Memorandos remetidos a Ernesto Bertaso	1
Cartas remetidas por Ernesto Bertaso a Serafim	2
CARTAS DE ZENAIDE BERTASO	
Cartas remetidas por Zenaide Bertaso a Serafim	2

Essas cartas permitem desenvolver diversas problemáticas no campo da pesquisa histórica. São cartas de filhos de uma família das elites locais de Chapecó, descendentes de imigrantes italianos que se inseriram no país e ascenderam rapidamente por meio de estratégias para a acumulação e reprodução de capitais. As cartas privadas entre os familiares foram produzidas no contexto escolar de regime interno nos quais os filhos se inseriram, em escolas direcionadas para as elites. Essas cartas permitem discutir o papel da educação na formação dessas crianças, os papéis de gênero na família, as práticas de escrita epistolar de crianças, as relações entre filhos (crianças e jovens) com seus pais, irmãos e amigos, entre muitos outros aspectos.

Inicialmente esse acervo foi “descoberto” por um grupo de alunos do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul em uma visita ao CEOM com o professor Ricardo Machado para a aula de Introdução à Pesquisa Histórica. Após esse momento, as cartas se tornaram fontes de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso de Paula Simon,² que analisou as primeiras cartas de Elza Bertaso aos pais (1915-1918). Após sua conclusão, os professores Fernando Vojniak e Ricardo Machado propuseram dois projetos de Iniciação Científica com o intuito de analisar práticas de escrita epistolares no Oeste catarinense, do qual me tornei bolsista em 2016 até 2018, junto com a colega Thalia Fahler³.

² Paula Simon em seu TCC na área de História, defendido na Universidade Federal da Fronteira Sul, em 2016, analisou as cartas de Elza Bertaso, com o intuito de identificar elementos das práticas de escrita no oeste catarinense. Vide: SIMON, Paula Marisa. “**Queridos Paes**”: uma história da escrita epistolar no oeste catarinense através das cartas de Elza Bertaso à sua família. 2015. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

³ Em 28 de junho de 2021 foi lançado o livro organizado pelos professores Drs. Fernando Vojniak e Ricardo Machado, com artigos resultantes das pesquisas desse projeto, além de outros trabalhos que abarcaram as práticas de escrita no oeste catarinense. Vide: VOJNIAK, Fernando; MACHADO, Ricardo (org.). **Cultura**

Nesse momento trabalhei com parte das fontes da Coleção Particular da Família Bertaso e com bibliografia sobre práticas de escrita e escrita epistolar. Foi em 2017 que decidi estudar as cartas de Elza⁴ e Serafim Bertaso para meu Trabalho de conclusão de curso de graduação⁵. Contudo, entendia que ainda era possível debruçar-me de forma mais aprofundada sobre esse arquivo de cartas e por isso decidi dar continuidade a minha pesquisa no mestrado.

Ao adentrar no mestrado em História da UNIOESTE, havia proposto analisar as construções subjetivas desses três irmãos, Elza, Serafim e Jayme, por meio de suas cartas aos pais, amigos e entre irmãos. Contudo, logo percebemos que seria inviável abordar os três sujeitos nos limites de uma dissertação, considerando o volume de cartas preservado. Soma-se a isto a existência de outros trabalhos realizados que focaram nas cartas de Elza, como o Trabalho de Conclusão de Curso de Paula Simon, e seu mestrado em andamento no qual utilizava as cartas de Elza e irmãos⁶, além do fato de haver bem menos documentos de e sobre Jayme, o que me fizeram focar o trabalho em Serafim. Entretanto, na redação desta dissertação, estabeleço um diálogo com as experiências e escritas de si dos outros irmãos, já que fizeram parte da mesma família, vivenciaram todos eles a experiência de estudar longe dela em colégios internos e também por terem se correspondido com Serafim. Suas experiências e cartas são comparadas e diferenciadas no sentido de se apreender as posições de sujeito de Serafim nas relações familiares, sociais e de gênero.

Por conta deste recorte, do conjunto documental acima apresentado, foram utilizados principalmente os documentos que envolvem e dizem respeito a Serafim Bertaso, um total de 100 cartas remetidas por Serafim, dentre elas, 10 enviadas à irmã Elza e 90 enviadas aos pais (para ambos ou, individualmente, para o pai ou a mãe). Além disso, dispomos de cartas recebidas por Serafim: 2 cartas da mãe Zenaide, 2 do pai Ernesto (as 4 de 1922), 42 cartas de Elza que às vezes direcionada diretamente a Serafim e outra a Serafim e Jayme (aos irmãos). Há, como se percebe, poucas cartas recebidas por Serafim ainda preservadas, o que dificulta uma análise das correspondências como um todo. Todavia, ainda assim essas cartas permitem

escrita no Sul do Brasil: estudos de história intelectual e das correspondências. Chapecó: Perspectivas, 2021. 344 p.

⁴ Mais tarde produzi um artigo intitulado “Ser mãe e esposa: gênero e subjetividades nas cartas de Elza Bertaso para sua mãe (1925 -1929)” e submetido para a revista AEDOS do programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, que atualmente se encontra no Prelo.

⁵ Em meu TCC abordei as cartas de Elza e Serafim nos anos de 1914 a 1929: WENDLING, Isabel Schapuis. **O que diziam as crianças quando escreviam cartas:** as construções de gênero na escrita dos irmãos Bertaso (1914 a 1929). 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

⁶ Simon desenvolve seu projeto de mestrado desde 2018, intitulado “Da escola para a casa: as influências da educação escolar para a formação de uma elite intelectual nas cartas da Família Bertaso” no qual o foco é discutir o papel da educação na formação de Elza e Serafim como membros de uma família de elite.

observar elementos sobre os relacionamentos e trocas epistolares mantidos pela família. A maior parte dos documentos escolares é de Serafim oriundos dos seguintes colégios: Júlio Theodorico (1920, de Curitiba-PR), Ginásio Anglo-brasileiro (1921-1922, de São Paulo-SP), Instituto Ginásial de Passo Fundo (1924-1925) e Ginásio Catarinense (1926-1929, de Florianópolis-SC); em segundo lugar, estão documentos sobre Jayme emitidos pelos colégios seguintes: Instituto Ginásial de Passo Fundo (1922, 1924-1925) e Ginásio Catarinense (1926-1929); e em terceiro, documentos sobre Elza, emitidos pelo Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (1915-1918, de Porto Alegre-RS) e Colégio Nossa Senhora de Sion (1919-1923). Observou-se que a “escrita de si” preservada de Serafim se refere a dois momentos das “idades da vida” dele, o final da infância que compreende o período em que tinha 12 aos 14 anos (1921-1922) e juventude, dos 17 aos 21 anos (1926-1929). Essas cartas escritas a partir da escola são fontes preciosas, pois permitem apreender, como formula Maria Helena Câmara Bastos, “um discurso que produz o próprio sujeito, com o objetivo de formar uma determinada identidade: de aluno e de pessoa.” (BASTOS, 2012, p. 93).

Além do objetivo principal expresso anteriormente, o de apreender como Serafim viveu e narrou suas experiências cotidianas a partir de colégios internos, a análise prévia do material levou-nos a estabelecer os seguintes objetivos específicos: perceber o papel dos investimentos na educação escolar dos filhos em colégios internos na reprodução de capitais dessa família das elites; analisar a sujeição/subjetivação e as práticas de si de Serafim no processo de inserção nos colégios internos, resistências e conformações; perceber a constituição desse sujeito em meio às relações familiares e de gênero, ou seja, como ele se relaciona e se posiciona enquanto filho e irmão durante o seu processo de crescimento dentro de uma família de elite; apreender como o menino/jovem Serafim se expressa e desenvolve sua escrita e como ele se constrói por meio das diferentes relações intersubjetivas estabelecidas com os destinatários.

Essa dissertação, então, trata dos processos de constituição da subjetividade de Serafim ao longo de parte da infância e da juventude, em meio às relações com a família e a escola. Isto porque Serafim esteve locado nessas duas instâncias de produção subjetiva, por meio do qual atuaram poderes sobre ele, poderes que ensinam, disciplinam, modelam condutas, dentro de certos padrões para rapazes das elites católicas. Nesse sentido, podemos assimilar o conceito de modos de subjetivação formulado pelo filósofo Michel Foucault, assim sintetizado por Judith Revel: “modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo

número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.” (REVEL, 2005, p. 82). O estudo das práticas de escrita de si em suas diferentes formas permite tratar e analisar os modos de subjetivação nas “práticas de objetivação” do sujeito escrevente e como ele “constitui-se como sujeito de sua própria existência”. Consideramos também os modos de sujeição de Serafim, que segundo define Michel Foucault como “a maneira como um indivíduo estabelece sua relação com essa regra e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática” (2019, p. 34), pois dentro dos espaços sociais da família e escola onde Serafim vivia, havia uma regra moral – católica – a qual deveria ser posta em prática e vivida.

Além disso, Michel Foucault diferencia o sentido de “cuidado de si” e “estética da existência”, pois, para ele, o cuidado de si seriam as diferentes formas que o sujeito encontra para “elaboração do trabalho ético que se efetua sobre si mesmo, não somente para tornar seu próprio comportamento conforme uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo em sujeito moral.” (FOUCAULT, 2019, p. 34). Já a busca de uma “estética da existência”, segundo Foucault, diz respeito aos modos pelos quais o sujeito constrói, se transforma e elabora sua vida como maneira de afirmar sua liberdade e desenvolver forma de se reconhecer e ser reconhecido diante dos outros, se produz como uma obra de arte (FOUCAULT, 2004, p. 290). Tanto o cuidado de si quanto a produção de uma estética da existência exigem do sujeito certas “práticas de si” que são facilitadas na relação com a sociedade e com o outro, por isso presentes na escrita epistolar. Por meio da produção de uma escrita de si que o sujeito reflete sobre si, elabora uma “produção” de si na relação com poderes, normas e condutas esperadas pela sociedade.

Assim, algumas questões se colocam: Como essa criança lida com o afastamento da família? Como lida e entende a sua condição de aluno interno de instituições escolares, com o processo de formação escolar? De que maneira Serafim se posiciona nas cartas, nesse contexto familiar e escolar, e desenvolve sua escrita de si? Seria possível visualizar, na escrita de si de Serafim, as técnicas de cuidado de si ou uma estética da existência?

Podemos frisar que estudos sobre práticas de escritas escolares e infantis no Brasil são encontrados em especial nas áreas da história da educação e da cultura escrita. Segundo Bastos, há poucas pesquisas feitas no Brasil sobre escrita epistolar infantil e elas se centram em períodos mais recentes da história (BASTOS, 2012, p. 78).

Michel Foucault observava que a subjetividade está em constante construção e movimento. Conforme Revel nota em Foucault: “esse lugar inassinalável da subjetividade em movimento, em perpétuo ‘desprendimento’ em relação a ela mesma, é, ao mesmo tempo, para

Foucault, o produto das determinações históricas e do trabalho sobre si” (REVEL, 2005, p. 85). Dessa forma, tratar de dois momentos próximos da vida de Serafim permite perceber os processos de construção e reconfigurações da subjetividade.

Cabe destacar que Serafim foi filho de imigrante e descendente de italianos que viveram no Rio Grande do Sul, inserido numa família em ascensão social e econômica e que, aos poucos, devido ao processo de colonização organizado e promovido pela empresa de seu pai, alavancou a família para o círculo das elites da região de Chapecó. Assumimos, então, o conceito de família de elite para identificar a família Bertaso. Sobre esta noção, o historiador Flavio M. Heinz destaca a perspectiva adotada cada vez mais por pesquisadores que estudam:

[...] os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção (HEINZ, 2006, p. 9).

Como filhos de família de frações das elites no Sul do país, Serafim e seus irmãos obtiveram acesso a uma educação voltada para as elites que poucas crianças tiveram no Brasil no início do século XX. Assim, atentamos para as reflexões de Hugh Cunningham que, ao refletir sobre as possibilidades de análise para a história da infância, salientou para a importância de se entender a diferença entre a realidade e os ideais de infância pregados pela sociedade em questão, pois a realidade se modifica em relação ao espaço social, às relações de gênero, à cultura que está relacionada àqueles sujeitos (CUNNINGHAM, 1998, p. 1208). Dessa forma, buscamos situar ao máximo, dentro dos espaços desse viés, os sujeitos aqui estudados.

Serafim passou por diferentes escolas privadas, duas delas católicas, e sua inserção era tida como um investimento familiar para alcançar determinados padrões sociais, acumular capital cultural e social e, em consequência disso, o financeiro da família (BOURDIEU, 2007). Estas instituições também incidiram na modelagem das condutas e subjetividades desses alunos. O historiador Norberto Dallabrida (2001), ao estudar o Ginásio Catarinense, instituição escolar na capital de Santa Catarina no início do século XX, observou como sendo uma das únicas instituições do estado que oferecia o curso colegial até os anos de 1930, apenas algumas famílias de elite tinham a possibilidade de matricular seus filhos. O autor reconhece no regime de internato e na estrutura educacional da escola o poder disciplinar analisado por Foucault em outras instituições, que moldava e formava sujeitos, neste caso, os filhos das elites do estado. A historiadora Roseli Boschilia, no livro *Modelando Condutas: educação católica em escolas masculinas*, no qual analisa uma instituição escolar particular

marista no início do século XX de Curitiba-PR, percebe dentre as diversas atividades escolares, por meio de relatos de ex-alunos e de documentos escolares, como a instituição reforçava padrões conservadores católicos na intenção de formar sujeitos distintos. A autora também aponta para o condicionamento dos alunos, ao serem inseridos neste universo de tempo e espaço, a uma rígida organização disciplinar (BOSCHILIA, 2018, p. 113).

Por passarem por escolas distintas em gênero, a educação que receberam não era a mesma para Elza e seus irmãos. Entendemos aqui gênero através das formulações de Joan Scott como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995 p. 86). A autora ainda afirma que esse seria o aparecimento primário das relações de poder, na qual a sociedade determina como devem ser e agir os indivíduos de determinados sexos. Assim, essa relação adentra também nas noções de masculinidade e feminilidade como construções e modos que a sociedade considera um padrão masculino ou feminino. No texto “Infância, gênero e sexualidade”, Jane Felipe analisa discursos presentes em revistas pedagógicas do século XX que circulavam em Porto Alegre-RS, que constituíam manuais para uma educação delimitada com base em “expectativas e distinções de gênero” (FELIPE, 2000, p. 116). Nesses discursos pedagógicos da época se afirmavam padrões de gênero, em que as representações de homem e mulher deveriam ser expressas pelo corpo: “no jeito de caminhar, na forma de olhar (ou não olhar), na contenção do próprio corpo. Ser modesta, discreta, eram atributos extremamente valorizados, talvez uma das maiores virtudes nas mulheres e meninas.” (2000, p. 120). E para os homens e meninos “um dos elementos mais importantes para a constituição da masculinidade considerada hegemônica: a coragem, diretamente relacionada à força física, à energia, à ousadia, à virilidade.” (FELIPE, 2000, p. 122).

Apesar de esses internatos católicos atuarem de maneira a moldar condutas, há nesse processo também a atuação dos próprios sujeitos submetidos a essas instituições que entre todos esses investimentos por parte da escola e da família encontram maneiras de construir suas subjetividades. É no espaço de escrita de si, presente nas cartas de Serafim, nas tentativas de manter a relação e o pacto epistolar com a família, que se pretende apreender como o menino/jovem se desenvolve. Como proposto e analisado por Michel Foucault, a escrita de si se apresenta na atividade na qual o sujeito “ocupa-se consigo mesmo” e se avalia nas experiências e ações da vida cotidiana, produz uma narrativa de si no qual o sujeito se coloca sob o olhar do outro, e infere um exame de consciência sobre si. (1992, p. 157). Dessa forma, as cartas de Serafim permitem desdobramentos mais particulares do sujeito, como se

relacionava com os familiares por meio das cartas; a relação desse sujeito com o cotidiano escolar e como desenvolve modos de subjetivação na relação entre família e escola.

Destacamos a importância do acesso a cartas produzidas por crianças e jovens, pois possibilitam, na análise, considerá-los sujeitos ativos da história, que vivenciaram, experimentaram e interpretaram as experiências e os momentos dos quais fizeram parte. As cartas dos filhos dos Bertaso, enquanto escritas infantis e juvenis, não são somente fontes, mas vestígios de uma separação, da experiência da distância da família, vestígios das estratégias tomadas por Serafim e pela família para tentar superar a distância e as saudades. Nesse aspecto, Veronica Blas, que discute escritas epistolares de crianças produzidas longe da família, afirma que a prática de escrita neste caso era não apenas uma prática educacional, pois as cartas assumiam outras funções para as crianças e para a família (BLAS, 2015, p. 49-51).

Como apontam Esmeralda Blanco de Moura e Silvia Maria Arend, estudos sobre a história da infância no Brasil em geral se baseiam em três tipos de fontes: as que “tratam *sobre* as crianças, as que foram produzidas *para* as crianças e as que foram geradas *pelas* crianças ou por pessoas adultas sobre a infância” (2020, p. 47, grifo do autor). Neste trabalho temos o privilégio de poder contar com fontes produzidas por uma criança e jovem, assim como fontes para ele (muito embora em menor número) e fontes que tratam dele, ou seja, os três grupos de fontes possíveis de se trabalhar.

Trabalhar com fontes de uma criança/jovem implicou em dialogar com estudos sobre história da infância, família e juventude, sobre escritas infantis, cultura escrita e escrita epistolar. Tratar das cartas desses dois momentos da infância e da juventude de Serafim é uma oportunidade ímpar de acessar a escrita epistolar infantil e, assim, perceber o processo de construção e refiguração da subjetividade.

Os estudos sobre a infância no Brasil e na América Latina se desenvolveram por volta dos anos 1980 e são muitas as pesquisas que buscam explorar os diversos contextos das infâncias no país, abordando temas como: infância pobre, crianças de rua, estudos sobre os ingênuos e crianças livres, história dos direitos da criança e do adolescente, infância no trabalho, família e crianças abandonadas e/ou institucionalizadas, discursos médicos da infância, menores infratores, entre outros temas. Nesse sentido, destacamos o primeiro livro brasileiro sobre infância: *História das crianças no Brasil*, organizado por Mary Del Priore (2018)⁷, além de sucessores, obras com coletâneas de artigos que traduzem alguns dos debates

⁷ Ver em: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

mais recentes acerca da história da infância no Brasil e que foram caras a esta pesquisa: o livro *História das Crianças no Brasil Meridional*, organizado por José Carlos da Silva Cardozo *et al.* (2020)⁸, o livro *Infâncias e juventudes no século XX: histórias Latino-Americanas*, organizado por Silvia Maria Fávero Arend, Esmeralda Blanco B. de Moura e Susana Sosenski (2018)⁹.

Anete Abramowicz afirmou que “a criança é um presente do qual nós, adultos, *não fazemos parte e desconhecemos*, pois não somos mais crianças *é um presente em infância, um tempo que não somos/temos mais.*” (2018, p. 375, grifo da autora). É por sermos adultos e não termos no presente mais a visão da infância que buscamos utilizar o olhar da criança. Contudo, grande parte das pesquisas analisa a infância sob os olhares dos adultos, pois se baseia em documentos jurídicos, documentos produzidos pelas escolas, pelos pais, por autoridades responsáveis pelas crianças, imprensa, entre outros. Em parte, isso se deve à escassez de fontes preservadas escritas por crianças, à falta de acesso ou problemas de uso para a pesquisa. Considere-se a escassez, sobretudo, de documentos escritos por crianças pobres, por conta das altas taxas de analfabetismo até o século XX, da dificuldade de acesso aos materiais, à falta de incentivo à escrita e de valorização dessas fontes para a preservação, como observa Susana Sosenski: “Pocos niños y niñas antes del siglo XX escribieron, y fueron mínimos los testimonios infantiles que los sujetos adultos consideraron dignos de preservación. Las opiniones infantiles no se consideraban importantes.” (2016, p. 47). Documentos escritos por crianças e jovens muitas vezes não resistiram às seleções das famílias ou dos adultos, sobrevivendo, assim, para os historiadores poucos acervos com tais documentos.

Como aponta Susana Sosenski, a maior parte das pesquisas históricas que analisam a infância sob o viés dos próprios sujeitos geralmente abarca “las niñas y los niños en contextos de guerra y, en segundo lugar, la adquisición de la cultura escrita y la relación de las niñas y niños com ésta.” (2016, p. 46). Por tratarmos de cartas escritas pelo menino e jovem Serafim durante seu cotidiano a partir da escola, essa dissertação se utiliza também de bibliografia sobre história da cultura escrita na infância, com destaque aos trabalhos de Verônica Blas (2015), Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2000)¹⁰, Maria Helena Câmara Bastos

⁸ CARDOZO, José Carlos da Silva *et al.* (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020.

⁹ Ver em: AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; SOSENSKI, Susana (org.). **Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2018. 368 p.

¹⁰ No capítulo: CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescente. Uma leitura e modo de ser.... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venacio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa

(2012) e Maria Teresa de Santos Cunha (2007). Esses trabalhos abordam a prática da escrita infantil, em grande parte incentivadas pelas escolas, que possibilitam um olhar sobre os sujeitos crianças e sobre as suas relações sociais. Além disso, esses estudos reconhecem na escola o papel de incentivo nas práticas de escrita de crianças, sendo utilizadas como matérias de ensino na qual praticavam a letra, a leitura, a comunicação e formas de agir e se portar na sociedade, aprendiam a se portar diante de determinadas situações, sujeitos e momentos.

Sobre a história da adolescência e/ou juventude no Brasil, os estudos históricos são mais escassos. Como afirma Ana Silvia Volpi Scott “a ‘juventude’ ainda não tem atraído o interesse que o tema merece nos estudos” (SCOTT, 2020, p. 14). Boa parte dos estudos encontrados sobre juventude e adolescência é da área da educação ou psicologia. Dentre as pesquisas históricas que tratam exclusivamente sobre a juventude ou adolescência por nós utilizadas podemos destacar o trabalho de Marlene de Fáveri, o livro *Moços e moças para um bom partido*, que estudou as redes de sociabilidades de jovens das elites em Itajaí-SC, além do estilo de vida promovido pelo grupo e os espaços sociais ocupados por esses jovens. Também mencionamos aqui o texto de Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo (2000), “Cartas de adolescente. Uma leitura e modo de ser”, no qual analisou a relação epistolar de duas amigas adolescentes, por meio da qual reforçavam laços de amizade e construíam modos de ser. Por fim utilizamos textos da obra *História dos jovens 2*, organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, que apesar de abordarem o jovem na Europa, ajudaram a pensar as percepções e construções da imagem sobre o jovem no Brasil, a partir de suas leituras entendem a juventude como uma construção social.

A seguir discorreremos sobre a metodologia na utilização das cartas como fontes para este trabalho. O trabalho com cartas demanda problematizar a própria elaboração dessas fontes, como afirma a historiadora Teresa Malatian: “o risco de uma abordagem de banalidade pode ser superado pela análise dos processos de elaboração desses documentos” (2015, p. 206). As cartas não foram somente suportes para a escrita infantil e juvenil de Serafim, mas os meios pelos quais a família buscou se comunicar. Por meio da escrita de si, Serafim se posicionava, se rebelava, cobrava respostas, expressava sentimentos, gostos, opiniões, comunicava à família sobre seu cotidiano, entre outras funções. Busca-se aqui, então, analisar as motivações e funções das cartas e problematizar a própria constituição delas, como se sucedia a troca epistolar.

Para a análise das fontes, alguns caminhos metodológicos foram definidos. Primeiramente selecionamos as cartas pela cronologia e, depois, por correspondente. Em relação à cronologia, foram separadas em dois períodos, 1920 a 1922, quando ele tinha entre 12 e 14 anos, e 1926 a 1929, quando ele tinha entre 17/18 e 21 anos. Esses distintos momentos que se referem a diferentes idades foram levados em conta tanto na discussão sobre as relações de Serafim com a família, no segundo capítulo, como com as escolas, no terceiro capítulo. Pois entendemos que as relações com a escola, sociedade e família, as posições em relação à família e até mesmo a forma de escrita de Serafim se alteram conforme as “idades” da vida, variável importante para se estudar as diferentes dinâmicas sociais entre indivíduos, famílias e grupos, conforme aponta Scott (2020, p. 17). Como as cartas de Serafim podem ser consideradas relatos da infância e da juventude, entendemos a necessidade de colocar em prática o tempo todo na análise a variável da “idade da vida”. Como aponta Natália de Lacerda Gil, que abordou a escolarização da infância e como isso afeta a compreensão das idades da vida, “não são a definição cronológica e a precisão na marcação da data de nascimento ou do tempo que passa que definem o significado social das idades” (2020, p. 323).

Como ainda adverte Ana Volpi Scott, em estudos sobre família na perspectiva histórica se “deve levar em conta as concepções que se construíram acerca das diferentes etapas da vida, como também a função/estatuto que cada grupo (‘crianças, jovens, adultos, velhos’) desempenhava no contexto social mais amplo.” (2020, p. 24). É com base no fator da idade da vida que as relações sociais também se estabelecem. Entende-se que as idades da vida não são só vivenciadas de formas diferentes pelos jovens, mas também pelas crianças e adultos.

Em relação aos correspondentes, leva-se em consideração na análise que cada relação construída e reforçada pela troca de cartas é própria e possui traços que definem tanto quem escreve quanto quem lê, ou seja, constroem identidades narrativas (ARFUCH, 2010). Pois é na carta, numa relação moldada pela distância temporal e física entre aquele que escreve e aquele que lê, que o sujeito se vê com certa liberdade de expressar e desenvolver uma escrita de si. Essa escrita de si está relacionada com o outro, sobre como o indivíduo se vê e entende que é visto ou a forma que o outro o reconhece. Assim, a escrita de si, pelas correspondências não é somente uma relação e produção de si para si, mas, como afirma Angela de Castro Gomes, “implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e

quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo.” (GOMES, 2004, p. 19).

Outro procedimento que norteou a estruturação do trabalho com as cartas foi a seleção dos assuntos mais presentes. Os assuntos relacionados à família constituem as análises do segundo capítulo. Os assuntos relacionados à escola adentram nas análises do capítulo 3.

Buscamos atentar para a relação entre os assuntos presentes nas cartas e o destinatário para o qual Serafim escreveu, as quais podem trazer, por exemplo, “marcas de gênero” conforme a relação com os correspondentes. É o que observou Ana Chrystina Venancio Mignot, ao analisar uma dissertação que utilizou de cartas das princesas Isabel e Leopoldina, nas quais percebe “marcas de gênero” na relação com os correspondentes:

Enquanto ao Imperador reservavam as notícias cotidianas sobre as lições de matemática, de botânica, de química, temas do universo masculino e que a ele interessavam, para a Imperatriz narravam as aprendizagens manuais, como as aulas de bordado, as atividades religiosas e as horas destinadas à música (MIGNOT, 2013, p. 241).

Além da diferença entre os assuntos para cada destinatário, procuramos atentar para as diferenças na forma de Serafim escrever sobre determinados assuntos, diante das diferentes relações intersubjetivas que ele estabelece. Essa relação interfere na construção da identidade narrativa, pois, como afirma Leonor Arfuch, na sua leitura de Paul Ricoeur, a identidade narrativa é reflexiva e “aberta à mudança, à mutabilidade, mas sem perder de vista a coesão de uma vida.” (2010, p. 116). Para Arfuch as identidades narrativas se constroem por meio da reflexão do indivíduo e suas experiências, é um trabalho subjetivo e que permite mudanças em vista de um horizonte de expectativa sobre o que entenderá, ou como interpretará o leitor sobre o que o sujeito narra no texto (ARFUCH, 2010, p. 120).

Outro aspecto a ser observado são as funções das cartas (MIGNOT, 2013; MARTINS, 2011) de Serafim. Toda carta que Serafim enviou, seja ela para seus pais, irmãos ou amigos, era escrita por alguma necessidade ou vontade dele (2013, p. 241). Como expõe a historiadora e teórica literária Vanessa Gandra Dutra Martins, as cartas possuem diversas funções que relacionam quem escreve para quem a recebe, podem ser um espaço de reflexões de si sobre si, podem servir para falar sobre a saúde, o bem-estar (físico ou da alma), para se apresentar no cotidiano da vida, para aconselhar ou ajudar o correspondente, para reforçar e/ou demonstrar sentimentos, como saudades, entre outras funções (MARTINS, 2011, p. 66-67).

As cartas são consideradas aqui como um tipo de escrita autobiográfica, por serem um espaço no qual o sujeito fala sobre seu cotidiano, experiências recentemente vividas. Além da

necessidade de contextualizar o sujeito que escreve, suas motivações, modos e conteúdo de escrita, para quem e para que escreve, Mignot afirma que, assim como para cartas de adultos, as “[...] cartas escritas por crianças exigem do pesquisador que dialogue com as fontes, fazendo cruzamentos com outros documentos que ajudem a atribuir sentidos ao escrito, contextualizar, interrogar e interpretar.” (2013, p. 244).

Para abordar o cotidiano vivido por Serafim, no interior do qual se desenvolveu a correspondência, e também para analisar melhor a própria forma e conteúdo das cartas, foi necessário cruzar as cartas com outros documentos (MALATIAN, 2015, p. 204). Serão utilizados diversos documentos escolares de Serafim, assim como documentos escolares relacionados à vida escolar dos irmãos, Elza e Jayme. Além disso foram inseridos notícias de jornais da época e documentos particulares como de batismo e casamento para reforçar e reconstruir os espaços ocupados pelos sujeitos aqui pesquisados.

Também foi utilizado como fonte o livro escrito por Maria Adelaide Pasquali Hirsch, neta de Elza Bertaso, intitulado *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. O livro é uma fonte de caráter memorialístico e biográfico-familiar que procura construir uma memória de Ernesto Bertaso enquanto patriarca da família e colonizador de Chapecó. Todavia, tomada criticamente como fonte, traz informações e também indicação de fontes que, cruzadas com outras fontes e referências bibliográficas, ajuda a reconstituir aspectos das trajetórias dos familiares, como a inserção no Rio Grande do Sul, a ascensão social no país, as relações familiares, os deslocamentos e migrações pelo sul do Brasil, a configuração do projeto de colonização de Ernesto Bertaso. Podemos perceber tanto no título proposto pela autora quanto em toda a estrutura narrativa da obra, que seu livro não tem um foco sobre a família Bertaso, mas segue uma memória genealógica do patriarca Ernesto Bertaso. O livro utiliza de diversas cartas do corpo documental da família Bertaso, também analisado nesta pesquisa, mas como atentou a historiadora Paula Simon, que também tratou de parte deste acervo em sua pesquisa de conclusão de curso de graduação: “as cartas na obra de Maria Adelaide assumem um papel de auxiliar na narração, aparecendo de maneira que agregue informações positivas à construção que exaltassem a personalidade de Ernesto Bertaso e a de uma família unida e amorosa” (SIMON, 2015, p. 17).

Como afirma Hirsch no apêndice intitulado “Algumas Palavras”, “este é um livro escrito por uma avó para seus netos. O que me motiva é apresentar o triavô Bertaso: seus sonhos, sua luta, sua integridade, seu amor e este recanto de Santa Catarina, onde seus mais antigos e secretos devaneios tomam forma e vida.” (HIRSCH, 2005, p. 11). Esse trecho

escrito por Maria Adelaide traz elementos que se assemelham ao que as pesquisadoras Cécile Dauphin e Danièle Pouban sustentam ao analisar cartas familiares do século XIX na França:

Conservar e classificar as cartas permite mostrá-las aos filhos, aos netos e aos descendentes. Essa maneira de reter, de escolher o que é qualificado como “cartas boas” é um instrumento eficaz para edificar os herdeiros, não somente pela quantidade, mas, principalmente, pela qualidade do conteúdo: sentimentos religiosos e morais, virtudes do trabalho são valores muito compartilhados nessa família, como no meio burguês dessa época (DAUPHIN; POUBLAN, 2002, p. 81).

Hirsch não traz uma nova perspectiva para a memória pública local, pois constrói uma memória genealógica em torno de um nome – Ernesto Bertaso –, inscrevendo-a numa memória pública hegemônica da colonização, quase sempre contada sob o viés masculino.

Esta dissertação foi dividida em três capítulos. O primeiro capítulo “Família Bertaso: uma família em ascensão social” traz elementos sobre a constituição da família Bertaso, o processo de imigração e inserção no país, estratégias para o acúmulo de capital social, econômico e cultural, entre elas o investimento na educação dos filhos por meio de seu envio para internatos no Sul e Sudeste do país, e a ascensão social. Procuramos ainda entender a constituição do acervo familiar de cartas que atualmente constitui a Coleção Particular da Família Bertaso, disponível no acervo do CEOM, e a patrimonialização da memória da família Bertaso no contexto da cidade de Chapecó-SC.

A análise narrativa das cartas propriamente ditas, aliadas a outras fontes, são exploradas nos capítulos dois e três. Para o segundo capítulo intitulado “Nas teias da família: Serafim Bertaso em meio às relações familiares na infância e na juventude” se optou em abordar Serafim no contexto familiar. Buscamos identificar como Serafim se posicionava enquanto filho e irmão, como constituía sua subjetividade em meio a essas relações com a família conforme as idades da vida. Procuramos entender os relacionamentos formados por meio das correspondências de Serafim com os pais e irmã, visualizando também as identidades narrativas construídas, relações de gênero e de poder que organizam o cotidiano familiar. Por isso dividimos o capítulo em duas partes, a primeira se refere à infância de Serafim e a segunda parte de Serafim na juventude. Buscamos perceber Serafim dentro das estratégias familiares, que regulavam a ordem da família, organizavam os papéis sociais dos sujeitos membros dentro dela, como mantinham o pacto epistolar e mantinham os laços afetivos. Observa-se ainda a formação das redes de sociabilidades formadas pela família para manter a segurança, cuidado e vigilância dos filhos que estavam distantes.

Por fim, o terceiro e último capítulo intitulado “Entre a disciplina e o prazer: o menino e o jovem Serafim nas instituições escolares (1920-1929)” trata de Serafim no contexto escolar. Para isto, analisamos seus relatos sobre o cotidiano nos colégios por meio das correspondências escritas a partir dessas instituições e os documentos escolares. Aqui também separamos a infância e juventude de Serafim refletindo também em qual escola estava. Buscamos visualizar tanto a inserção de Serafim nas escolas, mas também os modelos de condutas fomentados pelas instituições escolares, a construção de uma masculinidade e de uma subjetividade no processo de escolarização nesses colégios, bem como visualizar que infâncias e juventudes são vivenciadas e experienciadas por Serafim nesses espaços.

CAPÍTULO I: FAMÍLIA BERTASO: A FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA FAMÍLIA DE ELITE

Ao pensar no sujeito Serafim é impossível destituí-lo do contexto familiar e social no qual ele esteve inserido e no qual cresceu. Nascido numa família de imigrantes italianos e descendentes em ascensão social e econômica no Brasil, se constituiu também a partir das relações familiares e dos investimentos da família em uma educação escolar voltada para as elites.

Este capítulo visa discutir elementos sobre a trajetória da família Bertaso no Brasil, quais os caminhos que tomaram, os investimentos e estratégias familiares – entre eles a educação escolar dos filhos – visando ascensão social e econômica, para assim podermos visualizar o sujeito Serafim dentro desses espaços sociais, econômicos e culturais. Foi a partir de sua trajetória e experiências nos internatos que produziu as cartas, principais fontes desta pesquisa. Por isso, esse capítulo também visa apresentar a constituição do acervo de correspondências familiares. Como a sua doação fez parte dos investimentos em torno da inscrição do nome da família no espaço público, o capítulo também discute a formação do acervo e sua patrimonialização.

1.1 DO VÊNETO AO OESTE DE SANTA CATARINA: A FAMÍLIA BERTASO E A REPRODUÇÃO DE CAPITAIS

Serafim Enos Bertaso¹¹ nasceu no ano de 1908, em uma família em ascensão social, tanto em questão financeira quanto social. O pai dele, Ernesto Bertaso, era imigrante, nascido no ano de 1874 em Verona, região do Vêneto, Itália, que chegou ao Brasil em 1885, junto de seus pais e irmãos (Marcelo, José e Francisco), aos 11 anos de idade. A mãe de Serafim, Zenaide Ballista, era descendente de italianos, nascida em 1884 em Bento Gonçalves-RS, então colônia Dona Isabel (fundada em 1870), numa área com alta concentração de imigrantes italianos, a maioria provindos também do Vêneto.

Ernesto Bertaso viveu seus primeiros anos no Brasil junto de seus pais em Santa Maria-RS, onde trabalharam na construção da estrada de ferro. Segundo a biógrafa e neta de Ernesto Bertaso, Maria Adelaide Pasquali Hirsch, o governo havia proposto que os imigrantes que trabalhassem nesta atividade teriam parte da sua dívida com a viagem abatida e receberiam 60

¹¹ Como forma de abreviação, optou-se por chamar apenas de Serafim, ou Serafim Bertaso.

mil réis por adulto e 25 mil réis por criança (HIRSCH, 2005, p. 16). Em Santa Maria havia sido fundada, em 1877, a Colônia Silveira Martins, também conhecida como 4ª colônia (italiana do Rio Grande do Sul), que estava recebendo grande quantidade de imigrantes italianos a partir de então. Os Bertaso, ao que tudo indica, foram canalizados durante o processo de imigração, juntamente com outros italianos, para aquela colônia fundada oito anos antes. Conforme a historiadora Maíra Vendrame observa, os imigrantes italianos que se fixaram na colônia Silveira Martins, em Santa Maria, buscavam no Brasil uma saída para a exploração e subordinação vivenciada na Itália (VENDRAME, 2007, p. 30). Ainda segundo a autora:

Os imigrantes italianos que chegaram à região central do Rio Grande do Sul, a partir de 1877, eram, em sua maioria, oriundos do meio rural. Almejavam ser proprietários de terras, cultivar seus produtos, produzir riquezas e sonhavam com uma vida sem patrão que lhes desse ordens ou cobrasse pelo arrendamento das terras. Buscavam organizar suas comunidades segundo suas crenças e práticas religiosas, e, para isso, tinham que ter liberdade, pois assim poderiam estruturar os núcleos coloniais conforme seus anseios (2007, p. 30).

A historiadora Marinilse Marina Busato, estudiosa da colonização italiana do Rio Grande do Sul, assim discorre sobre a situação do Vêneto, de onde partiram os Bertaso, durante o período das grandes emigrações para o Brasil:

Anexado em 1866 à Itália, era uma região pobre, multifacetada, conflituosa e composta por uma população desgostosa com a proibição de suas práticas e costumes, dominada por aquilo que se considerava o inimigo, o outro, o diferente, aquele que “sugava” o pequeno lucro da produção. Esses fatos, aliados à propaganda imigracionista para o Eldorado, propiciaram uma emigração em massa para o Brasil, mais intensa em meados do século XIX (BUSATO, 2019, p. 24).

Conforme a historiadora Zuleika M. F. Alvim, autora de estudo sobre os imigrantes provindos do Vêneto que emigraram para São Paulo, aquela região italiana era dividida em duas áreas, as planícies onde então estavam localizadas as grandes propriedades capitalistas – onde se localizava Verona, de onde saíram os Bertaso – e a região das colinas, onde as terras eram divididas entre pequenas e médias propriedades. Geralmente essas últimas estavam apoiadas no sistema de produção familiar, no qual todo o grupo familiar participava de alguma forma (ALVIM, 1986, p. 28). Ainda segundo Alvim, a principal classe que depois iriam emigrar eram “os pequenos proprietários, pequenos arrendatários ou meeiros”, ou seja, camponeses, que viviam essencialmente da produção agrícola e familiar. Alvim também

apresenta que a partir de 1885 houve uma grande emigração de “braccianti” uma classe de trabalhadores braçais, assalariados, que chegavam ao Brasil principalmente para encontrar trabalho nas produções de cafeicultura de São Paulo (1986, p. 29-41). Não temos dados suficientes que indiquem qual a classe social nem qual trabalho era desempenhado pela família Bertaso antes da imigração, contudo, o que indica Hirsch, os pais de Ernesto Bertaso tiveram condições suficientes para ter terras no Brasil, e tinham economias que possibilitaram uma viagem mais confortável no navio (HIRSCH, 2005, p. 14).

Importante refletir sobre a organização familiar e cultural dentro das comunidades formadas por imigrantes italianos nas localidades onde a família Bertaso e a família Ballista (a família Ballista saiu de outra região da Itália, apesar de não termos total precisão de onde e quando foi, dados demonstram que saíram de Magnacavallo, Lombardia, Itália) se instalaram no Rio Grande do Sul. Mesmo que Ernesto Bertaso e seus pais tenham saído das planícies de Vêneto com capital para aquisição de terras no Brasil, ao iniciar suas vidas nesse país precisaram buscar alternativas para conseguir inicialmente se manter e se inserir socialmente e economicamente. Grande parte dos imigrantes italianos, mesmo os comerciantes ou os que adquiriram terras no Rio Grande do Sul, precisaram inicialmente buscar alternativas para o sustento familiar, como trabalhar na construção de estradas e ferrovias, pois as terras inicialmente não eram suficientes para gerarem produtos para o comércio (BUSATO; MAYER, 2018, p. 4).

Diferente de muitos imigrantes que permaneceram em Santa Maria, a família Bertaso deixou a localidade mais tarde, se estabelecendo em Canoas-RS por volta de 1888, onde trabalharam com plantação de legumes, vendidos em Porto Alegre. Conforme indica Hirsch (2005, p. 16), ali trabalhavam como agricultores e os filhos estudavam em escolas locais. Pelo que pudemos constatar por meio de pesquisas a partir dos nomes, os três filhos ascenderam economicamente ao longo de suas trajetórias. João Bertaso, irmão de Ernesto, tornou-se figura pública em Porto Alegre à frente da Editora Globo. Esta editora foi tema da tese de doutorado de Karina Ribeiro Batista, intitulada *A trajetória da Editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940*. Nela, a autora também traz elementos sobre a história da família Bertaso. Ela indica que a família Bertaso morou em Cachoeira-RS, e depois, em 1890, se mudou para Canoas-RS. Os filhos, segundo ela, diferente do que afirma Hirsch, trabalhavam desde crianças, a exemplo de José Bertaso, que trabalhara em uma fábrica de fumo ainda criança, enquanto também estudava. Foi inclusive uma professora sua

que o teria indicado a livraria Globo em Porto Alegre-RS, onde começou a trabalhar aos 12 anos de idade (BATISTA, 2009, p. 55).

Quando os pais de Ernesto – Serafino Bertaso e Veneranda Benetti – chegaram numa idade mais avançada e com a saúde mais debilitada pela idade, venderam as terras de Canoas e passaram a morar em Porto Alegre, junto aos irmãos de Ernesto Bertaso que moravam na capital riograndense. Ali, Marcelo Bertaso possuía naquela época o Hotel Paris em Porto Alegre (HIRSCH, 2005, p. 19), e o irmão José¹², que após morte do primeiro dono da livraria e editora Globo, tornou-se dono dela¹³ (BATISTA, 2009, p. 54). Karina Batista, em sua tese, evidencia como José Bertaso ascendeu rapidamente na empresa da Livraria o Globo e como a memória sobre ele o representa como um grande empreendedor. Assim também, como veremos, ocorreu com memórias construídas a respeito do irmão, Ernesto Bertaso.

Já Ernesto Bertaso ocupou a função de caixeiro-viajante, vendendo produtos para a empresa Chaves Almeida (HIRSCH, 2005, p. 32), em nome da qual viajava por diversas regiões do Rio Grande do Sul ainda pouco populosas, pequenas colônias, ia de Porto Alegre para o litoral, para a serra, vendendo produtos também para colonos e imigrantes. É nesse momento que Ernesto desenvolve sua rede de contatos, conhecendo diversas famílias em cada vila e cidade por onde passava. Dentre os destinos comerciais de Ernesto estava Bento Gonçalves, onde estabeleceu relações comerciais com Enos Ballista, pois conforme Hirsch (2005, p. 24), foi no comércio de Enos que Ernesto e Zenaide se conheceram, possivelmente Zenaide ajudasse no comércio, mas segundo Hirsch “Enos não quer[ia] que elas (as filhas) entr[ass]em na loja quando [houvessem] viajantes por lá” (2005, p. 24 [grifo nosso]), o que demonstra, na visão de Hirsch sobre Ernesto, uma preocupação com a moral das filhas e os perigos de romances inoportunos.

Zenaide Ballista nasceu em Bento Gonçalves-RS por volta de 1884, onde seu pai Enos Ballista, imigrante italiano, era comerciante e negociante¹⁴, especialmente de tecidos. Como pudemos verificar, a casa de comércio de Enos funcionava em sociedade com outro comerciante, Francisco Baldi e se localizava no centro da Colônia D. Isabel, antigo nome de

¹² Conforme pesquisa no FamilySearch, verificamos que José se casou em 1905 com a italiana ou descendente Estella Netto D’Avila em Porto Alegre com quem teve o filho Henrique Bertaso que também trabalharia na editora Globo. Vide: FamilySearch. **José Bertaso**. 1905. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:XN5D-XFV>. Acesso em: 08 jun. 2021.

¹³ Cabe ainda mencionar que o filho mais velho de José Bertaso, Henrique Bertaso, foi um dos principais editores da livraria a partir de 1931, e tinha uma forte ligação com Érico Verissimo (BATISTA, 2009, p. 96-98). A aproximação com Érico Verissimo foi tamanha, que o inspirou a obra: VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. Porto Alegre: Globo, 1981.

¹⁴ Conforme consta em registro de batismo do filho Ernesto Ballista: FAMILYSEARCH. **Registro de batismo de Ernesto Ballista**. 1988. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-36H6-N?cc=1582573>. Acesso em: 08 jun. 2021.

Bento Gonçalves¹⁵ (TORRES; CAPRARA, 2011, p. 90). A mãe de Zenaide, Ventura Versellesi, também imigrante italiana, era professora em uma escola local. Ao que indica Hirsch (2005, p. 23) foi iniciativa de Ventura, mãe de Zenaide, de criar uma escola local para as crianças, que conseguiu uma sala na prefeitura onde ensinava as crianças a ler e escrever e calcular, mas em italiano – pois havia sido alfabetizada em italiano. O que demonstra que eram uma família de imigrantes bem estabelecidos na cidade, onde havia uma alta concentração de imigrantes italianos e descendentes. Cabe ressaltar ainda que Enos Ballista, além de comerciante, era pessoa de expressão na esfera pública local, pois teve participação em uma comissão que ajudaria a transformar o distrito de Bento Gonçalves em município autônomo, nos anos de 1890 a 1900 (CLEMENTE; UNGARETTI, 1993, p. 21). Além disso, pudemos localizar que entre 1915 e 1916 Enos foi presidente da Associação Comercial de Bento Gonçalves¹⁶.

É possível notar tanto uma dificuldade de encontrar referências sobre a atuação das mulheres dessa família – como o caso de Elza e de Zenaide – como também de fontes sobre elas, sobretudo em relação a suas vidas no Rio Grande do Sul.¹⁷ Contudo, podemos afirmar que Zenaide sabia falar italiano e português. As poucas fontes que dispomos sobre ela apresentam Zenaide como filha de comerciante, professora, mãe e “doméstica”. Em fontes oficiais, como registro de nascimento do filho Jayme Bertaso, ela era identificada apenas como “doméstica”.¹⁸ Entretanto, a despeito dessa última identificação, conforme sua neta, Zenaide se ocupava mais do que ao cuidado da casa e teria aprendido com uma de suas tias, que era parteira na cidade de Bento Gonçalves-RS, a conhecer ervas e chás medicinais (HIRSCH, 2005, p. 25). Além disso, Zenaide tinha influência social em nível local, pois era procurada enquanto conselheira, atuava também na organização de eventos sociais e no trato medicinal da população. Apesar de termos acesso a fontes limitadas a respeito dela, é possível

¹⁵ Tal informação é trazida nos relatos de memórias de Júlio Lorenzoni quando visitou a vila por meados de 1884, e que foram depois interpretadas na pesquisa de Torres e Caprara (2011).

¹⁶ Mais de um século de representatividade. Histórico inserido no site do Centro da Indústria Comércio e Serviços de Bento Gonçalves-RS. Disponível em: <http://www.cicbg.com.br/historico>. Acesso em: 08 jun. 2021.

¹⁷ Quanto a invisibilidade das mulheres na história da colonização do Oeste catarinense, Andréia Aparecida Signori afirma que “as primeiras narrativas sobre o processo colonizador do Oeste de Santa Catarina praticamente não citam as mulheres” (2018, p. 38). Como o caso de Zenaide Bertaso que quando aparece, é diminuída a “esposa do coronel” Ernesto Bertaso. Buscamos aqui encontrar o máximo de vestígios sobre seu passado e sua atuação, contudo, fomos limitados às poucas informações que restaram sobre ela.

Signori buscou traçar por meio de fontes documentais familiares a atuação e resistências das mulheres na região, e analisou a trajetória de Elvira Laura, que, por meio de suas correspondências, demonstrou suas atuações na comunidade e resistências ao sistema moral e patriarcal da época.

¹⁸ Conforme dados de: FAMILYSEARCH. “Brasil, Rio Grande do Sul, Registro Civil, 1860-2006”, **Jayme Ernesto Bertaso**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:DCG3-DQPZ>. Acesso em: 08 jun. 2021.

dizer que em parte Zenaide era reconhecida no espaço público em Chapecó-SC, onde seu conhecimento sobre medicina alternativa foi o motivo utilizado, anos mais tarde, para dar o seu nome para a maternidade local, a Maternidade Zenaide Bertaso.¹⁹

Zenaide casou-se aos 20 anos, em 19 de julho de 1904, com Ernesto Bertaso, então com 30 anos, em Bento Gonçalves-RS, onde iniciaram suas vidas em família. Tiveram quatro filhos: Elza Bertaso (1905) que nasceu em Bento Gonçalves; Serafim (1908), Jayme (1912) e Ari (1916 que faleceu com 2 anos de idade), que nasceram em Guaporé-RS, quando Ernesto ainda era caixeiro-viajante, enquanto Zenaide tomava conta tanto da casa, dos filhos e, possivelmente, de outras atividades também externas à casa.

É interessante observar as redes de sociabilidade que se formavam entre os imigrantes, descendentes e outros moradores nas colônias, vilas e cidades onde eles se estabeleceram. Conforme observou Busato, ao analisar as relações matrimoniais de famílias italianas em Guaporé-RS, cidade da região para onde Ernesto, Zenaide e filhos se mudaram por volta de 1908-1910, “em função das famílias numerosas e da vizinhança afastada devido ao recorte das colônias agrícolas, muitas vezes os imigrantes criavam laços estreitos com pessoas com quem conviviam e depositavam confiança nessa relação.” (2019, p. 55). As redes sociais formadas por relações de amizade e relações matrimoniais fortaleciam laços comerciais e econômicos, por meio dos quais eles mutuamente se apoiavam. As redes sociais são compreendidas por J. A. Barnes enquanto “processos através dos quais indivíduos e grupos tentam mobilizar apoio para seus vários objetivos e, nesse sentido, influenciar as atitudes e ações dos seus seguidores” (BARNES, 1987, p. 160). Esses processos são possíveis de serem visualizados nas trajetórias da família Bertaso, que parecem ter contribuído para a ascensão social desses imigrantes na região de colonização italiana na serra gaúcha²⁰.

Interessante pontuar aqui que junto com Ernesto e Zenaide Bertaso, foram também para Guaporé a irmã de Zenaide, Ida Ballista e Francisco Bertaso (irmão de Ernesto) que ali se casaram em 1910. Os dois tiveram dois filhos: Hilda e Plínio Bertaso (ou seja, são primos-irmãos de Elza, Serafim e Jayme). Todavia, no ano de 1917, Francisco Bertaso, que era

¹⁹Ver: EXECUTIVO, Poder. DECRETO Nº 64.454, DE 5 DE MAIO DE 1969: legislação. LEGISLAÇÃO. 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64454-5-maio-1969-405815-norma-pe.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

²⁰ Segundo Barnes, essa noção tem sido desenvolvida e utilizada nos estudos antropológicos buscando analisar “processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total tanto quanto aquelas que vinculam pessoas de grupos diferentes.” (BARNES, 1987, p. 163). Para ele essas análises devem reconhecer os limites das redes sociais, onde começam e onde terminam, contudo, não é este nosso objetivo e foco, apenas cabe expor que Ernesto Bertaso possuía uma extensa rede social – que atravessava os negócios, família e amizade.

naquele momento funcionário público, como pudemos identificar em registro de óbito, falece aos 37 anos.²¹ Seus filhos acabam ficando sob a tutela de Ernesto Bertaso, o que justifica a relação mais próxima de Serafim com seu primo Plínio e Ida (como poderemos ver no próximo capítulo), assim como a existência de alguns documentos de Plínio na coleção particular da família Bertaso, a qual utilizamos aqui.

Como se percebe, todos os três irmãos Bertaso, todos nascidos na Itália, um funcionário público, outro caixeiro-viajante (mais tarde proprietário de empresa colonizadora), o outro dono de editora, demonstram trajetórias de ascensão social da família no país de acolhida.

A ascensão social entre muitas famílias de imigrantes como esta era facilitada por meio dos laços matrimoniais, como também observa Busato que estudou famílias de italianos e descendentes na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul: “as redes matrimoniais tornaram mais sólidas as associações entre comerciantes, promovendo manutenção de compadrios e ampliação dos laços de parentela enquanto sob a tutela do patriarca da família.” (2019, p. 57). Podemos perceber que tanto os casamentos entre Ernesto e Zenaide como os dos filhos foram caracterizados como “bons casamentos”, que, como afirma a autora, eram casamentos entre classes sociais semelhantes ou de alguém de uma classe com outra de classe superior, que geravam, especialmente às mulheres, uma ascensão social. Contudo, pelo que se percebe na família Bertaso, o casamento de Ernesto com Zenaide permitiu a ascensão de Ernesto, pois a família Ballista naquele momento já era melhor estabelecida e reconhecida na sociedade. A mulher ou o homem deveria ser moralmente educado conforme os preceitos católicos (caso fosse essa religião da família), uma pessoa honrada e com conhecimento da língua local.

Elza Bertaso, da segunda geração, filha de Ernesto Bertaso, se casou em 1925²², aos 20 anos, com Paulo Pasquali, também descendente de imigrantes italianos, de Bento Gonçalves-RS, família essa que tinha grande atuação econômica na vinicultura, sendo também proprietária de queijarias e relojarias na região. Os Pasquali também vieram da Itália e, segundo Hirsch, teriam ascendência nobre, da família Pascual (2005, p. 78-79). O irmão, Serafim, que se tornou engenheiro civil, se casou em 1932 com Elsa Feuerschuette, residente

²¹ Conforme é possível visualizar no registro de óbito disponível em: FamilySearch. **Registro Morte de Francisco Bertaso**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9LD-7R7S?cc=3741255&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3ADC89-RVN2>. Acesso em: 07 jun. 2021.

²² Durante o mestrado produzi um artigo no qual analiso as cartas de Elza Bertaso à mãe após seu casamento com Paulo no qual busquei discutir e analisar como Elza foi construindo e narrando sobre si enquanto mãe e esposa. Ver: WENDLING, Isabel Schapuis. Ser mãe e esposa: gênero e subjetividades nas cartas de Elza Bertaso para sua mãe (1925 - 1929). **Aedos**, [s. l], v. 13, n. 28, p. 68-92, out. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/102259>. Acesso em: 12 out. 2021.

em Tubarão, sul do estado de Santa Catarina. Segundo pesquisa no FamilySearch, ela era filha de Carlota Rosa e do imigrante alemão Otto Frederico Feuerschuette, médico cirurgião formado pela Universidade do Rio de Janeiro em 1906²³. Conforme é descrito no site Memória Política de Santa Catarina, Otto Frederico foi superintendente Municipal de Tubarão de 1922 a 1930 e deputado estadual de Santa Catarina. Foi político de destaque no Partido Republicano Catarinense (1928-1930)²⁴ até a revolução de 1930, quando perdeu seu cargo político e, a partir daí, se dedicou à agricultura e pecuária numa fazenda criadora de gado (FROTSCHER, 2003, p. 93). Serafim foi o único dos filhos de Ernesto e Zenaide Bertaso a ter um casamento interétnico, mas, como pudemos notar, Elsa era de uma família rica e com certo poder político na região sul de Santa Catarina.

Segundo Busato, que estudou famílias de imigrantes italianos que se instalaram nas colônias do Rio Grande do Sul, afirmou que, para eles, “a busca por matrimônios da mesma etnia era importante, mas o essencial era obter ‘um bom casamento’” (BUSATO, 2019, p. 75), o que pode ser percebido na família Bertaso, cujos membros buscavam casamentos com jovens católicas, mas principalmente com integrantes de famílias bem situadas socialmente e economicamente. Jayme, que se formou médico, casou-se em 1942 com Yvette Moselle descendente direta de imigrantes italianos, também de Bento Gonçalves-RS e que, segundo Hirsch, eram de uma “tradicional família bento-gonçalvense” (2005, p. 209).

Voltando ao casal Ernesto e Zenaide Bertaso, pais de Elza, Serafim e Jayme, depois do nascimento de Elza, em 1905, ainda em Bento Gonçalves, a família se muda para Guaporé-RS, distante 70 quilômetros da família de Zenaide. Conforme Hirsch, a mudança se deu para facilitar e diminuir o tempo das viagens de Ernesto Bertaso. Ali nasceram Serafim e Jayme. Ao que tudo indica, Zenaide ocupou-se ao cuidado da casa e dos filhos, enquanto Ernesto seguia como caixeiro-viajante.

Pelo que se pode perceber, o cotidiano das famílias Bertaso – Ernesto e Zenaide – e Ballista – os pais de Zenaide – se diferiam, por questões de classe, dos moldes familiares dos imigrantes agricultores que se instalaram e permaneceram em colônias rurais. O historiador Fábio Augusto Scarpim, que estudou uma comunidade formada por imigrantes italianos no Paraná em fins do século XIX, escreve que, em geral nessas famílias, ao homem cabia a função de administrar os negócios, organizar o trabalho, além de no campo trabalhar com as tarefas mais pesadas. Já as mulheres, que deveriam obedecer e se submeter ao marido,

²³ FAMILYSEARCH. **Otto Frederico Feuerschuette**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LZ3W-4D1>. Acesso em: 15 jun. 2021.

²⁴ CATARINA, Memória Política de Santa. **Otto Feuerschuette**. Biografia. Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/773-Otto_Feuerschuette. Acesso em: 15 jun. 2021.

atuavam no ao ambiente doméstico, na criação dos filhos, no cuidado da casa e em tarefas do campo, como no cuidado das galinhas, tirar leite, cuidar da horta. Geralmente essas famílias tinham muitos filhos para ajudar no campo: os filhos menores ajudavam a mãe, e quando o pai estava ausente, os trabalhos dele ficavam sob a responsabilidade do filho mais velho (SCARPIM, 2017, p. 226). De forma semelhante, a historiadora Vânia Herédia afirma que os imigrantes italianos que chegavam ao Sul do Brasil tiveram condições diferentes daqueles que foram a São Paulo trabalhar nas lavouras de café. Os que chegavam ao Rio Grande do Sul tiveram a renda “baseada na pequena propriedade, na livre iniciativa e no trabalho familiar” (2014, p. 340) e afirma que essas famílias eram numerosas, “o que representava muitos braços para o trabalho. A grande família era uma característica da família patriarcal, posto que todos colaboravam para a produção familiar, pela divisão de trabalho estabelecida pelo grupo.” (2014, p. 342).

Como já visto, Zenaide e Ernesto, quando casados, não vivenciam um cotidiano agrícola, se aproximavam mais do mundo urbano, apesar de viverem em cidades novas e essencialmente agrícolas, reflexo disso está o fato de não serem mais uma família numerosa, pois tiveram apenas 4 filhos (e mesmo após o falecimento do mais novo, não tiveram outros). Infelizmente há poucos indícios encontrados sobre as ocupações de Zenaide e até mesmo mais dados sobre o cotidiano Ernesto – o que não permite detalhar os papéis desempenhados na família, pelo menos até as primeiras cartas escritas pelos filhos nos colégios internos (a partir de 1914). Mas o pouco que se sabe não permite enquadrar suas experiências às dos italianos camponeses. Segundo Herédia, a mulher imigrante italiana camponesa “exercia diversas funções que abrangiam desde o trabalho na casa até o trabalho na roça. Cabia a ela uma longa jornada de trabalho que muitas vezes se sobrepunha à dos demais integrantes da família por conta dos trabalhos interno e externo pelos quais ficava responsável” (HERÉDIA, 2014, p. 342). O trabalho de Zenaide, assim, se afastava em parte do das mulheres camponesas italianas pelo fato dela não necessitar trabalhar na roça. Contudo, Zenaide tinha forte papel na criação dos filhos, no cuidado da casa e da família, como se observa nos relatos narrados por Hirsch (2005), e também na relação com os vizinhos e moradores locais.

Mas, além disso, a família Bertaso vivenciava o processo de mudanças nas normas familiares burguesas. Conforme a historiadora Silvia Maria Fávero Arend, “a introdução da norma familiar burguesa na sociedade brasileira ocorreu, sobretudo, ao longo do século XX.” (2013, p. 153). Essa nova família “tornou-se sinônimo de pai, mãe e filhos consanguíneos. Os parentes (primos/as, tios/as etc.) e os/as agregados/as (filhos/as de criação, serviçais),

paulatinamente, não foram mais aceitos/as no lar.” (AREND, 2013, p. 151). Assim, o que se pode observar é que a família Bertaso já assumia alguns moldes da família nuclear, tendo menos filhos e assumindo o casamento monogâmico, no qual o marido ficava responsável em prover os filhos, e a mãe às funções domésticas, ambos com o cuidado e educação dos filhos. Tiveram poucos filhos, mesmo após a morte do mais novo Ary, não tiveram outras crianças, pois não precisavam delas para os afazeres domésticos e a ajuda na roça. Os filhos eram os herdeiros, e, por serem poucos, se tornava mais fácil à família burguesa dedicar uma educação cara a todos os filhos, inclusive à menina. Mas conforme percebe Vânia Herédia sobre o processo de mudança da família tradicional italiana para a família nuclear:

As relações de vizinhança eram muito consideradas pela família italiana. Muitas vezes, adquiria maior prestígio do que as relações de parentesco. A proximidade entre os grupos estabelecia laços de solidariedade, marcados pela amizade. Nas necessidades, os vizinhos auxiliavam a família e se tornavam quase parte dela. Havia uma convivência entre essas famílias nas áreas rurais que tornaram as relações de vizinhança um fator importante no suprimento das necessidades básicas, já que minimizava muitas vezes os problemas decorrentes do isolamento. A passagem da família patriarcal para a família nuclear alterou os papéis sociais que a mantinham integrada. A família nuclear representou a dissolução do grande grupo mesmo que esse tipo de família continuasse ainda a ser numeroso (HERÉDIA, 2014, p. 345).

O que se percebe é que a família Bertaso ainda não seguia estritamente a norma da família nuclear (pais e filhos), tendo muitas vezes uma relação de família ampla incluindo tios, primos, avós, vizinhos e amigos no grupo familiar. Justamente por vivenciarem os processos de mudança nas normas familiares, a família Bertaso não se enquadrava perfeitamente a somente um dos padrões, muitas vezes pertencendo a ambos os moldes ao mesmo tempo.

Aqui já podemos notar que na obra de Maria Adelaide Hirsch o grande foco de sua narrativa é o patriarca Ernesto Bertaso. Muitas vezes as mulheres nesse livro são ofuscadas. Hirsch pouco se refere, por exemplo, às atividades e ao cotidiano de Zenaide – quando fala é numa narrativa na qual Zenaide está em diálogo com o protagonista de sua história, Ernesto. Também exalta outros homens da família, como da família de seu pai, os Pasquali, elaborando uma genealogia da família Pasquali mais atenta do que a da família Ballista. Assim, a obra de Hirsch reforça uma história masculina sobre os “grandes homens” da história do Rio Grande do Sul e da colonização de Chapecó²⁵. Nessa obra memorialística e laudatória, Hirsch opta em

²⁵ Discutiremos mais adiante o livro de Hirsch como um espaço de memória, sua elaboração e a construção narrativa, que ressalta na comunidade local a memória dos homens da elite.

deixar de lado determinadas informações²⁶ – como, por exemplo, os posicionamentos políticos de Ernesto – e, apesar de aparentemente se apoiar em fontes documentais, como cartas e fotografias, observa-se que diversas informações se apresentam errôneas e/ou incompatíveis com o que, de fato, se evidencia nas cartas. Nesse sentido é profícua a reflexão realizada por Batista na tese em que discorre sobre discursos presentes em obras de memorialistas a respeito de José Bertaso (irmão de Ernesto), dono da Editora Globo, que o apresentam enquanto grande empreendedor e trabalhador. De forma muito semelhante procede o livro de Hirsch sobre Ernesto Bertaso. Como demonstra Batista, “tal configuração das narrativas aponta para a supervalorização do trabalho braçal e administrativo em detrimento dos bens advindos da mobilização de redes de relações sociais.” (BATISTA, 2009, p. 56).

Em relação à hierarquia entre os filhos, na qual o homem primogênito seria o substituto do pai, essa relação patriarcal se expressa no nome dado a Serafim Enos Bertaso, pois o prenome (Serafim) é uma homenagem ao avô paterno e o segundo nome é uma homenagem ao avô materno (Enos). No caso de Elza, a primogênita, o seu segundo nome (Veneranda) é uma homenagem à avó paterna, que tinha esse prenome. No caso do irmão mais novo, Jayme, o segundo nome repete o prenome do pai (Ernesto). Ou seja, trata-se de referências aos homens da família ou à ascendência paterna.²⁷

Voltando à trajetória de Ernesto Bertaso, segundo a historiadora Mônica Hass, “o ex-caixeiro-viajante gaúcho Ernesto Francisco Bertaso comprou o título de militar-coronel da Guarda Nacional: Diploma do Clube Militar de Oficiais da Guarda Nacional” (HASS, 1993, p. 58), título esse que era cedido a quem possuía determinado poder financeiro e influência local. Segundo Hirsch (2005, p. 34), esse título teria sido adquirido no ano de 1910, quando Bertaso morava em Guaporé, localidade da região colonial italiana, para onde ele, esposa e a filha haviam se mudado poucos anos antes. Esse fato demonstra a importância dada ao título, que denotava prestígio social. Ainda segundo Hirsch (2005, p. 34), Ernesto Bertaso, após receber o título de coronel, entra no exército em Guaporé no ano de 1911, onde atua na secretaria de Comando da 81ª Brigada da Guarda Nacional, sob o comando do coronel Agilberto Maia.²⁸ É nesse momento que Ernesto Bertaso conhece os irmãos Maia, Agilberto e

²⁶ Por exemplo, Hirsch não menciona o fato de Serafim ser vereador ou prefeito de Chapecó.

²⁷ Vide árvore genealógica da família no Anexo 1 desta dissertação.

²⁸ No relato biográfico e laudatório da descendente Maria Adelaide Pasquali Hirsch (2005, p. 34), Ernesto Bertaso, naquele ano, ainda não possuía grandes extensões de terra, mas era muito conhecido na região, e, segundo ela, respeitado “por ser um homem íntegro”.

Manoel Passos Maia, que mais tarde se tornam seus sócios em empresa colonizadora no Oeste de Santa Catarina.

A aquisição do título de coronel pode ser relacionado ao acúmulo de capitais, social, cultural e simbólico, fundamentais para a reprodução do capital material, segundo a análise de poder desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, para o qual há diferentes tipos de capital (para além do material), fundamentais para a análise do poder e do domínio. Segundo Bourdieu, há três estados de capital cultural, que se apresentam como:

No estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2007, p. 74).

A aquisição do título de coronel, por parte de Ernesto Bertaso, é plausível ser vista como o estado objetivado de capital cultural, que pode, segundo Bourdieu, ser usado como “arma e objeto das lutas que se travam nos campos da produção cultural (campo artístico, científico, etc.) e, para além desses, no campo das classes sociais, onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio que possuem desse capital objetivado, portanto, na medida de seu capital incorporado” (BOURDIEU, 2007, p. 78). É possível perceber a importância dos títulos para os indivíduos e grupos familiares como forma de apresentar socialmente o acúmulo de capital cultural, que pode esse se converter em capital simbólico. No caso de Ernesto Bertaso, o título de coronel era um reconhecimento de seu poder local e da sua ascensão social, ao mesmo tempo em que uma forma de reprodução desse poder. Outro mecanismo da família nesse sentido foi o investimento na educação dos filhos, como no caso de Serafim, que se diplomou Engenheiro Civil, função por meio da qual elaborou projeto de relevância urbana para a cidade de Chapecó, a avenida principal da cidade, como veremos mais adiante.

Em 1918, Bertaso fundou, junto com o coronel Manoel Passos Maia e o coronel Agilberto Atilio Maia, a empresa colonizadora *Bertaso, Maia e Cia*. Por meio de contrato com o governo estadual, recebem terras na região de Chapecó onde anteriormente estava

localizada a colônia Militar de Xapecó.²⁹ Segundo a historiadora Eli Maria Bellani em sua dissertação de mestrado *Madeira, balsas e balseiros no rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917-1950)*, nos anos de 1917-1918 Ernesto Bertaso já vendia algumas terras da região de Chapecó (1991, p. 50). Nessas terras, por meio de práticas coronelistas, como citadas mais adiante, Bertaso atuou enquanto “colonizador”, o que pressupunha então não apenas a venda das terras, mas também o preparo para sua ocupação. Para tanto, Ernesto viajava constantemente para Passo dos Índios, onde ficava a sede de Chapecó. Apenas em 1926-1927 a família Bertaso fixou residência em Chapecó, antes disso mudaram-se diversas vezes: Bento Gonçalves-RS (1905-1907), Guaporé-RS (1908-1919), Passo Fundo-RS (1920-1922), novamente para Guaporé (1922-1923), retornam a Passo Fundo (1923-1925) e finalmente para Chapecó (1926)³⁰. A mobilidade dessa família, no entanto, se estendia ainda mais se pensar as mudanças de escolas por quais passaram Elza, Serafim e Jayme, além das constantes viagens de Ernesto a diversas capitais do país, como Curitiba, São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre etc.

A antropóloga Arlene Renk, em sua tese de doutorado publicada em livro, intitulado *A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense*, analisou como ocorreu a ocupação do oeste catarinense por meio das colonizadoras, assinalando que: “a principal medida de incorporação do ex-contestado a Santa Catarina foi a colonização. A eficácia do projeto colonizador requereu agente humano, cujo modelo foi o descendente do europeu, vindo das colônias velhas do Rio Grande do Sul.” (RENK, 2006, p. 55). Esse processo de colonização da região de Chapecó ocorreu de forma gradativa, e muitas vezes não de forma pacífica. Segundo a historiadora Renilda Vicenzi, a colonização dessa região se deu por um processo de limpeza “humana e vegetal” da área, com a expulsão de antigos moradores caboclos e indígenas, organização dos lotes e derrubada das árvores (VICENZI, 2006, p. 309). Nessa região passaram a vender terras para famílias brancas e cristãs de descendentes europeus oriundos do sul do país. Os trabalhos de colonização da empresa de Bertaso coincidiram com o período de instalação do município de Chapecó, fazendo com que Ernesto Bertaso fosse mais tarde visto como um dos “pioneiros” da cidade.

²⁹ Sobre a colônia militar de Xapecó, vide obra de Letícia Maria Venson: VENSON, Letícia Maria. **Colonização militar no Oeste Catarinense**: José Bernardino Bormann e a colônia militar de Xapecó (1880-1898). Passo Fundo: Acervus Editora, 2020. 92 p.

³⁰ As datas são aproximadas, pois Hirsch não apresenta com exatidão – apesar de escrever numa ordem cronológica – os dados, muitas vezes as datas apresentadas por ela não batem exatamente com o que se percebe nas cartas de Elza e Serafim.

O historiador e filósofo José Carlos Radin e o economista Gentil Corazza, no livro *Dicionário Histórico-Social do Oeste Catarinense*, que investigaram sobre a formação social, política, cultural e econômica no oeste catarinense, assim se referem ao coronelismo que existiu na região:

O novo coronelismo no Oeste afirmou-se, a partir da nova realidade regional, marcada pelo término da Guerra do Contestado, a solução do conflito sobre os limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina e a criação dos municípios: Cruzeiro e Chapecó, em 1917. Embora o novo coronelismo urbano tenha se caracterizado mais pela continuidade do que pela ruptura em relação ao velho coronelismo rural, o que realmente mudou foram os próprios coronéis, que antes eram representados pelos fazendeiros proprietários de terras e agora são representados pelos donos das empresas de colonização. Mudaram os personagens e a forma de dominação política, mas continuou a natureza e a essência do poder coronelista. O que se estabelece agora, com o novo coronelismo, é uma relação de compromisso, por um lado, entre o poder político estadual e os coronéis, donos das companhias colonizadoras e, por outro, entre estes e os colonos migrantes, com quem tinham uma relação de clientelismo e paternalismo (RADIN; CORAZZA, 2018, p. 68).

Houve conflitos que antecederam a colonização e que dificultaram seu início e também conflitos que vieram a ocorrer depois. Cabe aqui ressaltar os que antecederam à ocupação dos colonos vindos do sul, pois esses demonstram o papel do poder coronelista e político dos sócios da empresa Bertaso, Maia e Cia. Conforme a antropóloga Arlene Renk, esses colonizadores tiveram que enfrentar resistências por parte dos coronéis locais, o que nomeia de “caudilhismo” (2006, p. 56), que havia se fortalecido após a divisão local das terras posterior a Guerra do Contestado, no qual “se incorporaram ao estado de Santa Catarina quatro municípios: Mafra, Porto União, Cruzeiro (atual Joaçaba) e Chapecó” (RENK, 2004, p. 16). Conforme a autora, foram as colonizadoras do Rio Grande do Sul que tiveram papel importante de “pacificar” o local: “em Chapecó, coube ao coronel Passos Maia, vindo de Guaporé (RS), para associar-se ao projeto colonizador de Bertaso, ficar responsável pela venda das terras de Bertaso” (2006, p. 57). Diante dos antigos coronéis locais, Passos Maia, impedido de entrar nas terras compradas em Passo Bormann, precisou apelar ao governo estadual, que “interessado na ocupação da região, nomeou-o delegado especial do município, a quem coube instaurar a paz” (RENK, 2006, p. 57).

Foi também por meio da associação entre o governo estadual e colonizadoras que a ocupação de terras do Oeste Catarinense foi realizada, como aponta a historiadora Eunice Sueli Nodari (2009, p. 29), em seu livro *Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no*

Oeste Catarinense, fruto de tese de doutorado. Grandes extensões de terras foram submetidas a um processo de povoação e colonização definitivo por imigrantes europeus e descendentes vindos do Sul, unindo-se dois grupos de interesses distintos:

[...] de um lado, o Estado de Santa Catarina, que necessitava povoar urgentemente a região para garantir a sua posse e, de outro, as companhias colonizadoras, com seus proprietários e agentes de vendas que, em troca do assentamento dos colonos na região e da construção de estradas, recebiam do governo as chamadas terras devolutas que eram por elas demarcadas e vendidas aos imigrantes e migrantes (NODARI, 2009, p. 30).

Ernesto Bertaso acumulou, a partir de suas atividades frente à venda de terras, não somente um capital financeiro, mas também forte capital social, cultural e simbólico na região, reconhecido pela sociedade regional como “colonizador”. Em 1923, a associação da firma colonizadora Bertaso, Maia e Cia é dissolvida, ficando todos os ativos da empresa para Ernesto Bertaso, que continua com os trabalhos da empresa.

Por conta da empresa colonizadora, Ernesto conquistou o espaço social e foi ampliando suas redes de sociabilidades, como se pode verificar no acervo de cartas comerciais e de cartas a amigos, com os quais ele se correspondia, em parte preservadas no Fundo Empresarial da Colonizadora Bertaso³¹, utilizado e analisado pela historiadora Eunice Sueli Nodari. Segundo a autora, “a empresa colonizadora Ernesto F. Bertaso, responsável por grande parte da colonização do município de Chapecó, mantinha uma equipe de agentes, muitos deles de origem italiana” (2009, p. 39), que atuavam na venda das terras. Ainda segundo a autora, “eram os proprietários os principais divulgadores da empresa, os quais mantinham um controle absoluto sobre a colonizadora, e eram os seus próprios nomes que inspiravam confiança aos futuros compradores” (2009, p. 39). No caso de Ernesto Bertaso, ele mantinha contato constante com seus agentes, que faziam as prestações de contas por meio de correspondências. Tamanha era a rede de comunicação de Bertaso, com o intuito de fazer propaganda das terras a vender, que ele possuía agentes no exterior, como evidenciou Nodari, ao verificar correspondências de Ernesto com agentes em Zurique, na Suíça, e em Berlim, na Alemanha (NODARI, 2009, p. 55).

³¹ As cartas estudadas por Nodari, do Fundo Empresarial da colonizadora Bertaso, que também estão disponíveis no CEOM, não estão no mesmo grupo de cartas do arquivo da Família Bertaso que utilizamos nesta pesquisa. Apesar disso, nesse acervo de cartas familiares, há algumas cartas recebidas por Ernesto Bertaso que tratam de relações comerciais trocadas entre familiares a partir de 1935, e algumas da direção da escola do Ginásio Anglo-Brasileiro no qual estudava Serafim em 1921-1922.

Uma das preocupações que esta colonizadora teve foi admitir famílias preferencialmente católicas ou cristãs para a compra de terras, diferenciando os novos moradores daqueles primeiros, os caboclos e indígenas, que aos poucos eram expulsos e afastados de suas terras. Arlene Renk também assinala que a colonizadora Bertaso recrutava descendentes de imigrantes italianos para morar em Chapecó: “nesses casos a arregimentação dos compradores foi feita através de propagandistas, trabalhando para a construção de núcleos homogêneos do ponto de vista étnico e confessional” (RENK, 2004, p. 25). Renk também expressa que os povos que antes ocupavam aquela área não possuíam o *habitus* que os colonos portavam e que eram valorizados pelas colonizadoras:

O projeto colonizador, à medida que privilegiava e enaltecia o campesinato de origem, excluía os brasileiros e índios localizados na área, pela falta de vocação agrícola, pela falsa consciência de posse, pela ausência de acumulação de capital econômico para a compra da terra por serem diferentes. Enfim, arrolavam um conjunto de indicativos que justificavam a expropriação dessas populações (RENK, 2004, p. 29).

Durante os primeiros anos de atuação da colonizadora de Ernesto Bertaso e de outras empresas de colonização, ainda se associava àquela região a imagem do sertão violento e carente de civilização. Foi apenas em 1929 que a região recebeu pela primeira vez a visita de um governador do estado. Segundo a historiadora Michele Rodrigues Tumelero, que analisa os projetos e processo de colonização em Chapecó, a visita do governador Adolfo Konder tinha como objetivo “inteirar-se das necessidades da região, para integrá-la definitivamente à comunidade catarinense, demonstrando aos vizinhos do Rio Grande do Sul, do Paraná e da Argentina a intenção do Estado de Santa Catarina de exercer soberania sobre a terra do Oeste.” (2010, p. 36).

Os projetos de modernização também foram motivados pelas ações da colonizadora que projetava a cidade e investia em locais de sociabilidades para os colonos. Percebe-se que coube à empresa Bertaso, Maia & Cia a venda de terras, a aquisição de novas terras e também a organização da cidade, escolhendo, por exemplo, o local para a construção da igreja. Conforme Tumelero, a colonizadora Bertaso “era a grande patrocinadora de festas de integração comunitária, além de facilitar o pagamento e doar lotes de terra para estabelecimento público, religioso e de entidades com fins recreativos e esportivos.” (2010, p. 30). Em 1938 a colonizadora investiu no projeto da avenida principal, idealizada e projetada

em conjunto com Serafim Bertaso, então estudante de engenharia civil³². Como veremos nos capítulos seguintes, dedicados à infância e juventude de Serafim, este estudou em internatos em capitais como Curitiba, São Paulo e Florianópolis e depois se estabeleceu em Chapecó, onde se tornou prefeito municipal.

A família Bertaso era ligada à religiosidade católica e marcava, por meio da participação nas atividades da igreja, esse *habitus* diferenciado em relação aos antigos moradores daquela região, que compartilhava com os demais moradores católicos oriundos do Rio Grande do Sul. Todavia, o poder simbólico exercido por Ernesto Bertaso no local era visível no próprio lugar que ocupavam durante as missas, como se pode perceber em entrevista feita com Adelaide Pasquali Hirsch, neta de Ernesto e Zenaide Bertaso e filha de Elza, entrevista concedida a Salete Fanin publicada pelo CEOM em 1997:

Nós íamos à missa... o meu avô era muito religioso, mais do que a vovó, a vovó também era religiosa, mas não era carola, agora o meu avô era muito religioso, tanto que quem deu o terreno da Igreja foi ele, o terreno da casa do bispo foi ele, o terreno do colégio foi ele e do pavilhão, tudo aquilo ali foi ele que doou e ele sempre cooperava demais com o envolvimento católico aqui em Chapecó. Ah... deixe eu contar uma coisa, na Igreja velha aquela que foi queimada depois... ele tinha um lugarzinho cativo, daí no banco assim tava escrito; um “Ê” e um “Bê” era Ernesto Bertaso, ali ninguém sentava, ninguém ficava, só ele (ri), ele tinha um lugarzinho cativo, ia todos os domingos ele ia a missa e as vezes faziam novenas, eles iam nas novenas, eles eram bem católicos (HIRSCH, 1997).³³

Percebe-se nessa lembrança do avô a construção da imagem de um homem católico e religioso benfeitor da comunidade, o responsável pela doação das terras para a igreja, motivo pelo qual havia um banco reservado para ele na igreja. Essa aproximação com a religião católica também fortalecia o poder coronelista de Ernesto Bertaso perante a comunidade de Chapecó. Não é desta forma, todavia, que a neta Adelaide expressa essa relação do avô com a comunidade. A lembrança se dá envolta de um sentimento de carinho e orgulho pelo avô, cuja frequência à igreja serve para representá-lo enquanto uma pessoa de bons valores envolvida com a comunidade. A antropóloga Arlene Renk, que investigou a ocupação do Oeste de Santa Catarina, localizou diversas obras de significado

³² Serafim passa a participar da Empresa colonizadora a partir de 1931, primeiramente de forma indireta, como agente. Mas é a partir de 1939, quando estava com 30 anos, que Serafim se muda com sua esposa Elsa para Chapecó, começando a atuar efetivamente pela empresa (HIRSCH, 2005, p. 190).

³³ Podemos perceber também que Maria Adelaide traz brevemente a lembrança da “velha igreja que depois foi queimada”, caso que aconteceu em 4 de outubro de 1950 em período eleitoral. Logo após o incêndio daquela igreja, dia 18 de outubro, quatro homens que haviam sido presos sob a acusação de causar o incêndio da igreja, foram violentamente assassinados pela população local, sob o pretexto de justiça e ordem. Sobre isso, ver: HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó (1950-1956)**. Chapecó: Argos. 2013.

semelhante, que caracteriza como produções intelectuais lançadas dentro do grupo étnico hegemônico – o italiano – como uma narrativa laudatória que externaliza o ponto de vista interno desses colonos (RENK, 2006, p. 75).

Essa relação com a igreja apresentada por Adelaide Hirsch pode não expressar toda a significação que a missa ou outras atividades da igreja tinham para seus pais e avós. Segundo a historiadora Zuleika Alvim, no capítulo intitulado “Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo”, para os imigrantes católicos que chegavam ao Brasil, especialmente italianos e alemães, poder ir à missa não significava apenas expressão da fé, mas também era um importante momento de sociabilidade e reunião com a comunidade (ALVIM, 1998, p. 265). Ao se afastarem da antiga cultura e vida na Itália, os imigrantes encontram a necessidade de manutenção ou formação de novos laços de sociabilidade e isso se concretizava nas atividades comunitárias, geralmente ligadas à igreja. Para o coronel, sua religiosidade visibilizada na frequência constante à igreja, reforçava o ideal e os valores que se buscavam com o projeto da colônia.

Em cartas dos filhos, a confissão religiosa católica da família se mostra presente, sobretudo nas cartas da primeira filha Elza. Nelas, podemos notar o lugar ocupado pelas mulheres da família nesses encontros e eventos religiosos em Chapecó. Em cartas de Elza Bertaso para Serafim, no ano de 1928, quando ela já era adulta, mãe e casada com Paulo Pasquali, e estava em Chapecó junto de sua filha, seu marido e sua mãe, Elza idealizava e ajudava na organização de festas na igreja junto à mãe e outras pessoas da comunidade católica: “ultimamente temos andado muito atarefadas com a preparação da festa de S. Antonio. Mas depois de muito trabalhar e estar tudo prompto a chuva veio estragar tudo. Temos que esperar pelo Padre e enquanto não abaixarem os rios creio que não poderá vir. Enfim esperemos...” (CPFIB-CEOM. BERTASO, Elza. Carta [a Serafim]. Chapecó, 18 de junho de 1928). Além do papel da mãe e filha nesses eventos sociais católicos, a carta evidencia como, naquele momento, Chapecó ainda não dispunha de um padre que atendesse unicamente a comunidade católica da localidade, pois ele vinha de outra localidade para as atividades e festividades da igreja local. Podemos visualizar um pouco dessa religiosidade em algumas orações escritas por Elza Bertaso e deixadas por ela como lembrança para o irmão Serafim conforme trecho da imagem a seguir (imagem 1), como também nas cartas de Elza, Serafim, Jayme, Zenaide e Ernesto, não são raras as vezes em que se referem a Deus ao falar sobre suas saúde ou bem-estar: “[...] nós todos vamos bem, graças a Deus” (BERTASO, Zenaide. Carta [a Serafim]. Passo Fundo: 15 de setembro de 1922).

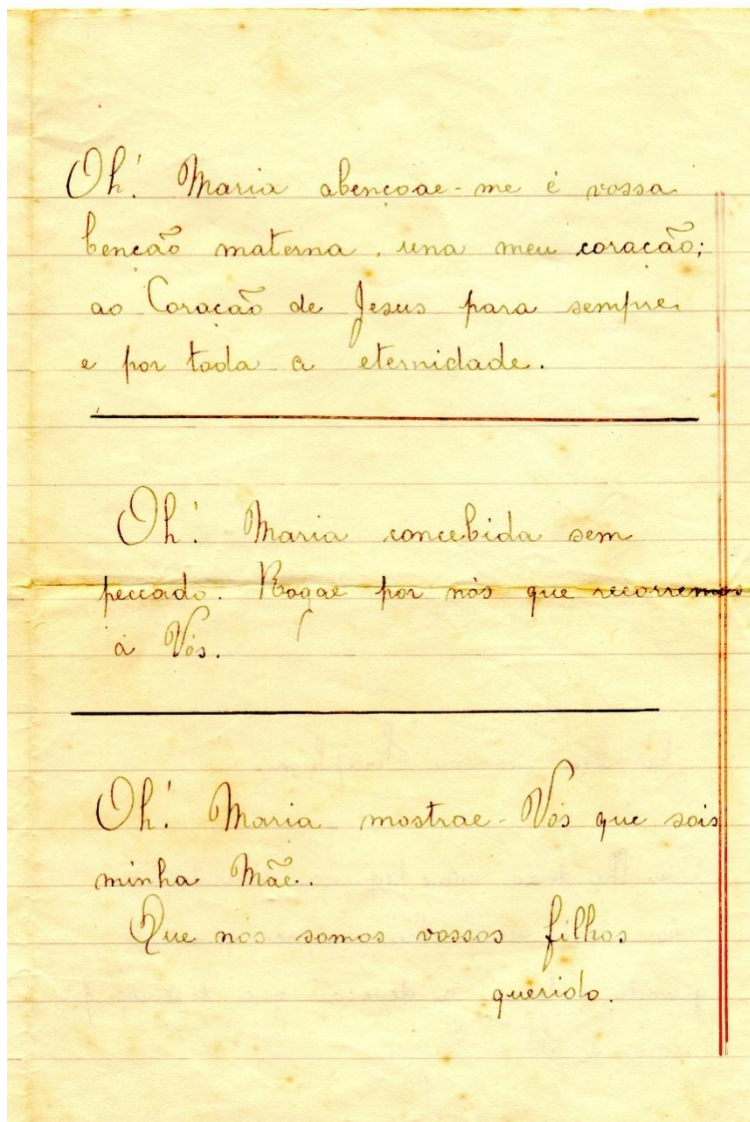


Imagem 1: Trecho de orações de Elza Bertaso deixadas para o irmão Serafim que estava se preparando para primeira comunhão (Sem data, provavelmente de 1920-1923)

Fonte: Coleção Particular da Família Bertaso, Arquivo do CEOM.

A aproximação com a fé católica estava presente não apenas no cotidiano vivido pela família nas localidades por onde ela viveu, mas também na educação escolar dos filhos, que eram catequizados quando católicos, passando pela primeira eucaristia ou comunhão. Esses eventos eram entendidos como importantes passos para jovens e crianças, festejados ou mesmo homenageados. Como por exemplo vê-se a carta de Elza Bertaso aos irmãos Serafim e Jayme em 1923 na qual indica ter enviado junto medalhas (provavelmente com algum santo da fé católica):

Meus queridos irmãozinhos, mando-lhes estas medalhinhas como lembrança da 1ª comunhão que fizeram. Guardae-as bem e todas as vezes que olhares lembrae-vos do dia mais feliz que passaram até agora e que hão de passar. Lembrem-se também da irmãzinha que não cessa de pedir a Deus pelos irmãos queridos (CPFB-CEOM. BERTASO, Elza. Cartão [aos irmãos]. São Paulo: 16 jul 1923).

Cabe, por fim, nessa reflexão sobre a religiosidade trazida pelos imigrantes italianos para as colônias no Brasil, destacar as observações de Maíra Vendrame que atenta para o fato de que os imigrantes que chegaram na colônia de Silveira Martins, abandonaram a Itália que cada vez mais se afastava dos ideais religiosos católicos e os aproximava da pobreza. Para eles, chegar ao Brasil e construir igrejas, eventos religiosos significava fortalecer a comunidade, mas também:

Este era um caminho para conseguir oportunidades de trabalho, garantir futuro mais seguro para os filhos e uma economia doméstica que permitisse a reprodução do grupo. E, também, enquanto possibilidade de conquistar status social – construção de um poder imaterial – entre os conterrâneos nos lugares de ocupação, garantindo, ao mesmo tempo, o incremento do próprio patrimônio material. Logo, ressalta-se o papel das famílias em estabelecer as redes de ajuda dentro de um contexto de recursos disponíveis, podendo-se utilizar de agregações religiosas, símbolos de identificação e discursos (VENDRAME, 2013, p. 93).

Para a família Bertaso, a religiosidade fazia parte do meio de identificação cultural, mas também uma forma de relações com a comunidade, maneira de formar laços e fortalecer suas redes sociais.

A despeito do processo de colonização do local, promovido por Ernesto Bertaso e sócios, a partir das relações coronelistas e do empreendimento capitalista, ter sido conflituoso, Chapecó cresceu rapidamente e, juntamente com o crescimento da cidade, também se reproduziu o poder da família na região. O principal herdeiro de Ernesto, Serafim Bertaso, além de se tornar um dos sócios da colonizadora, mais tarde, por vias eleitorais, tornou-se vereador (1947-1951) e prefeito da cidade (1951-1954) pelo Partido Social Democrático (PSD)³⁴. Podemos perceber que o processo de ascensão social da família Bertaso foi lento, exigiu grande mobilização de redes sociais, contatos que possibilitaram que essa família alcançasse capital social e financeiro tornando-os uma família das elites situada no Oeste Catarinense.

³⁴ Conforme informações do site: **Memória política de Santa Catarina**. Biografia Serafim Enoss Bertaso. 2019. Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1218-Serafim_Enoss_Bertaso. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

1.2 A EDUCAÇÃO NUMA FAMÍLIA DAS ELITES

Nesse item discutimos os investimentos das famílias Bertaso e Ballista na educação dos filhos no Brasil.

Observa-se nas cartas preservadas no acervo de Elza, Serafim e Jayme e também nas dos pais, Zenaide e Ernesto Bertaso, tanto as cartas familiares quanto as comerciais, que o imigrante Ernesto e a filha de imigrantes, Zenaide, dominavam a escrita da língua portuguesa. Elza, Serafim e Jayme faziam parte da primeira geração de imigrantes italianos por parte do pai e da segunda, por parte de mãe. Como vimos, Ernesto ainda era da geração dos imigrantes e, provavelmente, foi alfabetizado na Itália, pois se inseriu no Brasil no final da infância, aos 11 anos de idade. Diferente dele, Zenaide foi alfabetizada no Brasil, onde nasceu, e era filha de uma professora, convivendo assim com o exercício desse ofício a partir de sua própria família.

É importante ressaltar que especialmente entre famílias de comerciantes, como era o caso do pai de Zenaide, o italiano Enos Ballista, a língua portuguesa era muito importante para estabelecer e manter as relações comerciais, mesmo que seu comércio estivesse inserido numa região com alta representatividade de imigrantes de fala italiana. O educador Lúcio Kreutz em seu artigo *Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*, aponta que muitos imigrantes italianos vindos em fins do século XIX cobravam do governo estadual do Rio Grande do Sul por escolas públicas, para “que os alunos aprendessem o português, para que tivessem uma adaptação mais rápida, possibilitando melhores relações sociais e comerciais com o novo contexto.” (2000, p. 167).³⁵ Segundo Busato, em Guaporé, “conforme os comerciantes foram adquirindo poder aquisitivo, proporcionaram instrução escolar e superior aos seus filhos. Quanto às mulheres, constatamos que um dos atributos para obter um bom casamento era se igualar, ao menos na fala, aos seus pretendentes.” (2019, p. 18).

Os comerciantes, também os imigrantes, investiam na educação dos filhos e também no aprendizado da língua portuguesa. Essa educação era direcionada aos meninos e às meninas descendentes de imigrantes desse estrato social, para possibilitar o que se considerava um

³⁵ Apesar da procura pelos imigrantes em aprender a língua portuguesa, muitos ainda não abandonavam a língua materna, como observa Maschio: “mas, a aprendizagem da língua portuguesa não invalidava o anseio pela manutenção da língua materna. A tática dos colonos em empreender o ensino bilíngue instituindo como professor público um dos seus, garantia a concretização de dois objetivos: o de aprender o português como instrumento de adaptação, e o de manter viva a cultura italiana pela perpetuação da língua materna, amplamente falada no interior das famílias.” (2012, p. 112). Contudo, a autora observa a dificuldade de se efetivar esse ensino bilíngue pelas escolas públicas, o que reforçou a procura por escolas étnicas ou de confissão católicas.

bom casamento. As meninas precisavam ter um nível de instrução adequado e contribuir na formação de um *habitus* de um grupo social cuja educação fosse um elemento de diferenciação em relação a outras camadas sociais. Segundo a historiadora Elaine Maschio, muitos imigrantes italianos e descendentes buscavam, por meio da escolarização e do investimento em educação mais qualificada dos filhos, não somente a adaptação social, mas também um prestígio futuro e liderança na comunidade (MASCHIO, 2012, p. 23).

Para muitas famílias de imigrantes italianos, já fazia parte da cultura de origem na Itália a valorização e importância dada à instrução escolar dos filhos – o que se pode notar no fato de Ernesto Bertaso e seus irmãos também terem frequentado a escola no Brasil, após a emigração (HIRSCH, 2005, p. 17). Terciane Ângela Luchese, que analisa o processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, atenta que na Itália, desde 1774, havia políticas públicas direcionadas à educação que tornavam o ensino obrigatório para crianças até 14 anos. Entretanto, a autora também observa que quando chegavam no Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos encontravam poucas instituições de ensino próximas de suas casas, dificultando a escolarização dos filhos e, assim, aumentando o nível de analfabetismo entre as famílias (LUCHESE, 2005, p. 2). Entretanto, como estratégia, muitos imigrantes criavam escolas comunitárias étnicas – semelhantes ao caso da mãe de Zenaide Bertaso –, como professores atuavam os imigrantes da comunidade local ou mesmo vindos de outras regiões do estado.

A historiadora Elaine Cátia Falcade Maschio, em sua tese sobre a escolarização de imigrantes e descendentes nas colônias na região de Curitiba-PR, percebe que apesar de boa parte dos imigrantes italianos que chegavam ao Brasil serem alfabetizados, havia também aqueles que não foram alfabetizados nem mesmo na Itália – os mais pobres. E conforme ela observa, ambos grupos de e/imigrantes buscavam escolas para seus filhos pois “a escolarização foi reivindicada como parte integrante de um projeto de vida nas novas comunidades. A escolarização por sua vez, foi visualizada como manutenção da cultura ou como tática para garantir a sobrevivência.” (MASCHIO, 2012, p. 46).

Daí a estratégia dos próprios imigrantes em criar escolas nas regiões onde se instalaram no sul do Brasil e que ainda não existiam, no final do século XIX. Esse fato pode ser percebido no caso da família Ballista. A mãe de Zenaide, Ventura Versellesi Ballista³⁶, imigrante, como citado anteriormente, abriu junto à comunidade na colônia Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), uma pequena escola étnica de fases iniciais, na qual ensinava matemática

³⁶ Vide genealogia anexo 1.

em italiano para os filhos de italianos. Provavelmente havia outro professor para alfabetizar as crianças. Não foi possível alcançar mais informações sobre Zenaide³⁷ e sua escolarização, como onde, em que língua e até quando foi escolarizada, mas é possível perceber por meio de suas cartas e pelas cartas que recebia dos filhos que ela tinha domínio da língua portuguesa. Sobre Ernesto Bertaso também não sabemos muito sobre quanto tempo e onde foi escolarizado, mas sabe-se que foi alfabetizado na língua portuguesa no Brasil, como também é possível confirmar por meio de suas cartas, tanto familiares quanto comerciais, que possuía domínio da língua portuguesa.

Sobre a importância e o significado das escolas étnico-comunitárias, assim desenvolve Elaine Cátia Falcade Maschio, em artigo intitulado “As escolas étnico-comunitárias no processo de escolarização dos imigrantes italianos em Curitiba”, que se refere ao mesmo período de fins do século XIX:

O movimento de organizar uma escola comunitária revelava-se como uma tática, pois se por um lado não deixava que as crianças das colônias ficassem por muito tempo sem escolas, por outro, buscava convencer e sensibilizar o governo da necessidade de escolas públicas. Os colonos desejavam escolas públicas, mas com professores italianos. Todavia, é preciso considerar que os colonos recomendados pelos demais para exercer a função docente, também deveriam apresentar algum domínio sobre a língua portuguesa, garantindo por sua vez, a oferta de noções das primeiras aprendizagens em ambas as línguas (2013, p. 22252).

Contudo, aos poucos, tanto no Paraná, como também no Rio Grande do Sul, os governos estaduais, pressionados pelos imigrantes preocupados com a necessidade de educar seus filhos, passam a investir em escolas públicas. Segundo Luchese, que se refere ao ensino na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul, “com o incremento do ensino público e as iniciativas dos institutos religiosos, já no início do século XX as escolas italianas iam aos poucos desaparecendo.” (2005, p. 9).

Voltamos aqui à família Bertaso, mas agora para discutir a geração dos filhos de Zenaide e Ernesto. Não foi possível obter informações sobre onde Elza e Serafim teriam se alfabetizado, já que nos primeiros anos em que estão nos internatos eles já sabiam escrever. Apesar de haver no período de 1915-1929³⁸ escolas étnicas, públicas e algumas confessionais

³⁷ Tal como se observa, as duas cartas escritas por Zenaide a Serafim foram escritas na língua portuguesa. (BERTASO, Zenaide. Carta a Serafim. 15 de setembro de 1922. CPF 0368).

³⁸ Faço aqui esse recorte pensando no primeiro ano que Elza inicia os estudos no colégio interno Nossa Senhora do Bom Conselho em Porto Alegre-RS.

particulares no Rio Grande do Sul,³⁹ e escolas nas cidades de Bento Gonçalves, Guaporé e Passo Fundo, onde a família Bertaso residiu, eles optaram em enviar Elza, Serafim e Jayme, na maior parte de sua formação escolar, para colégios particulares longe de casa. Foram experiências diferentes das vividas pela maior parte dos descendentes de italianos da região durante a Primeira República, já que Luchese afirma que para a maioria deles, apesar das muitas iniciativas educacionais, ao fim e ao cabo a opção foi a escola pública (LUCHESE apud RECH, 2015, p. 97).

Onde moravam os Ballista e, inicialmente, o jovem casal Bertaso, em Bento Gonçalves, surgiram, a partir do final do século XIX, três escolas confessionais e seminários, como aponta Luchese:

Em Bento Gonçalves, a primeira escola confessional foi uma iniciativa das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria com a fundação do Colégio Sagrada Família, em 1898, em Monte Belo. Outra iniciativa, das Irmãs de São José, se fez a partir de 1906 em Pinto Bandeira com a abertura do Colégio São José. Por fim, na vila, em 1915 com as Irmãs Scalabrinianas (2005, p. 10).

Ou seja, antes de enviarem Elza para uma escola católica na capital, Porto Alegre, 1915-1918, havia duas instituições escolares confessionais católicas em Bento Gonçalves. Ainda assim optam em mandar Elza, então com 9 anos, para a capital para estudar no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, cidade onde moravam parentes da família, os tios Marcelo, Francisco e José⁴⁰ (irmãos de Ernesto) e primas Elvira e Anita (filhas de Marcelo).

Assim se observa a forte presença familiar (ou de amigos) no cuidado das crianças que estavam distantes de casa para estudar, criavam redes de relação que ajudavam os pais a cuidar e educar os filhos que saíam de casa. Em Porto Alegre havia uma forte presença de italianos (RECH, 2015, p. 60-65) e inúmeras opções de educação, inclusive escolas étnicas italianas (RECH, 2015, p. 145). O Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, escolhido pela

³⁹ Conforme a educadora Marina Matiello em sua tese de doutorado *Catolicidade, Etnicidade e Educação: a presença das irmãs Carlistas-Scalabrinianas no Rio Grande do Sul (1915-1948)*, as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo fundaram no Rio Grande do Sul diversas escolas na região de colonização italiana: “de 1915 a 1948, foram inauguradas 14 escolas, nas seguintes localidades: Bento Gonçalves (1915); Farroupilha (1917); Guaporé (1917); Nova Bréscia (1919); Nova Milano/Farroupilha (1924); Anta Gorda (1931); Roca Sales (1931); Muçum (1933); Caxias do Sul (2 unidades, 1936 e 1946); Caravaggio/Farroupilha (1937); Paraí (1943); Casca (1948)” (2019, p. 23). Ainda segundo a historiadora, essas escolas promovidas pelas Irmãs Scalabrinianas prezavam pela educação moral e religiosa para “famílias dignas”, ou seja, àquelas já com valores católicos e certo capital financeiro, pois havia taxas cobradas pelas instituições para educar as crianças matriculadas (MATIELLO, 2019, p. 123).

⁴⁰ Em algumas cartas de Elza Bertaso nos anos de 1915 a 1918 podemos perceber a presença dos tios em seus relatos do cotidiano. “Hoje vou passar a tarde em casa do tio José e lá com toda certeza fallarei com o tio Chico. Lembranças a todos dahi. Elvira e Annita mandam lembranças.” (CPFB-CEOM. Bertaso, Elza. [Carta à mãe]. Porto Alegre: 6 de agosto de 1916.) Contudo, se observa que Francisco (Chico) ficava apenas de passagem na cidade, pois trabalhava como caixeiro-viajante.

família, o qual existe até hoje, “foi fundado em 1905 pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, havia as classes de ensino em alemão e as classes de ensino em português (as irmãs franciscanas desse colégio vinham em grande parte da Alemanha)”⁴¹. Elza ficou como interna nesse colégio até 1918.

Em 1919 Elza foi mandada para o Colégio Nossa Senhora de Sion em Curitiba, onde também moravam parentes do lado materno⁴², mas o colégio fechou em 1920 devido à epidemia de gripe espanhola que afetou em grandes proporções a escola. Em função disso, Elza é enviada em 1920 para estudar no colégio de mesma denominação em São Paulo. Esse colégio em São Paulo, fundado pelas irmãs francesas de Sion em 1901⁴³, seguia o modelo francês de ensino e era destinado às meninas da elite da cidade. Conforme a socióloga e pedagoga Maria Alzira da Cruz Colombo, “se a situação político-religiosa da França favoreceu a saída das Irmãs de Sion do país, por outro lado, o desejo das oligarquias brasileiras, admiradoras da cultura francesa, e a precária situação da educação no Brasil foram fatores decisivos para a fundação dos colégios confessionais franceses neste país, no final do século XIX e início do século XX” (2017, p. 386). Elza permaneceu no Colégio Nossa Senhora de Sion até final de 1923, quando concluiu os estudos, aos 18 anos de idade.

Em ambas as instituições do colégio Nossa Senhora de Sion, voltadas para meninas, em Curitiba e em São Paulo, além das matérias usuais lecionadas também para meninos em outros colégios (como história geral, português, francês, matemática), a jovem Elza cursou aulas de canto, trabalhos com agulha, desenho, lição de coisas e ginástica sueca⁴⁴. Sobre isso a historiadora June E. Hahner, em seu capítulo *Honra e distinção das famílias*, atentou à chegada do colégio de Sion que se instalava no Brasil em 1888 para atender os desejos das famílias de elite que buscavam uma educação católica aos moldes franceses. Segundo a autora, “estudantes do Collège de Sion eram famosas por seu francês impecável, seus modos refinados e conhecimentos em literatura clássica, tanto quanto por sua atitude apropriada de submissão à autoridade” (HAHNER, 2012, p. 58).

⁴¹ CONSELHO, Colégio Bom. Nossa História: dedicados à educação desde 1905. Dedicados à educação desde 1905. Disponível em: <https://www.bomconselho.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 24 maio 2021.

⁴² Não se sabe exatamente quem eram os familiares que moravam na cidade de Curitiba, apenas por meio das cartas de Serafim sabemos de seu primo Ary, e por meio do livro de Hirsch (2005, p. 56) podemos deduzir aos parentes de Zenaide.

⁴³ SION. **Colégio Sion**. Disponível em: <http://www.colegiosion.com.br/colégio-sion/>. Acesso em: 24 maio 2021.

⁴⁴ Como é possível perceber por meio de seus boletins escolares. Conforme pode-se observar no Boletim de 1918 do Colégio Nossa Senhora do Bom conselho: (BERTASO, Elza. Atestado do III trimestre, Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. 31 de agosto de 1918. CPF – pasta boletim: 10) e no boletim emitido pelo Colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba: (BERTASO, Elza. Notas, Colégio Nossa Senhora de Sion. Setembro de 1919. CPF – pasta boletim: 06).

Observa-se, por meio dessa trajetória escolar, uma preocupação da família em inserir Elza em bons colégios católicos para meninas das elites em cidades maiores, todos os três colégios eram localizados em capitais.

Serafim saiu de casa para estudar mais tarde que Elza, aos 11 anos, em 1920, após Elza se mudar para São Paulo e iniciar seus estudos no Colégio Nossa Senhora de Sion de lá. Ele foi enviado a Curitiba para estudar no Colégio Júlio Theodorico, colégio laico já renomado na cidade; mas em 1921 muda de escola, sendo enviado a São Paulo, para estudar no Ginásio Anglo-brasileiro até 1923. Em 1923 Serafim retorna à casa dos pais e até 1925 estuda com seu irmão Jayme no Instituto Ginásial de Passo Fundo-RS, cidade onde morava a família naquele momento (Ver tabela 3 e 4). Esse Instituto fora fundado em 1920 por missionários metodistas, ou seja, não era um colégio étnico e nem católico, mas protestante metodista – diferenciando-se da educação católica até então proporcionada pela família para os filhos. Contudo, pode-se pensar no prestígio rapidamente alcançado pelo colégio na cidade. Como destaca o historiador Roberto Biluczyk, o Instituto Ginásial de Passo Fundo se tornou “símbolo de desenvolvimento” na cidade (2020, p. 136), o que pode significar que essa família, que se formava num ambiente mais urbano, buscava, sobretudo, um bom estabelecimento escolar para os filhos.

Tabela 3: Cidade e escola na qual estavam os diferentes membros da família Bertaso nos anos de 1915 a 1924

<i>QUEM</i> <i>ONDE</i>	ANOS 1915-1918	ANO 1919	ANO 1920	ANOS 1921-1922	ANO 1923
<i>ZENAIDE</i>	Guaporé-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Bento Gonçalves-RS
<i>ERNESTO</i>	Guaporé-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Bento Gonçalves-RS
<i>ELZA</i>	Porto Alegre (Colégio N. S. do Bom Conselho)	Curitiba-PR (Colégio N. S. de Sion)	São Paulo-SP (Colégio N. S. de Sion)	São Paulo-SP (Colégio N. S. de Sion)	São Paulo-SP (Colégio N. S. de Sion)
<i>SERAFIM</i>	Guaporé-RS	Passo Fundo-RS	Curitiba-PR (Colégio Júlio Theodorico)	São Paulo-SP Ginásio Anglo-brasileiro	Bento Gonçalves-RS
<i>JAYME</i>	Guaporé-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Bento Gonçalves-RS

Fonte: elaborada pela autora

Em 1926, Serafim, que estava com 17 anos, e Jayme, com 14 anos, são enviados para Florianópolis e começam a estudar no Ginásio Catarinense, colégio católico romanizado

administrado por jesuítas, até 1929-1930⁴⁵ (Ver tabela 3 e 4). Nessa trajetória, Serafim passou por instituições escolares com diferentes abordagens de ensino, contudo a maior parte do tempo de estudos (2 anos no Ginásio Anglo-brasileiro e 5 anos no Ginásio Catarinense) foi passada em colégios com sistema educacional em regime interno que, historicamente, tinham o intuito de educar crianças e jovens das elites. Se percebe que essas instituições jesuíticas, como o Ginásio Catarinense, prezavam pela formação moral dos jovens numa sociedade moderna que a cada dia se afastava dos ideais religiosos. Cabe destacar que os colégios Jesuíticos foram responsáveis pela disseminação do catolicismo romanizado e de ideais conservadores (MONTEIRO, 2009, p. 1-3). Em seu livro sobre a educação católica de filhos das elites em Curitiba, a historiadora Roseli Boschilia afirma que, em geral, “o perfil socioeconômico dos alunos que frequentavam os colégios católicos espelhava o modelo de família urbana, católica, pertencente às camadas média e alta, com quatro filhos, em média.” (BOSCHILIA, 2018, p. 100). É possível perceber que, apesar de haver uma educação pública no início do século XX, a educação em instituições privadas era vista como um investimento para camadas mais altas da sociedade. Eram voltadas somente para as famílias que pudessem pagar por boas instituições escolares e ainda manter os filhos sem trabalhar até a conclusão do curso ginásial.

Tabela 4: Cidades nas quais estavam residindo os diferentes membros da família Bertaso entre 1924 e 1929

<i>QUEM ONDE</i>	<i>ANO 1924</i>	<i>ANO 1925</i>	<i>ANO 1926</i>	<i>ANO 1927</i>	<i>ANO 1928</i>	<i>ANO 1929</i>
<i>ZENAIDE</i>	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Passo dos Índios (Chapecó-SC)	Chapecó-SC	Chapecó-SC	Chapecó-SC
<i>ERNESTO</i>	Passo Fundo-RS	Passo Fundo-RS	Passo dos Índios (Chapecó-SC)	Chapecó-SC	Chapecó-SC	Chapecó-SC
<i>ELZA</i>	Passo Fundo-RS	Bento Gonçalves-RS	Bento Gonçalves-RS	Bento Gonçalves-RS	Chapecó-SC	Bento Gonçalves-RS
<i>SERAFIM</i>	Passo Fundo-RS Instituto Ginásial de Passo Fundo	Passo Fundo-RS	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense
<i>JAYME</i>	Passo Fundo-RS Instituto Ginásial de Passo Fundo	Passo Fundo-RS	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense	Florianópolis-SC Ginásio Catarinense

⁴⁵ No capítulo 3, desenvolvo e analiso mais a fundo o tipo de educação que Serafim recebe dentro desses colégios.

Fonte: Elaborada pela autora

O sociólogo Pierre Bourdieu discutiu sobre as possibilidades de jovens de família pobre acessarem o ensino médio ou superior e como essas chances são menores não somente em razão do capital financeiro, mas também devido ao reduzido capital cultural acumulado (o que passa como herança familiar), em comparação com crianças de classe média alta. Famílias que já tiveram membros que estudaram o ensino superior têm maior possibilidade de ver seus filhos ingressando também nesse ensino, pois há presente na família uma significação sobre a educação que famílias sem esse histórico não possuem. Jovens de classe média-alta com familiares que acessaram a educação em níveis superiores tendem a possuir o “bom gosto”, que tomado com um dom, eleva o desenvolvimento e rentabilidade da educação (BOURDIEU, 2007, p. 45).

Conseqüentemente, vemos maior dificuldade de jovens de famílias de classes baixas em acessar o ensino médio ou superior, por conta do duplo esforço a mais que necessitam fazer para alcançar o padrão mínimo exigido nas escolas. Já famílias de classe média-alta ou a pequena burguesia “adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural.” (BOURDIEU, 2007, p. 48). Essa classe tende a possuir também maior apoio familiar, diferente dos de classe mais baixa que não encontram na educação uma forma de saída de seu espaço social. Dessa maneira, a educação é uma forma de adquirir capital simbólico, que se conquista por meio de investimento no capital cultural.

Um das questões que se percebe muito bem na formação educacional das crianças Bertaso é que, apesar de os três filhos de Zenaide e Ernesto Bertaso, Elza, Serafim e Jayme, terem tido altos investimentos na formação escolar, com a oportunidade de concluir o ensino ginásial, há uma diferença muito clara na educação quando são consideradas questões de gênero: cada criança passou, ao estudarem em colégios particulares, por instituições não mistas; Elza estudou em escolas somente para meninas, Serafim e Jayme em escolas internas somente para meninos, exceto o Instituto Ginásial de Passo Fundo que, desde sua fundação, tinha turmas para meninos e meninas, sendo assim um colégio misto (FAVRETTO, 2020, p. 9-11) e nele não estudaram como internos. Após concluir o ensino ginásial, Serafim e Jayme vão cursar o ensino superior – Engenharia Civil e Medicina respectivamente –, enquanto Elza, ao finalizar os estudos no colégio de São Paulo, retorna para a casa dos pais e logo depois se casa e se torna dona de casa e mãe.

Dessa forma, podemos constatar claramente semelhanças e diferenças que os dois filhos e filha de Zenaide e Ernesto tiveram na educação. Elza recebeu uma educação escolar direcionada à função socialmente estabelecida para seu gênero e classe, a de futura esposa e mãe de família de distinção social. Assim como analisou Ana Cristina Pereira Lage sobre as escolas confessionais femininas no final do século XIX e início do século XX no Brasil (no qual dedica um foco especial ao Colégio Nossa Senhora de Sion) afirmou que:

Percebe-se que estas instituições abrigavam dois tipos de alunas: filhas de pais abastados, que eram preparadas para a “profissão” de esposa e mãe; meninas órfãs ou muito pobres que necessitavam ser “adestradas” de forma adequada para o mundo do trabalho. Era uma necessidade que vinculava à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção da cidadania dos jovens [...]. Àquelas que seriam as futuras mães dos líderes [filhas de família de elite] também se atribuía a tarefa de manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior (LAGE, 2006, p. 4).

A educação para meninos e meninas nos colégios internos privados até metade do século XX era distinta entre gênero, levando em consideração os papéis sociais os quais desenvolveriam na vida adulta. A educação era diferente tanto no currículo das matérias quanto nas regras escolares para as meninas e para os meninos que estudavam em cada uma dessas instituições da época. Diferente de seus irmãos, Elza não podia sair dos colégios, somente para atividades promovidas pela instituição escolar, a despeito de ser mais velha que eles. Isso justifica também as diversas visitas que o irmão Serafim lhe fazia durante os anos em que estudou em São Paulo (1921 e 1922), período que Elza também esteve naquela cidade, quando ele tinha 13-14 anos e ela 16 e 17 anos.

Contudo, como observou Ana Cristina Pereira Lage, a educação era distinta também em classe social, jovens e meninas de elite não recebiam a mesma educação que meninas pobres ou órfãs. Muitas foram as meninas pobres que, ao chegarem em certa idade (10, 12 anos), começavam a trabalhar em outros lares como domésticas, babás, em casas de famílias ricas, muitas abandonando ou sequer tendo tempo de se dedicar à educação (AREND, 2018, p. 98). E as poucas meninas pobres que tiveram algum acesso à educação, não era na mesma qualidade ou com a mesma quantidade de tempo dedicado a estudos em comparação às meninas ricas que passaram por colégios internos.⁴⁶

⁴⁶ Ana Cristina Pereira Lage observou que até mesmo dentro do colégio Nossa Senhora de Sion, em Campanha-MG, possuía separação entre as meninas ricas “Meninas de Sion” e as meninas pobres “Martinhas”, que eram internas no colégio. Enquanto as Meninas de Sion recebiam a educação completa, as Martinhas precisavam trabalhar na manutenção do colégio em troca de educação. Dessa forma: “as martinhas realizavam diversos

Por ser uma menina de família de elite, Elza recebeu uma ampla educação, dedicava seu tempo lendo e estudando. Elza também se preocupava com política, visto que, em suas cartas, demonstra a preocupação com o pai e com a revolução Borgista que ocorria no Rio Grande do Sul nos anos de 1921-1922, suas cartas possuíam uma pergunta muito presente: “como vai a revolução?”, e por vezes se demonstrava insatisfeita com as respostas que recebia da família, talvez entendessem que essa não deveria ou precisava ser uma preocupação para Elza, como mulher e estudante.

Contudo, da mesma forma que os colégios masculinos, nesses colégios internos prezavam uma formação conservadora que seguia os bons costumes ligados às práticas cristãs. Elza também teve uma educação que buscava o cuidado de si, autocontrole, além de fortalecer a competitividade entre os alunos por meio de gratificações aos melhores alunos do período⁴⁷. Estratégias essas eram colocadas em prática na educação de jovens meninas e/ou meninos tornando-os diferenciados na sociedade, seus modos de ser e agir indicavam seu espaço social como crianças de elite.

Essa educação formadora de sujeitos guiados a determinados modelos de condutas, visando a distinção social e cultural em relação a sujeitos das classes baixas que não tiveram as mesmas oportunidades de estudos ou a mesma modelização, era o que procuravam família das elites também do Sul, como a família Bertaso. Enquanto os Bertaso acumulavam capital financeiro com a venda de terras e ocupação do oeste de Santa Catarina, investiam no capital cultural e *habitus* dos filhos, que estudaram em internatos em ambientes urbanos. Antes de adentrarmos no universo das cartas familiares produzidas na relação com os pais a partir dos internatos – sobretudo as de e para Serafim Bertaso, foco deste estudo, no segundo e terceiro capítulos – iremos discutir a seguir aspectos sobre a formação desse acervo familiar e, ainda que brevemente, da constituição de uma memória familiar que se inscreve numa memória pública hegemônica da região.

1.3 O ACERVO DOCUMENTAL DA FAMÍLIA BERTASO E A CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA FAMILIAR E PÚBLICA

serviços dentro do Colégio: trabalhavam na rouparia, na limpeza dos quartos, nos banheiros, na cozinha, etc. O tempo de trabalho ao longo do dia era superior ao tempo de estudos, pois as mesmas dedicavam, em média, apenas três horas diárias para esta última atividade.” (LAGE, 2007, p. 2).

⁴⁷ Podemos aqui citar a exemplo as menções honrosas que Elza recebeu do colégio Nossa Senhora do Bom Conselho por boa Conduta e Aplicação em 1915 (NOTA DE HONRA. Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Elza Bertaso. Maio de 1915. Arquivo do CEOM: Coleção Particular da Família Bertaso: CPF 405) ou como a Menção de honra que recebeu pelo Colégio Nossa Senhora de Sion (MENÇÃO DE HONRA. Colégio Nossa Senhora de Sion, Elza Bertaso. 22 de novembro de 1922. Arquivo do CEOM: Coleção Particular da Família Bertaso: CPF 446), que demonstram a ação das escolas em gratificar aquelas consideradas boas alunas.

É a partir da condição de alunos de internatos que os irmãos Bertaso passam a escrever e receber cartas de familiares, principal objeto de análise dos capítulos seguintes. Junto das cartas escritas pelas crianças, a coleção particular da família Bertaso somou também outros documentos, um trabalho de acumulação de anos e que perpassou pelo menos duas gerações da família. A construção desse arquivo documental familiar teve seu início por motivações íntimas e familiares, mas após anos de guardo e com o reconhecimento social sobre os sujeitos desses documentos, é que essa coleção deixa de estar no espaço familiar para adentrar o espaço público.

Conforme é possível visualizar nas tabelas 1 e 2 inseridas na introdução deste trabalho, no arquivo da família Bertaso há 722 documentos, somando 362 cartas (de Serafim, Elza, Jayme, Ernesto e Plínio) dentre eles ressaltamos 90 cartas de Serafim aos pais, 10 cartas de Serafim à irmã Elza, 2 cartas de Zenaide a Serafim, 2 de Ernesto a Serafim, 13 cartas de amigos a Serafim; 101 cartas de Elza à mãe, 42 de Elza aos pais, 7 cartas de Elza aos irmãos e 2 cartas de amigos para Elza; 25 cartas de Jayme aos pais. Essas cartas que se tornaram o grupo documental principal analisado na pesquisa, ainda os documentos escolares de Elza, Serafim e Jayme que juntos somam 285 documentos, desde boletins, recibos, contratos, cartões. O que podemos observar é que a maioria dos documentos guardados estiveram em mãos de Zenaide ou de Ernesto Bertaso, isso porque boa parte das cartas guardadas foram remetidas a eles, assim como os documentos escolares. Das cartas de amigos que Serafim e Elza guardaram, é possível perceber que elas têm a datação de períodos próximos de quando voltavam pra casa, exemplo, as cartas dos amigos de Serafim são de 1921 e 1922 – logo depois ele retorna à casa dos pais, provavelmente se tornou mais fácil guardar e levar com ele essas cartas até a casa da família.

Não há maneira de saber exatamente quem guardou e juntou os documentos da família Bertaso, mas podemos deduzir que grande parte dos documentos foram preservados por Zenaide Bertaso, continuado por Elza Bertaso e, anos mais tarde, o arquivo selecionado e guardado por três gerações foi utilizado para escrever uma obra biográfica, pela neta mais velha de Zenaide, filha de Elza Bertaso, Maria Adelaide Pasquali Hirsch.

Como aponta Syrléa Marques Pereira, ao discutir a constituição de acervos familiares em famílias de italianos e descendentes no Brasil, em geral as mulheres eram responsáveis pela administração do espaço privado da casa, e, assim, “nas famílias o papel de guardião da memória é desempenhado majoritariamente pelas mulheres, pois esse é um espaço onde elas

reinam em absoluto.” (PEREIRA, 2008, p. 122). Contudo, se percebe que esse cuidado em guardar cartas não foi uma atitude unicamente das mulheres, Serafim, Jayme e inclusive Ernesto, também guardaram algumas cartas que receberam e depois foram juntadas ao arquivo de cartas enviadas aos pais, recebidas por Zenaide e Ernesto.

A questão inicial aqui é tentar refletir porque a atividade de arquivamento desses documentos pessoais se fazia presente na família Bertaso. Segundo o historiador Phillippe Artières, o que confere importância ao arquivo não é somente o que está escrito nas cartas ou mesmo que fotografias ou que documentos ali estão, mas o próprio ato de guardar e arquivar, que pode ser visto como uma forma de manter viva uma memória, uma presença (ARTIÈRES, 2013, p. 48). A autora Aline Lopes de Lacerda, em seu artigo de livro *A imagem nos arquivos*, defende que uma das principais questões ao se pensar os arquivos íntimos é sobre sua função original, mas não com objetivo de encontrar uma verdade sobre o que realmente aconteceu ou se passou no momento da formação do arquivo ou documento, mas sim para “procurar entender o documento como resultado de procedimentos tomados em sua gênese, única forma de restituir à massa documental acumulada durante anos, e já divorciada de suas atribuições originais, contornos mais consistentes sobre sua existência.” (LACERDA, 2013, p. 63). Para tanto, deve-se entender os espaços domésticos e a rotina de formação desses documentos.

Se nos restringirmos ao material doado, a maior parte se refere à época da infância e adolescência dos filhos de Zenaide e Ernesto Bertaso. É possível dizer, no caso desta família, que o arquivamento de documentos familiares não se tratava somente de uma prática ligada a uma herança familiar ou cultural, mas também devido à particularidade desta família, à distância constante entre os familiares por conta dos períodos de longa ausência dos filhos em casa em razão dos estudos nos internatos, distantes da família. Nos casos de Elza e Serafim, foram anos em que os pais os viam somente no curto período das férias escolares. As cartas não eram só suportes de escrita, mas também vestígios daquela vivência à distância e, além disto, para os pais, essas cartas eram a materialização da presença (ausente) dos filhos. Trata-se de laços de papel que ajudam a manter unidos os membros da família, apesar da distância.

Há também cartas de Ernesto Bertaso neste acervo, tanto comerciais quanto familiares ou de amigos. Entre as cartas relativas a Elza, Serafim e Jayme, há também aquelas que receberam de amigos e familiares, o que deixa a entender que as crianças também guardaram cartas e/ou também outras pessoas que depois tomaram o cuidado de guardá-las.

Entre as cartas há aquelas chamadas *cartas familiares*, com um tom menos solene, e que, como já deixa perceber a denominação, se referem a cartas enviadas para membros da família. Esse tipo de carta, apesar de geralmente possuir um destinatário, pode ser lida por outros membros da família, como se percebe que ocorria, por exemplo, com as cartas que Elza e Serafim enviavam à mãe. Nelas, geralmente há a menção e busca de informações de outros membros familiares, como o pai e irmãos, e essas cartas podem ser lidas por todos do grupo familiar, pois seu teor interessa a todos (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 55).

O que se percebe nesse acervo é certa separação das funções dos membros familiares – especialmente entre Zenaide e Ernesto – com o negócio epistolar, ou seja, as correspondências direcionadas a Ernesto Bertaso eram geralmente relacionadas a seus negócios – poderiam ser negócios da empresa ou também familiares⁴⁸, como a preparação do casamento da filha⁴⁹, ou em relação aos filhos no colégio. Já Zenaide parece mais responsável pela correspondência com os filhos, muito embora haja também, no acervo, cartas de Ernesto aos filhos e vice-versa. As cartas que os filhos direcionavam aos pais eram recebidas em geral por Zenaide, que realizava o que podemos chamar de “economia epistolar”. Nas cartas de Elza e Serafim, por exemplo, podemos notar claramente que suas cartas eram remetidas à mãe ou pais, mas quem geralmente as recebia era a mãe, e essa, quando se falava do pai ou irmãos, fazia a ponte com o resto da família, pois era a responsável em repassar e fazer a comunicação entre os correspondentes. Observam-se, entretanto, não apenas a esposa e mãe Zenaide, mas diversas pessoas da família envolvidas na constituição desse acervo. Como aponta Isabel Travancas, “sabemos que um arquivo, ainda que possa parecer resultado de um esforço individual, raramente o é” (2013, p. 234), pois, para guardar e acumular esses documentos, foi necessário, como é possível perceber, que tanto Elza como Serafim, Jayme e Ernesto também participassem tanto da produção desses documentos como também da sua guarda, para que depois se somassem a um só arquivo.

⁴⁸ Há, a exemplo, uma carta de Antonio Pasquali, irmão de Paulo Pasquali, direcionada a Ernesto Bertaso, de 5 de dezembro de 1939, na qual Antonio busca ajuda de Ernesto para resolver o problema com os negócios, um mau pagador que lhe deve 2:500\$000 não responde suas cobranças. Ele pede então orientação do “distinto Amigo [que] me dirá algo como devo chegar a um resultado favorável sobre o assumpto” (PASQUALI, Antonio. Carta a Ernesto Bertaso. 5 de dezembro de 1939. Arquivo do CEOM: CPFB 0160).

⁴⁹ Nesse caso a carta foi citada por Hirsch em seu livro. Na carta de Ernesto Bertaso para seu irmão José (Zé), a autora do livro cortou a datação da carta, e ela não se encontra disponível na coleção particular da família. Mas, ao que consta na carta, é possível perceber uma preparação de Ernesto para a chegada do irmão e a preparação de Zenaide e Elza para as comemorações da cerimônia de casamento (HIRSCH, 2005, p. 84). Pouco adiante, Hirsch acrescenta também um trecho de carta de Ernesto Bertaso para o novo genro Paulo, no qual informa o envio das roupas e pertences de Elza que estavam na casa dos pais para Bento Gonçalves, onde estava residindo com o marido (HIRSCH, 2005, p. 86).

Há também aquelas cartas que podem ser lidas somente pelo único destinatário, mas apesar de na maioria das vezes essas cartas serem trocadas entre amigos, elas ainda são classificadas como cartas familiares, pois, segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 40) a carta familiar compreende as cartas de família, amigos, parentes. “O termo ‘familiar’ sugere igualmente o surgimento do hábito de frequência” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 41), ou seja, a carta familiar está nesse grupo de correspondências com maior liberdade de tratamento e narrativa, isso se deve à proximidade dos correspondentes. Esse tipo de carta está presente nas cartas de Serafim com amigos na adolescência, nas de Elza para Serafim ou nas de Ernesto Bertaso para amigos. Entretanto, essas cartas são mais incomuns no acervo da família doado ao CEOM. Talvez até tenha ocorrido maior troca de correspondências desse tipo pelos membros da família, mas devido ao teor da carta ser íntimo, fica evidente o motivo de ser mais difícil encontrar tal tipo de carta em um arquivo familiar acessado ao público.

Philippe Artières, em seu artigo *Arquivar a própria vida*, afirma que o ato de arquivar-se pode passar por diversas seleções, por meio das quais acrescentamos, rasuramos, riscamos, escondemos informações, mas sempre com o compromisso de contar a verdade (1998, p. 11). Ele ainda destaca que as motivações de se arquivar documentos podem mudar diversas vezes ao longo da vida:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p. 32).

Se o processo de criar um acervo de correspondências familiares, no caso da família referida nesta pesquisa, era voltado para uma memória familiar e privada, o fato do acervo ter sido doado para um centro de documentação ligado à Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) tem outro significado. Mesmo que inicialmente a formação desse arquivo familiar tenha tido as motivações mencionadas acima, após a morte de Maria Adelaide Pasquali Hirsch⁵⁰, parte desse arquivo foi doado ao acervo do Centro de Memória do Oeste Catarinense (CEOM). Assim, após anos de acumulação dentro do espaço familiar, o corpo documental perde sua função original e passa a integrar um arquivo, que ao ser catalogado por um arquivo ou centro de documentação, passa a receber novas funções, tanto como fontes documentais para pesquisas, nos âmbitos sociais e históricos, como também

⁵⁰ Não conseguimos encontrar até o momento informações sobre a data de morte de Maria Adelaide.

culturais de um grupo social no qual estão inseridos. A historiadora Letícia Borges Nedel, no texto *Da sala de jantar à sala de consultas*, assim se refere aos conjuntos documentais doados a centros arquivísticos:

Submetidos aos processos sociais de autenticação, que lhes conferem o estatuto patrimonial necessário à custódia institucional, os arquivos transcendem as intenções probatórias ou monumentalizantes de produtores e/ou donatários, e adquirem funções e feições inauditas. Retirados de sua existência ordinária, eles ressurgem em novos contextos como depositários da experiência histórica e das propriedades distintivas de uma coletividade (NEDEL, 2013, p. 140).

Apesar de não haver registro no CEOM sobre quando e quem doou esses documentos, pode-se inferir que foram os filhos de Maria Adelaide, neta mais velha de Ernesto Bertaso⁵¹. Antes da doação do conjunto documental ao CEOM, ele foi utilizado por Maria Adelaide Pasquali Hirsch para produzir o livro biográfico sobre seu avô⁵², intitulado *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. Trata-se de uma biografia que busca homenagear, lembrar e narrar a história familiar a partir de um ancestral que também foi homem público, o “colonizador” Ernesto Bertaso. O livro não possui fins acadêmicos, mas memorialísticos. Além da narrativa com foco no passado familiar, o livro tem como horizonte de expectativa as gerações seguintes, como fica claro no apêndice já apresentado na introdução desta pesquisa. O livro de Hirsch não traz novas visões sobre uma memória de Chapecó e sim reforça a memória sobre o nome de Ernesto Bertaso e família enquanto fundadores de Chapecó.

Podemos aqui refletir enquanto memória algo que constrói e reconstrói o passado a partir do presente. Nesse sentido, devemos ter em mente que Hirsch constrói uma narrativa de memória a partir do grupo social do qual faz parte, pois, assim como sustenta Halbwachs, mesmo que determinados eventos aconteçam somente com o indivíduo, nunca estamos sozinhos e assim nossas lembranças são lembradas no coletivo, do grupo social em que está inserido naquele momento (2008, p. 30-32). Essa obra, apesar de ser dedicada à família, é publicada com um direcionamento para a comunidade local. O livro foi vendido largamente em várias livrarias da cidade de Chapecó e teve diversos exemplares disponíveis na biblioteca municipal da cidade. Durante os períodos de comemoração de aniversário do município há dificuldades de se encontrar o livro disponível para empréstimo devido à alta procura, muitas

⁵¹ Em conversa informal com Carla Grace Medeiros Hirsch, esposa de Claudio Hirsch, filho de Maria Adelaide Pasquali Hirsch, afirmou que foi no pós-morte de Maria Adelaide que grande parte dos documentos da família Bertaso foram doados ao CEOM.

⁵² O livro foi baseado nessas fontes doadas ao CEOM e também em alguns outros documentos que provavelmente permaneceram com a família, pois não estão anexados no mesmo arquivo que foi ao CEOM.

vezes motivada por atividades das escolas locais que nessa época abordam a história do município com os alunos.⁵³ Ou seja, essa obra biográfica reconstrói e reforça a memória de Chapecó, do espaço social ao qual foi escrita e destinada/lançada. Refletimos acerca desta hierarquização a partir da conferência de Michael Pollak, *Memória e identidade social*, que aponta o seguinte: “a elaboração desse tipo de memória implica um trabalho que consiste na valorização e hierarquização das datas, das personagens e dos acontecimentos.” (1992, p. 205). O livro de Hirsch elabora uma memória familiar que se “enquadra” numa memória pública da colonização e, ao mesmo tempo, ajuda a reforçá-la. E, nesse aspecto, como também acentua Pollak, “o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento.” (1992, p. 206).

Dessa forma, a construção dessa memória procede a uma “composição do passado” que diz muito a respeito das identidades e aspirações do momento de produção do livro, pois, como afirma o historiador Alistair Thomson ao discorrer sobre a recomposição da memória:

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que lembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais (1997, p. 57).

O livro de Hirsch reforça o poder das elites inserindo mais uma vez o nome Bertaso à frente de uma memória, sob um ponto de vista, sobre a construção de Chapecó.

Dessa forma, pudemos observar que a coleção particular da família Bertaso presente no arquivo do CEOM transcendeu as funções que tais documentos desempenharam para membros da família. No caso do livro de Maria Adelaide Hirsch, a autora recorreu a diversos documentos – tantos os depois doados como outros que ficaram em posse da família – que foram utilizados na construção de uma memória hegemônica acerca do colonizador Ernesto Bertaso por meio de um livro biográfico. Tal produção biográfica recebeu apoio social na comunidade/cidade de Chapecó. Contudo, ao integrar o CEOM, parte do acervo documental da família Bertaso se tornou passível de análises e estudos por cientistas sociais, historiadores e outros pesquisadores, permitindo a produção de conhecimento histórico crítico acerca do cotidiano familiar e das relações sociais e de poder das elites locais.

Após trazer elementos sobre as trajetórias desta família no Sul do Brasil, os fatores relacionados aos investimentos culturais, sociais e financeiros da família, entre eles os

⁵³ Trata-se de uma experiência que tive em visita a biblioteca no ano de 2018, no ano que o município completava 100 anos desde a colonização, fui buscar na biblioteca o livro de Adelaide e tive dificuldade de acessá-lo devido a diversas reservas feitas por alunos das escolas do município.

investimentos e sentidos dados à educação dos filhos, e apresentar a composição do acervo de cartas enviadas dos internatos, nos próximos capítulos iremos discutir, por meio das correspondências de Serafim com os pais e irmã, a construção subjetiva dele em meio às relações com a família a partir da escola, como ele se posiciona e se relaciona com a família, as estratégias de cuidado com os filhos e o que buscavam neles ao mandar para colégios internos.

CAPÍTULO II: NAS TEIAS DA FAMÍLIA: SERAFIM BERTASO EM MEIO ÀS RELAÇÕES FAMILIARES NA INFÂNCIA E NA JUVENTUDE

Neste capítulo gostaríamos de explorar a relação epistolar de Serafim com a família. Em vista da saída de Serafim da casa de seus pais para estudar em colégios interno, há um processo desse menino em se acostumar à nova rotina e ao cotidiano na escola, ao mesmo tempo em que tenta manter a proximidade com a família por meio das correspondências.

O foco, entretanto, é a infância e a adolescência de Serafim construídas nas cartas à família. Assim, buscamos explorar a infância vivida a partir de sua própria narrativa e perspectiva, elementos dessa escrita infantil aos pais e as relações estabelecidas com a família. Nas reflexões de Anete Abramowicz sobre a Sociologia da Infância descreve que

A fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político. Já sabemos que são os adultos quem falam das/sobre as crianças e que isto faz parte de uma das linhas do processo que chamamos de socialização. É o adulto quem fala na nossa hierárquica ordem discursiva. É importante destacar que não há algo na fala das crianças que seja excepcional ou diferente (apesar de que pode casualmente até haver), mas, a criança ao falar faz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas (2018, p. 376).

É por meio da narrativa da criança e jovem Serafim que se inverte a hierarquia narrativa, e por meio do olhar do próprio sujeito na infância temos acesso à subjetividade e detalhes que sob o olhar do adulto são ignorados. É na narrativa de Serafim ao longo dos anos da infância e juventude que fica claro um processo de amadurecimento e moldagem em razão da saída de casa e das vivências na escola. Dessa forma, tomamos como ponto de partida a noção de que “[...] as crianças, adolescentes e jovens são portadores também de agência” (AREND; MOURA, 2020, p. 53). Assim, essa perspectiva e as fontes tornam possível realizar uma história da infância a partir dos relatos da própria criança, algo que muitas vezes não é possível, tal como identifica Mary Del Priore: “a história da criança simplesmente criança, suas formas de existência cotidiana, as mutações de seus vínculos sociais e afetivos, sua aprendizagem da vida através de uma história que, no mais das vezes, não nos é contada diretamente por ela.” (PRIORE, 2018, p. 15).

Além disso, buscamos identificar a função social de Serafim dentro da família, como se posicionava em relação a ela. Nesse sentido, estivemos sempre que possível colocando Serafim em razão da idade, por isso nossa divisão do capítulo dar-se em duas partes, a

primeira sobre a infância e a segunda parte sobre a juventude. Pois como apresenta Ana Silvia Volpi Scott, é “em função da idade, [que] se assinalam diferenciados e papéis desiguais entre os integrantes da família” (2020, p. 24-25). E, portanto, tentamos demonstrar as diferentes relações de Serafim com os integrantes da família, como filho, irmão, amigo, herdeiro, para, assim, identificar seu posicionamento e papel que assume para si nas cartas (SCOTT, 2020, p. 27).

Nas cartas de Serafim é possível identificar a relação do seu cotidiano familiar e a construção também de sua memória com o passado familiar, dos dias em que morava com os pais, e devido a isso, diversas vezes o menino elabora cartas emotivas, nas quais demonstra as saudades e dificuldades em se acostumar à distância com a família. Como apontaram as historiadoras Esmeralda Blanco B. de Moura e Silvia Maria Arend, é preciso mostrar com maior vigor “[...] as crianças das camadas médias e abastadas da população, crianças sobre as quais muitas vezes repousa a pressuposição de que, por oposição às desprovidas de recursos, partilham de um mundo em que a infância corresponde a um ‘estado de felicidade natural.’” (ARENDE; MOURA, 2020, p. 53-54). Essa pesquisa por meio das cartas de uma criança de elite permite perceber também esse movimento de tristezas, solidão, que dizem sobre a subjetividade de Serafim e de suas relações. Nesse processo, busca-se observar também como se desenrola o pacto epistolar, como Serafim se coloca nessa relação, se o pacto era ou não efetivado e mantido com a mesma intensidade pelos escreventes, pois, o pacto epistolar se mantém “através da troca de informações e de notícias”, implica “num ‘dever de resposta’ para estas ‘conversas’ à distância.” (DE PAULA, 2012, p. 847). Ou seja, caso Serafim sentisse que gastava mais tempo na redação das cartas do que seus pais, poderia sentir-se lesado em relação ao pacto, e vice-versa.

Por fim, é por meio da narrativa que Serafim se constrói, e elabora sua subjetividade. Dessa forma, buscamos identificar os aspectos de produção das identidades narrativas de Serafim com cada membro da família: pai, mãe e irmã. Na perspectiva proposta por Leonor Arfuch, em sua leitura sobre o conceito formulado por Paul Ricoer, é apontada a possibilidade de diferentes construções identitárias do sujeito quando narra sobre o eu em diferentes espaços biográficos e diferentes destinatários (ARFUCH, 2010, p. 127-129).

2.1 O MENINO SERAFIM NAS CORRESPONDÊNCIAS FAMILIARES (1920-1922): SUBJETIVIDADE E INFÂNCIA

Em 1920 Serafim inicia sua troca de correspondências com a família como forma de diminuir a distância e as saudades e de manter a comunicação. Serafim até então nunca havia se afastado da casa dos pais, e passava boa parte do tempo com sua mãe e o núcleo familiar. Mas agora, em 1920, entre os 11 e 12 anos, Serafim que ainda era considerado criança, se afastava de casa e das brincadeiras comuns entre amigos próximos para estudar noutro local longe da família, assumindo algumas responsabilidades. Sua entrada no novo colégio, agora um internato, ocorre nesse momento de crescimento sob a consideração de que ele deveria focar em seus estudos e aprendizado.

Uma questão que chama atenção, ao se lidar com as experiências de Serafim Bertaso a partir de uma perspectiva da história da família, é o precedente da irmã mais velha, Elza, que havia saído de casa antes para estudar e com apenas 9 anos, enquanto Serafim sai já com 11 anos, uma diferença de três anos. Contudo, ambos haviam sido alfabetizados e recebido uma educação já antes de ir para os colégios internos, o que atesta a própria existência de cartas escritas por eles nos respectivos anos em que entraram nesses internatos. Pudemos constatar que Serafim recebeu uma educação em colégio local em 1919 com 10 anos onde os pais residiam, para no ano seguinte seguir os estudos em colégios internos; Elza, aos 9 anos em 1914, estudou em colégio na cidade de Bento Gonçalves e, para tanto, residiu com os avós maternos; ou seja, ela já havia estudado num colégio longe dos pais ainda no Rio Grande do Sul antes de iniciar os estudos no colégio interno de Nossa Senhora do Bom Conselho em Porto Alegre-RS, em 1915 (HIRSCH, 2005, p. 37-45).

A primeira carta preservada enviada por Serafim aos pais está registrada com a data de 23 de junho de 1920. Ela foi remetida de Curitiba-PR e foi escrita em papel com timbre de uma empresa chamada “Compradora [...]omão Guelmann”. A carta, portanto, não foi escrita a partir da escola. Na carta ele menciona a tia, de quem talvez tivesse obtido o papel, e indica estar respondendo a uma carta recebida de sua mãe, o que demonstra já haver uma troca de correspondências ativa anterior. O assunto gira em torno de sua saúde e estudos, que ele liga ao fato de sua tia ainda não ter costurado o uniforme (ele menciona “farda”): “[a tia] ainda não fes a farda porque ella não achou o brinn.” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. [carta] à mãe. Curitiba: 23 de junho de 1920).

A historiadora Ana Maria Mauad, ao discorrer sobre crianças da elite imperial no Brasil no século XIX, aponta que no convívio diário das crianças, além da responsabilidade integral da mãe, outros personagens principais giravam em torno do mundo da criança: o pai,

a avó, e as tias⁵⁴ (MAUAD, 2018, p. 16). Assim, quando Serafim traz esse relato, ele apresenta as responsabilidades para com ele ligadas à tia, que era o vínculo familiar mais próximo e que cuidava dele na ausência da mãe, presumindo a sua preocupação com ele. Apesar de se tratar de épocas diferentes, as elites dos séculos XIX e XX mantêm essa lógica da mãe no centro dos cuidados dos filhos e da casa, auxiliadas pelas tias e avós das crianças; a figura do pai ainda se mostra mais distante do cuidado com as roupas das crianças.

Como mencionado no capítulo anterior, as escritas epistolares produzidas por crianças eram, geralmente, acompanhadas por um adulto, para que, entre outras razões, elas soubessem o que seria relevante escrever, para não tratarem de assuntos inadequados ou mesmo para que cuidassem com a redação. No primeiro ano em Curitiba, Serafim relata ter ficado alguns fins de semana na casa de parentes. Esse dado pode ser percebido pelo fato de que geralmente suas cartas contêm informações sobre sua tia Ilda e de seu primo Ari, tal como observado nas cartas de 23 de junho, como já apresentado, ou na carta de 6 de julho em que escreve “o seu Maia veio aqui no collegio me buscar para sair e deixaram eu estar em casa da titia”⁵⁵. “Seu Maia” provavelmente era o sócio de Ernesto Bertaso na empresa colonizadora *Bertaso, Maia e Cia*.

Na terceira carta preservada de 1920, podemos observar expressões de forte saudade de casa que já estavam presentes na primeira carta de Serafim e que são repetidas e reforçadas nas posteriores. Várias delas apresentam, no início ou no corpo do texto, frases como: “estou com saudades de todos de casa”, como na carta acima. Contudo, nesta carta há um detalhe interessante: o assunto saudades muda repentinamente para “quero estudar bastante para tirar boas notas”. Não é por acaso que Serafim constrói essa narrativa. A mudança do assunto saudades para a qualidade e esforço escolar é o modo como ele expressa o desejo de satisfazer à expectativa da família, como forma de compensar as saudades de casa, uma maneira de “fazer valer a pena”. Na sequência, ele insere perguntas diretas sobre os irmãos/parentes – aqui também transparece o sentimento dele de estar sendo privado daquele convívio – mesmo que às vezes ele fosse conflituoso. Depois ele adiciona a frase “não me falta nada” – ou seja, ele presume que a família está ali para lhe prover materialmente, caso necessário. Por fim, na

⁵⁴ Além disso, Mauad insere que havia uma variedade de coadjuvantes no cotidiano dessas crianças de elite “preceptoras, aias, amas, damas, açafatas, retretas, fâmulas, pajens, etc.” e atenta que “quanto mais ricos e nobres, na escala social, tanto mais distante dos pais estavam as crianças”.

⁵⁵ O coronel Manoel Passos Maia, segundo Hirsch (2005), era responsável pelas negociações políticas e financeiras da sociedade. Este também foi prefeito nomeado de Chapecó entre 1922 e 1929). Em 1924 assumiu como Delegado Regional de Polícia da região oeste catarinense, com sede em Cruzeiro/SC (atual município de Joaçaba), além de ter sido eleito durante dois mandatos como deputado Estadual de Santa Catarina. Informações vide site memória política: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/663-Manoel_do_Nascimento_Passos_Maia. Acesso em: 11 fev. 2021.

despedida ele demonstra gratidão – “de teu filho sempre grato”. Aqui, e em toda a carta, ele se move a partir da posição hierárquica ocupada dentro da família – a do filho submetido à autoridade dos pais, que também lhe proveem, que investem em sua educação formal e que, por isso, também cobram.

Nessa e noutras cartas de 1920 podemos perceber alguns conflitos experimentados por Serafim: ele aparenta estar sempre dividido entre a gratidão pelo que recebe materialmente da família e a resignação por estar inserido numa escola que lhe priva do convívio direto com a família e os amigos que deixou em sua cidade. Ele não vivencia essa privação como algo tranquilo. Talvez tal sentimento estivesse ligado à noção de família, como demonstra a historiadora Ana Silvia Scott, que passa a crescer no século XX: “a intimidade passou a ser enaltecida e a vida familiar ideal era agora aquela do ‘lar doce lar’, em que os membros da família encontravam em casa a ‘proteção’, o ‘aconchego’ e a ‘higiene’ que contrastavam com as ‘agruras’ e a poluição do mundo exterior.” (SCOTT, 2014 p. 17). Serafim que ainda criança estava sendo privado dessa proteção e aconchego familiar, e experimentava o cotidiano do mundo externo, mesmo assim, julgava dever sentir-se grato com a oportunidade em estudar que estava sendo garantida a ele pela família.

Além da preocupação com as antigas relações interrompidas pela distância, Serafim coloca aos pais sua insatisfação com a vida no colégio interno, em especial com a alimentação. Ele reclama que lá deve comer mais “bicho” do que feijão. Mas ao final da carta ele se coloca na posição de agradecido pela vida que os pais lhe fornecem: “de teu filho sempre grato Serafim”, se colocando novamente à posição de filho dentro da estrutura familiar. Desse modo, Serafim coloca sua tristeza de não comer mais a comida gostosa, de poder brincar com o irmão e amigos ou mesmo de estar com a família. Ele está mais solitário, mas ao mesmo tempo agradece e compreende esse afastamento como uma necessidade, para que tenha uma boa educação. É um conflito entre a razão e os sentimentos, em que, por diversas vezes, os sentimentos se mostram com mais clareza.

Essa relação experimentada e exposta nas cartas de Serafim pode ser entendida mais claramente quando analisamos a partir das “idades da vida” ou etapas da vida, pois na sociedade moderna brasileira a relação da família, pais e filhos, estava moldada e era gerida pelo fator da idade. Leila Maria Ferreira Salles, que faz uma revisão bibliográfica analítica sobre a infância e juventude para compreender os aspectos sociais da infância em relação ao adulto, demonstra que diversos estudos da área da psicologia e socialização sobre infância e

juventude no século XX perceberam as mudanças de comportamento dos adultos frente às crianças, e concluiu que:

A criança e o adolescente são submetidos às ações das agências socializadoras que os preparam para atingirem a razão e a maturidade. Dessa forma, as etapas da vida se hierarquizam e o desenvolvimento adquire uma meta: tornar-se adulto, pois só o adulto sabe conduzir sua vida (SALLES, 2005, p. 36).

Assim, havia uma hierarquia que seguia da infância à velhice, na qual a criança e o jovem, por não serem adultos, eram cuidados e geridos pelos pais adultos e outros membros familiares mais velhos, tais como avós e tios.

É necessário ressaltar que a escrita de cartas por crianças não significa que seja uma escrita livre, pois, como conclui Mignot: “a escrita infantil está sempre, de um modo mais forte ou mais tênue, submetida às normas, ao controle do adulto, sejam os pais ou professores, controle este que pode aparecer tanto sob a forma de incentivo quanto de correção.” (2013, p. 244). Ou seja, as crianças escrevem levando também em consideração determinados padrões e normas pré-estabelecidas que geralmente condizem com relações de poder na família. Exigências e cobranças são colocadas por seus pais e escola, instituições (família e escola) responsáveis pelos cuidados da criança. Quando Serafim expressa seu descontentamento e tristeza, ele apresenta “resistência” com o que lhe foi imposto: a distância familiar e a nova rotina escolar. Judith Revel identifica que, para Foucault, a noção de resistência “trata-se de descrever a maneira pela qual o indivíduo singular, por meio de um procedimento que é, em geral, de escritura, conseguiu, de maneira voluntária ou fortuita, ‘escapar’ dos dispositivos de identificação, de classificação e de normalização do discurso.” Mas que, também emprega, não é “fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder.” (REVEL, 2005, p. 75-76). Contudo, ao final da carta, ele reitera a gratidão com a mãe assinando como “seu filho sempre grato”.

Como em algumas cartas de 1920, às vezes os sentimentos relacionados ao afastamento da família são expressos de forma direta e sem rodeios, como na carta de 6 de julho de 1920: “[...] cha te escrevi 2 cartas não recebeu nenhuma delas fiquei muito sentido de não receber nem uma delas na primeira carta que eu recebi da cenhora não pude me contentar de não chorar pois sinto saudades pois nunca estive tão longe de casa.” (CPFIB-CEOM. BERTASO, Serafim. carta [à mãe]. Curitiba: 6 de julho de 1920). Além de escrever ter

chorado de saudades, há um forte desapontamento por não terem respondido ou recebido suas cartas. Neste trecho, Serafim se refere diretamente à sua expectativa de recebimento de cartas da família. Diante do distanciamento geográfico e de sua dificuldade em se adaptar à nova situação, demonstra depositar muita expectativa no recebimento de respostas. Nesse sentido, Antonio Castillo Gómez, ao analisar modelos e práticas epistolares na Espanha aponta que “[...] o desejo de receber notícias, de obter resposta, conforma uma das expressões mais habituais no discurso epistolar”. (2002, p. 24).

Mas além disso, é interessante que apesar da mãe obviamente saber que Serafim nunca tinha estado tão longe de casa, ele enfatiza esse fato em sua carta como forma de ressaltar o grau de saudades de casa. Como aponta Teresa Malatian, em relação às cartas familiares, “os papéis familiares desempenhados pelos missivistas constituem referentes que conduzem a correspondência segundo geração, sexo ou situação econômica” (MALATIAN, 2015, p. 207). É necessário entender que há no meio familiar diversas normatizações que buscam regularizar as ações dos sujeitos, especialmente sobre os filhos. Como já apresentado, os filhos deveriam obedecer aos pais e outros adultos da família. No caso das cartas de Serafim, o que e como ele escreve à mãe guarda relação direta com os seus papéis dentro da família. Como filho e subalterno, sob os cuidados dos pais, ele reconhece seu lugar na família, aos quais deve obediência. Contudo, ele também exerce agência ao reclamar, expor sua tristeza e afirmar a excepcionalidade em que vive agora. Conforme Félix Guattari e Suely Rolnik definem, “a subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social.” (2011, p. 40). Serafim estava desenvolvendo no espaço social, nas relações com a família e outros sujeitos sua subjetividade.

A expressão da dor associada à separação é assim apontada por Geneviève Haroche-Bouzinac ao discorrer sobre correspondências de adultos: “a carta pode tornar-se sinal insuportável de dor, pois sua existência, por si só, fala da dor, da separação” (2016, p. 107). Quando Serafim expressa que não pode “contentar de não chorar” revela primeiramente a tentativa de controlar a emoção, mas que não foi contida, o choro revela a tristeza e saudades que sentia naquele momento. Mesmo que as emoções expressas pelo indivíduo na sua escrita possam conter exageros, ou controle sobre a realidade objetiva externa (como ato de chorar, ou sorrir, demonstração das emoções), essa escrita da emoção ajuda a “desvelar a realidade subjetiva do escritor da fonte.” (ROSENWEIN, 2011, p. 31). Serafim em suas cartas à mãe

naquele momento tentava evidenciar o sofrimento com a distância, sujeito que reconhecia seu lugar como filho, criança em separação familiar. A troca de correspondências para Serafim nesse momento parece ser apreendida enquanto uma promessa feita pela família. O não recebimento de cartas conforme a sua expectativa lhe faz expressar a sensação de abandono.

O pronome de tratamento dado por Serafim à mãe – “a senhora” –, demonstra uma escrita deveras respeitosa com ela, um trato muito comum nessas camadas sociais da época, demonstrando uma relação vertical entre pais e filhos, como na relação entre adultos com os menores. Já havia percebido isso Antonio Castillo Gómez: “a linguagem e a cortesia, inseparáveis, são aspectos fundamentais do discurso epistolar e, por fim, da distinção como uma prática inequívoca da sociedade cortesã” (2002, p. 35).

Se colocarmos essas primeiras cartas de Serafim em contraste com as cartas de sua irmã Elza Bertaso, mais alguns detalhes podem ser debatidos. Em 1914, Elza tinha 9 anos e morava em Bento Gonçalves-RS com seus avós, onde estudava em um colégio em regime de externato. Nesse momento os pais, Ernesto e Zenaide, junto dos filhos Serafim, Jayme e Ary, moravam em Guaporé-RS e por causa disso a menina Elza remeteu cartas aos pais. Assim como Serafim, as cartas preservadas foram escritas dentro de casa, próximo de familiares, de forma menos formal que em cartas escritas depois a partir dos colégios internos. Como na carta a seguir, Elza utiliza um dos lados inteiros da folha para escrever “amizades?” e parte final de outra folha para escrever “lembranças” escritas na diagonal e de cima para baixo em letras grandes.

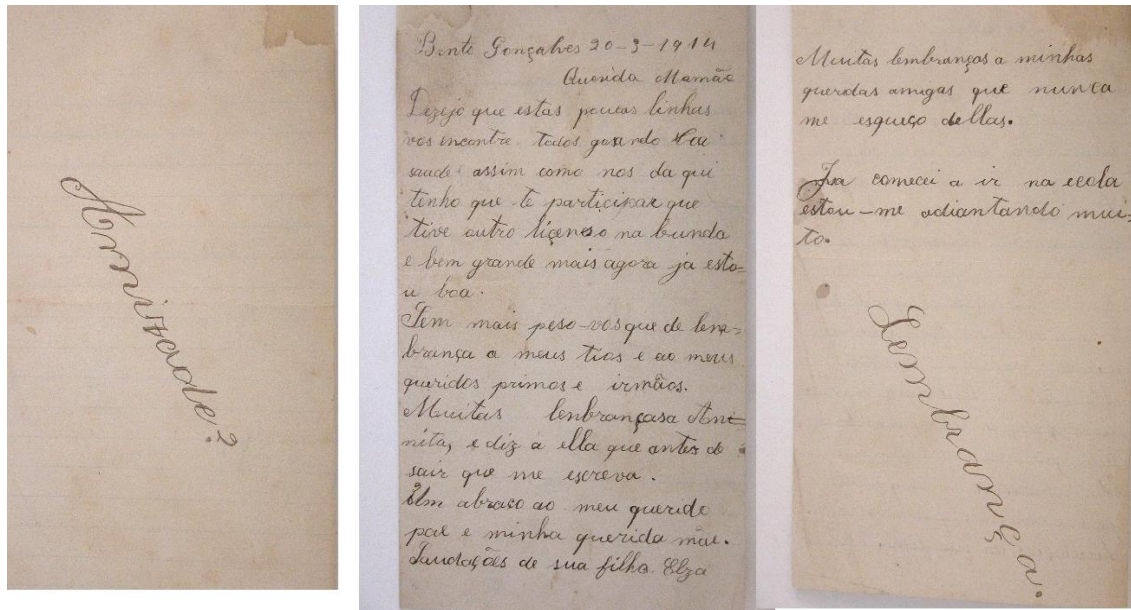


Imagem 2: Carta de Elza Bertaso à mãe. Palavra escrita na diagonal e outra de cima para baixo em letras grandes. 26 de março de 1914

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Uma semelhança entre as cartas de Elza e Serafim, no primeiro ano de cada um fora de casa⁵⁶, é como ambos expressando sentimentos de maneira mais aberta do que nos anos que se sucedem. Serafim colocava em todas suas cartas que sentia saudades, inclusive escreve que teria chorado ao receber uma carta da mãe, como já visto. Elza, como na carta citada, usa boa parte do papel para escrever apenas uma palavra: “amizade”. Talvez fosse o que ela mais estivesse pensando naquele momento, nas amigas, nos amigos, nas lembranças de casa, imprimindo na carta com seus sentimentos. Elza pede à mãe que “mande lembranças a minhas queridas amigas que nunca me esqueço delas”, demonstrando estar preocupada com suas amizades deixadas na cidade em função de seu deslocamento para outra cidade. É o que sugere ao escrever “amizade?” com um ponto de interrogação a final.

Na relação de Serafim com a família, podemos notar também, em diversas cartas de 1920, a menção à lembrança de brincadeiras com os irmãos e amigos na cidade onde morava a família. Serafim relembra, na carta de 13 de julho inserida anteriormente, constantemente de seu irmão Jayme, seu companheiro nas brincadeiras, que agora brincava com outras crianças em Guaporé. Serafim pergunta como vão essas novas relações do irmão. Ele expressa, assim, uma falta, a falta do convívio com o irmão e amigos.

A historiadora Maria Rosa Rodrigues de Camargo, em artigo *escreva-me urgente*, analisa o gênero discursivo de cartas trocadas por duas amigas adolescentes: “não é

⁵⁶ Período esse em que Elza morava com familiares, e Serafim próximo de familiares.

propriamente a carta o laço; é o pedaço de papel, as lembranças que afloram, e com elas o sentimento e a emoção de momentos passados, que também são laços. A carta é o veículo. A escrita, modos de ser. E a leitura, modos de ler.” (CAMARGO, 2000, p. 227). No caso das cartas familiares de Serafim, pode-se considerá-las não somente como maneira de buscar tratar de assuntos com a família, mas uma forma de manter os laços afetivos, se aproximar e não se sentir tão distante da realidade que há no “outro lado” da carta. Por isso, quando Serafim pergunta se “a bola do Jayme ainda resiste” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 8 de Agosto de 1920) ou quando pede à mãe: “diga ao Jayme que quando eu ir para casa eu quero entrar no club é o Jayme o dono do club?” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 6 de setembro de 1920) ele demonstra vontade em estar participando do cotidiano de brincadeiras com o irmão. A consultora e especialista em brinquedos e jogos, Raquel Zumbano Altman, após fazer uma análise dos brinquedos das crianças na história do Brasil, reflete que “por meio dos jogos, a criança manifesta suas emoções. Estabelece ligações sociais, descobre sua capacidade de escolher, decidir e participar” (ALTMAN, 2018, p. 254). Serafim estava distante das brincadeiras que antes tinha com o irmão e primo, mas tenta se aproximar e busca participar delas por meio das cartas e da memória. Como escrevem Oswaldo Truzzi e Maria Izilda Matos em seu artigo *Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930)*, o “ter saudade implica uma experiência de memória.” (2015, p. 267). Por ser ainda criança, Serafim estava inserido nessas relações e atividades ligadas ao então cotidiano infantil. Falar sobre brincadeiras, sobre as amigadas e o irmão com quem mais brincava em casa eram assuntos que lhe interessavam e provavelmente a parte do cotidiano que mais fazia falta. Truzzi e Matos também refletem sobre expressar saudades:

Estando ou não nomeada, quantificada ou qualificada, a saudade perpassa todos esses escritos, denotando a experiência de afastamento e distância provocada pelos deslocamentos, mas sempre vinculada ao aprendizado de sentir e expressar *saudades*, já que se tem como pressuposto que os sentimentos não brotam naturalmente, são aprendidos histórica e culturalmente por códigos, regras e linguagens (2015, p. 272).

Outro elemento – as cartas à mãe cumprem a função também de fazer a ponte com o querido irmão – relações, assuntos e perguntas que antes eram feitas diretamente com os irmãos agora se tenta minimamente manter, na precariedade da distância, por meio da intermediação da mãe. Mais ainda, vemos uma mobilização social para manter os cuidados das crianças, dos filhos de Zenaide e Ernesto. Dessa forma, mobilizam, chamam a ajuda de amigos, familiares e sócios para manter o contato com os filhos, entregar dinheiro, mandar

notícias e verificar se tudo está bem. Às vezes, na carta, não se diz tudo, nem se resolve tudo, como poderemos ver numa situação mais adiante.

É necessário pontuar também que nas cartas de Elza do ano de 1914 se nota uma forte participação da família, como avós, tios e primos no seu cotidiano descrito nas cartas. Não é raro ela utilizar da carta para mandar notícias da avó ou mandar lembranças de algum parente que estava próximo a ela no momento, fazendo uma ponte entre os familiares. Vale citar a carta na íntegra que ela enviou no dia 18 de junho de 1914, pois nela podemos perceber tanto as relações familiares, o cuidado da tia e da avó e as suas próprias vivências durante esse momento da infância:

Querida Mamã

Espero que esta vos encontre todos gosando saude junto a familia da tia Ida. Nos aqui vamos indo bem graças a Deus.

O papai não veio me visitar, tinha preguiça de sertó? O papai me mandou o bebe. Era aquelle da Annita foi o tia Thelemaco que me trouxe. Fiquei muito contente com o bêbê é uma menina é de boça o nome della é Nanci a madrinha foi a Iryde e o padrinho foi uma amiga da Iryde se chama Albertina. A vóvó mandou fazer o casacão e vestidos de pelúcia.

Desculpe porque não escrevi antes porque aqui houve grande festa no dia de santo Antonio e por isso não escrevi Porque eu e a Julieta Govannini fomos de anjos na missa, e nesse mesmo dia a Iryde tomou a primeira comunhão a vóvó me fez as azas de setim branco enfeitadas com estrelas. Eno Domingo vamos outra vez, sem mais receba um abraço de vossa filha Elza Bertaso.

PS: a vóvó e o vóvô manda muitas lembranças e os titios tambem o vóvô comprou telefone e estão botando os fios.

Assim podemos falar (CPF-B-CEOM. BERTASO, Elza. Carta [à mãe] Bento Gonçalves: 18 de junho de 1914).

As cartas de Elza, nesses primeiros anos, portanto, não eram somente sobre ela, mas também sobre familiares, o que permite perceber como o cuidado com ela era compartilhado com familiares fora do núcleo familiar restrito pelos seus pais e irmãos, era aberto, assim, a tios e avós. Tal como a historiadora Teresa Malatian afirma no estudo das cartas familiares, as cartas nos permitem mapear “as redes de sociabilidade nas quais os indivíduos se inserem e os vínculos existentes”, passo importante para se compreender a “inserção social do remetente”. (MALATIAN, 2015, p. 203). Neste caso, a inserção social de Elza e Serafim em posições e vínculos familiares. Suas cartas têm também a função de serem um comunicador familiar. Devido ao local de onde escreve, a casa de familiares maternos, a menina insere em suas cartas diversos nomes, aos quais ela manda lembranças ou que tenham mandado por ela alguma notícia, pedidos etc. Nota-se, inclusive, que Elza opta nessas primeiras cartas em trocar o pronome “eu” por “nós” – “nós vamos indo bem” –, ou seja, ela escreve cartas se

inserindo nesse grupo familiar. A carta acima também traz outro aspecto do cotidiano que melhor situa socioeconomicamente esta família: a instalação de um telefone na residência do avô materno, demonstra tratar-se de uma família das elites de Bento Gonçalves – a mãe provinha de um núcleo familiar bem situado economicamente e que, assim, dava um suporte à família de Zenaide.

Em relação às cartas de Serafim do ano de 1920 – quando estava no primeiro ano de suas correspondências, assim como Elza em 1914 –, ele sempre escrevia suas cartas direcionadas à mãe, ela era sua principal (e talvez naquele momento a única) correspondente. Diferente da irmã Elza, ele menciona muito menos familiares, já que não morava com eles, mas ainda assim eles também estavam presentes em suas cartas. Entretanto, ele escreve sempre em primeira pessoa e quando escreve sobre outros, era para mencionar o seu cotidiano ou mesmo, como já discutido, demonstrar que a tia estava lhe cuidando, e uma vez para dar recado: “a titia está aborrecida de tu dizer que ella não te escreve, a Ilda te manda lembranças” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 29 de setembro de 1920). Um indício de que cartas também eram trocadas entre os adultos, nas quais também se escrevia sobre os cuidados com Serafim. As cartas aqui faziam parte das estratégias da família para mantê-la unida, a despeito do distanciamento visto como necessário para a boa formação escolar dos filhos. Como pode ser notado nos detalhes anteriores, Serafim faz pedidos, manda lembranças e, de certa forma, conversa também com outras pessoas do círculo familiar aos quais podem ser contatados pela mãe. A mãe provavelmente mandava recados também dos irmãos e amigos para Jayme, assim como recebia dele e mandava para os outros.

O que chama atenção nas cartas de Serafim desse ano é que de todas as 7 cartas enviadas por ele, apenas uma delas, justamente aquela de 13 de julho em que ele afirma ter sido auxiliado por Ari, é que ele não repete o pedido presente em todas as outras de que o pai o buscasse, como nesta carta: “diga ao papae que venha me buscar deis dias antes que eo quero ir fazer os anos em casa” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 23 de Junho de 1920). E em duas acrescenta ao pedido que “o papae arranje para vim morar em Curityba” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 8 de Agosto de 1920). São as saudades que lhe fazem pedir, na citação anterior, que o pai adiante sua vinda para pegá-lo, com a expectativa dele de voltar a estudar na mesma cidade da família e, na citação seguinte, de outra carta, que a família se mudasse para Curitiba – ou seja, na compreensão dele, se a escola era tão boa, por que o pai não poderia se instalar em Curitiba? Esse pedido também pode expressar um pouco quem o pai era para Serafim, aquele

responsável pelos negócios que geralmente não tem tempo para as cartas, mas de quem depende quando Serafim poderá voltar para casa ou onde a família irá morar. Serafim não hesita em fazer pedidos ou mesmo cobrar promessas do pai: “pergunte ao papae se ele esqueceu da promessa.” (CPFEB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 29 de Setembro de 1920). Aqui se nota que Serafim cobra a promessa do pai logo após ter pedido mais uma vez que ele lhe buscasse antes para passar o aniversário em casa. Conforme José Carlos Radin, as famílias de imigrantes italianos que ocuparam a região de Joaçaba-SC, nos anos de 1917 a 1970, eram configuradas a partir da lógica patriarcal: “o pai reservava-se o direito de decidir praticamente tudo. Por sua vez a mulher intervinha junto à educação dos filhos.” (1995, p. 75). E afirma que os “filhos, por sua vez, só tinham alguma participação nas decisões familiares ao se tornarem adultos.” (1995, p. 76).

Mas como aponta o psicanalista Sérvulo Augusto Figueira, ao desvendar as mudanças nas organizações familiares de classe média brasileira durante o século XX que passam, a partir de 1950-1980 a se “modernizar”, afirma que até 1950 as famílias de classe média no Brasil seguiam de certa forma o modelo de família hierárquica, ser filho significaria estar abaixo dos pais na hierarquia familiar: “na família hierárquica a identidade é, então, posicional: todos tendem a ser definidos a partir de sua posição, sexo e idade” (FIGUEIRA, 1987, p. 16). Serafim se posiciona enquanto filho dentro dessa hierarquia e configuração de poderes, além de reconhecer a figura do pai como o patriarca, aquele que toma as decisões sobre a família.

Serafim elabora agência ao obedecer, mas também ao cobrar por mais cartas, mais tempo com a família, por mais contato dos pais. O pedido que o pai o buscasse antes no colégio, já vinha sendo repetido durante meses, parecia ainda não haver chegado ao conhecimento do pai – ou se chegou, ele ainda não havia respondido se iria ou não o buscar – e Serafim percebe a necessidade de lembrar o pai de sua promessa, que aqui podemos deduzir que estava relacionada com a possibilidade de Serafim voltar para casa antes a fim de comemorar seu aniversário. Nesses momentos, no qual pede e cobra, se posiciona, ele atravessa sua posição de filho, demonstra uma agência.

Mas não é somente de relações de afeto e saudades que as cartas de Serafim à mãe são caracterizadas. Muitas vezes suas cartas também apresentam pequenos relatórios financeiros. Em 1920 ainda não há grandes ou claros relatórios de suas atividades escolares, mas ele demonstra a preocupação em justificar os gastos da família com ele. Geralmente são pequenas frases como “eu recebi os vinte mil réis” (CPFEB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]).

Curitiba: 6 de set 1920), ou quando apresenta seus gastos “eo comprei um bilhete por dois mil reis tem automóveis pianos e dinheiro” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe] Curitiba: 23 de Jun 1920). Serafim emprega diferentes funções para suas cartas, por vezes são para “matar as saudades”, outras para agradecer o recebimento de dinheiro ou não recebimento dele, para escrever como está indo no colégio, se está bem de saúde etc. Nesse sentido, Veronica Blas, em seu artigo *Escribir y servir: las cartas de una criada durante el Franquismo*, apresenta que “las funciones que las cartas desempeñan son tantas como diversas las situaciones y las razones que conducen a cada toma de la escritura, siempre em vinculación directa con la condición de quien escribe y las concretas motivaciones por las que lo hace” (BLAS, 2002, p. 125). Conforme Serafim cresce, passa por novas experiências e adquire habilidade de escrita, suas cartas apresentam novas funções, além disso seus relatórios sobre as atividades e desenvolvimento escolar se tornam mais claros e detalhados.

No ano de 1921, Serafim é transferido de escola, mudando-se para a cidade de São Paulo, onde passa a estudar no colégio Anglo-Brasileiro, permanecendo até 1922, o equivalente a dois anos escolares. Neste ano sua irmã Elza também estava estudando em São Paulo, mas no colégio Nossa Senhora de Sion, um colégio feminino também em regime de internato. Se em 1920 Serafim nem podia enviar cartas à irmã⁵⁷, agora em 1921 até 1922 os irmãos estavam na mesma cidade, o que facilitava a visitação entre os dois. Vale lembrar que os pais de Serafim moravam agora em Passo Fundo pelo fato de a cidade estar mais próxima da Sede de Chapecó, Passos dos Índios, pois Ernesto Bertaso mantinha suas viagens constantes, dentre elas, as visitas à colônia de Chapecó-SC, onde ainda não recebia correio. Em 1921 Serafim não estava mais próximo de familiares e, devido a isso, ficava aos cuidados de um correspondente que cuidava do garoto em momentos de recesso escolar. Era provavelmente alguém de confiança da família na cidade, sendo, em função disso, o responsável por Serafim enquanto o menino encontrava-se em São Paulo. Serafim também estava sob os cuidados da escola. Seu contato com a família estava limitado às cartas e às poucas visitas feitas por seu pai durante viagens de negócios na região.

A primeira carta preservada de Serafim naquele ano, datada de 22 de fevereiro, foi endereçada à mãe, num papel pardo simples. A carta inicia apresentando um pequeno relatório de viagem. Serafim havia chegado em São Paulo com o pai e a irmã e, por isso, sua escrita muitas vezes refere-se ao plural “nós”:

⁵⁷ Essa questão será abordada com mais atenção no tópico seguinte, contudo, estudando as cartas escritas por Elza em 1920, pudemos notar pedidos dela à mãe sobre o irmão Serafim, nos quais deixou a entender que somente os pais podiam escrever para ele durante o período em que estava no colégio.

Querida Mamã

Espero que esta te encontre com saude assim é de mim. Fommos muito bem de viagem foi só a Elza que enjo-ou. No domingo fomos passear de auto e fomos ao circo tinha Ellephante etc. a Elza entrou hontem no Collegio e noz fomez o cinema e eu vou entrar amanhã o papae gastou trez contos so para mim da lembrancãs para o Jayme e o Stanislão e o João. O primeiro dia que cheguei aqui comi de mais fomos passear de bonde e comecei enjoar no meio da cidade o papae esta dormindo e eu não sei o que dizer, resseba um abraço e beijo de teu filho Serafim (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. carta [à mãe], São Paulo: 22 fev 1921).

Notícias sobre a saúde, algo comum nas correspondências, quando trocadas entre correspondentes que têm mais intimidade, como observou Michel Foucault, adquirem importância maior aos sentidos, se referem às “relações-corpóreas” (FOUCAULT, 1992, p. 156). No caso das cartas de Serafim, isso é muito visível, como aqui, ao se referir aos enjoos da irmã durante a viagem e aos seus próprios, ao passear de bonde, por ter comido demais. Serafim se atenta em informar à mãe sobre sua saúde e de todos durante a viagem.

A referência aos passeios demonstra uma preocupação do pai em oportunizar aos filhos, naquele momento em que estavam prestes a, novamente, se separarem, de aproveitarem atividades de lazer disponíveis na cidade de São Paulo, um lugar e ambiente novos para Serafim. O pai, assim, abre as portas dessa grande cidade para os filhos, oportunizando a eles o que a cidade grande tem a oferecer para estas crianças prestes a entrarem num colégio de elite – cinema, circo, passeio de bonde etc. Ao escrever o valor de 3 contos gastos pelo pai, expressa tanto a estratégia do pai em agradar o filho e o contentamento de Serafim com a atitude. Por fim, Serafim demonstra não saber muito o que escrever, manda lembrança ao irmão e ao amigo, comenta mais um pouco sobre o passeio e encerra com “o papae esta dormindo e eu não sei o que dizer”. É possível que a carta tenha sido impulsionada a pedido do pai para mandar notícias à mãe.

A carta naquele momento tinha a função de informar e deixar a mãe despreocupada, assim como também esclarecer quando cada um dos filhos, no caso Elza e Serafim, iria entrar nas escolas: “Elza entrou hontem no Collegio e noz fomez no cinema e eu vou entrar amanhã [...]”. Nessa frase sem pontuação, a informação de quando Serafim iria entrar no colégio quase passa batido, apesar de a frase ter sido construída de maneira clara para ele. Como Elza já havia entrado no internato, Serafim e seu pai foram ao circo. No dia seguinte à escrita da carta, Serafim iria entrar no colégio. Ou seja, Serafim quer esclarecer o que fizeram enquanto a irmã ia para o colégio e porque ou quando vai entrar também.

A partir de sua entrada no colégio Anglo-brasileiro – segundo relato em suas cartas, ocorreu no dia 25 de fevereiro –, as cartas de Serafim e sua forma de se relacionar com a família se alteram gradativamente. Isso pode ser notado já na segunda carta enviada do colégio, com a data de 14 de março de 1921, conforme imagem a seguir:

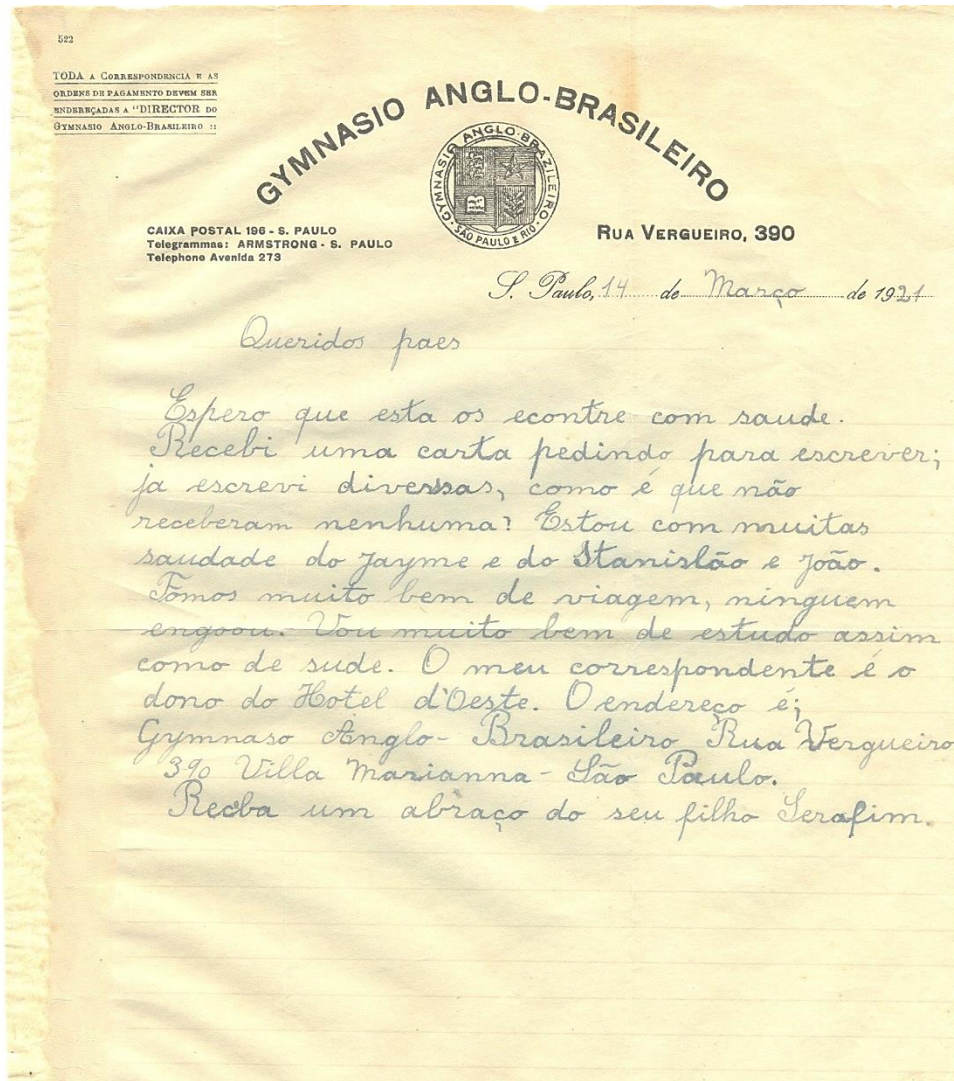


Imagem 3: Carta de Serafim Bertaso aos pais enviada do ginásio Anglo-brasileiro. 14 de março de 1921.

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM

Nesta carta podemos notar que Serafim não a remete somente à mãe, mas sim aos pais. Como será observado com maior atenção mais adiante, o papel timbrado demonstra a atuação da escola na comunicação entre alunos e famílias. Serafim ainda conversa sobre os mesmos assuntos com os pais, mas sua caligrafia aparece mais bonita, suas frases vêm melhor

pontuadas e não há erros ou rasuras no corpo do texto, a escrita também parece ser mais objetiva. Ainda nessa carta Serafim utiliza do espaço do texto para deixar o endereço do seu responsável e correspondente, dono do Hotel d'Oeste. Ele não era um familiar, mas conhecido de Ernesto Bertaso, talvez em razão de suas viagens de negócios para São Paulo, dado esse que evidencia a circulação de Ernesto como negociante de terras e que indica como sua rede de sociabilidades se estendia para muito longe do Rio Grande do Sul, perpassando diversos estados do Brasil, gerando relacionamentos que ultrapassavam os negócios.

Serafim demonstra novamente saudades, aqui do irmão mais novo, Jayme e de dois amigos. Com a entrada no internato, as brincadeiras em casa deixam de fazer parte de seu cotidiano durante o ano letivo e ficam na lembrança. Tal sentimento de proximidade afetiva com os amigos, as lembranças das brincadeiras, com o passar do ano vão diminuindo. Mais adiante são poucas as vezes em que Serafim pergunta sobre as brincadeiras do irmão e amigos, muitas vezes ficando só em frases padrão tais como “mande lembranças a Jayme ao Stanislão e ao João e outros amigos” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 23 abr 1921). Esse aparente afastamento de Serafim do irmão e de amigos não ocorre simplesmente porque esteja se afastando deles, mas provavelmente por estar entretido nas suas atividades cotidianas escolares. As cartas, assim, passam a ser mais preenchidas por relatos do seu cotidiano escolar, que se apresentam cada vez mais claros. Contudo, geralmente Serafim se atenta mais em contar sobre dias em que ocorreram atividades diferentes, como saídas, provas, folgas. Segundo Myrian Moraes Lins de Barros, numa análise a partir da interpretação de Maurice Halbwachs, a memória está associada ao meio social do indivíduo, “no ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência.” (1989, p. 30). O que se percebe aqui são cartas, agora em outro ambiente, na interação com a mãe, em que Serafim relembra das brincadeiras e de momentos compartilhados com a família. Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, defende que os acontecimentos, as ideias que lembramos com maior facilidade, estão no campo comum, ou seja, a memória é dividida com outros membros sociais, pois, para ele, “é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando o desejamos” (2008, p. 67). O que permite que entendamos os motivos que levam Serafim a lembrar com facilidade e expor essas lembranças ao se comunicar com a mãe. Essa memória não é somente de Serafim, se torna uma memória coletiva por ser lembrada pelo grupo social que Serafim pertencia naquele espaço. Serafim direciona em suas cartas essas memórias, pois, assim como também defende Halbwachs, “as

lembranças que nos são mais difíceis de evocar são as que dizem respeito somente sobre nós” (2008, p. 67), ou seja, escrever sobre seu recente cotidiano na escola se torna mais difícil de ser lembrado nas suas cartas, pois foi vivido apenas por ele.

No que se refere às relações com a família, aspecto deste item, um caso interessante é quando Serafim remete uma carta (uma das poucas) para o seu pai Ernesto e comenta estar chateado com ele, porque descobrira apenas pela irmã que ele estivera doente. Ele lamenta por ter passado os dias brincando enquanto seu pai sofria, demonstrando sentimento de culpa. Essa carta não possui o timbre da escola e aparenta ter sido enviada de fora dela, pois é mais longa que normalmente. Ela não foi endereçada “aos pais”, como era comum nas cartas com o timbre da escola, mas ao “Querido Papae”.

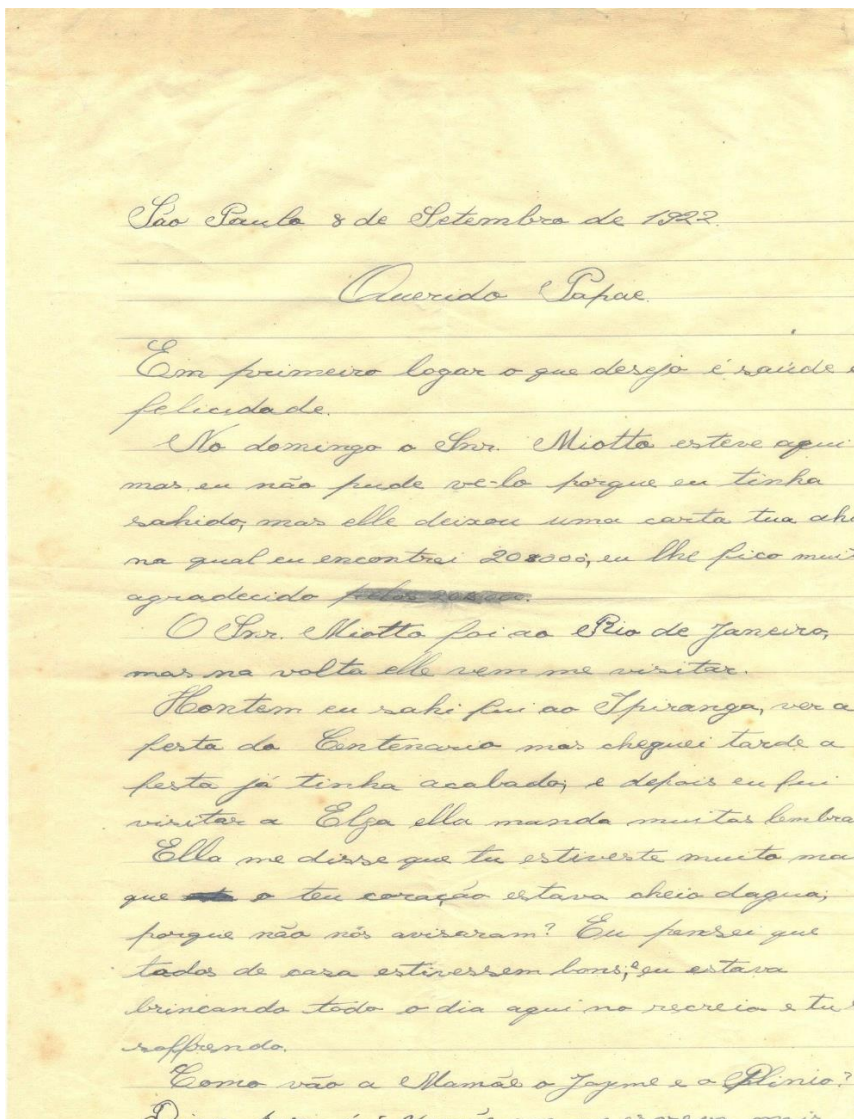


Imagem 4: Carta de Serafim ao Pai. São Paulo 8 de setembro de 1922.

Fonte: Coleção Particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

A carta acima possui algumas diferenças se colocada ao lado das cartas escritas com papel timbrado da escola, endereçadas à mãe e ao pai. É possível notar já de início que Serafim desenvolve outros assuntos, como fala sobre o “Sr. Miotto” e seu passeio no Ipiranga para participar de uma festa, e sobre a saúde debilitada do pai. Necessário observar a interação com o destinatário: trata-se de carta escrita e endereçada diretamente para o pai, Serafim atenta a assuntos que o interessem mais, estabelece a ligação entre ele e o amigo de confiança do pai, demonstra preocupação com o estado de saúde do pai. É possível perceber que Serafim comete diversas rasuras na carta, o que mostra que ele não criou primeiramente um rascunho.

Esta carta foi escrita com uma motivação apresentada de forma quase direta no desenvolver da redação. Inicialmente, Serafim fala sobre dois assuntos que parecem interessar ao pai. Informa sobre a visita do amigo do pai e agradece o envelope com um valor em dinheiro que recebeu dele: “no domingo o Snr. Miotto esteve aqui mas eu não pude ve-lo porque eu tinha saído, mas elle deixou uma carta tua ahi, na qual eu encontrei 20\$000; eu lhe fico muito agradecido pelos 20\$000”, o que demonstra a necessidade de terceiros, como o caso do Sr. Miotto, responsável tanto pela chegada de notícias da família como para entregar dinheiro às crianças.

Desde as primeiras cartas, Serafim toma o cuidado em relatar como tem estado sua vida escolar e situação financeira, compreendendo que os pais gostariam de saber mais do que sobre seu bem-estar. Enquanto família burguesa, os pais utilizavam as cartas como meio de verificar a dedicação e aproveitamento escolar de seus filhos que deveriam valorizar o investimento da família e se dedicar à escola. Fica evidente que a família Bertaso se aproximava dos ideais liberais ao buscar nos filhos a valorização do trabalho, estudo e dedicação para alcançar “bons frutos” e ascender economicamente. Serafim agencia essa relação com a família e escola, demonstra em seus relatos sua participação e dedicação com as atividades escolares, satisfazendo os desejos da família.

Serafim segue e escreve um pouco sobre as novidades e o passeio que havia feito no dia anterior e como tal passeio o levou a visitar sua irmã Elza: “hontem eu sahi fui ao Ipiranga, ver a festa do Centenário, mas cheguei tarde a festa já tinha acabado; e depois eu fui visitar a Elza ella manda muitas lembranças [...]”. Essa parte da carta é quase um rodeio, uma introdução para chegar ao assunto que Serafim parecia querer comentar, a saúde do pai que estava fraca e o fato de Serafim não ter sido informado pelos pais sobre o assunto. “Ella me disse que tu estiveste muito mal, que o teu coração estava cheio d’agua, porque não nos

avisaram? Eu pensei que todos de casa estivessem bons; e eu estava brincando todo o dia aqui no recreio e tu lá sofrendo.” É um pequeno lamento de Serafim sobre a desinformação sobre o pai, o sofrimento de estar vivendo normalmente enquanto o pai estava doente.

Verónica Sierra Blas explana que as cartas são fontes de grande importância por conta da construção da subjetividade de quem escreve para o leitor, pois, quando escreve, o sujeito está fazendo uma análise de si para o outro, a partir das experiências tidas com o destinatário, de sua visão sobre ele e da tentativa de descobrir a subjetividade do outro:

El sujeto de la escritura se construye para el lector, aunde manera inconsciente. A través de la carta afirma la consciencia de sí mismo, escribe su intimidad y explora la construcción de su propia subjetividad, empleando ésta como género indispensable, en cuanto al más adecuado, para reproducir la experiencia interior y para llegar a descubrir al mismo tierhpo la subjetividad del otro. Es la carta, por tanto, un producto de interacción entre el remitente y el destinatario, y ambos son protagonistas de la misma, porque de ambos aporta información (BLAS, 2002, p. 126).

Serafim também reproduz sua experiência interior e, ao mesmo tempo, busca descobrir a subjetividade do destinatário do pai, expressa não entender o porquê de não ter sido informado, cobrando assim uma maior participação nas informações importantes da família. Serafim quando escrevia ao pai ou à mãe, se colocava de diferentes formas e falava sobre diferentes assuntos com cada um, visto o que entendia interessar aquele seu destinatário no momento. Voltando à carta anterior, é interessante que ela não é rotineira pelo motivo de ser uma das poucas enviadas ao pai e ter sido escrita em papel diferente do comum da época, o que evidencia que Serafim sentiu pela saúde do pai, ou talvez mais ainda, por, entre tanta troca de correspondência com a família, uma informação importante não lhe ter sido mencionada.

Elza também remeteu uma carta ao seu pai com a data de 17 de setembro na qual informa também ter recebido 20\$000 réis além de falar sobre a notícia da doença do pai: “o Sr. Miotto me disse que estivesse muito doente. E eu não sabia de nada!.. Porque não me avisaram?” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Elza. Carta [ao pai] São Paulo:17 set 1922), demonstrando que a informação havia chegado pelo Sr. Miotto e esclarecendo que ambos os irmãos haviam sido informados quase juntos. Mas, mais que isso, dentre as 2 cartas guardadas de Ernesto Bertaso a Serafim, uma delas é justamente a que envia pelo Sr. Miotto. Na carta Ernesto não fala nada sobre sua doença, mas avisa que o Sr. Miotto estaria levando mais notícias para os filhos. Talvez Ernesto não quisesse demonstrar vulnerabilidade em falar sobre sua doença na carta, nem preocupar os filhos antes de estar curado. Importante salientar que

em 1919 o irmão de Ernesto havia morrido aos 39 anos de ataque cardíaco, dado que pode ter intensificado o medo e preocupação de Elza e Serafim em saber que o pai estava doente do coração. É um assunto muito caro a ambos os filhos, que os motiva a escrever diretamente ao pai.

Serafim conclui sua carta pedindo mais cartas da mãe e dos irmãos.

Diga para a Mamãe que me escreva mais seguido, porque si não eu fasso da moda da Elza só escrevo cartas quando recebe; e diga tambem que ella escreva uma carta mais ou menos como esta não de duas ou trez linhas. Diga ao Jayme e o Plinio que esprimentem me escrever uma cartinha para ver qual é o mais adiantado, mas não vá fazer para elles
 Dê lembranças a todos de casa.
 Sem mais queira aceitar um affectuoso abraço do inesquecivel filho,
 Serafim (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. carta [ao pai]. São Paulo: 8 de setembro de 1922).

Já que o convívio não é mais cotidiano, como antes, na casa da família, vê-se aqui a cobrança de Serafim, “diga a mamãe que me escreva mais seguido”, no sentido de tornar a correspondência mais frequente e intensa como forma de aliviar a ausência da família em seu cotidiano. A historiadora Teresa Malatian (2015, p. 207) distingue as correspondências dos “tempos mortos” – dos períodos normais, cotidianos sem novidades marcantes – e dos “tempos fortes” – que constituem datas festivas, aniversários, natal, ano novo etc. A correspondência do Serafim e para o Serafim diz respeito também (especialmente) aos tempos fracos, em que não há muitas novidades marcantes na vida cotidiana dele, mas, mesmo assim, ele espera um comprometimento maior da mãe com ele.

É nessa conclusão de carta que Serafim reforça sua tristeza com aquela relação epistolar, ou com o pacto epistolar que tem com a mãe e a família, mesmo tendo recebido a pouco uma carta do pai. Haroche-Bouzinac assim reflete quanto ao que chama de pacto epistolar: “a cláusula mínima e essencial para este acordo é simplesmente que haja resposta. O impulso deve ser recíproco” (2016, p. 126). Quando ameaça fazer como Elza, não escrever aos pais enquanto não recebesse cartas primeiro, Serafim demonstra que não está satisfeito em como a troca epistolar tem se desenvolvido, sente que investe mais tempo em suas cartas do que os pais, explicita o desequilíbrio nesse acordo epistolar provavelmente feito e sempre renovado quando deixava a casa dos pais depois das férias. E também reforça que não era só ele que reclamava da falta de cartas, sua irmã também já havia sentido pela falta de respostas: “todos os dias estou esperando cartas de casa, faz quase um mez que não recebo cartas de casa.” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. carta [aos pais]. São Paulo: 24 de maio 1921).

Contudo, o próprio Serafim escreve cartas curtas e por vezes acaba se justificando – talvez por cobranças da família – que suas cartas curtas se dão pela falta de novidades: “as minhas cartas são muitas curtas, porque aqui no collegio não há novidade” (CPFEB-CEOM. BERTASO, Serafim. carta [aos pais]. São Paulo: 28 de maio de 1921), questão essa que perpassa sua relação com a escola a ser explorada no tópico a seguir.

Por fim, ele pede também que seu irmão e Plínio lhe escrevam, mas que a carta fosse realmente escrita por eles e não pela mãe. A escrever isto, fica claro que a mãe é a principal responsável pelas cartas aos filhos, numa tentativa de alargar o seu círculo de correspondentes dentro da própria família. E ainda encerra sua carta com um “afetuoso abraço do inesquecível filho”, reforçando, com a autoidentificação “inesquecível filho”, a cobrança para que a família se lembrasse dele.

Assim como nessa carta, e em tantas outras escritas por Serafim nos anos de 1920 a 1922, ele faz diversas perguntas à mãe sobre membros da família, como forma de puxar conversa e matar as saudades de casa e daqueles que gosta. Serafim fala especialmente dos familiares ainda crianças, tais como Jayme e Plínio já presentes em outras cartas. Plínio era o primo que morava junto com os Bertaso devido ao falecimento de seu pai, Francisco, em 1919; como também Edda e Nilo que eram os filhos de Passos Maia, sócio de Ernesto Bertaso, que naquele momento moravam em Guaporé-RS. É possível perceber a grande mobilidade tanto de Ernesto como da família de seu sócio devido aos negócios da colonizadora.

Infelizmente não temos muitas cartas recebidas por Serafim de seus pais, somente duas que recebeu do pai Ernesto e outras duas da mãe Zenaide, todas de 1922. Elas resistiram por terem sido levadas com ele de volta ao final daquele ano, quando ele retorna para a casa dos pais.

Das cartas escritas por Ernesto, ambas remetidas de Passo Fundo-RS, uma delas foi escrita com caneta tinteiro com uma bela caligrafia e outra com máquina de escrever, usual na sua correspondência comercial. Diferente de Serafim, Ernesto Bertaso era menos formal com o filho e até mesmo demonstra certa intimidade e tranquilidade ao falar sobre assuntos familiares. Ernesto escreve no plural, como se falasse por ele e Zenaide. Também usa o pronome possessivo no coletivo para escrever sobre o irmão de Serafim, Jayme, que aproxima ao círculo dos três ao representá-lo com “nosso amigo”: “o nosso amigo Jayme vae muito bem de estudos” e em seguida escreve sobre uma situação que teve com aquele filho e que parece ter achado engraçado: “so teve um protesto a fazer do boletim do mez passado. O

protesto foi devido o boletim falar em calligraphia. Quando lii, gritou ele: É brincadeira da professora papae eu nunca fis calligraphia no collegio, isto é historia. Em vista de tal declaração dei por terminado o incidente” (BERTASO, Ernesto. Carta [a Serafim]. Passo Fundo: 17 de abril de 1922). Ernesto parece controlar o desempenho escolar dos filhos, e nota que Serafim pode sentir falta das brincadeiras de casa com o irmão, e por isso dá um conselho ao filho: “não vá ficar com inveja dele que tu ahi tiras muito mais proveito.” Posicionando-se, assim, que percebe muito mais proveitoso e necessário que o filho estude e não passe muito tempo brincando, ou seja, associa uma vantagem à sua condição de viver longe da família no internato, buscando fazer com que o filho veja que aquilo valia a pena. Por fim encerra com outro conselho e uma cobrança de Zenaide, que ele reforça: “a senhora tua mãe não ficou muito satisfeita em saber de não ter visitado a Elza, prometteo passar te um carãozão. Isto é negocio muito serio.” Ernesto escreve a partir das relações de poder estabelecidas na família, se coloca na posição de pai que cobra e repreende o filho por não ter ido visitar a irmã. Em ambas as cartas, Ernesto afirma estar enviando junto o boletim do filho assinado, evidenciando a supervisão do desempenho escolar do filho pelo pai, bem como uma rede de comunicação entre a direção da escola, pais e filhos⁵⁸. Essas cartas são, desse modo, tanto uma forma de mandar notícias como também de cobrar do filho, demonstrar satisfação com as notas e insatisfação com outras faltas de Serafim. Ernesto se coloca na posição de pai afetuoso, mas também na posição de poder sobre o filho.

Nas cartas remetidas por Zenaide a Serafim, ambas de Passo Fundo-RS, uma com data de 9 de agosto de 1922 e outra de 15 de setembro de 1922, Zenaide é bastante pontual e não desenrola muito os assuntos. As cartas são escritas à caneta tinteiro e com uma bela caligrafia. Nas duas cartas Zenaide não fala de si, mas pela família e especialmente sobre Jayme e Plínio: “Jayme e Plínio vão bem, muito faceiros com a farda, que é uniforme do Collegio” (CPFB-CEOM. BERTASO, Zenaide. Carta [a Serafim]. Passo Fundo: 15 de setembro de 1922). Em 1922, depois de 2 anos de estudos em colégios internos, Serafim já pergunta menos sobre o irmão e escreve mais sobre suas atividades cotidianas, mas a mãe ainda escreve mais sobre a família do que sobre si, ou seja, escreve a partir de sua posição de mãe dentro da hierarquia familiar, assim como Ernesto fez enquanto pai nas cartas citadas. Na carta de 9 de agosto, Zenaide parece estar respondendo ao filho sobre a saúde do pai e repassa recomendações do pai relativas a como deveria se comportar perante os superiores: “papai já está fôrte,

⁵⁸ Além disso, dentre os documentos escolares expedidos pela escola sobre o aluno Serafim, as notas de despesas são direcionadas a Ernesto Bertaso.

recomenda-te que estudes e que sejas obediente aos teus superiores.” (CPFEB-CEOM. BERTASO, Zenaide. Carta [a Serafim]. Passo Fundo: 9 de agosto de 1922). As recomendações do pai para que o filho obedeça e estude em seguida da informação da saúde de Ernesto buscam lembrar ao filho que se preocupasse com os estudos, pois a família está bem. Ela também pergunta, logo no início da carta, se Serafim teria visitado a irmã Elza, demonstrando novamente a preocupação que Zenaide tinha em saber que o filho visitasse a irmã, com a intenção de que ambos mantivessem os laços e a comunicação entre si.

Enfim, por meio dessas cartas familiares, foi possível notar que a relação epistolar de Serafim não é a mesma com todos os familiares com quem está se correspondendo. Os relacionamentos estão intrinsecamente ligados a como Serafim vê essas pessoas, como os percebe dentro do grupo e da hierarquia familiar, no interior de que relações e papéis familiares e o nível de proximidade. Por exemplo, ao escrever para a mãe, Serafim pede muito dos irmãos menores, pois entende que Zenaide está sempre junto das crianças por ser ela aquela que mais cuida deles. Mas ao mandar cartas especificamente ao pai, Serafim comenta mais, ou também, sobre sujeitos masculinos de fora da família, como o Sr. Miotto, próximo do seu pai, provavelmente também em função dos negócios. Também fala mais cuidadosamente sobre questões financeiras, por ver seu pai como aquele que provê a família financeiramente. Serafim estava desenvolvendo aos poucos suas identidades narrativas, construídas num olhar sobre si para o outro. Além disso, podemos perceber os modos de sujeição aos quais age dentro das normas e padrões familiares, ou também os movimentos de agência, caracterizando os traços da subjetividade de Serafim dentro de sua família.

É assim, nessa escrita íntima familiar que podemos notar o desenvolvimento e as mudanças das relações de Serafim com os pais e os irmãos a partir de seu deslocamento para colégios internos. Dentre resumos e relatos do novo cotidiano vivido longe da família, relatórios financeiros, informações sobre sua saúde, demonstração de afetos e sentimentos, vemos a construção da subjetividade de Serafim em relação à sua família.

2.2 O JOVEM SERAFIM NAS CORRESPONDÊNCIAS FAMILIARES (1926-1929): SUBJETIVIDADE E JUVENTUDE

Após Serafim passar os anos de 1923 a 1925 morando com os pais em Passo Fundo e estudando no Instituto Ginásial de Passo Fundo em regime de externato, sai de casa novamente em 1926 com quase 18 anos para estudar como interno no Ginásio Catarinense,

onde permanece até o ano de 1929. Naquele ano sua irmã Elza, que se casou com Paulo Pasquali em 1925, estava morando em Bento Gonçalves, próximo dos pais de Paulo. A família Pasquali era uma família de imigrantes e descendentes de italianos das elites de Bento Gonçalves, possuíam vinícolas e queijarias.⁵⁹ Essas famílias de elites da região criavam redes entre si, tanto por meio de associações quanto por casamentos e apadrinhamentos, assim mantendo e fortalecendo seus poderes.

A família Bertaso vivenciava diversas mudanças também em função do crescimento dos filhos. Elza estava então com 21 anos; Serafim 17 (completaria 18 em outubro) e Jayme tinha 14 anos. E os pais, Ernesto e Zenaide, se preparavam para, em 1927, se mudar para Chapecó, onde haviam construído sua casa. É possível que, devido a isso, tenham mandado Serafim e Jayme para Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, em vez de mantê-los no Rio Grande do Sul, onde ainda tinham parentes. Prevendo que iriam se fixar em Chapecó-SC, a família, assim, ficaria residindo no mesmo estado onde o pai tinha as terras de colonização.

Como esperado de um casamento em famílias italianas de elite como a Bertaso, Elza casou-se e logo se tornou mãe, tendo a primeira filha com Paulo em 1927. Ela foi batizada de Maria Adelaide – essa que no futuro escreveria o livro biográfico *Ernesto Bertaso: de Verona a Chapecó*. Desenvolviam-se, dessa forma, novas relações na família, agora ampliada, mas com os filhos mais dispersos. Elza, após sólida formação escolar em colégios internos, se tornara esposa, mãe e dona de casa, dedicando-se às atividades da casa, enquanto seu marido Paulo ocupava-se com os negócios da família Bertaso, associando-se à empresa do seu sogro, a *Colonizadora Bertaso*. Conforme Vania Herédia, ao estudar a sucessão tanto de poderes de mando quanto de controle das terras para os imigrantes italianos, fica claro que a escolha era quase sempre preferiam dar aos homens (HERÉDIA, 2014, p. 343). Segundo Herédia, “nas heranças, as mulheres partilhavam de bens móveis, roupas e até dinheiro. O dote ficava restrito a certos objetos, mas jamais o acesso à terra” (2014, p. 343-344). No caso de Elza, seu marido é quem tem poder sobre terras e negócios, que foram herdados dos Pasquali.

Ernesto e Zenaide tornavam-se avós, enquanto Serafim, aos 18 anos, e Jayme, aos 15, se tornam tios. Pelas cartas se percebe que Elza estava em maior contato com a mãe. Os pais a visitavam em Bento Gonçalves, agora também para ver a neta Maria Adelaide, e depois de

⁵⁹ Conforme um estudo de caso publicado por Bianca Costa, “Augusto Pasquali & Irmãos foi um estabelecimento fundado em 1885, pelo imigrante italiano Alexandro Pasquali que elaborava vinhos e queijos, comercializados em todo o país. Chegou a produzir em 1925, 45.000 litros de vinho e 100.000 quilos de queijo.” (COSTA, 2021). E conforme Hirsch (2005, p. 82-83), Augusto Pasquali foi o irmão mais velho de Paulo Pasquali, e Alexandre Pasquali fora o pai deles.

sua mudança para Chapecó, Elza passou a viajar com sua nova família para esta cidade para passar períodos perto dos pais.

No ano de 1926, Serafim escreveu 7 cartas aos pais, algumas delas relativamente curtas, contando com apenas uma página, e outras mais longas, com três páginas ou mais. A primeira carta daquele ano foi escrita em 8 de março e remetida a ambos os pais. Nela podemos verificar alguns traços de mudanças das relações de Serafim com sua família, se comparadas com as cartas dos anos anteriores em que ainda era criança:

Caros Paes.

Em primeiro lugar espero que estas poucas linhas vao encontrar todos em gozo de perfeita saúde. Nós, graças a Deus, vamos indo muito bem, mas com algumas saudades de casa. Hontem foi o primeiro domingo de sahida; o Dr. Lessa veio nos buscar e passamos a manhã em casa delle, de tarde sahimos e fomos ao matinée. Por enquanto só fizemos exame; eu entrei para o primeiro anno gymnasial e o Jayme para o curso medio. As aulas começam no dia 10 deste mez. O Plinio já entrou para o collegio? Aqui todos os dias tomamos banho de mar. Já estamos aprendendo a nadar.

Sem mais, termino enviando-vos um saudoso abraço.

Serafim

(CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. Florianópolis: 8 de março de 1926).

Como podemos observar, a primeira carta enviada de Florianópolis aos pais foi relativamente curta e objetiva, com pouco menos de uma página. Serafim não se prolonga muito em nenhum assunto, mas traz elementos de um novo cotidiano que vivencia junto de seu irmão que agora sempre está presente nas suas cartas – a vida de interno no colégio, a “saída” do fim de semana com a companhia do responsável, amigo do pai, ao cinema. Nesta carta todos os verbos são conjugados no plural, ou seja, ele escreve também em nome do irmão. As únicas frases em que isso não ocorre é quando ele se refere aos anos escolares em que se encontram e quando se despede. Isso não se deve ao fato de Jayme não escrever cartas, pois ele também começa a remeter cartas aos pais em 1926, entretanto, parece ser uma troca de correspondências menos intensa se comparada à de Serafim. Observa-se que Serafim, enquanto irmão mais velho, nas próximas cartas assume a função de comunicar em mais detalhes o desempenho de ambos no colégio. Procura também certificar aos pais que ambos, tanto ele como Jayme, estão bem. A presença do irmão na escola, todavia, não substitui o convívio com toda a família que se encontra no Rio Grande do Sul: “nós, graças a Deus, vamos indo bem, mas com algumas saudades de casa”.

A carta de Serafim nos apresenta a um novo indivíduo, o Dr. Lessa, médico da família e que segue aparecendo em outras cartas no decorrer dos anos, o qual fica responsável por

Serafim e Jayme durante os anos em que passam longe de seus pais no Ginásio Catarinense. Isso mostra novamente uma estratégia da qual a família se valia, mobilizando amigos da família residentes nas cidades onde os filhos estudavam em colégios internos para lhes darem apoio. A presença dessa forma de tutela por outros homens que não eram necessariamente da família, mas que compartilhavam do modelo da família patriarcal, aparece em cartas de anos anteriores, sempre que os filhos estavam em um colégio longe de casa e dos pais. Cabe destacar que eram essas estratégias e redes de sociabilidade⁶⁰ entre as famílias dessas elites que também facilitavam o envio dos filhos a cidades tão distantes. A historiadora Ana Volpi destaca como estudos mais recentes sobre famílias que reduzem a escala para casos em específico – como é o nosso caso –, permitem perceber estratégias familiares e redes sociais utilizadas, tal como a aqui apontada (SCOTT, 2014, p. 14). A “saída” no final de semana da escola para a casa do Dr. Lessa possibilitou-lhes também uma ida ao chamado “matiné” ou o cinema. Conforme já notou Marlene de Fáveri, em seu livro *Moços e moças para um bom partido*, uma das diversões e dos espaços ocupados por jovens solteiros de Itajaí no início do século XX era o cinema. Ainda segundo ela, para os jovens “o cinema era um lugar de mostrar-se em público, dar-se visibilidade, provocar encontros, portanto, lugar de sociabilidades das elites” (FÁVERI, 1999, p. 32).

Nas cartas de 1926, ao Serafim escrever sobre o cotidiano e lembrar da família, se apreende novamente a intensa mobilidade daquela família em comparação com outras da época. Em meados de 1926, a mãe Zenaide Bertaso viaja para a casa de parentes em Curitiba, a mesma família com quem Serafim passava alguns dias, ou fins de semana, quando estava no Colégio Júlio Teodorico. Dali ela continuava a se comunicar com os filhos. Numa das cartas, Serafim demonstra que houve dificuldade por parte dele e de seu irmão em se comunicar com ela por não ter o endereço exato.

Recebi de Curityba, com a data de 13 do corrente, tua carta, que veio nos encontrar no gozo de perfeita saúde.

Disseste, tanto nesta carta como no cartão que recebemos a dias, que nos escreveste mandando-nos o endereço. Infelizmente não recebemos esta carta; que foi o motivo porque não escrevi para ahi. Tenho escripto para Passo Fundo.

⁶⁰ As cartas dos filhos trazem alguns elementos sobre isto, mas certamente as cartas dos pais a destinatários adultos poderiam permitir traçar essas redes de sociabilidades da família, tal como, por exemplo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira busca fazer por meio da correspondência de uma fazendeira no Rio de Janeiro, e Marina Maluf por meio dos escritos de fazendeiras do café no interior paulista. Vide: FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **A escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Fgv, 2004. p. 241-255.; MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Editora Siciliano, 1995. 305 p.

O endereço em que vae esta é pela vaga recordação que tenho de Curityba; em todo o caso, si no prazo de uns 20 dias não receber resposta escreverei ao hotel Johnsher (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe] Florianópolis: 19 de agosto de 1926).

Apesar de Serafim continuar a escrever para Passo Fundo, achava importante manter uma correspondência constante com a mãe, já que, como a carta indica, ela se demoraria na casa dos parentes⁶¹. As cartas evidenciam também uma mobilidade maior do pai, em função de seus negócios, o qual buscava aliar seus compromissos comerciais com a responsabilidade de buscar os filhos da escola, como nesta carta de fins de setembro de 1926: “o papae pediu-me para mandar dizer adiantadamente o dia que começam as férias, devido suas frequentes viagens; ainda não sei, mas indagarei melhor.” (BERTASO, Serafim, 26 de setembro de 1926). Há também a preocupação de Serafim que sabe da responsabilidade de informar ao pai o quanto antes sobre suas férias e de seu irmão e entende que se deve a esse fator, do pai estar em constante locomoção.

Nas cartas enviadas aos pais por Serafim, podemos perceber a expressão de uma opinião firme e própria desse jovem, como na carta que ele enviou em 1928 à mãe, no qual reclama da falta de respostas às suas cartas:

Querida Mãe.

Saúdo-te.

Depois de passarem varios dias numa vã espera de cartas tuas, resolvi, hoje, a lembrar-te que nos estão devendo a resposta de duas cartas; somente das duas ultimas minhas, sem contar as outras que escrevi antes e as que o Jayme e Plinio te enviaram. Quando estavas em Chapecó não nos escrevias por falta de assumpto; isto vi lá, comprehende-se, mas agora porque não o fazes então? Será por excesso de noticias que não nos escreves, receando tornar-te muito longa? Duvido; creio, porém, que é outro o excesso que assim te faz agir: o de passeios prolongados. Antes não escrevias, mas tinhas uma secretaria que o fazia por ti; agora, porém, ha uns dois mezes, nem esta da signal de vida. Será que todos estão conspirando contra nós?

Comecei esta com a intenção de encher estas paginas todas de reclamações, mas vejo que o systema não dará resultado, pois, tambem não quero causar-te enfado e nem dar um fim trágico neste papel quando for parar em tuas mãos (BERTASO, Serafim, 9 de outubro de 1928).

A falta de respostas para as suas cartas deixa Serafim indignado, pois não encontra mais justificativa para a mãe cometer essas faltas. Na busca da justificativa, ele pontua diversas questões sobre o cotidiano da mãe que está em movimento, tanto quanto a falta de notícias, expressando até sobre entender que as cartas curtas da mãe se davam pela falta de

⁶¹ O fato de esta carta estar presente hoje no grupo de correspondências preservadas da família mostra que Serafim conseguiu lembrar do endereço dos familiares de Curitiba e que a mãe de fato recebeu a carta.

novidades – a cidade de Chapecó ainda estava muito recente e com cotidiano bastante rural, tornava a vida mais pacata do que aquela experienciada em outra cidade que ela então visitava junto a parentes. Quando coloca que “antes não escrevias, mas tinhas uma secretária que o fazia por ti”, podemos entender que Serafim se referia à irmã Elza, que havia passado um tempo com a família em Chapecó, e era ela quem escrevia cartas com as notícias da família. Aqui se observa como Serafim constrói sua escrita de uma maneira muito própria, de forma irônica, até sarcástica, usando de metáforas – “secretária”, para Elza; “conspiração”, para retratar a falta de comunicação das duas mulheres (e mães) da/na família, das quais esperam correspondência constante. Ao supor o “excesso” de “passeios prolongados” da mãe, ele a repreende por não cumprir um papel que ele considera importante, de dar mais atenção aos filhos que, diferente dela naquela situação, tinham sua locomoção e opções de lazer limitadas por serem internos. Parece haver um posicionamento de Serafim enquanto homem, que cobra das mulheres a manutenção do elo familiar, pois como pudemos perceber, a falta de cartas do pai nem mesmo é cobrada ou mencionada, é subentendida e justificada pelo trabalho de Ernesto – enquanto aquele que viaja e negocia terras – e pelos papéis de gênero desempenhados na família. Tal como reflete Herédia sobre a família patriarcal italiana, que:

Sob o comando do pai, a divisão do trabalho expressava os diversos papéis que os membros do grupo desempenhavam, e essa integração se repercutia na comunidade como forma definida de controle social, de estratificação, de proteção e da própria reprodução. Ao homem, o poder, à mulher, a subalternidade (HERÉDIA, 2014, p. 349).

Ele entende também que as suas cartas não podem levar apenas reclamações, mas sim notícias sobre si, pois prevê “um fim trágico” ao papel caso apenas escreva suas insatisfações. Serafim constrói uma narrativa muito dirigida para a mãe, se escrevesse apenas aquilo que lhe interessasse saberia que não teria os resultados que buscava, mas ao contar sobre seu cotidiano, atentando também para a leitora da carta, ele entende que a mãe ficaria mais interessada em manter a leitura e talvez, conseqüentemente, respondê-lo. Brigitte Diaz, ao fazer um estudo das relações epistolares francesas nos séculos XVIII e XIX, percebe que há na carta o espaço para a análise de si, mas que, caso não seja produzida moderadamente, pode afetar a relação epistolar entre os correspondentes. “A correspondência apresenta-se, portanto, como um terreno de experimentação ideal onde, sem cometer o pecado de vaidade, pode-se, à vontade, contemplar-se, avaliar-se e eventualmente corrigir-se.” (DIAZ, 2016, p. 149).

Além das correspondências com a mãe, e em menor medida, com o pai, Serafim passa a se corresponder com a irmã Elza a partir de 1927, ano que ela se tornara mãe. Na relação

com a irmã, Serafim se coloca de forma mais direta. Se ele faz rodeios para escrever sobre algo para os pais, com Elza ele é mais certo. Coloca-se em posição de irmão, na mesma estrutura hierárquica dentro da família. Mas como se vê na carta abaixo, mesmo criticando abertamente a mãe para a irmã, supõe que a mãe saberia do conteúdo da carta pela irmã, já que na mesma época Zenaide e Ernesto estavam em Bento Gonçalves visitando a filha e aguardando a chegada da primeira neta, o que possibilitava a leitura das cartas também pelos pais, não somente pela destinatária, tal como no trecho a seguir:

Saudoza irmã

[...] Chegou em mau diaz, porque, estamos no meio do mez, e, por este motivo sem novidades para contar-te; mas, o que é principal, achou-nos de boa saúde. As “notícias” que tinha para contar-te já foram na carta que escrevi há dias á mamãe. Poucas são, é verdade; mas que queres? Fabrical-as não posso.

Bonito “fôra” deu-me mamãe; então acha ella que escrevendo tu, os outros podem cruzar os braços e ficar na expectativa de cartas: uma para ti e outra para ella? E o mais engraçado é que nas raríssimas cartas que ella me escreve é uma tal reclamação por falta de cartas que me deixa quase de cabelo branco. Eu agora vou seguir sua these: escrevo para uma só porque as notícias são as mesmas. [...] (BERTASO, S. Carta à Elza. Florianópolis: 19 de outubro de 1927. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso: CPF 0246).

A mesma posição hierárquica ocupada na família – a de filho, tal como Elza – o faz usar de gírias, como para criticar a mãe pela suposta delegação da tarefa de escrever cartas para ele, como quando escreve “bonito ‘fora’ deu-me mamãe”. E sugere então uma economia de cartas, já que também pressupõe a leitura delas entre ambas. A menção de que já havia contado as “notícias” para a “mamãe” mostra novamente a circulação de informações entre os membros da família por meio da rede de correspondências, que ele sabia ter ocorrido naquele momento, pois os pais estavam mesmo naquela época na casa de Elza em Bento Gonçalves, visitando-lhe e aguardando a chegada da primeira neta.

Na continuação dessa carta à irmã, ele assim se refere ainda à mãe: “vamos deixar de reclamações porque já estou vendo a resmungação e a crítica que a ‘velha’ (agora tenho direito de assim chamal-a porque já é vovó) está fazendo em torno desta carta”. O termo velha para referir-se à mãe não aparece em qualquer carta de Serafim à mãe. Ao construir sua identidade narrativa nas cartas para a irmã, Serafim não só se coloca como igual, mas demonstra mais intimidade e amizade para falar certas coisas e de maneira que não se permitia ao narrar-se para a mãe ou o pai. Conforme Giovani Romano, no texto de apresentação do livro *História dos Jovens 2: a época contemporânea*, “a amizade funcionava como instrumento de coesão e solidariedade contra a agressão do mundo circundantes (o dos

adultos) e valia frequentemente também entre irmãos” (ROMANO, 1996, p. 15). Serafim socializa com a irmã sua indignação, e entende também que tanto as notícias quanto as cobranças deixadas nas cartas serão repassadas tanto à mãe (no caso desta carta), quanto à irmã (nas cartas que envia à mãe).

Algumas poucas cartas que Elza remetera a seu irmão Serafim, ou para ambos os irmãos – Jayme e Serafim – são do ano de 1928. Nessas cartas, Elza escreve de Chapecó, onde está junto da mãe, do marido Paulo e da filha Maria. Elza ao escrever para o irmão não utiliza o mesmo tom que ele emprega para escrever para ela. Elza parece acalmar os ânimos, como nesta carta:

[...] Escrevam-nos mais seguido como vão de saúde e o que tendes feito por ahí. Receberam uns retratinhos de Maria que mandei? Creio que muitas cartas minhas perderam-se.

De saúde vamos indo muito bem. Maria está muito crescida, já tem um dentinho e quase caminha. Nossa vida não tem nada de anormal: o dia inteiro ocupadas com Maria e os afazeres de casa (BERTASO, Elza. Carta para os irmãos. Chapecó, 21 de julho de 1928. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso:CPFB 0106).

Elza escreve por vezes no plural (por ela, a mãe e às vezes pela filha). Descreve seu cotidiano em geral doméstico e fala especialmente sobre a filha, ela espera que os irmãos, agora tios, se informem do crescimento da sobrinha. Na escrita de si, Elza constrói-se enquanto irmã mais velha e mãe dedicada aos “afazeres da casa”. E na relação entre Elza e Serafim a postura narrativa é diferente, pois Elza demonstra mais calma, não faz drama como Serafim sobre o problema da troca de correspondências. E ao escrever “creio que muitas cartas minhas perderam-se”, com uma frase busca de forma objetiva justificar a ausência de cartas aos irmãos. Ela supõe o extravio devido à falta de respostas sobre as fotografias que enviou de sua filha.

Na relação entre Serafim e Elza podemos verificar que há, entre ambos, diferentes interpretações que se associam a suas posições de gênero diante dessa relação. Serafim entende na irmã a função como amiga e familiar, aquela em quem confia mas que tem o mesmo papel da mãe na manutenção do vínculo familiar; enquanto Elza, que além de assumir o papel por sua mãe na manutenção das relações familiares, também se posiciona como irmã mais velha que orienta e ameniza a relação, ela demonstra ver Serafim como irmão mais novo, não necessariamente como o homem responsável. Nesse sentido, Marilda Ionta, que estudou as correspondências trocadas entre Mario de Andrade e Anita Malfatti, observou que havia uma relação de gêneros na amizade que ambos desenvolveram, visto que cada um dos

dois percebia e julgava o relacionamento deles de forma diferente, conforme os papéis de gênero socialmente construídos: “considerando que a escrita epistolar se constitui num espaço privilegiado de construção de si, é compreensível que haja especificidades de gênero na maneira de construir um discurso sobre a amizade perfeita” (IONTA, 2002, p. 254). A autora se refere em especial ao modo como os sujeitos, que ela analisa, constroem seus discursos sobre amizade. Serafim parecia escrever à irmã como forma de manter o laço de amizade e familiar, mas Elza parece tomar a função como orientadora e aquela que se preocupa com o bem-estar e aprendizados do irmão – se assume ao lado dos pais como uma responsável.

Para além disso, é possível perceber na forma de escrita e nos assuntos que regem suas correspondências uma diferença, que pode ser associada à questão de gênero. Como pudemos observar, Serafim escreve cartas bastante opinativas, de forma incisiva, poucas vezes demonstra alguma agressividade – quando está insatisfeito com a dedicação epistolar de sua mãe e irmã. Mas também expressa afeto com a família, preocupa-se com a saúde e bem-estar, demonstra carinho e interesse sobre o crescimento de seus sobrinhos. Entretanto, Elza, exibe docilidade, calma, fala sobre si, mas ainda mais sobre o cotidiano da família que a rodeia, além disso, suas demonstrações de afeto geralmente vêm acompanhadas de palavras no diminutivo, algo que não se percebe nas cartas de Serafim. Elza, contudo, também cobra de seu irmão por mais cartas, mas sempre com um tom carinhoso: “você também escreva mais seguido porque andamos sempre ansiosos por notícias e quando chega uma cartinha é uma grande alegria para nós” (BERTASO, Elza. 30 de maio de 1928). Podemos visualizar uma performance de gênero, visto que para muitas mulheres da época o ideal de feminilidade estava na docilidade, ternura, paciência e boas relações com o espaço familiar. Oposto dos padrões de masculinidade que se aproximava da força, agressividade e nem sempre tão carinhoso. Entretanto, assim como observaram Paulo Fernando Souza Campos e José Ribamar Viera Maramaldo nas cartas de Martiniano, homem jovem estudante de engenharia nos anos de 1908 a 1919, nas suas escritas esse homem nem sempre se aproximava dos padrões de masculinidade – semelhante ao que ocorre em Serafim:

O tom agressivo, entretanto, não era uma constante nas cartas. Suas correspondências iniciavam com felicitações aos pais e familiares de Esther com desejos de mil venturas, saúde, recomendações, desvelando uma postura que deveria possuir uma pessoa educada nos rigores distintivos de uma classe social diferenciada da imensa maioria dos brasileiros. Em outros termos, as cartas não evocavam uma concepção de masculinidade marcada por um comportamento violento, de um homem tosco ou de um personagem agressivo que buscava impor suas opiniões (2016, p. 127).

Ainda segundo Campos e Maramaldo (2016, p. 120-121), durante o século XX não havia apenas um padrão de masculinidade em voga na sociedade, enquanto alguns espaços prezavam pelo homem forte, agressivo, corajoso, bruto, havia também aqueles que almejavam por uma masculinidade intelectual, letrada, arrumada, que valorizavam o prestígio e reconhecimento social por meio de bons investimentos tecnológicos. Nesse ponto, muitas vezes se associava o primeiro aos homens da classe operária e interiorana, e o segundo era buscado pela classe burguesa urbana. Serafim em sua escrita busca se aproximar mais do segundo padrão de masculinidade, mas há momentos também que se afasta de ambos os padrões, expressando emoções, afeto, carinho nas cartas à irmã e à mãe.

As cartas citadas anteriormente, com datações próximas para diferentes sujeitos, evidenciam com clareza a postura de Serafim com os variados destinatários mesmo dentro da própria família, conformando identidades narrativas diversas nas cartas aos destinatários. Tal como desenvolve Leonor Arfuch, autora fundamentada em Paul Ricoeur, as identidades narrativas são identidades configuradas pela escrita de si voltada para outrem no presente (ARFUCH, 2010, p. 115-116). Conforme a autora, não há uma identidade substancial, o “quem” de um relato autobiográfico é configurado pela narrativa. Serafim então desenvolve suas identidades narrativas tendo em vista os destinatários. Para a irmã, ele se coloca como irmão mais novo, amigo, compartilha com ela assuntos em comum relativos aos pais; para a mãe, ele é o filho mais velho, responsável pelo cuidado de seu irmão na escola, mas também aquele jovem filho que espera ser lembrado pela mãe.

Brigite Diaz (2016, p. 150), que realiza uma leitura da escrita de si a partir de Michel Foucault, entende que na produção autobiográfica, como no caso da escrita epistolar de Serafim, a escrita é produzida de si para o outro, ou seja, se escreve esperando a aprovação, condenação, do outro. “Não é um simples reflexo de si que se ofereceria para captar o olhar fascinado daquele que se convocou para isso, mas é o processo de escrita pelo qual o sujeito se produz, tomando consciência da presença e do peso de outro na constituição de sua identidade” (DIAZ, 2016, p. 151).

Entretanto, por vezes, a carta ou o que nela o sujeito produziu não agrada completamente o leitor, o que pode gerar cartas-respostas com tom de repúdio ou recomendações, justamente devido à correspondência ser um espaço único entre dois sujeitos que se revezam como autor e leitor. Em carta aos pais em 1929, Serafim relata ter recebido

uma carta da irmã Elza na qual o parabenizava por seu aniversário de 21 anos, mas também carregava um discurso que Serafim coloca como “moralista”⁶²:

Acabo de receber a carta da Elza com o endereço de 30. Obrigado pelas felicitações. Grande descoberta fiz nesta carta: Sabias que tens uma filha moralista ao extremo? Uma pagina e meia de sermão! Não é brincadeira. Comtudo, dize-lhe que lhe fico muito grato e que seguirei a risco seus conselhos (BERTASO, Serafim. 5 de novembro de 1929).

Serafim faz esse relato numa carta aos pais, realizando uma interação familiar por meio desse endereçamento e do comentário acerca da irmã. Apesar de a carta ser direcionada aos pais, Serafim utiliza do singular para tratar seus destinatários, como se escrevesse somente à mãe. O pacto epistolar de Serafim com sua família permite a abertura e compartilhamento de informações entre os membros, não se fechando apenas entre os dois agentes das cartas.

Mas além disso, podemos notar que Elza assume um papel na educação moral do irmão. Elza, enquanto irmã mais velha, julga ser bom aconselhá-lo nesse momento de passagem importante da vida de Serafim: a elevação à maioridade, conforme o código civil vigente desde 1916⁶³. Enquanto Serafim, apesar de compartilhar sua descoberta com os pais, a de ter uma irmã “moralista ao extremo”, num tom jocoso ao se referir ao “sermão” dela, é-lhe agradecido. Ele se conforma nessas normatizações familiares, mas também se coloca como sujeito desse processo de formação.

Ao escrever para a mãe, Serafim manda as notícias da escola, dos dias de lazer etc., mas geralmente busca cobrar que a mãe também responda com as novidades, por mais simples que sejam.

O meu primeiro e unico desejo é que esta [carta] vá encontrar-vos, a todos, na melhor saúde e mais franca felicidade. Quanto a nós, da primeira nada nos falta, porém a segunda não está completa: falta-nos a vossa presença, estar em vosso meio. Estar em vosso meio... quantos dias e quantas leguas estão intercaladas nesta phrase; mas, como o tempo passa ligeiro, como diz a Elza, esperemos com paciencia que dahi ha trez mezes poderemos nos abraçar. Nossas cartas destes ultimos tempos têm chegado às vossas mãos? Acho que não, porque ainda não recebemos resposta de nenhuma dellas. Porque não nos escrevem? Si soubésseis a alegria que nos causa uma carta vossa, acho que não procederíeis assim. Antes a Elza nos escrevia seguida, agora até ella esqueceu-se de nós (BERTASO, S. 6 de setembro de 1928).

⁶² Infelizmente não tivemos acesso à referida carta e aos conselhos expressos nela por Elza.

⁶³ “Ao contrário do Código Civil de 1916, que estabelecia a maioridade civil aos 21 anos completos (artigo 9º CC/16), o novo Código Civil, em vigor desde 11 de janeiro de 2003, reduziu a maioridade civil para 18 anos de idade, conforme dispõe seu artigo 5º”.

MAIORIDADE civil não trouxe nenhum reflexo para o Direito Penal. 2003. Seção direito penal. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2003-mar-26/maioridade_civil_nao_trouxe_nenhum_reflexo#:~:text=Ao%20contr%C3%A1rio%20do%20C%C3%B3digo%20Civil,anos%20completos%2C%20quando%20a%20pessoa](https://www.conjur.com.br/2003-mar-26/maioridade_civil_nao_trouxe_nenhum_reflexo#:~:text=Ao%20contr%C3%A1rio%20do%20C%C3%B3digo%20Civil,anos%20completos%2C%20quando%20a%20pessoa.). Acesso em: 04 maio 2021.

Na carta citada, Serafim escreve num tom mais poético sobre o sentimento resultante da distância da família, temporal e espacial: “estar em vosso meio... quantos dias e quantas léguas estão intercaladas nesta phrase”. Há toda uma elaboração da narrativa para que ele expresse a ideia de que ele só estaria na “franca felicidade” se estivesse junto da família. Há também a presença da repetição “estar em vosso meio”, acentuando a ausência. A escrita de Serafim é permeada pela memória da presença junto à família. A esse respeito, como atenta a psicóloga social Eléa Bosi: “em nenhum outro espaço social” – a família – “o lugar do indivíduo é tão fortemente destinado” (1995, p. 425). O distanciamento geográfico e temporal e a memória fazem Serafim criar em suas cartas, como nessa exemplificada, uma imagem melancólica do aconchego da família. As saudades da família vividas como algo solitário durante a infância no internato agora são compartilhadas com o irmão.

Nesses momentos de escrita de si, vê-se como Serafim avalia seus relacionamentos com a família. Já afirmava Michel Foucault que a escrita de si incide “movimentos internos da alma” (1992, p. 131), que em Serafim se apresentam acompanhados do sentimento de solidão e um leve ressentimento com a família pelo distanciamento. Serafim parece se ressentir da falta de contato daqueles que agora estavam juntos. Elza se ocupava com os afazeres da nova família⁶⁴, enquanto a mãe Zenaide aproveitava o tempo com a filha e netos (Elza agora era mãe de Maria Adelaide e Alexandre Ernesto), além do tempo que tinha disponível nessa fase da vida, com os filhos agora fora de casa, para acompanhar às vezes o marido Ernesto em viagens, tanto para Chapecó como para Passo Fundo, Bento Gonçalves e Curitiba.

Serafim escrevia também cartas diretamente e endereçadas somente ao pai, fontes interessantes para discutir também a relação entre estes dois homens. Em comparação com as cartas endereçadas a ambos os pais, essas cartas somente ao pai são mais raras no acervo. Geralmente são cartas mais curtas, com apenas uma página. Já aquelas em que são direcionadas ao pai e à mãe, se observa maior extensão narrativa por parte de Serafim. Conforme afirma a historiadora Michelle Perrot, que analisou a juventude operária francesa

⁶⁴ Talvez a maior quantidade de ocupações tirasse o tempo antes disponível à Elza para trocar cartas com o irmão, pois ela mesma escreve em 1928 à mãe: “termino [esta carta] porque tenho tanto que fazer que não sei por onde começar” (BERTASO, Elza. Carta [à mãe] Bento Gonçalves: 1928). Na carta detalha diversos afazeres, tanto com os cuidados dos filhos – em 23 de setembro de 1928 nasce o segundo filho, que recebeu o nome de Alexandre Ernesto, nomes dos avós paterno e materno –, como também cuidado da casa e de outras atividades. Além disso, durante boa parte de 1928, a irmã Elza, o cunhado Paulo e a filha Maria passaram um período em Chapecó junto aos pais. Elza, Paulo e Maria retornam para Bento Gonçalves pouco antes do nascimento de Alexandre Ernesto (HIRSCH, 2005, p. 110).

do século XIX, a juventude – para as famílias burguesas –, era a idade de experimentação, rebeldia, desenvolvimento sexual e romântico e “a família é, mais que nunca, a instância de gestão e de decisão no que concerne aos jovens” (1996, p. 84). As cartas de Serafim ao pai geralmente acompanham pedidos de dinheiro, ou fala sobre a situação com a escola, justifica notas, informa os tempos de fim das aulas, soluções com a direção e envio dos boletins escolares para Ernesto⁶⁵. Serafim entende que para o pai os interesses não são meramente o cotidiano dos filhos, mas sim sobre seus aprendizados, com questões práticas e financeiras. O pai exerce o papel de provedor e responsável também perante a escola, e Serafim, enquanto filho mais velho, reconhece essa posição do pai e se coloca como filho mais velho, que deveria ser responsável pelo irmão e pelo primo Plínio. Plínio havia ficado sob tutela de Ernesto Bertaso após a morte de seu pai, Francisco Bertaso⁶⁶, no ano de 1928. Por isso, os pedidos de dinheiro por parte de Serafim para Plínio, direcionados a Ernesto, se devem a essa tutela assumida por ele.

Aqui se percebe novamente Serafim imerso em meio a uma instituição – a família – que “organiza economicamente o grupo e, ao mesmo tempo, se responsabiliza pelos vínculos afetivos” (HERÉDIA, 2014, p. 341) para manter-se como grupo. Cabe lembrar que a família Bertaso, como família de imigrantes e descendentes de imigrantes italianos, se colocava culturalmente como uma família patriarcal e católica, o que justifica a tutela de Ernesto Bertaso sobre seus sobrinhos – era necessário que um homem assumisse os principais cuidados em relação ao futuro das crianças.

Entretanto, observa-se uma carta em que Serafim escreve um relato peculiar ao pai:

Domingo passado sahimos, e fomos almoçar em casa do Dr. Lessa. Passamos lá algumas horas bem divertidas. A’ tarde fomos ao mathinée, onde uma pequena aventura nos esperava. Digo aventura, devido ás consequências que acarreta, pois, de aventura é que não tem nada. Passamos a tarde no cinema, como sempre, desapercibidos e alegres e voltamos depois ao gymnasio. Mas eis senão quando no dia seguinte, se depara em nossas mãos “Folha Nova” com um artigo contra os alumnos do gymnasio, chamando-os de moleques de gallerias, de minusculas pessoas e outras

⁶⁵ Como visto no capítulo 1, a maioria das cartas da pasta de Ernesto Bertaso dentro da Coleção particular da família Bertaso disponível no CEOM, se trata de cartas e correspondências comerciais. Dentre elas, podemos citar as cartas que recebeu da direção do Ginásio Anglo-brasileiro, que respondia sobre as férias de Serafim e também confirma a data que serão feitos os pagamentos da matrícula do aluno por Ernesto (CUTHBERT. [Carta para Ernesto Bertaso]. Ginásio Anglo-brasileiro, São Paulo, 16 de novembro de 1921. CPFB 0181). O que demonstra o comprometimento de Ernesto Bertaso com a escola dos filhos por meio das preocupações financeiras e burocráticas, como também uma ampla relação comercial por meio das correspondências, ou seja, mesmo viajando não tinha problemas com a prática epistolar, mas ela é direcionada ao âmbito dos negócios e não da família.

⁶⁶ Francisco Bertaso era irmão de Ernesto Bertaso. Francisco se casou com Ida Ballista – irmã de Zenaide Bertaso – e juntos tiveram dois filhos: Plínio e Hilda Bertaso.

qualificativas semelhantes, e, por fim, pedindo á policia que tomasse conta do caso. Afinal, has de perguntar, que foi? Na verdade, eu que estava no cinema, não te sei responder. Sei apenas que algumas moças queixaram-se na redação do dito jornal, acusando-nos de mil barbaridades. Mas isso não é nada, o pior foi as consequencias. Chegado o annuncio aos ouvidos dos padres, este prohibiram terminantemente nossa entrada do cinema, cortando-nos, alem disso, alguns outros privilegios. Onde iremos nós no metter, agora, nas longas tardes dos domingos de sahida? (BERTASO, Serafim. 9 de junho de 1928).

Nessa carta podemos observar que Serafim primeiramente fala sobre o passeio na casa do Dr. Lessa, que era amigo de Ernesto Bertaso. Depois traz seu relato à ida ao cinema, mas não esclarece em quantos nem quem foi com ele. A ida ao cinema fazia parte já de um cotidiano de Serafim nas suas vivências na cidade, mas o que interessa perceber é a atenção dada à notícia vinculada ao jornal “Folha Nova” na redação do qual algumas moças denunciavam atitudes dos rapazes alunos do Ginásio Catarinense. Serafim se coloca em posição de defesa, “afinal, has de perguntar o que foi? Na verdade, eu que estava no cinema, não sei te responder”. Não podemos afirmar quais as atitudes tomadas pelos estudantes do ginásio, mas é possível notar que ele não se preocupa tanto com o que as moças disseram sobre eles no jornal e o que o jornal publicou, mas com as punições da escola, que lhes proibem de acessar o cinema e lhes privam de “outros privilégios”. Ele parece se adiantar ao pai, que provavelmente ficaria sabendo do incidente pela direção, mas parece considerar que o pai, assim como ele, não iria dar tanta atenção ao que aquelas “algumas moças” se queixaram – o que elas dizem, ele deslegitima como “barbaridades”.⁶⁷ Serafim também não parece se preocupar tanto com o escrito no jornal, numa cidade em que a família nem morava. Sua preocupação são as privações para o seu tempo de lazer, o que ele socializa com o pai ao perguntar: “onde iremos nós no metter, agora, nas longas tardes dos domingos de sahida?”. Esse jovem, sedento por opções de lazer e sociabilidades fora da escola, externa isto ao pai como forma de fazê-lo entender de sua situação de privação naquele internato católico disciplinar.

É possível notar na presença do jornal uma cobrança do ideal de comportamento sobre jovens homens, ao chamar Serafim e seus colegas de “moleques de gallerias, de minusculas pessoas”, reforçando a ideia oposta do que seria o comportamento de homens grandes. Assim como refletiram Robert W. Connell e James W. Messerschmidt: “a masculinidade

⁶⁷ Como expuseram Robert W. Connell e James W. Messerschmidt, a masculinidade hegemônica não se autorreproduz, ela necessita de práticas de manutenção para se manter, logo, “para se sustentar um dado padrão de hegemonia é necessário o policiamento de todos os homens, assim como a exclusão ou o descrédito das mulheres.”

hegemônica não necessita ser o padrão comum na vida diária de meninos e homens⁶⁸. Em vez disso, a hegemonia trabalha em parte através da produção de exemplos de masculinidade, [...] símbolos que têm autoridade” (2013, p. 263). O historiador Vanderlei Machado, em sua tese de doutorado, analisou as representações e construções de um modelo de masculinidade na imprensa de Florianópolis-SC, e afirma que os jornais produzidos pela elite intelectual construía um ideal de masculinidade pautado no corpo jovem e saudável, branco e viril, e que se esperava dos homens a moderação, que soubessem controlar seus impulsos e que cumprissem com seus contratos. Esse modelo permitia à sociedade visualizar os bons homens e julgar e desqualificar homens que se afastavam desse ideal (MACHADO, 2007, p. 99). Talvez seja nesse sentido que Serafim e seu grupo de colegas tenham se afastado do ideal de comportamento masculino ao não saberem controlar seus impulsos diante das jovens moças, constringendo-as. Ainda segundo Machado, alguns jornais como “República”, “O Dia” e inclusive o “Folha Nova” – no qual Serafim e seus colegas foram alvo de denúncia – além de mostrar e construir as representações da masculinidade hegemônica urbana e moderna que se aproximavam das ideias progressistas e da elite, também denunciavam abusos e malfeitos de homens na sociedade. Por vezes essas denúncias eram sobre homens de elite, bem vestidos e arrumados (de ternos, gravatas, cabelos arrumados), mas com atitudes que não condiziam com esse ideal. Nesse sentido, Machado afirma que “ficar conhecido como desordeiro, valentão e indivíduo não respeitador dos preceitos sociais traria maiores dificuldades para o rapaz que almejasse casar com uma moça de boa família, o que possibilitava alargar o seu capital de relações sociais e de conseguir um bom emprego” (2007, p. 144). Podemos perceber como Serafim se move e se sujeita em meio à rede de relações de poder na família, em que é subordinado à autoridade do pai, para quem se dirige aqui nessa qualidade, e “aos padres”, ou seja, a direção da escola. Mas, ao mesmo tempo, profere um discurso ao pai com sentido apelativo, o que demonstra que encontra um poder masculino maior. Serafim reconhece no pai a autoridade patriarcal e de masculinidade, esclarece, traz a notícia e busca apoio naquele que tem, sobre ele, mais poder.

Ao escrever aos pais e à irmã, Serafim reflete sobre seu cotidiano e experiências, busca mostrar-se a seus destinatários por meio dos relatos. Michel Foucault no capítulo do livro *O que é um autor?*, em que reflete sobre a escrita de si, afirma que escrever cartas é um “dar-se a ver”, é um ato e um mostrar-se ao destinatário que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente (FOUCAULT, 1992, p. 149-150). Este jovem Serafim produz cartas

⁶⁸ No capítulo 3, discuto mais a fundo o papel que o internato possui em modelar os corpos dos alunos dentro de certos padrões de comportamento masculino.

muito opinativas, também faz cobranças, mas cuidando sempre para não desagradar ou ofender os pais. Ele encontrou maneiras de se comunicar e se expressar com diferentes correspondentes, seja da família, seja amigos, a partir também de modelos de condutas de como se dirigir aprendidos na escola e na própria família. Ou seja, Serafim se constrói e mostra-se de determinadas formas diante de cada destinatário, escreve sobre si como gostaria de ser visto.

Pode-se observar, nas cartas, como Serafim, durante o período no internato, ocupa seu tempo livre de atividades escolares, como explora as possibilidades existentes para ele nos momentos de lazer, como desenvolve habilidades e gostos. Na carta de 11 de setembro de 1927, podemos notar essa relação:

Querida Mãe.

Faço votos que esta te encontre gozando boa saúde, em companhia a papae, Elza e Paulo. Nós, como sempre, vamos bem; apenas as saudades que são grandes, mas, o remédio para curar este mal, está chegando. Domingo houve saída, e fomos almoçar em casa do Dr. Lessa cuja família, pede te saúde em companhia a papae. A saída foi péssima; pois, o dia amanheceu chuvoso, para, depois das 10 horas, mudar para um calor insuportável. Á tardinha, que é a melhor parte do dia, choveu a cantaros. Occupei-me algumas horas na redação do jornal “A Republica”, ouvindo no radio o desenrolar do jogo Gauchos x Cariocas, no Rio; mas, ali levei nova decepção, porque perdemos feio. Amanhã teremos, felizmente, o ultimo dia de aulas deste anno; teremos depois 15 dias de preparação para os exames, e depois... Creio que chegaremos em P. Fundo entre os dias 10-15 de dezembro. Ha dias comprei uma machina de photographias, pela grande importância de 15\$000, para podermos apanhar as belezas naturaes “e humanas” de Chapecó. (Si houver “sobrenaturaes” tambem não escapará, porque, a machina ha de preferir photographar cousa “semelhantes” a si.) (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Florianópolis, 11 de Setembro de 1927).

Nesta carta Serafim desenvolve a narrativa sobre seu cotidiano no fim de semana. Inicialmente escreve sobre saúde e narra acontecimentos vividos por ele e seu irmão na casa do amigo da família, onde passaram parte do dia, e desenvolve sua opinião sobre o dia que o desagradou; depois desenvolve sobre os momentos vivenciados sozinho quando também escreve a carta para a mãe e aqui demonstra suas insatisfações com o clima e com o resultado do jogo de futebol, acontecimentos esses que fugiam da sua capacidade de alterar. Entretanto, ao desenvolver sua escrita sobre o que vive nesse cotidiano, ele mostra-se como sujeito de si, um jovem rapaz conectado com a capital do país por meio do seu interesse pelo futebol, um adulto que agora também escreve para um jornal. Não temos certeza se era desse jornal que se referia aqui Serafim, mas nos anos de 1889 a 1937 havia um jornal “A república” que circulava em Florianópolis e que “a partir de 1896, constitui-se como órgão do Partido

Republicano Federal.” (MACHADO; BORSZCZ, 2020, p. 66). Margareth Rago, baseada em Michel Foucault, trata da escrita de si enquanto uma forma de o sujeito assumir o próprio controle da vida; ele torna-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitada pela escrita de si (RAGO, 2013, p. 52). Ainda para Rago, o sujeito não preexiste ao acontecimento, ele se constitui na ação e em redes de relações em que vivencia a experiência (2013, p. 43). Percebe-se que Serafim apresenta para os pais não somente o que viveu no cotidiano, mas o próprio ato de escrever lhe faz selecionar e organizar as experiências e dar sentido a elas, colocando-se assim como sujeito e protagonista de sua vida. Ao mesmo tempo, ele usa da escrita também para planejar e apresentar os planos de futuro: “a dias comprei uma machina de photographias, pela grande importância de 15\$000, para podermos apanhar as belezas naturaes ‘e humanas’ de Chapecó.”. Serafim desenvolve aqui sua subjetividade enquanto filho, tanto que relata os gastos financeiros como também exalta o espaço em que encontra sua família, ele também demonstra consciência de que não era qualquer pessoa que poderia adquirir uma máquina fotográfica como tal, ao assumir “pela grande importância de 15\$000”. Serafim aqui mostra como desenvolve seu gosto pela fotografia, não somente com o fim de registrar momentos para a posteridade, mas como uma prática que lhe possibilitava o exercício da arte. É com a máquina fotográfica que ele planeja focalizar as “belezas” da nova cidade que ia se constituindo no Oeste.

Entre outras atividades com as quais ele se identifica, e que aparecem nas cartas, está o futebol, como nessa carta, quando demonstra a decepção ao ouvir o time, pelo qual torcia, perder o jogo. Além de ouvir às partidas dos grandes times, participa de jogos de futebol promovidos pela escola. O historiador Norberto Dallabrida avalia que o Ginásio Catarinense utilizava as atividades esportivas, especialmente o futebol, como incentivo à movimentação do corpo e como reforço à competitividade escolar. Campeonatos escolares de futebol ocorriam em datas festivas e o futebol também era praticado durante os recreios das aulas (DALLABRIDA, 2001, p.170-171). Para azar de Serafim, contudo, em 1927 ele sofre uma lesão no joelho, que lhe impossibilita de continuar com esse esporte:

Há dias levei bem forte susto com meu joelho; estava eu jogando football, quando notei um estalo semelhante áquelle do dia em que me machuquei pela primeira vez. Deixei imediatamente o campo, mas isso não impediu com que eu andasse rengo por alguns dias.
Agora que estou bom, fiz o firme proposito de deixar de uma vez para sempre o football; pois é melhor sacrificar um prazer do que ficar aleijado para o resto da vida (BERTASO, Serafim. Carta à mãe. Florianópolis, 30 de março de 1927. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso: CPF 0336).

A lesão no joelho não só parece ser algo importante a ser apresentado, mas ele especialmente utiliza desse momento para refletir sobre sua posição e fazer uma escolha, entre a saúde física e o entretenimento. Ele decide por “sacrificar” aquele prazer diante do perigo de não poder andar direito, decisão que compartilha com a mãe. Mostra-se assim preocupado e consciente da importância de preservar seu corpo para um futuro de trabalho. Essa preocupação com o corpo aparece logo em seguida novamente, quando escreve sobre o cabelo, como veremos a seguir.

A praga do meu cabelo ainda não parou de cair; já usei uma infinidade de remédios, mas tudo em vão. Em Chapecó vou rapar a cabeça, e, conforme o “negocio” passarei a navalha. [...] (BERTASO, Serafim. Carta à mãe. Florianópolis, 30 de março de 1927. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso: CPF 0336).

Nas cartas à mãe, Serafim apresenta reflexões e preocupações com sua aparência física, especialmente com o cabelo. Em março, meses antes do relato citado acima, Serafim narra que havia raspado o cabelo: “na semana passada rapei a cabeça porque o cabelo continuava a cair cada vez mais.” Mas ele demonstra, na mesma carta, se arrepender de ter escolhido aquele momento para tomar tal atitude, pois houve reação de seus colegas:

A divisão estava toda reunida no estudo quando cheguei do barbeiro; apenas lá entrei fui recebido por uma bôa vaia, o que fez com que eu me arrependesse do meu acto por um momento.

Mas a serie dos padecimentos não termina ahi. No recreio, uns batam-me na cabeça, otros dão-se ao trabalho de me tirar o chapéu só para esfregarem a mão por cima, e outros chegam até a riscala com lapis tinto (BERTASO, Serafim. Carta à mãe. Florianópolis, 30 de março de 1927. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso: CPF 0336).

Tal situação faz Serafim buscar alternativas para manter o cabelo, optando em raspar novamente somente quando estivesse em casa com a família – espaço acolhedor, livre dos olhares e chacotas dos colegas do internato. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao discutir corpo e masculinidade, entende que não nascemos com um corpo, mas providos de carnes. O corpo é uma construção histórica e social: “possuir um corpo depende de um aprendizado, de processos educativos, de pedagogias que atuam no cotidiano e nos vários âmbitos da vida social” (2020, p. 261). No caso de Serafim, é por meio da reação dos colegas no espaço escolar que ele também lida com suas carnes – o espaço escolar é assim também um espaço de pedagogia do corpo. Contudo, os tratamentos não parecem surtir efeito, pois em novembro de 1928 Serafim apresenta uma última tentativa pouco esperançosa:

Loção Brilhante não uso mais, estou convencido que é uma grande porcaria. Mandei comprar no Rio um outro remédio, Tónico Capillar, que dizem ser muito bom. Esta, porém, será a última droga que porei na cabeça; si não der resultado é porque tenho que perder o cabelo: siga-se a voz do destino (BERTASO, Serafim. Carta à mãe. Florianópolis, 17 de novembro de 1928. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso: CPF 0347).

Serafim estava em plena juventude, solteiro, em idade de frequentar espaços para o público jovem, tal como cinema, bailes, e outros eventos públicos, logo a preocupação com a aparência e a insistência em manter o cabelo o seguem. Enquanto estava no Ginásio Catarinense, convivia numa capital, em um ambiente concentrado de jovens de elite que cuidavam e vestiam seus corpos a partir do que era socialmente convencionado naquele espaço. Entretanto, Serafim luta contra a queda de cabelo e demonstra não gostar inicialmente da ideia de ficar careca, mas, nessa carta de 1928, ele reflete e constrói a possibilidade de aceitação de seu “destino”. Paulo Fernando Souza Campos e José Ribamar Vieira Maramaldo atenta que “não houve consenso quanto ao modo de ser e conceber o que era um homem nas primeiras décadas do século XX, existindo uma variedade de concepções que, apesar de concorrentes, interagem, construindo múltiplas masculinidades” (CAMPOS; MARAMALDO, 2016, p. 121), mas que um dos modelos muito comuns do período era aquele de homens fortes “com musculatura definida, transparecendo sua rusticidade e virilidade, sem fraquezas ou doenças, desvela comportamentos e se diferencia, por oposição, do corpo feminino.” (CAMPOS; MARAMALDO, 2016, p. 120). Cabe lembrar que Serafim se criou entre diferentes ambientes urbanos (Florianópolis-SC, São Paulo-SP, Curitiba-PR), além de outros espaços, como Chapecó, onde a cidade estava se constituindo em meio a um projeto de ocupação e “civilização” por meio de colonizadoras. Nesses diferentes tempos e espaços haviam diferentes modelos de masculinidade. Entretanto, Serafim se preocupa com sua aparência, demonstrando sua proximidade com uma masculinidade burguesa, que era de homens menos “brutos”, mas sim elásticos e arrumados.

Além disso, ao jovem, historicamente foi dada a imagem da modernidade e da beleza, além de ser considerada uma fase de rebeldia, de romance e descobrimentos. O que leva aos próprios jovens preocuparem-se consigo, pois se buscava manter-se jovem por mais tempo possível. Rosimeri Aquino da Silva e Rosângela Soares, no capítulo *Juventude, escola e mídia*, no qual estudaram a influência da mídia e da escola sobre a representação e compreensão social do que significa ser jovem, baseadas aqui em Philippe Ariès sobre a segunda metade do século XX, afirmam que: “manter-se jovem e bonito é um ideal de nossa

sociedade” (2018, p. 87). (Podemos relembrar as cartas que Serafim preocupa-se com a queda de cabelo).

Dessa forma podemos perceber nas cartas também a produção do corpo de Serafim em meio à sua inserção no internato. As cartas aos pais podem ser entendidas para além da função de serem relatos sobre as atividades dele e de seu irmão na escola; elas são um suporte e meio de reflexão e criação de si próprio por intermédio da narração. Como escreve o historiador Benito Schmidt, em capítulo de livro intitulado “*Grades invisíveis para rebentar*”: *memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões argentinas (1975-1979)*:

Escrever a própria vida não significa representar a realidade pré-existente, muito mais do que isso, significa criar a vida narrada e o próprio autor, já que implica selecionar, ordenar e hierarquizar experiências dispersas; conferir sentido ao passado a partir de um futuro já tornado presente; imprimir coerência e constância a múltiplas vivências que, no pretérito, tiveram pouca ou nenhuma ligação entre si; desenhar e dar a ver, enfim, os contornos de um autor-narrador-personagem que assume a condição não apenas de protagonista da trama, mas da própria vida (2012, p. 233).

As cartas de Serafim mostram-no como protagonista da própria vida, como alguém que vai descobrindo prazeres, lidando com os limites e problemas do seu corpo, com os compromissos na escola, como visto acima, entre outras atividades.

Serafim também vivia um momento de desenvolvimento de suas habilidades enquanto redator. Ele até mesmo se desculpa, numa carta de 5 de novembro de 1929, de não ter seguido as normas de redação epistolares ao começá-la escrevendo no pronome pessoal da terceira pessoa do plural e depois continuar com a terceira pessoa do singular – de tão acostumado que estava em escrever para a mãe e não para os pais. A carta foi escrita em dois dias diferentes, e ele, então, ao reler a carta antes de enviar, sente a necessidade de inserir uma *Nota Bene* (N.B) ao final:

N.B. Não reparem a troca dos pronomes pessoais que aqui vão. Como sabem, é regra a carta com o mesmo pronome que se começou; mas, comecei a escrever com o tratamento de vós, depois esqueci-me que tinha posto “paes” no cabeçalho, continuei com o tratamento por tu e assim ficou uma mixórdia (BERTASO, Serafim. Carta aos pais. Florianópolis: 5 de novembro de 1929. Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso).

Além de escrever para o jornal mencionado antes, numa das cartas Serafim chega a ensaiar um poema, exercendo sua criatividade poética. As cartas se apresentam assim também como espaço de experimentações literárias e nelas se mostra como ele desenvolve uma

sensibilidade pelas Letras. Serafim insere um poema de sua autoria sobre Chapecó, para aonde ele iria se dirigir em pouco tempo:

Chapecó
 Lá ao longe, muito ao longe
 Os primeiros mattagaes aparecem
 Enquanto vence a distancia, o Dodge,
 Assustando as aves que adormecem.
 Salta no peito o coração
 Ao rever os primeiros conhecidos
 E invade a alma a emoção
 A recordação dos entes queridos.
 A ultima colina é passada...
 De alegres os olhos brilham
 Por terminar a longa massada.
 Em ti encontro, em ti oh Chapecó
 Os que me esperam e compartilham
 Das minhas saudades, em ti só.
 (BERTASO, Serafim. Carta à mãe. Florianópolis: 17 de novembro de 1928.
 Arquivo do CEOM, Coleção particular da família Bertaso).

Apesar de viver mais tempo em Florianópolis, do que em Chapecó, e apesar de ter morado em outras cidades antes, Serafim mostra uma relação muito forte com Chapecó, mostrando como valoriza também o projeto colonizador do pai. Esse poema ou soneto, como chamou Serafim, expressa de forma muito clara sua relação já afetiva com a cidade de Chapecó.

O poema também se trata de uma narrativa autobiográfica de Serafim, na qual ele se apresenta como narrador-personagem-autor, confluência pressuposta no pacto da escrita autobiográfica. Para efetivar o pacto autobiográfico, no caso de Serafim, escreve e narra sobre si em vista do leitor, e a carta torna-se aqui um suporte e espaço poético e de produção artística no qual o escritor Serafim se expõe ao destinatário. Para muitos artistas e escritores, esse era um espaço de ensaio de narrativas literárias. Contudo, pouco provável que tal seja a intenção de Serafim, talvez o poema tenha sido um espaço ao qual teve abertura para a expressão das saudades que gostaria de compartilhar com a família.

No poema, Serafim descreve aos seus olhos a lembrança de chegar em Chapecó com o carro Dodge da família⁶⁹. Parece que Serafim tinha percebido já, aos seus 20 anos, o significado do que ali em Chapecó se fazia, o início de uma cidade em um espaço destinado à

⁶⁹ O automóvel nos anos de 1930 ainda era um objeto de consumo das elites, como observa a socióloga Laura Senna Ferreira: “no mercado brasileiro, até 1950 o automóvel esteve basicamente restrito a quem tinha alto poder aquisitivo. Só se tornaria um sinal de distinção passível de ser adquirido por um maior número de pessoas a partir da instalação da indústria automobilística no país.” (2016, p. 133).

colonização, e como a família, em especial o pai, tinha um papel fundamental na constituição daquele lugar. Assim, no poema e na expressão “Oh Chapecó” há uma ode a essa nova cidade, que estava estreitamente ligada aos seus familiares a que tanto sentia saudades.

Nessa narrativa autobiográfica em forma de poema, Serafim produz uma memória nostálgica sobre Chapecó. Descreve a chegada à cidade com o carro do pai que encurta distâncias e imprime novas paisagens. Chapecó não é só o novo lar da família, é um espaço transformado pela ação colonizadora do pai, com o qual Serafim parece se identificar, pois muito antes de viver em Chapecó, Serafim passara mais tempo em diversas cidades: 5 anos em Florianópolis, 3 anos em Passo Fundo, 2 em São Paulo, 1 em Curitiba, e diversos anos da infância com a família nas cidades de Bento Gonçalves e Guaporé. Mas sua narrativa descreve o anseio de estar junto de sua família que agora criava raízes na nova cidade de Chapecó.

A psicóloga social Ecléa Bosi destacou em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* que “a casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância” (1995, p. 435). Apesar de viver apenas as férias por lá e dos pais estarem há pouco tempo ali instalados, sentimentos de carinho pela localidade são fortes por ali estar presente a sua família: “aqueles que me esperam e compartilham das minhas saudades”. Também porque era ali que poderia viver as férias tão esperadas. Assim, essa narrativa autobiográfica nostálgica de Serafim o liga a Chapecó por meio da imaginação do futuro reencontro com a família – é o vínculo e a saudade da família que o fazem criar esse poema romantizado de Chapecó. Chapecó não é um local abstrato no mapa, mas um lugar marcado pela presença de sua família. O poema narra o imaginado percurso até estar nos braços dos familiares; a memória constrói um percurso afetivo até a casa da família, ou seja, um “mapa afetivo”, tal como Ecléa Bosi percebe nos relatos de memórias de sujeitos velhos que viveram em São Paulo, era possível quase “desenhar um mapa afetivo da cidade” (1995, p.448). Assim como esses velhos, Serafim narra essa lembrança de, ao chegar em Chapecó, ver os primeiros conhecidos, descreve as paisagens até chegar no espaço em que encontra a família e as sensações que lembra sentir – e espera sentir – nesse momento da chegada.

Dessa forma, podemos entender que Serafim reforça e mantém seus laços familiares utilizando o espaço das cartas para desenvolver suas lembranças, bem como sua posição de sujeito dentro da família, como filho, irmão, primo, que é construída nas cartas também por meio da rememoração dos momentos vividos com os familiares, das saudades, da ansiedade

de reencontrá-los. Isso porque, como aponta o sociólogo da memória Maurice Halbwachs, jamais estamos sós, “sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas” (2008, p. 30). O distanciamento físico faz Serafim se referir e dar importância a fatos cotidianos do passado em família. Os laços com a família continuam, se reconfiguram, já as escolas são grupos mais efêmeros, devido às mudanças constantes. Maurice Halbwachs também aponta que “só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos do ponto de vista de um ou mais grupos”, associando assim a memória individual aos grupos dos quais fazemos parte (HALBWACHS, 2008, p. 36). Nesse sentido, Serafim busca manter os laços com a família não apenas por meio do envio e escrita de cartas, de assuntos cotidianos que os ligam, mas também dos vínculos com o passado que estabelece por meio da rememoração.

Neste capítulo pudemos perceber como Serafim enquanto criança e depois enquanto jovem se moveu e se posicionou dentro da família. Como a família desenvolveu estratégias tanto para manter as relações epistolares enquanto membros da família viajavam, mandando cartas para mais de um endereço e mais de um destinatário permitindo que de alguma forma as notícias chegassem à família. Ou mesmo as estratégias dos pais em manter o laço afetivo e de movimentar as redes sociais para cuidar das crianças – Serafim, Elza e Jayme – mesmo longe de casa. Dessa forma, encontravam apoio de amigos e parentes que moravam nas cidades onde os filhos estudavam, deixando a esses adultos a responsabilidade de fornecer dinheiro e alguma atenção – levar para passeios, ou de entregar notícias da família – quando necessário. Percebemos também que, conforme Serafim vai crescendo, desenvolve sua prática de escrita e descobre a possibilidade de aprofundar suas reflexões sobre si no espaço da escrita íntima para os pais aos poucos na sua relação epistolar com a família. Conforme ele cresce e se aproxima da vida adulta, sua narrativa nas cartas se torna mais densa e atenta, o que demonstra maior preocupação com a prática, além de novas interpretações sobre o que se tornou importante falar e refletir.

Vimos também como Serafim desenvolve suas identidades narrativas enquanto filho, irmão/amigo, responsável pelo irmão e primo, herdeiro, na relação com seus diferentes destinatários. À medida que vive sua juventude na escola, na família e em outros espaços de sociabilidade vai constituindo sua subjetividade, descobrindo seus gostos, desenvolve habilidades e opiniões, coloca-se como agente de si ao escrever sobre seu cotidiano e experiências. Podemos assim perceber a importância e potencialidade permitidas pela análise de cartas e escrita de si para estudos da história da família, juventude e infância, por permitirem evidenciar a relação do indivíduo consigo próprio e com a família nessas fases da

vida, e como as cartas, ao “unificar fragmentos heterogêneos” de seu cotidiano – trazem traços do processo de subjetivação no exercício da escrita pessoal (FOUCAULT, 1992, p. 142-143). Nesse sentido, percebemos além das experiências narradas e construídas nas cartas, também o papel formador e constitutivo da família para Serafim, é na família que encontra suporte.

CAPÍTULO III: ENTRE A DISCIPLINA E O PRAZER: O MENINO E O JOVEM SERAFIM BERTASO NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES (1920-1929)

As cartas do menino e jovem Serafim, por terem sido escritas a partir de colégios internos, falam muito sobre suas relações com essas instituições escolares, em especial o cotidiano escolar, como ele vivia, interagia, se sujeitava e, ao mesmo tempo, se subjetivava a partir dessa experiência de formação. Buscamos aqui explorar o que Serafim escrevia sobre sua vida como aluno matriculado em regime de internato, como essa condição está presente na comunicação com a família, como se configura e se desenvolve sua prática de escrita (conteúdo, forma, narrativa) conforme seu processo de escolarização e, também, como se opera a construção da subjetividade dessa criança em meio às relações de poder vividas na escola.

Para tanto, utilizaremos aqui enquanto fontes não apenas as cartas, mas também documentos escolares respectivos ao período em que esteve nas três instituições escolares. Nesse momento, torna-se importante a conjunção de “documentos provenientes do campo da educação escolar” com “as produzidas pelas crianças, uma vez que poderão esboçar outros cenários para além do prescrito no discurso pedagógico” (AREND, MOURA, 2020, p. 52.), permitindo, assim, no caso de Serafim, vislumbrar o que se refere às experiências de Serafim enquanto sujeito dentro das instituições, percebendo tanto como atuava a escola sobre o sujeito, como também o sujeito se comportava e se percebia dentro dos modelos e normas escolares. O objetivo aqui é explorar como Serafim viveu e escreveu sobre o cotidiano vivido dentro e a partir desses colégios de formação das elites – especialmente no que diz respeito ao tempo que esteve no Ginásio Anglo-brasileiro, em São Paulo, e ao período no Ginásio Catarinense em Florianópolis.

Enquanto cotidiano, nos apropriamos das reflexões de Maria Odila (1998, p. 226) que problematiza e historiciza o conceito de cotidiano, defendendo o estudo do cotidiano não como uma história de uma rotina, lazer etc., mas como aquele que historiciza os sujeitos, sua cultura. Entende também para além das relações de poder, mas as ações de resistência, improvisações, estratégias e ações dos sujeitos no dia a dia na sociedade em que se encontra. Para Odila, “o cotidiano constitui atualmente uma área de estudos voltada para a apreensão das diferenças, para a documentação de especificidades.” (1998, p. 258). Dessa forma, o foco não é apenas a formação escolar, os sistemas e culturas escolares e relações de poder, atividades desenvolvidas no dia a dia nos quais este sujeito esteve inserido, mas, sobretudo, a

como Serafim age e apreende esse processo e sua condição de interno, a partir de sua própria escrita de si.

Dividimos a discussão deste capítulo em dois itens, o primeiro se refere ao menino Serafim, ao período do final de sua infância, de 1920, quando tinha entre 11 e 12 anos, a 1922, quando completa 14 anos. Nesse período Serafim vive a primeira experiência de afastamento da família e de inserção em colégio interno, em Curitiba, e depois se torna interno de colégio em São Paulo-SP. Tomamos aqui o conceito de experiência proposto por Joan Scott, no qual ela afirma que “não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência” (SCOTT, 1995, p. 27). Ou seja, são as experiências vividas por Serafim na escola (na família e em outros locais de sociabilidades) que o constituem como sujeito.

No segundo tópico trataremos do período da juventude de Serafim, dos anos de 1926, quando Serafim está com 17 anos, ao ano de 1929, quando ele completa 21 anos e chega ao quarto ano do curso ginásial.

Tendo em vista que no capítulo 1 discutimos previamente a educação esperada pelos pais, ao enviar os filhos para colégios internos no sul e sudeste do Brasil, buscaremos analisar primeiro a inserção de Serafim no primeiro colégio interno para seguir na linha temporal em cada colégio, sua sujeição/subjetivação nesses processos, como produz uma agência; em seguida, perceber que práticas de si e os modos de subjetivação (FOUCAULT, 2019, p. 32-36) ele vai desenvolvendo – “estética da existência” (FOUCAULT, 2004, p. 290) no cotidiano vivido nas instituições escolares.

3.1 PRIMEIROS ANOS COMO INTERNO: ESCOLARIZAÇÃO, INFÂNCIA E SUBJETIVIDADE (1920-1922)

Aos 12 anos, em 1920, Serafim adentra o primeiro colégio interno, o Colégio Júlio Theodorico, em Curitiba-PR. Buscamos entender quando e onde Serafim estudou e foi alfabetizado, a partir das cartas e documentos escolares não foi possível constatar tal informação, contudo Maria Adelaide Hirsch, na biografia sobre Ernesto Bertaso, afirma que entre 1918 e 1919, quando a família Bertaso mudou-se para Passo Fundo, Serafim, que estava com 9 anos de idade, começa a estudar em uma escola local (HIRSC, 2005, p. 45). Tal dado demonstra que Serafim começou seus estudos numa idade muito próxima à de Elza, mesmo que ele em colégio local.

As cartas de Serafim de 1920 preservadas são escassas e com menos conteúdo sobre o cotidiano escolar do que as cartas posteriores. Contudo, ainda assim, permitem refletir sobre a percepção dele sobre a sua nova condição de aluno de um internato separado da convivência com a família. O seu nível de escrita ainda era básico, ele cometia muitos erros ortográfico-gramaticais e de pontuação, observação importante para percebermos os efeitos do investimento em sua formação escolar mais adiante, na comparação com cartas do ano seguinte.

Apenas dois documentos expedidos pela escola, em 1920, encontram-se no acervo familiar doado ao CEOM e se referem às despesas de Serafim como aluno e interno. Não há outros documentos que possibilitem saber o currículo cursado. Os documentos e as cartas permitem verificar que Serafim esteve pelo menos desde março até dezembro de 1920 nessa escola, que oferecia a possibilidade de estudar em regime de internato, semi-internato e externato, como se percebe pelo timbre do papel:

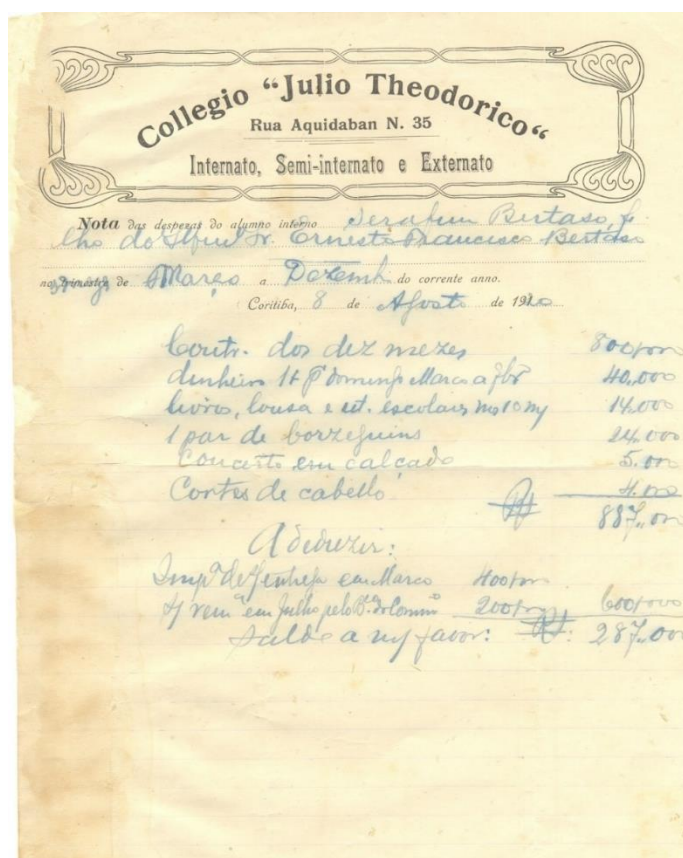


Imagem 5: Nota de despesas emitida pelo Colégio Júlio Theodorico sobre o aluno Serafim Bertaso. Agosto de 1920.

Fonte: Coleção Particular da Família Bertaso, Arquivo do CEOM.

O documento evidencia que Serafim estava matriculado em regime interno, informação que aparece impressa no documento. Essas contas também confirmam a informação de que estava como interno no colégio, pois os valores da nota se referem a 10 meses de mensalidades e apresentam os gastos de Serafim não apenas com livros, materiais escolares e lousa; mas também a gastos com “concerto” de calçado, corte de cabelo e compra de um par de borzequins.

Em uma pesquisa em trabalhos sobre educação e instituições escolares em Curitiba no período, tivemos dificuldades em encontrar referências sobre o Colégio Júlio Theodorico. As referências existentes se referem em geral ao professor Júlio Theodorico, que por muito tempo atuou no ensino público na cidade.

Recorrendo aos jornais de Curitiba, pode-se tomar conhecimento que, em 1906, Júlio Theodorico Guimarães era professor de escola pública na Escola Olivera Bello e no Colégio Santos Dumont (DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 4 de novembro de 1909). Sabe-se também que ele atuou como diretor do Grêmio dos professores em 1906, já sendo reconhecido como um professor distinto pela sociedade local (DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1 de julho de 1908). A partir de 1909 o Colégio Júlio Theodorico começa a ser noticiado, conforme consta em jornal daquele ano. O colégio aparece como sendo de propriedade do professor Júlio Theodorico Guimarães, o qual provavelmente teria utilizado do seu reconhecimento social na atuação no ensino público para fundar o próprio colégio. Em matéria no jornal Diário da Tarde do Paraná de 1915 se noticia as comemorações de aniversário do professor e diretor, com a presença de diversos ex-alunos de colégios nos quais havia lecionado, assim como alunos internos e externos do colégio Júlio Theodorico, familiares de alunos, entre outros. Foi realizado um baile em comemoração ao seu aniversário, contando inclusive com bandas musicais, o que demonstra a distinção e prestígio social dados ao professor e dono do colégio (DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 2 de julho de 1915).

Não há muita informação sobre a educação oferecida pelo colégio Júlio Theodorico. Conforme consta em notícia do jornal Diário da Tarde, o colégio privado possuía uma estrutura que seguia os padrões higienistas, com grande espaço para os estudantes, provido de luminosidade natural e de bons professores, muitos dos quais o jornal demonstra reconhecimento. A notícia exalta a qualidade da estrutura física do colégio, comparando-a com a de colégios públicos (menciona a Escola Oliveira Bello e a Escola Carvalho)⁷⁰ que

⁷⁰ Ao pesquisar por Júlio Theodorico encontramos sempre o nome associado a esse professor em colégios públicos, mas sobre o Colégio Júlio Theodorico não foi encontrada bibliografia. Mas encontramos informações sobre outras escolas presentes na mesma rua do colégio Júlio Theodorico, como no trabalho do historiador

havia sido fechados por não alcançarem a qualidade buscada tanto pelo governo como também pela sociedade. Ainda conforme foi noticiado no jornal, o colégio contava com o curso Normal de 1º ao 4º ano e ensino intermediário (DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 9 de janeiro de 1927).

Segundo o historiador Marcos Levy Albino Bencostta, havia uma preocupação da imprensa local em relação à estrutura física dos colégios:

Em Curitiba, a questão da higiene geral dos edifícios escolares não passou despercebida pela imprensa local, pois, baseada nos pressupostos de uma pedagogia compreendida como moderna, enfatizava a importância do ar puro, da luz abundante e de uma adequada localização sanitária, requisitos indispensáveis para o bom estado dos *grupos escolares* (2001, p. 12).

Apesar do historiador, nesse caso, estar tratando sobre os grupos escolares, ou seja, os colégios públicos, podemos entender a comparação feita pelo Diário da Tarde sobre a estrutura física do colégio Júlio Theodorico com os colégios públicos como uma forma de divulgação desse colégio particular. A matéria, ao ressaltar a diferença estrutural – tanto física como também atinente à qualidade dos professores – promove a imagem do Colégio Júlio Theodorico e do seu fundador em detrimento dos colégios públicos.⁷¹

Serafim não escreveu muito sobre seu cotidiano escolar nesse ano vivido no Colégio Júlio Theodorico, mas o que escreve diz muito sobre as dificuldades de se conformar com o fato de ter sido enviado para longe da família e de ter sido submetido àquela condição de interno. O próprio fato de escrever pouco sobre o cotidiano escolar pode denotar a sua agência em sujeitar-se àquela decisão dos pais.

Serafim reclama da comida da escola e sobre sua situação de interno em cartas escrita em meados do ano: “[é] o diabo ficar interno eo [eu] tenho que comer mais bicho do que feijão e mais e mais sugera do que arroz” (BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 13 de Junho de 1920). Aqui ele associa sua experiência negativa como interno em relação à comida. Ele não se refere à qualidade do ensino ou a algo ligado aos estudos, mostrando a sua

Marcus Levy Albino Bencostta, no qual apresenta os colégios que existiam nessa rua em 1886, a Escola Oliveira Bello e a Escola Carvalho, que por volta de 1920 foram reconhecidas como grupo Escolar Oliveira Bello e Carvalho, mas, segundo o autor, a partir de 1925 não há mais registro desses colégios, o que confere com a notícia do jornal que afirma que esses dois colégios foram fechados devido à falta de infraestrutura adequada (2001, p. 121-122).

⁷¹ Conforme Roseli Boschilia, até 1920 no Paraná, “o único colégio católico administrado por uma congregação masculina era o Bom Jesus (que oferecia apenas curso primário)” (BOSCHILIA, 2018, p. 163), isso devido às políticas educacionais da igreja Paranaense que está, até aquele momento, voltada mais fortemente à educação feminina.

perspectiva ao enxergar o seu novo cotidiano longe da família. Sua carta tem, como percebemos, diversos erros gramaticais ortográficos e falta de pontuação.

Outra reclamação é expressa por ele em carta de 29 de setembro de 1920, quando afirma: “eu não pude escrever logo porque não tinha selo. Eu sempre pesso livros ao vigilante elle não que me dar dis que eu não preciso” (BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 29 de Setembro de 1920). A reclamação da falta de selos é a forma que ele encontra para justificar não ter respondido logo aos pais. Além disso, Serafim reclama a posição do vigilante que o restringe da aquisição dos selos, e assim controla a produção epistolar de Serafim, que se vê lesado. Tal relato demonstra a relação de vigilância exercida pela escola, na qual havia, inclusive, vigilantes com poder de controlar a compra de selos – não sabemos se poderiam controlar a compra de outros produtos –, assim o vigilante supervisionava também os alunos.

Curitiba 22 de julho de 1920
 Querida mamãe! Recebi tua cartinha
 no dia 22 de julho fiquei contente
 que tu ~~est~~ esta contente e tu também
 esto contente de saber que o pai vai
 vae e tu também o filho brinca
 muito com o pai. Ele ainda
 não brinca com os seu amiguinho
 o Ary te manda lembranças
 ainda não recebeu noticias do papae
 as ferias começa no dia 30 de outu
 br dis ao papae que venha me busca
 no dia 15 se sentir muitas saudades
 de todos vós porque não vens mora em
 Curitiba dis ao papae que ~~se~~ arrange
 para vim para Curitiba sem
 mais nem menos. Receba um abraço
 de teu filho Serafim

Imagem 6: Carta de Serafim à mãe, detalhe nas rasuras e falta de pontuação

Fonte: Arquivo do CEOM, coleção particular da família Bertaso.

A experiência escolar vivenciada nesse colégio resulta no aprimoramento da escrita, mas desde as primeiras cartas de Serafim se percebe que já são escritas seguindo um modelo básico e comum também às cartas seguintes: há antes do assunto o local e a data do momento da escrita; há a saudação, essa sempre em linha que antecede também o assunto da carta; ao final, vemos o encerramento, um adeus que segue com a assinatura do escrevente, no caso, Serafim. Ou seja, Serafim já havia aprendido, seja na escola ou em casa, a forma básica de se escrever esse tipo de texto, a carta. Contudo, até final de 1920, as cartas de Serafim ainda possuem diversos erros gramaticais, uma letra com pouca habilidade – garrancho – o que revela ainda estar em processo de aprendizagem da escrita.

Apesar de demonstrar dificuldades em se acostumar com a distância dos pais e irmãos e com o cotidiano como interno, como visto no item anterior, Serafim passa a narrar em suas cartas grande dedicação às atividades escolares – manifesta isso como uma forma de valorizar o investimento feito em sua formação e de dar sentido a todas as suas saudades da família. Em 13 de junho, Serafim, por exemplo, assim escreve: “quero esforçar-me estudar bastante para tirar boas notas fim do anno passei do segundo livro para o terceiro” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 13 Jun 1920). Entretanto, conforme verifica-se nos documentos escolares do ano seguinte em que passa a estudar no Anglo-brasileiro, Serafim estuda novamente o 1º ano – contudo, não há documentos que comprovem uma possível reprovação ou exatamente que curso estudava no Júlio Theodorico.

Todavia, geralmente suas cartas tratam de momentos que não fazem parte do cotidiano escolar, mas sim de atividades de lazer. Como na carta de 6 de setembro em que afirma ter saído no fim de semana: “eu sahi passear no sabbado com o Sr. Maia, no domingo elle convidou eu e o Ogular para ir ver o jogo de fot ball” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 6 de setembro de 1920). Maia era sócio de Ernesto Bertaso na companhia de colonização em Chapecó. Aqui já é possível perceber um pouco das atividades de lazer que Serafim parece gostar, e das relações que possui, pois Ogular era seu primo – provavelmente por parte de mãe – que morava em Curitiba (como podemos ver em carta recebida por Serafim dele) com quem mantém relações epistolares nos anos seguintes.

A presença do Sr. Maia no cotidiano de Serafim em Curitiba é aparente também em carta anterior, de 6 de julho de 1920, quando Serafim escreve ter sido visitado pelo Sr. Maia. Essa informação demonstra tanto a movimentação dos sócios da empresa Bertaso, Maia e Cia, cujos negócios se estendem para fora do estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como também a intimidade entre os dois sócios, cujas relações se estendiam para as respectivas famílias e para o cuidado com os filhos um do outro.

Nas cartas escritas em Curitiba, Serafim escreve muito sobre as férias, exprimindo grande ansiedade pelo fim das aulas e pelo momento em que irá retornar à casa da família. Essa ansiedade e as pequenas reclamações sobre a escola demonstram sua não total adaptação à nova vida. Depois do encerramento das aulas, em outubro de 1920, Serafim não retorna aos estudos no colégio Júlio Theodorico.

No início do ano de 1921, aos 12 anos, Serafim inicia seus estudos como interno do 1º ano ginásial no Ginásio Anglo-brasileiro em São Paulo-SP. Tratava-se de um colégio renomado, fundado em 1899 pelo inglês Charles Wicksteed Armstrong, com um campus

presente também na capital do país, no Rio de Janeiro, como se pode apreender no documento abaixo. Segundo o historiador Pedro Frederico Falk, esses colégios também serviam como internatos (*boarding schools*) para meninos de 6 a 16 anos das elites, conforme o sistema de colégio inglês que preparava os meninos para o ensino superior ou carreira comercial⁷².

O mesmo autor associa a ligação do fundador do colégio com os princípios eugenistas, aplicados aqui à educação. Segundo Falk, em seu estudo sobre este colégio, preocupava-se tanto com o ensino de disciplinas de conteúdo como com o ensino da moralidade e com o cuidado com a saúde a partir de princípios eugenistas: “de maneira geral, o ensino de moralidade se fez presente em suas escolas, bem como o ensino do conhecimento acadêmico adequado e as preocupações de Charles Armstrong com a saúde física de seus alunos (nutrição e atividades físicas), o ambiente em que estão inseridos e sua higiene.” (2019, p. 17, tradução nossa)⁷³.

O prestígio desse colégio e a grande demanda das elites por instituições escolares desse nível, segundo Falk, resultaram que, em 1912, o colégio Anglo-Brasileiro, tanto o do Rio de Janeiro como o de São Paulo, alcançassem o limite de sua capacidade de admissão de novos alunos (2019, p. 15-16). Por meio deste colégio, Serafim adentra numa cultura escolar conectada com práticas escolares advindas de um modelo inglês. Entendemos aqui cultura escolar como conceitua Dominique Julia, “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, em conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)”. (JULIA, 2001, p. 10).

Os boletins expedidos pelo colégio permitem observar alguns elementos relativos ao currículo, às habilidades desenvolvidas, comportamentos e condutas esperadas e ao desempenho escolar de Serafim nesses anos, bem como a preocupação em atestar o estado de saúde do interno, como abaixo. Serafim estava no primeiro ano do curso ginasial. Pelas notas das disciplinas cursadas percebe-se um acento no ensino de línguas – em relação a português e inglês havia notas específicas para linguagem/ortografia e gramática, aprendendo ainda o francês –, havendo aulas de geografia, desenho, caligrafia, aritmética e ginástica. O que

⁷² Não foi possível constatar se o Ginásio Anglo-brasileiro seguia algum dogma religioso, mas muito provavelmente os preceitos cristãos – mesmo que não diretamente como matéria escolar, mas em símbolos, comemorações – fossem presentes no cotidiano escolar.

⁷³ No original: “Overall, the teaching of morality was present in his schools alongside the teaching of proper academic knowledge and Charles Armstrong’s concerns with the physical health (nourishment and physical activities) of his students, the environment and hygiene.” (2019, p. 17).

chama atenção é também a aferição de notas para pontualidade e asseio, que diziam respeito à disciplina e ao cuidado com o corpo. Além disto, de grande importância para o peso da nota final era o quesito comportamento, evidenciando o investimento do colégio na modelação de condutas desses meninos. Percebe-se também uma preocupação do colégio em classificar os alunos – ele é classificado em 36º lugar – estratégia de, provavelmente instigar a competitividade entre os alunos. Não se especifica o número total de alunos computados nessa classificação.

Quando analisados os boletins do ano de 1921, podemos notar que, nos primeiros meses no colégio, Serafim tinha certa dificuldade na matéria de gramática. Mas, em compensação, recebia boas notas em caligrafia. É possível notar na própria escrita das cartas que tanto sua gramática, ortografia e caligrafia melhoram a partir de abril de 1921.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO
S. PAULO - RIO DE JANEIRO
CURSO GYMNASIAL

Boletim mensal do alumno *Serafim Bertaso*
do *1º* anno, classificado em lugar.

ESCALA: 10 indica **optimo**, de 7 a 9 indica **bom**, de 4 a 5 indica **soffrivel**, de 0 a 3 indica **mau**.

	DOS ESTUDOS														DO INTERNATO				MÉDIA	Comportamento	MÉDIA FINAL								
	Portuguaz	Inglez	Linguagem e Orthographia Grammatica	Linguag. e Orthog. Grammatica	Francez	Latim	Historia Universal	Geographia	Arabe	Desenho	Calligraphia	Arithmetica	Algebra	Geometria	Trigonometria	Contabilidade	Cosmographia	Historia do Brazil				Physica	Chimica	Historia Natural	Musica	Marcenaria	Horticultura	Gymnastica	Pontualidade
<i>Abri.</i>	6	3	5	5	3		7		6	7	5															7/10	6/10	9	7,58
<i>Mai.</i>	6	4	5	5	3		6		6	8	5															8/10	6,45	6	7,58

Vezes tarde Vezes ausente
 Saude do alumno (actualmente) *optima*
 Observações

 S. Paulo, em *31* de *maio* de 1921
W. W. Luthbert. Vice-DIRECTOR

2050

Imagem 7: Boletim mensal do aluno Serafim Bertaso. Ginásio Anglo-brasileiro. 31 de maio de 1921.

Fonte: Arquivo do CEOM, coleção particular da família Bertaso.

Na carta de abril de 1921, como em todas as escritas até então, ele inicia com o tema saúde, dando depois as notícias ou fazendo perguntas e encerrando com a despedida. Mas a letra, a pontuação e até mesmo os espaços entre uma palavra e outra demonstram uma evolução na prática escrita. Nessa carta Serafim fala estar muito bem no colégio e aproveita

para contar sobre o passeio que fez com o “batalhão” ginásial pela “Avenida grande”, provavelmente a Avenida Paulista. Conforme seu relato nas cartas, Serafim parece gostar dessa atividade.

Apesar de nos anos de 1920 a popularidade dos batalhões escolares ter decaído, alguns colégios mantiveram esse tipo de ensino. Havia algumas motivações para a educação militar entre as crianças. Segundo Rosa Fátima de Souza, no início do século XX as escolas públicas paulistanas adotaram o ensino militar: “nas representações de alguns educadores da época, a educação militar possuía finalidades que incluíam o sentimento de patriotismo, o desenvolvimento das virtudes cívicas, a moralização dos hábitos, a eugenia e a disciplina corporal.” (2000, p. 108). Tanto o simbolismo como a educação desses batalhões seguiam as normas militares, moldavam os corpos das crianças para obedecer.

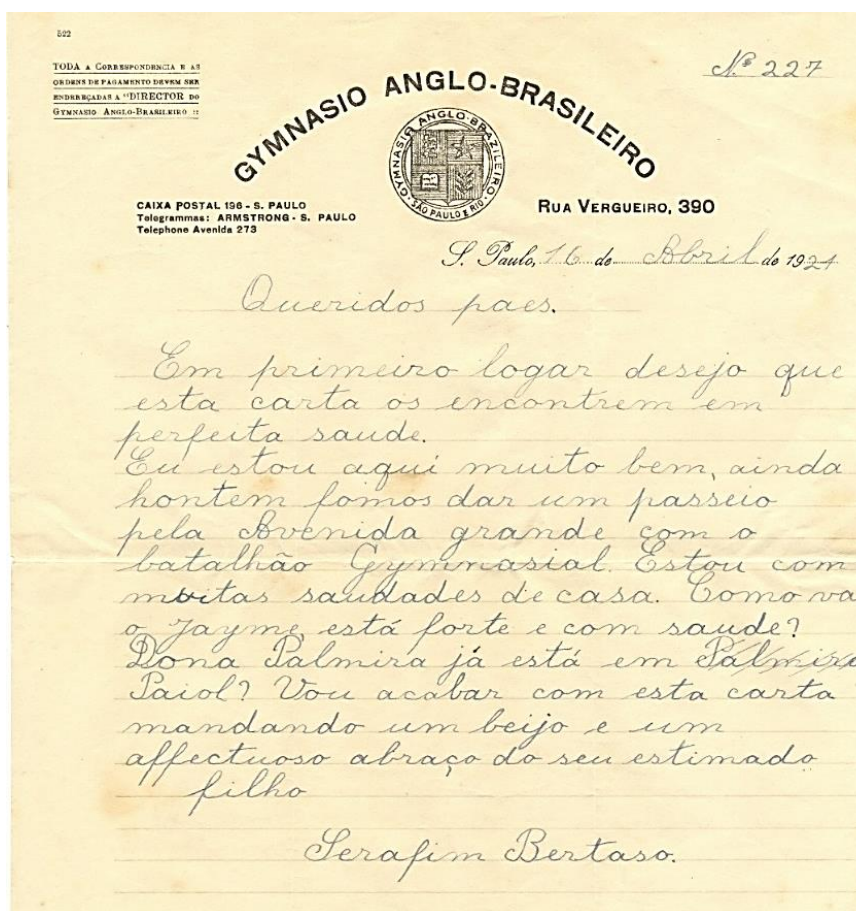


Imagem 8: Carta de Serafim aos pais. 16 de abril de 1921.

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Os princípios da eugenia também eram presentes na educação por meio da prática do futebol, muito prezado neste colégio inglês. Na carta abaixo reproduzida, por exemplo,

Serafim comenta sobre as atividades de futebol, atividade essa que aprende a estimar muito, ao ponto deste assunto se repetir em muitas cartas posteriores, também quando está em Florianópolis. Por estudar em um colégio de método inglês, o futebol era uma atividade bastante presente no cotidiano das crianças que lá estudavam. Como aponta o mestre em educação física, Osmar Novaes Ferreira Junior, o futebol era utilizado nas escolas paulistas como uma prática corporal que reforçava os ideais higienistas do corpo saudável:

Podemos observar novamente, a relação de corpos sadios que era uma consequência dos exercícios musculares desenvolvidos nas aulas de Ginástica, sendo associado a melhora da saúde física e moral, princípios esses próprios também do Sport defendido por Thomas Arnold nas escolas inglesas (FERREIRA JUNIOR, 2013, p. 108).

Tanto o futebol praticado nos intervalos, como também os campeonatos interescolares faziam parte de um método de ensino que não só primava por este esporte, como buscava por meio dele o desenvolvimento dos corpos física e moralmente, como aponta o sociólogo Francisco Xavier Freire Rodrigues em seu artigo *Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil*. O autor aponta no futebol práticas de controle e modificação dos corpos, o poder centrado no treinador ou técnico, passado também para o capitão do time:

Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores *em forma*, preparados para jogar (RODRIGUES, 2004, p. 263, grifo do autor).

Em carta de maio de 1921, depois de afirmar estar “muito bem”, demonstrando estar bem ambientado no colégio – percepção diferente das cartas enviadas de Curitiba –, Serafim dá grande foco às atividades ligadas ao futebol. Isso ele escreve após a informação de estar bem nos estudos e bem de saúde, assuntos de interesse dos pais. Como eles, muitas famílias das elites buscavam a distinção social por meio da educação moral e também dos corpos, e, nisto, entrava a postura corporal.

Serafim, contudo, se refere à prática do futebol durante os recreios, quando podiam praticá-lo enquanto lazer, enquanto “divertimento”. Na carta abaixo, por exemplo, Serafim escreve como uma das notícias “agradáveis” o fato de ter chovido no dia anterior, o que permitiu a ele e a seus colegas brincar e jogar futebol no pátio sem serem incomodados devido à poeira.

Uma situação reversa aparece na carta de 21 de agosto, em que Serafim escreve: “O tempo tem estado admirável, porém a chuva está fazendo falta, pois no recreio tem bastante poeira.” (BERTASO, S. 21 de agosto de 1921). Por conta da poeira em dias secos no espaço interno do colégio, os professores e responsáveis não permitiam que se jogasse futebol no pátio. Isso parecia afetar os divertimentos dos alunos, segundo Serafim.

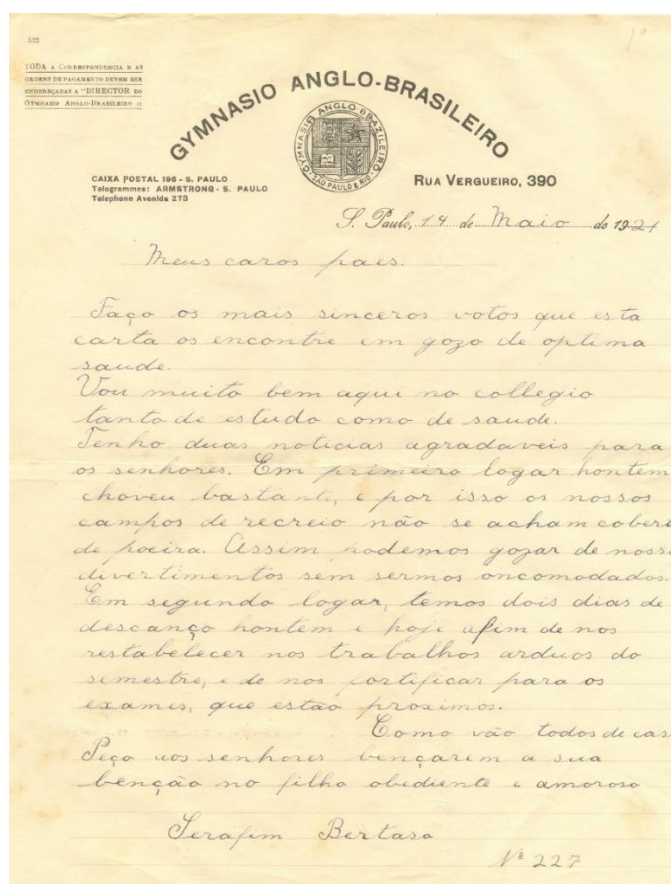


Imagem 9: Carta de Serafim aos Pais. São Paulo, 14 de maio de 1921

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Voltando à carta anterior, acima reproduzida, percebe-se que Serafim se demora mais a falar sobre o futebol e os dois dias de folga, a outra notícia agradável que tinha para dar. Ele é muito sucinto ao falar das atividades escolares propriamente ditas, resumidas pela expressão “trabalhos árduos”. Ou seja, enquanto os estudos são vistos como trabalho ou, mais do que isto, trabalho árduo, o futebol é percebido como divertimento. Esse esclarecimento sobre os estudos lhe parece necessário, pois seus pais estavam pagando o colégio. Serafim encerra sua carta perguntando como vão todos de casa, mas sem fazer perguntas.

Ao final da carta podemos notar novamente a presença da observação “Nº 227”, que acompanha todas as cartas escritas por Serafim no ano de 1921 e 1922. Esse número também está presente em documentos da escola, provavelmente uma norma da instituição. Além disso, a partir da carta de 13 de agosto de 1921, é possível notar que além do número 227, Serafim começou a escrever ao final da folha “1º ano”, detalhe esse que pode indicar um acompanhamento escolar sobre as cartas dos alunos:

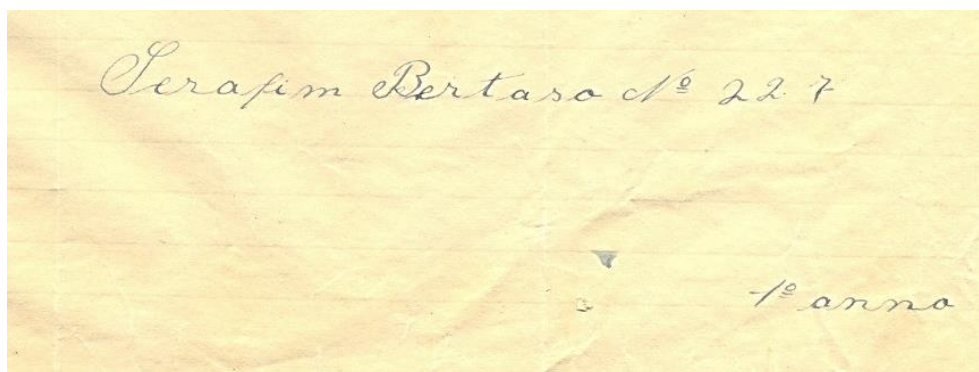


Imagem 10: Detalhe ao final da carta de Serafim. Número de matrícula na escola 227 e “1º ano”. 13 de agosto de 1921

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Aqui se percebe a presença da escola para além do timbre na folha, na comunicação entre Serafim e a sua família. Suas cartas, que em tese seriam particulares, colocam em evidência uma observação que se refere à sua inscrição na escola, provavelmente para lembrar as pais qual número colocar na carta-resposta, para que a escola tivesse maior facilidade em direcionar a carta ao menino. Enquanto que neste detalhe ele aparece, para a escola, representado com um número, esta carta em si (e outras) de Serafim são suportes para a construção da sua subjetividade na relação com os familiares a partir da escola. Nas cartas ele se narra como um sujeito inserido numa instituição escolar no tempo que era aluno, em que sua conduta é modelada, seguindo currículos e normas disciplinares, mas na qual não apenas se sujeita, mas também se constitui sujeito.

Nesse período Serafim também escreve cartas de fora da escola quando está nas férias do meio do ano. É possível supor aqui que, talvez, devido ao período de férias ser curto e da distância, não era possível a ele ir e voltar da casa dos pais. A carta redigida em 28 de junho de 1921 foi escrita do hotel onde estava hospedado, sob os cuidados do seu correspondente (responsável) em São Paulo. A carta foi escrita em papel timbrado com o logo da empresa de

seu correspondente, “Hotel D’Oeste, S. Paulo, ZUCCHI & IRMÃO”. Nessa carta ele informa sobre suas férias, mas que não pudera visitar a irmã Elza por falta de dinheiro. Por isso, a carta também tem a função de “pedido de dinheiro” ao pai para que pudesse visitar a irmã durante o período em que estava no colégio: “pesso ao papae que escreva ao diretor mandando lhe dizer que me dê dois ou três mil réis por semana, porque um mil réis não dá para ir visitar a Elza.” (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 28 de Junho de 1921). Aqui se percebe o controle do dinheiro desejado para atividades extraescolares – incluindo as visitas à própria irmã, também aluna de colégio interno da capital paulista –, que cabia à direção da escola mediar essa relação financeira com a família. Quem dava ou não a permissão de quanto o menino poderia receber eram os pais, responsáveis também pelo reembolso do que a escola pudesse lhe adiantar, ou especificamente o pai, seguindo os padrões de família patriarcal, conceito que remete “ao poder pátrio, à autoridade dada aos pais e aos maridos, como pais e maridos, sobre seus filhos e esposas” (BARICKMAN apud SCOTT, 2014, p. 24, grifo do autor [Barickmam]).

Diferente das cartas escritas na escola, nessa carta de 28 de junho, Serafim conversa muito sobre Jayme e seus amigos, talvez por estar em período de férias quando, em casa, podia brincar mais. E ele ainda reforça o pedido para que os pais lhe escrevessem mais. Essa carta, que se inicia com um assunto financeiro, acaba se tornando um momento de expressar lembranças e saudades, coisa que não estava mais tão presente nas cartas, quando estava envolvido com a rotina do cotidiano escolar. Não há como saber se o tempo é percebido como tempo ocioso ou como tempo de solidão, ou ambos, mas nessa carta a situação vivida no presente – estando ele de férias, mas nem podendo visitar a irmã – o fazem aproximar o presente com o passado vivido em casa.

Após retornar das férias, é possível notar uma queda nas notas de caligrafia, de 7 para 4. O boletim corresponde aos meses de julho e agosto. Se colocarmos as cartas de Serafim nos meses referidos é possível notar que a letra de Serafim se tornou menor e menos arredondada.

Além disso, algumas outras matérias sofreram maiores mudanças nas notas, aritmética em julho foi com nota 2, mas em agosto subiu para 6; ou francês que foi de 3, em julho, para 5 em agosto. Essas informações permitem perceber detalhes sobre o currículo escolar, o que a escola avaliava nos alunos, que não se limitava apenas a disciplinas de conteúdo, classificadas no boletim como notas “dos estudos” (o foco está no aprendizado de línguas, caligrafia, matemática, desenho e geografia), mas também computava notas para asseio, pontualidade e ginástica, classificadas no boletim como notas “do internato”. Nos referidos meses desse

boletim, Serafim recebeu nota 10 nos dois primeiros quesitos em dois meses, e, respectivamente 7 e 8 (julho e agosto) na avaliação de ginástica. Além dessas notas, era ainda dada valorização muito grande à Pontualidade, pois a nota concedida era somada à média geral para a computação da nota final. Serafim foi avaliado com nota 10 em comportamento nos dois meses, o que alavancou a sua média final, compensando notas mais baixas em disciplinas de conteúdo. As notas gerais se aproximam das do boletim de meses anteriores, um pouco superiores, apenas.

227

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO
S. PAULO - RIO DE JANEIRO
CURSO GYMNASIAL

Boletim mensal do alumno *Serafim Bertaso*
do *1^o* anno, classificado em *36^o* lugar.

ESCALA: 10 indica **optimo**, de 7 a 9 indica **bom**, de 4 a 6 indica **satisfivel**, de 0 a 3 indica **mau**.

DOS ESTUDOS														DO INTERNATO				MÉDIA	Comportamento	MÉDIA FINAL									
Portuguez	Inglez	Linguag. e Orthog. Grammatica		Francez	Latim	Historia Universal	Geographia	Arabe	Desenho	Calligraphia	Arithmetica	Algebra	Geometria	Trigonometria	Contabilidade	Cosmographia	Historia do Brazil				Physica	Chimica	Historia Natural	Musica	Marcenaria	Horticultura	Gymnastica	Pontualidade	Asseio
<i>7/10</i>	<i>8</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>3</i>			<i>5</i>		<i>6</i>	<i>7</i>	<i>2</i>													<i>7</i>	<i>10</i>	<i>10</i>	<i>6.09</i>	<i>10</i>	<i>8.04</i>
<i>8/10</i>	<i>7</i>	<i>5</i>	<i>5</i>	<i>5</i>			<i>7</i>		<i>6</i>	<i>8</i>	<i>6</i>													<i>8</i>	<i>10</i>	<i>10</i>	<i>6.63</i>	<i>10</i>	<i>8.31</i>

Vezes tarde.....^o Vezes ausente.....

Saude do alumno (actualmente) *optima*

Observações.....

S. Paulo, em *5* de *setembro* de 1921
W. W. P. Arthur vice-DIRECTOR

2050

Imagem 11: Boletim mensal do aluno Serafim Bertaso. 5 de setembro de 1921

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Mesmo com tais modelamentos de condutas⁷⁴ por meio do sistema escolar, as cartas de Serafim, a partir da escrita de seu cotidiano escolar, expressam muito sobre a construção de sua subjetividade em meio a essas práticas da instituição. Nelas, ele narra tanto suas

⁷⁴ Ao pensar as instituições escolares, nesse viés, conforme Roseli Boschilia: “nessa perspectiva, a escola deixa de ser vista apenas como um espaço neutro e transitório onde o aluno desenvolve habilidades intelectuais para se transformar num lugar marcado por relações de poder que visam modelar não apenas o intelecto, mas também os corpos, os discursos e as identidades dos indivíduos” (2018, p. 22).

experiências como também seus sentimentos e percepções sobre tais vivências. Dessa forma, podemos mais uma vez utilizar as interpretações da historiadora Maria Helena Câmara Bastos, que entende a escola como um lugar de aprendizagens e espaço social, funcionando para a criança e o jovem como um espaço de desenvolvimento, maturação intelectual, assim “as memórias de vida ou as escritas ordinárias são testemunhos preciosos da cultura escolar de um tempo e de um espaço significativos para a construção da história da escola e da educação” (BASTOS, 2012, p. 94). Serafim geralmente não escreve sobre suas notas, se referindo mais de forma geral ao seu desempenho, como aqui: “eu aqui no colégio, graças a Deus, vou indo bem de estudos como de saúde” (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo 10 de Setembro de 1921). Em geral Serafim pouco escreve sobre o que tem feito no colégio, mas em algumas cartas ele resume as atividades, como nesta carta: “sabado eu sahi, mas não fui visitar a Elza porque estava chovendo. Quarta-feira o director do Collegio, fez anos; e nós tivemos cinema. Terça-feira o Anglo jogou com o collegio Dulley, nos vencemos de 5 à 0. Novidades não há” (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 16 de Setembro de 1921). E apesar de encerrar a conversa com “novidades não há”, Serafim arrola diferentes atividades que ele tivera na escola. Mais uma vez prefere falar sobre atividades de lazer e não se refere às atividades escolares, não lhe parece interessante escrever sobre a rotina de estudos. Serafim constrói sua narrativa numa cronologia regressiva, iniciando por sábado e voltando para quarta-feira e depois terça-feira, detalhe que fala um pouco sobre o processo espontâneo da memória ao escrever a carta aos pais, pois vai lembrando os dias anteriores conforme escreve. Na carta, ele expõe um pouco de si para o outro a partir de sua vida cotidiana na escola, tal como expõe Michel Foucault sobre a prática epistolar:

A carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida quotidiana. Relatar o seu dia – não por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo, mas justamente na medida em que ele nada tem para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, não a relevância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser – faz parte da prática epistolar (1992, p. 9).

Pode-se refletir, no caso de Serafim, como a prática da correspondência familiar toma parte de seu cotidiano escolar por muitos anos a partir de sua separação da família e inserção em colégios internos. Na impossibilidade de vivenciar seu dia a dia com a família em casa, a carta torna-se essa “maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida cotidiana” (FOUCAULT, 1992, p. 9), vivenciada quase que exclusivamente no espaço da escola, local

não apenas de aprendizado de saberes escolares, mas também de formação de condutas e valores.

A escrita do desenrolar do seu cotidiano escolar aparece, por exemplo, em carta de 24 de outubro de 1921, na qual Serafim descreve o vivido nos últimos dias e o que fará nos próximos, reafirmando assim aos seus pais suas atividades escolares e o sentimento de preocupação com os dias dos exames. Também escreve para falar de sua saúde, de seu afeto e da relação com a irmã:

Meus caros paes

Desejo que esta carta os encontre com saúde. Sabbado eu sahi e fui visitar a Elza, ella manda lembranças, assim como eu. Os exames oraes começarão no dia 3 de Novembro, os exames escriptos começarão no dia 12; e os exames começarão no dia 19. Eu estou com muito medo dos exames. Novidades não há (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 24 de Outubro de 1921).

Nessa carta Serafim expressa seus medos com os dias que virão juntamente dos exames finais da escola, demonstrando assim uma preocupação com seu desempenho e em expressar aos pais tamanha apreensão. Ao escrever sobre sua rotina e tais expectativas, Serafim faz um exame de si, imprimindo seus sentimentos na sua escrita de si, no caso, o medo em relação aos exames. Contudo, a frase posterior, “novidades não há”, parece indicar a percepção de que os estudos e até mesmo os exames finais fazem parte da rotina, novamente a escola aparece como espaço do “trabalho árduo”, tanto para os exames quanto de uma rotina no qual se encontra submetido.

Junto do último boletim de 1921, acompanha um registro da escola com as medidas antropométricas do aluno Serafim, o que evidencia uma prática eugenista de acompanhamento, por parte da escola, também das características físicas dos alunos. Conforme verificou Pedro Frederico Falk, ao se referir a este colégio: “em 1914 as escolas introduziram medidas antropométricas de altura, peso, tórax, braço e antebraço, a fim de comparar os resultados no início e no final do ano letivo.” (2019, p. 16, tradução nossa)⁷⁵. Este autor afirma que tais dados físicos dos alunos foram utilizados para pesquisas sobre eugenia pelo próprio fundador do colégio, Charles Wicksteed Armstrong, que comparava os dados dos alunos do colégio Anglo-Brasileiro com os de meninos ingleses.

Na última carta de 1921 Serafim demonstra a ansiedade em poder voltar para casa. Assim ele escreve: “eu estou esperando o papae todos os dias”. Também informa o início dos

⁷⁵ No original: “In 1914, the schools introduced anthropometric measurements of children’s height, weight, chest area, arm, and forearm, and they compared the results at the beginning and in the end of the school year”.

exames escritos a serem realizados ainda no colégio: “Amanhã nos vamos começar os exames escritos” e afirma que é a última carta que vai escrever aos pais.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO

MEDIDAS ANTHROPOMETRICAS

Alumno Seraphim Bertaso (227)

Anno 19 21 .

C. D. -5092

	Principio do Anno	Fim do Anno
Altura	1.40 cm	1.43 cm
Peso	28 kg	30 kg
Medida peitoral max.	66 cm	70 cm
» » min.	58 -	59 -
Braço (extendido)	15 -	15½ -
» (dobrado)	17½ -	18 -

O Encarregado da Instrução Physica

Imagem 12: Registro de medidas antropométricas de Serafim pelo Ginásio Anglo-brasileiro. 1921

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Depois das férias, no início de 1922, Serafim retoma os estudos no Ginásio Anglo-brasileiro para cursar o 2º ano, o que demonstra novamente a satisfação da família com aquela instituição escolar. Conforme se verificou nos boletins, as matérias que teve nesse ano não foram outras além das cursadas em 1921. Nesse ano as cartas de Serafim recebem mais relatos do cotidiano, às vezes se referem às brincadeiras no tempo de folga e outras vezes aos estudos e esforços de Serafim em se dar bem nas matérias cursadas, como na carta de 15 de abril de 1922, escrita quando estava de férias no internato durante a Semana Santa: “de saúde vou bem, como de estudos, e espero nestes quatro dias de descanso poder divertir-me aqui no collegio com meus companheiros, pois após muitos dias de chuva, o tempo tornou-se agradável.” Demonstra a pretensão de aproveitar os dias de folga com divertimentos, já que nas semanas seguintes se propõe a dedicar-se mais aos estudos: “pretendo esforçarme muito mais nos meus estudos, a partir de 2ª feira próxima pois resta pouco tempo para preparar as

diversas materias em que prestarei exames parciais no fim do mez que vem.” (CPF-B-CEOM BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 15 de abril de 1922). Aqui já demonstra um empenho por parte dele, um planejamento para os estudos antes das provas, a consciência da importância disso para a família. Não consta, entre os documentos preservados, o boletim dos exames mencionados por Serafim. Contudo, em 9 de junho ele escreve que “os exames, graças a Deus, foram regulares”. Ele se preocupa, assim, em comunicar os pais e deixá-los aliviados.

Neste ano, Serafim remeteu algumas cartas diretamente à mãe, não somente aos pais, talvez devido ao fato de saber que o pai viajava. Isso é possível notar na carta de 14 de julho de 1922:

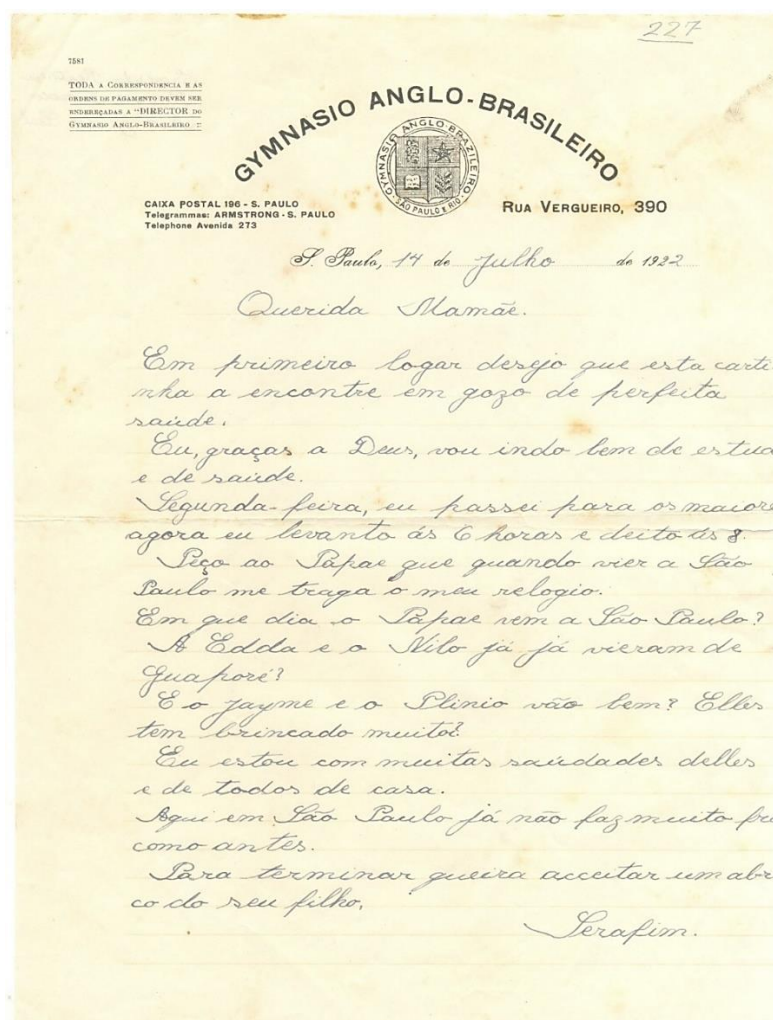


Imagem 13: Carta de Serafim à mãe. 14 de julho de 1922

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Nessa carta, apesar de falar muito pouco sobre as atividades no colégio, Serafim julga importante informar a mudança de série, visto que, ao que parece, isso também mudou a sua

rotina diária: “segunda-feira, eu passei para os maiores agora eu levanto às 6 horas e deito as 8.” Evidente que ele reconhece essa mudança para o “grupo dos maiores” como algo importante a ser contado. Chama a atenção que logo após essa declaração, ele pede que o pai, quando fosse novamente para São Paulo, levasse para ele o relógio, um objeto que na cultura capitalista ocidental simbolizava, em muitas famílias brasileiras das classes favorecidas de então, essa passagem da infância para a juventude. Serafim se aproximava dos 14 anos, a serem completados em outubro.

Aproximar-se da idade adulta significava preparar-se para o mundo do trabalho. Neste sentido, requeria-se pontualidade e cuidado com o gasto do tempo, preocupações impulsionadas com o desenvolvimento do capitalismo, sobretudo a partir da revolução industrial, como refletiu Edward Thompson sobre o uso dos relógios na Inglaterra capitalista, “um relógio não era apenas útil; conferia prestígio ao seu dono” (THOMPSON, 2005, p. 279). Na sociedade brasileira dos anos 1920 o relógio de pulso era objeto símbolo de status entre jovens da idade de Serafim. Era objeto para se presentear os filhos das camadas mais favorecidas no Brasil na entrada da adolescência.⁷⁶ Assim, o desejo de Serafim de possuir um relógio deve estar associado também ao espaço de sociabilidades naquela escola de elite, no qual convivia cotidianamente com outras crianças/jovens das camadas sociais favorecidas.

Também neste aspecto, sobre a sociabilização desses futuros homens das elites, as cartas apresentam alguns elementos. Elas trazem informações referentes aos passatempos e aos momentos de recreação no internato, como futebol, cinema, ping-pong ou passeios pela cidade e palestras. “quarta-feira houve a festa desportiva que era para ser em junho, esteve muito bôa, houve bastante gente mas logo que acabou choveu; e a noite houve cinema a fita que levou foi o ‘Vaqueiro Luctador’ por Tom Nix”⁷⁷ (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. São Paulo: 12 de Agosto de 1922). Esses momentos de sociabilização, importantes nas instituições escolares privadas que ofereciam internato, mostram também as referências culturais passadas pela escola a esses jovens que estavam imersos. Por vezes as atividades como o futebol integravam times de outras escolas e também a visitação de pais de alunos. Por conta de os alunos estarem constantemente no internato, era necessário ter esses momentos de recreação e divertimento como forma de ocupação do tempo e de integração dos alunos, mas também eram estas atividades de formação cultural, física e moral.

⁷⁶ Já hoje os relógios estão embutidos em celulares, smartphones, tablets, e são estes os objetos presenteados às crianças e adolescentes, quando as condições econômicas permitem.

⁷⁷ Filme norte-americano do gênero western ou cowboy no qual Tom Mix era o astro que interpretava o papel principal como cowboy. Vide: TOM Mix. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom_Mix. Acesso em: 06 maio 2021.

O último boletim de Serafim em 1922 demonstra sua aprovação no segundo ano ginásial e junto dele também mais uma vez se encontra o registro das medidas antropométricas que demonstram o pequeno crescimento de Serafim no ano.

A partir das cartas preservadas, enviadas das escolas em que Serafim viveu a experiência do internato, cabe mostrar ainda os efeitos da escolarização na escrita desse sujeito. Como já visto, é na escola que geralmente se desenvolve e se pratica a escrita, especialmente nos séculos XIX e XX. Escrever cartas era uma prática ensinada nas escolas, pois, por meio da escrita epistolar, as crianças e adolescentes aprendiam as normas de civilidade social, como se portar em determinadas situações – uma carta de família difere de uma carta de negócios, ou de um cartão, telegrama etc. Além disso, entende-se que é devido ao status social e condições financeiras da família Bertaso que essas criança puderam escrever cartas, visto que, como atenta Carina Martiny, que analisa as práticas de escritas familiares por meio de um acervo epistolar de uma família de elite do Rio Grande do Sul no final do século XIX, “a aquisição da competência gráfica formal no Brasil dos Oitocentos era, em grande medida, privilégio de uma pequena parcela da população, restrita ao universo de uma elite detentora de condições socioeconômicas para investir na formação educacional.” (2016, p. 83). Apesar da autora tratar do século XIX, poucas são as mudanças sobre a situação da alfabetização e práticas de escritas no início do século XX, como o caso da família Bertaso.

Cabe então entender, assim como propõe Antonio de Castillo Gómez, que as cartas produzidas por crianças na escola, colocadas ao lado de outros documentos escolares, assim como cadernos escolares, permitem visualizar:

modelos, exemplos e testemunhos, reais e fictícios, de distintas modalidades textuais, cuja coexistência, nesse espaço gráfico, expressa a pluralidade de matizes observáveis nas escritas escolares e infantis, isto é, entre as que respondem a uma produção regrada ou sujeita ao fazer da escola e as que podem emanar de uma atividade mais espontânea e até subjetiva. Essa aproximação assume a tensão subjacente entre as normas que regem o espaço escolar, por parte de professores e professoras, e a possibilidade de transgressão inerente a cada ato de escrita (GÓMEZ, 2012, p. 68).

Se colocarmos as cartas de Serafim e Elza nos primeiros anos escolares (Elza em 1914 e Serafim em 1920) em comparação com as cartas escritas depois, a partir dos colégios internos (Elza a partir de 1916 e Serafim, de 1921) é possível notar que, nestas últimas, as cartas de Elza e Serafim tornam-se semelhantes, ou seja, nota-se uma certa padronização na escrita epistolar dirigida à família. Essas cartas, escritas em papel pautado e timbrado

oferecido pelos colégios, parecem seguir padrões compartilhados por uma cultura escrita⁷⁸ que preza pela escrita epistolar em função da própria necessidade dos internos e de suas famílias de se comunicarem.

Neste aspecto, Kaline Gonzaga Barboza analisou as práticas educativas e o uso do manual epistolar *Novo secretário português ou código epistolar*, divulgado em jornais oitocentistas na província de Paraíba e em outras regiões do Brasil, assim se referindo a esse tipo de manual: “os manuais epistolares são caracterizados como livros de consultas, que instruem seus leitores através de exemplos, modelos de escrita variadas de cartas, a serem seguidos em conformidade com quem escreve e para qual ocasião seria enviada.” (BARBORZA, 2015, p. 85). Os secretários e manuais epistolares circulavam nas instituições escolares⁷⁹ e os professores dos internatos, baseados nesse material, instruíam as crianças nessas práticas de escrita, considerando a necessidade de comunicação com a família. É provável que isso tenha relação com a escrita das cartas de Elza e Serafim.

Como podemos ver, no período de mais de um ano, entre sua primeira carta escrita em Curitiba e a carta escrita em meados do ano letivo escrita no colégio Anglo-brasileiro, há uma grande mudança na escrita de Serafim. A letra se tornou mais legível; há um uso mais adequado de pontuação; palavras de ligamento de frases aparecem; a escrita é mais formal, perde características da escrita infantil, pois segue mais o padrão da escrita epistolar adulta, por meio de expressões como: “faço os mais sinceros votos”.⁸⁰ Tudo isso pode ser relacionado com o progresso na formação escolar e o acompanhamento da escola. Bastos, que analisou

⁷⁸ Sobre a noção de cultura escrita, vide GÓMEZ, Antonio de Castillo. Historia de la cultura escrita ideas para el debate. **Revista brasileira de história da educação**. n.º 5. jan./jun. 2003.

⁷⁹ Nos séculos XIX e XX se tornou muito comum a existência dos chamados “secretários” que se tratava de manuais de escrita epistolar, com diversos exemplos para determinadas ocasiões. “O termo secretário designa, então, essas pequenas obras com finalidade primeiramente prática e depois, talvez tardiamente, mais recreativa, concebidas como auxílio para a redação de cartas para quem não dispusesse dos serviços de uma pessoa formada para a função.” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 77). Os secretários também poderiam ser essas pessoas contratadas especialmente para redigir as cartas para outra pessoa, esses foram muito importantes para que pessoas analfabetas tivessem como se comunicar com familiares e amigos, ou pessoas que geravam seus negócios por via de correspondências e necessitavam de grande cuidado com a norma e qualidade epistolar.

⁸⁰ A partir da metade de 1921, Serafim, após cumprimentar os pais, iniciava sempre os assuntos de forma semelhante: “em primeiro lugar desejo que esta carta os encontre em perfeita saúde”, sempre desejando o bem-estar da família e comentando sobre a saúde dele. Suas cartas eram encerradas de forma carinhosa, como “sem mais nem menos receba um abraço do teu filho saudoso Serafim” (BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Curitiba: 8 de agosto de 1920). Sobre isso, Haroche-Bouzinac afirma que, ao analisar cartas de sujeitos adultos na França, as partes iniciais e de despedida nas cartas eram os lugares de prática do virtuosismo. Um bom epistológrafo seria capaz de variar de diversas maneiras para nunca repetir a mesma expressão (2016, p. 34). Em relação a Serafim e Elza, como se verá a seguir, esse cuidado para se evitar repetições na abertura e encerramento da carta só irá iniciar após alguns anos de prática epistolar nos internatos. O que se pode perceber é que a escola não necessariamente incentivava esse cuidado com as variações nas saudações, e que tal aprendizado de Serafim se dá ao longo de anos de prática epistolar.

álbuns escolares confeccionados por professoras do Colégio Farroupilha (Porto Alegre-RS), no qual havia também cartas de alunos, atenta o ensino da prática epistolar:

como um processo educativo e de construção da representação do aluno, da sua aprendizagem e da escola. Expressa um discurso que produz o próprio sujeito, com o objetivo de formar uma determinada identidade: de aluno e de pessoa. A atividade, além de exercitar a letra, tornando-a bonita, homogênea e limpa, é uma atividade voltada a produzir o bom aluno e o cidadão com características desejáveis aos padrões sociais da época (BASTOS, 2012, p. 93).

Não temos como afirmar se havia uma produção dessas escolas onde passou Serafim, de materiais como esses estudados por Bastos, mas podemos perceber que há sim uma participação da escola tanto no ensino de caligrafia como também de gramática. E, em vista das mudanças na forma escrita de Serafim, a inserção de dados, como número de matrícula nas cartas e a série em que estava cursando, demonstra ao menos uma preocupação da escola sobre as práticas de escrita epistolar de seus alunos.

Mas a normatização escrita também possibilitou que Serafim se colocasse e utilizasse das normas a seu favor, escrevendo sobre si, suas vivências e construindo subjetividades diante dos pais, ainda de maneira que pudesse agradar e apresentar seus desenvolvimentos escolares. Segundo Verônica Sierra Blas, estudiosa das práticas de escrita infantil, a redação de cartas de crianças espanholas institucionalizadas durante meados do século XIX até o XX revelam os efeitos das prescrições e receitas para a prática da correspondência difundidas na educação escolarizada. Apesar das normas dos manuais epistolares, continua a autora, as práticas de escrita epistolar foram ferramentas importantes para a formação das crianças, porque “permitió que su aprendizaje fuera algo sencillo, cómodo y rápido, fruto en general del mimetismo de la práctica de otros o de los modelos estereotipados contenidos en los manuales epistolares que proliferaron tanto dentro como fuera de la escuela.” (BLAS, 2015, p. 60). Assim, as crianças aprendiam a se posicionar perante o outro, sabendo utilizar as normas a seu favor (seja nos momentos de sujeição às normas ou mesmo de rebeldia): “los niños supieron aprovechar las herramientas que el género en sí mismo les brindaba para apropiarse de él y, a través de las cartas, construirse ante otros, definirse a sí mismos, participar en el mundo y dejar huella de su existencia” (BLAS, 2015, p. 60).

Ainda em relação ao ensino das normas epistolares nas escolas, em geral elas tinham “fim último a socialização dos alunos e a prática de regras de civilidades de conduta social e moral” (CUNHA, 2007, p. 96). A autora procedeu a análise de atividades de ensino de uma professora que ensinava as técnicas de escrita epistolar, concluindo como os alunos eram

educados de maneira a escrever e a se portar diante da sociedade a partir de símbolos de civilidade. Neste aspecto, tanto nas cartas de Elza quanto nas de Serafim, nas quais há o timbre dos colégios, percebe-se a apropriação de uma escrita formal condizente a essas regras de civilidade de então, como quando começam a chamar os pais de “meus caros”, ao invés de “minha querida” ou “meus queridos pais”.

Nas cartas, como vimos, percebe-se que Serafim se apropria e internaliza formas de se portar, normas para escrever, mas, ao mesmo tempo, por meio da prática da escrita, constrói a si próprio. Ele se posiciona para os pais em relação ao sistema escolar, ao reclamar da comida, reclamar de saudades, pedir para voltar para casa (no primeiro colégio) ou poder ir logo para casa ao aproximar-se do período das férias de fim de ano, faz breves reflexões de si em relação à escolarização, demonstra suas preferências e afeições. É durante este processo de escolarização, ao qual ele é sujeitado por meio de sua inserção nos internatos, que Serafim também se constrói enquanto sujeito. As cartas, neste aspecto, permitem ver como ele percebe e constrói, por escrito, sua infância (SANTOS; CUNHA, 2017, p. 234), como, em meio a normas, discursos e práticas escolares, ele se constitui no cotidiano escolar e na relação com a família e em outros espaços de socialização. Destacamos aqui o fato de Serafim ter a possibilidade de se posicionar diante dos pais sobre a escola por ser um menino de família de elite, tanto com acesso a materiais de escrita, como também acesso à leitura e, por ter perspectivas de mudanças, não está limitado a uma única alternativa de escola e método educativo. Enquanto filho de uma família de elite, Serafim teve certas oportunidades de escolhas, acessos e mobilidades que, para outros meninos da sua idade, mais pobres, não eram possibilitadas.

Serafim sai do colégio Anglo-Brasileiro no final do ano de 1922, contudo, sem concluir os estudos no colegial. Serafim volta a morar com os pais que, por meados de 1923, saem de Passo Fundo e passam um período morando em Bento Gonçalves. Os documentos que dispomos não permitem afirmar o motivo que levou Serafim a deixar o colégio Anglo-Brasileiro ou aos pais lhe tirarem desse colégio. Este fato é intrigante se considerarmos que Elza continuaria a estudar no colégio interno Nossa Senhora de Sion em São Paulo até final de 1923, quando tinha 18 anos e concluído seus estudos, retornando para a casa de seus pais em 1924 em Passo Fundo-RS.

Não conseguimos identificar em que momento a família Bertaso retorna para Passo Fundo, se foi final de 1923 ou no início de 1924; mas, segundo a biógrafa de Ernesto Bertaso, foi em 1923 que se mudaram provisoriamente para Bento Gonçalves devido às ameaças ao

bem-estar da família por conta dos desdobramentos da revolução de 1923, que teve na cidade de Passo Fundo um dos confrontos entre os maragatos do Partido Federalista e os chimangos alinhados ao PRR de Borges de Medeiros (HIRSCH, 2005, p. 61-70). “As cidades de Passo Fundo e Palmeira das Missões foram atacadas pelos caudilhos maragatos vermelhos, de Mena Barreto e Leonel da Rocha, que encontraram forte resistência de ambos os lados, não havendo vitória.” A disputa entre federalistas (maragatos) e chimangos, alinhados ao PRR de Borges de Medeiros, que se sustentava no poder político a 25 anos, sai vitoriosa novamente em 1923, devido à fraude eleitoral. Conforme a historiadora Aline Brandt “a oposição, entretanto, não aceitou a vitória e decidiu recorrer às armas já em janeiro de 1923. Ficou, assim, o estado convulsionado por quase um ano.” (2008, p. 9). Apesar de não podermos apontar com certeza o posicionamento político de Ernesto Bertaso⁸¹, podemos perceber que a atividade revolucionária afetou toda a família, tanto que Elza, em diversas cartas daquele ano, questiona e preocupa-se sobre a revolução como a exemplo da carta de fevereiro de 1923, logo após a descoberta da fuga da família a Bento Gonçalves: “como vae a revolução? Ainda não terminou? Nossa bôa Superiora mostrou-me um artigo do jornal que tratava da revolução. Foi assim que soube alguma causa do que se passa por ahi. O que acontece em Passo Fundo? Bateram-se muito?” (CPFB-CEOM. BERTASO, ELZA. Carta [à mãe]. São Paulo: 12 de fevereiro de 1923).

Por meio das cartas de Elza é possível perceber que o processo decisório de não enviar mais Serafim para o Colégio Anglo-Americano se deu entre fevereiro e março, um pouco antes, portanto, do ano letivo. Em carta de fevereiro de 1923, Elza ainda manifesta querer saber quando Serafim retornaria para São Paulo: “e o preguiçoso do Serafim quando vem para o collegio?” (CPFB-CEOM. BERTASO, Elza. Carta [à mãe]. São Paulo: 22 de fevereiro de 1923). Já no mês seguinte, Elza escreve: “senti muito de saber que Serafim não vem este anno. Em que collegio elle está ahi?” (CPFB-CEOM. BERTASO, Elza. Carta [à mãe]. São Paulo: 11 de março de 1923). O primeiro trecho demonstra que Elza já se encontrava, sozinha, em São Paulo. Não fica claro se ela havia passado as férias em casa. Contudo é

⁸¹ É interessante como Hirsch descreve esse momento de forma bastante romantizada, e afirma que, após mandar a família de Passo Fundo para Bento Gonçalves, “pouco tempo depois, ele mesmo [Ernesto Bertaso] segue para lá, atravessando com muita cautela alguns lugares perigosos, procurando sempre desviar-se da zona de combate”. É possível perceber a romantização da narrativa, que também esconde o real posicionamento político de Ernesto. Podemos, contudo, deduzir que estivesse associado aos borgistas, como coronel e colonizador. Ainda conforme Hirsch, devido à revolução de 1923, “em 1923 a firma Bertaso, Maia e Cia é dissolvida, ficando o sócio Ernesto Bertaso com todo o ativo, bens e efeitos da sociedade.” E completa que “ninguém passa por Nonoai, onde estão aquarteladas as forças revolucionárias ou governamentais. Ora uma ora outra, mas sempre em atividade. Ninguém se atreve a viajar por ali, e Chapecó fica isolada” (HIRSCH, 2005, p. 68), o que afeta provisoriamente os negócios da colonizadora.

possível perceber em suas cartas certa cobrança sobre os estudos do irmão como também surpresa e decepção ao saber que ele não voltará a São Paulo para estudar. Entretanto, ainda educadamente, questiona sobre onde continuará os estudos, compreende que assim como ela, os estudos serão continuados de alguma forma.

No período entre essas duas cartas de Elza, a família Bertaso ainda estava em Passo Fundo-RS. Somente depois é que se mudaram provisoriamente para Bento Gonçalves, onde moravam os parentes maternos. Em junho daquele ano Elza escreve à mãe perguntando sobre como estava a família em Bento Gonçalves e até quando ficariam por lá. Também pede que Serafim lhe escreva: “e o Sr Serafim porque não dá sinal de vida? Ele também esta em férias desde janeiro.” Deixa assim a entender que o irmão não estava estudando. Não fica claro, pela documentação preservada, por que Serafim não voltou a estudar no internato em São Paulo.

É possível saber, contudo, que em 1924, Serafim, então com 16 anos (completava 17 em outubro), e seu irmão mais novo Jayme, com 12 anos, estudavam no Instituto Ginásial de Passo Fundo, que ficava próximo da casa dos pais, de forma que eles residiam com a família. Conforme 3 boletins escolares de Serafim, ele estudou ali o 6º ano elementar e no final de 1924 foi promovido para o 7º ano; em 1925 ele cursou o 1º ano do curso comercial. Já Jayme, em 1924, esteve no 3º ano elementar e, em 1925, no 3º ano. Ao que podemos entender, Serafim não deixou de estudar um ano, talvez tivesse passado algum período em outro colégio em Bento Gonçalves ou o tempo em que passou sem estudar, devido à revolução, não tenha afetado seu desenvolvimento ou avanço na escola, pois no ano seguinte Serafim já inicia os estudos no curso ginásial.

3.2 O JOVEM SERAFIM NO GINÁSIO CATARINENSE: COTIDIANO ESCOLAR, RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADE (1926-1929)

Em 1926 Serafim Bertaso é enviado para Florianópolis a fim de estudar no Ginásio Catarinense como aluno interno e junto a ele vai seu irmão Jayme. Em 1928, o primo, Plínio, se une a eles no mesmo colégio. Cabe lembrar também o que vimos no primeiro capítulo, que o Ginásio Catarinense, até os anos de 1950, foi um colégio exclusivamente masculino, era administrado por padres jesuítas da Companhia de Jesus e o ensino estava fundamentado na educação cristã e católica. O Ginásio Catarinense comandado pelos padres jesuítas tinha sua

educação amparada na “Ratio Studiorum”, documento pedagógico base do discurso jesuíta (DALLABRIDA, 2001, p. 90). Segundo Dallabrida:

No início do século XIX, com a “restauração” da Companhia de Jesus, a “Ratio Studiorum” foi reinventada para responder aos sinais dos tempos da nascente sociedade burguesa e disciplinar. A maquinaria escolar jesuítica definida na “Ratio Studiorum” foi mantida e esmerilhada pelos dispositivos disciplinares dos oitocentos para continuar formando sujeitos letrados e católicos. Entre os mecanismos de refinamento da disciplina-mecanismo, pode-se destacar a criação do colégio-internato, o estabelecimento de pequenas classes, a intensificação da individualização das carreiras escolares e a eliminação gradual dos castigos corporais (DALLABRIDA, 2001, p. 129).

Serafim é matriculado em 1926 no 1º ano Ginásial, o qual conclui, como estipulado pelo currículo escolar, em 1930. Na primeira carta de Serafim aos pais enviada deste colégio, escrita em 8 de março de 1926, ele traz informações relevantes tanto sobre o funcionamento da escola quanto sobre sua inserção como interno nessa instituição. A primeira questão que podemos observar é que Serafim e Jayme, apesar de já estarem no internato há alguns dias, ainda não haviam tido aulas. Havia realizado um exame de admissão para se estabelecer em que turmas iriam entrar: “por enquanto só fizemos exame; eu entrei para o primeiro anno gymnasial e o Jayme para o curso médio. As aulas começam no dia 10 deste mez.” (CPFBC-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais] Florianópolis: 8 de março de 1926). Até aquele momento, os alunos já tinham feito sua primeira “saída” de fim de semana do colégio, como escreve Serafim, e passado um fim de semana com seu correspondente.

Sobre a matrícula no colégio, segundo o historiador Rogério Luiz de Souza, autor do livro *Uma história inacabada: cem anos do Colégio Catarinense*, demonstra que, devido à seriação, “os alunos para se matricular [no Ginásio Catarinense] deveriam fazer exame prévio de admissão [...] e, um mês antes do início das aulas, sempre no dia 15 de fevereiro, deveriam estar presentes no colégio” (SOUZA, 2005, p. 75). Ainda conforme o autor, nesse período os alunos teriam cursos preliminares preparatórios e de repetição – revisão – de matérias.

Logo no primeiro ano, as cartas que Serafim remeteu do Ginásio Catarinense foram escritas em papel com o timbre da escola, o que evidencia uma atenção da escola com as relações epistolares dos estudantes e com a divulgação do colégio.

No primeiro ano do Ginásial, Serafim inicia com boas notas, conforme o boletim de março a abril de 1926, abaixo inserido. Serafim cursou Português, Francês e Inglês, desenho, geografia, aritmética, religião e instrução moral e física. O currículo vai mudando conforme

os anos⁸², em 1929, por exemplo, ele cursava Português, Latim, desenho, geometria, trigonometria, física e química, história natural e religião⁸³. Como podemos notar, Serafim também é avaliado nos quesitos aplicação (com nota máxima, 10) e procedimento (também com nota máxima, 10). No boletim também se insere a sua classificação geral na turma naquele bimestre: 3º lugar num total de 34 alunos. Esses dados condizem com a reforma educacional na qual houve a padronização do currículo escolar do Ginásio Catarinense após sua equiparação ao Colégio Pedro II, pois, para tal equiparação, que ocorreu em 1918, o currículo escolar do ginásio deveria se assemelhar ao do Colégio Pedro II. Cabe ressaltar aqui que, conforme Rogério Luiz de Souza, a partir de 1913 até 1930, o curso Ginásial era dividido em 5 anos. Entretanto, por meio dos documentos de Serafim, só conseguimos verificar sua inscrição como aluno do colégio até 1929 – quando estava no quarto ano do colégio.⁸⁴

⁸² Devido aos debates acerca do currículo da educação – pública ou privada no Brasil – do que deveria ser ensinado e como, os currículos escolares durante as primeiras décadas do século XX se alteraram muito. Conforme Maria Célia M. de Moraes, é a partir de 1930 que passam a ser definidos com maior clareza os currículos escolares, isso devido à reforma de Francisco Campos que “deu organicidade ao ensino secundário, implantando definitivamente o currículo seriado e a frequência obrigatória, de acordo com as propostas que vinham sendo discutidas desde o século XIX” (apud BOSCHILIA, 2018, p. 19).

⁸³ Instrução moral e cívica era destinada apenas aos estudantes do primeiro ano ginásial. E apesar de Rogério Luiz de Souza (2005, p. 79) apresentar que nos anos de 1920 as matérias optadas entre Inglês ou Alemão eram destinadas apenas a alunos do 3º ao 5º ano, o boletim de Serafim demonstra que o jovem já cursava Inglês no primeiro ano.

⁸⁴ Podemos perceber que Serafim passou mais anos em colégios do que era o comum, repetindo alguns anos do curso Ginásial agora no Ginásio Catarinense. Segundo Gladys Mary Ghizoni Teive, Doutora em Educação, os grupos escolares de Santa Catarina adotaram, em 1914, o sistema de seriação dividido em quatro séries (2009, p. 64). Teive afirma que “é também emblemática a forma como foram selecionadas as matérias e seus respectivos conteúdos. Em número de quinze, distribuídas ao longo das quatro séries, elas deveriam assegurar a instrução e a educação das crianças.” (2009, p. 65).

Gymnasio Catharinense
Florianopolis

Equipado ao Colégio Pedro II, pela Portaria de 23 de Março de 1918, do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, de conformidade com o art. 20 do Decreto n. 11.590, de 18 de Março de 1918.

Boletim de Notas

do Sr. *Serafim Ennes Bertaso*
Alumno do 1.^o Anno Gymnasial
Mezes de *Março e Abril*

Procedimento *10* Applicaçãõ *10*
Entre *24* concicipulos teve o *3.^o* logar com *88* pontos.
Faltou a _____ lições

PROGRESSO

Portuguez <i>8</i>	Physica e clinica
Francez <i>9</i>	Historia natural
Allemaõ	Historia universal
Inglez <i>7</i>	Historia do Brasil
Latim	Cosmographia
Desenho <i>7</i>	Philosophia
Geographia <i>7</i>	Religião <i>9</i>
Chorographia	Calligraphia
Arithmetica <i>10</i>	Rudimentos de sciencias
Algebra	Gymnastica
Geometria	Instrucção militar
Trigonometria	Instrucção moral e civica <i>9</i>

OBSERVAÇÕES:

Florianopolis, *14* de *Março* de 1926
O Director *Francisco Cav. Guimarães*

Imagem 14: Boletim escolar referente aos meses de março e abril de 1926

Fonte: Coleção particular da família Bertaso. Arquivo do CEOM.

Além dos boletins bimestrais, os alunos do colégio recebiam cartões quinzenais com cores determinadas conforme a qualidade das notas que o aluno havia conquistado no período. Conforme verifica Dallabrida, autor da tese de doutorado *Virtus et Scientia: o Ginásio Catarinense e a (re)produção das elites catarinenses na Primeira República*, esses cartões eram dados aos alunos externos a cada quinze dias e deveriam ser assinados pelos pais, e os alunos internos os recebiam a cada semana, mas o que podemos entender é que somente os pais dos externos precisavam assinar os boletins:

As cores dos cartões indicavam a classificação do aluno: rosa = excelente, 10 pontos; verde = muito bom, 9 pontos; azul = bom, 8 pontos; roxo = regular, 7,6; creme = não satisfatório, 5,4 e branco = mau, até 3 pontos. Os alunos internos eram classificados de forma similar toda semana, em que os

resultados eram divulgados aos sábados, indicando maior regulação das condutas no regime de internato (DALLABRIDA, 2001, p. 170 A).

Apesar da citação acima, se verificou que nos cartões de Serafim estava a informação de que eram cartões quinzenais. Somente um dos que compõem o acervo da família Bertaso possui a assinatura do pai de Serafim, Ernesto Bertaso. Provavelmente não era possível, devido à distância, proceder a um controle tão frequente, com assinatura, por parte dos pais dos alunos internos – e dessa forma possivelmente justifica a não cobrança da assinatura dos pais de alunos internos. Ao conferir as cores dos 46 cartões guardados, verificamos que Serafim recebia boas avaliações: 41 (de cor rosa) correspondiam a excelente; 3 (verde), a muito bom e 2 (azul), a bom. O desempenho dele é bem melhor do que o do irmão. Em relação aos cartões de avaliação de Jayme, de 35 cartões guardados, há 6 com a avaliação regular; 6, muito bom; 16, bom e 7, excelente.

Gymnasio Catharinense *Excelente*

Boletim quinzenal

O aluno *Serafim Bertaso*

obteve as seguintes notas:

Comportamento: || **EXCELLENTE**

Aplicação: || **EXCELLENTE**

Florianopolis, *20-4* 1929

O Regente: *[Assinatura]*

Assignatura do pae: _____

No dia immediato á entrega das notas o cartão assignado pelo pae deve ser apresentado ao professor.

Significação das cores

Rosa :	EXCELLENTE	10	pontos
Verde :	MUITO BOM	9	„
Azul :	BOM	8	„
Amarello :	REGULAR	7,6	„
Alaranjado :	NÃO SATISFACTORIO	5,4	„
Branco :	MÃO	3-0	„

N. B. 1) O cartão terá sempre a cor da nota menos elevada.
2) As notas do boletim quinzenal não dizem respeito ao aproveitamento do alumno.

Imagem 15: Boletim quinzenal de Serafim Bertaso no Ginásio Catarinense. 20 de abril de 1929

Fonte: Coleção particular da família Bertaso, Arquivo do CEOM.

Podemos também notar, ao final do cartão, uma N.B: “1) O cartão terá sempre a côm da nota menos elevada; 2) As notas do boletim quinzenal não dizem respeito ao aproveitamento do aluno”. O uso de cartões e menções honrosas para os alunos pelo Ginásio Catarinense estava associado a uma estratégia de incentivo ao desempenho dos alunos. Como observou Dallabrida:

No século XIX, com o advento da sociedade disciplinar, que aboliria os castigos corporais nos colégios jesuíticos, a emulação e a premiação foram ainda mais tonificadas e aperfeiçoadas. A “digna emulação” era incentivada sutilmente nas classes ginasiais, estabelecendo um clima de constante superação entre todos os alunos [...] (2001, p. 165).

Assim, o Ginásio Catarinense, como outros colégios católicos, reforçava nos jovens burgueses e jovens da elite a necessidade de “serem melhores” que os outros sujeitos para se destacarem na sociedade. Serafim parece se adaptar bem a esse sistema, assim como se sujeitar ao padrão comportamental incentivado pelo ginásio, já que tanto em comportamento quanto em aplicação, tem avaliação “excelente” na maioria dos cartões.

Podemos ainda visualizar, por meio dos boletins, que o jovem Serafim tinha a matéria de “religião” na ementa curricular. Conforme Dallabrida, “embora não fosse disciplina oficial, Religião sempre teve ‘status’ de disciplina oficiosa, pois figurava no rol das disciplinas oficiais que concorriam regularmente para a premiação dos alunos” (2001, p. 120). Por ser um colégio jesuíta, a educação não era laica e reforçava traços de uma educação liberal, que aproximava os jovens da moral católica, dos “bons costumes”, da dedicação e esforço ao trabalho, características essas procuradas pelas famílias burguesas católicas (especialmente imigrantes) do século XX. Serafim, em suas cartas de 1926, demonstra ter se apropriado da fé cristã também na forma de escrever, remetendo a “Deus” diversas vezes ao escrever sobre sua saúde ou sobre a família nas cartas. Seu envolvimento é maior que isto, como atesta carta dele de 1926: “no dia 15 eu e o Jayme fomos admitidos na congregação Mariana.” (CPF B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Florianópolis: 19 de agosto de 1926). Conforme Dallabrida, a congregação Mariana do Ginásio foi criada em 1909 e era um espaço no qual os alunos da primeira e segunda divisão de internos poderiam participar. Cada congregação – existiam 3 nos anos de 1920 – possuía sua direção e programação própria e era incentivada pelos padres jesuítas. Assim, “os congregados marianos e os membros do Apostolado da

Oração constituíam uma elite religiosa no interior do colégio, que deveria ser modelo a ser seguido e fermento da massa estudantil” (DALLABRIDA, 2001, p. 184-185).

Entretanto, nos anos seguintes, as referências a Deus nas cartas não aparecem mais tão frequentemente, talvez apenas porque evitasse usá-lo em respeito ao mandamento.⁸⁵ Norberto Dallabrida e Estela Maris Sartori Martini observaram que as congregações marianas e outras associações estudantis, que estavam presentes no colégio a partir da década de 1940, proporcionavam:

[...] aos estudantes a aquisição de habilidades socialmente distintas como a capacidade de trabalho em grupo, de planejamento e de execução de projetos, o exercício da liderança política e o treinamento para falar em público de forma consistente e elegante. À época, essas habilidades eram próprias do habitus dos homens de elite, que eram preparados sobremaneira para atuar na vida pública, tanto no aparelho estatal como em empresas privadas (DALLABRIDA; MARTINI, 2010, p. 69).

Podemos destacar aqui que as congregações religiosas tiveram papel essencial na disseminação do catolicismo romanizado no Sul do Brasil, tal como destaca a socióloga Lorena Madruga Monteiro sobre as congregações marianas no Rio Grande do Sul, formadas no Colégio Jesuítico Ginásio Anchieta:

as Congregações Marianas originárias no Ginásio Anchieta e dirigidas pelos Jesuítas constituem o elemento fundamental para compreender a configuração do laicato intelectual católico do Rio Grande do Sul dado que representou um espaço de cooptação das elites sociais e econômicas para o projeto de restauração católica. Isto é verificado na extensão que tal instituição adquiriu no período, uma vez que também agregou membros oriundos de outros educandários católicos, como os alunos maristas do Ginásio Nossa Senhora do Rosário, assim como posteriormente os congregados marianos tiveram um papel importante na conversão para o catolicismo de membros que até então eram ligados a matrizes ideológicas laicas da sociedade rio-grandense. Portanto, tais informações confirmam o papel central que o grupo das Congregações Marianas teve na promoção do catolicismo do Sul do País e na reprodução do pensamento conservador (MONTEIRO, 2009, p. 12).

O que se pode perceber é que, mesmo não demonstrando muita religiosidade em suas cartas aos pais, a participação de Serafim e Jayme nas congregações Marianas reforçam uma religiosidade já presente na família, essa que se aproximava do catolicismo romanizado conservador.

⁸⁵ Segundo um dos mandamentos presentes na Bíblia Sagrada, principal livro cristão, em Êxodo 20:7 “não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão”. Conforme analisou Dallabrida, no primeiro ano, a disciplina religião focava mais no ensinamento das doutrinas cristãs, como os mandamentos de Deus e da Igreja (DALLABRIDA, 2001, p. 121).

Além da formação religiosa, conforme é perceptível tanto nas cartas de Serafim como nos recibos de gastos com ele enquanto interno do colégio, ele e seu irmão também obtinham formação musical. Durante pouco tempo no começo de sua estadia no colégio, tiveram aulas de violino e, por não se adaptarem, acabaram se fixando no aprendizado da flauta: “quanto ao violino fomos completamente [cortado] o professor disse-nos que não tínhamos ouvido; seria inútil, pois não aproveitaríamos nada; por isso contamos [com a flauta], que é muito mais fácil e não depende do ouvido.” (CPFIB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. Florianópolis: 24 de abril de 1926).

Sobre isto, o historiador Norberto Dallabrida, afirmou que “apesar de não se apresentar como disciplina oficial, a educação musical visava civilizar e enobrecer, a partir do gosto europeu e particularmente germânico, as elites catarinenses” (2001, p. 24). Contudo, como as aulas de músicas eram optativas, o aluno não recebia avaliação de música no boletim, mas os alunos que participavam e se destacavam nas aulas de canto, da orquestra e banda, poderiam receber menção honrosa (DALLABRIDA, 2001, p. 123).

Em suas cartas aos pais, Serafim apresenta diversas vezes a divisão do tempo na escola, os dias de “saída”, o período das provas, os horários de práticas esportivas ou de atividades como desfiles cívicos e idas à praia. Em suas cartas aos pais aparece uma atenção muito maior às atividades de lazer, como saídas ao cinema, ao circo, à praia ou visitas ao correspondente ou a amigos da família. Serafim, assim, demonstra que “as novidades” que interessam contar são aquelas que o fazem sair do cotidiano trabalhoso da escola. Isso é mais aparente na primeira carta de 1926, em que Serafim expressa a mudança de sua rotina de lazer causada pela mudança de cidade, noutra paisagem geográfica. Diferente de Passo Fundo, onde residiram, agora, por morar numa cidade litorânea, tinha acesso fácil ao mar: “aqui todos os dias tomamos banho de mar. Já estamos aprendendo a nadar.” (CPFIB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. Florianópolis: 8 de março de 1926).

Conforme o historiador Rogério Luiz de Souza, apesar de muitas vezes os padres jesuítas do Colégio Catarinense utilizarem diferentes estratégias de controle e disciplinarização dos alunos, para que eles estudassem mais, por meio de impedimentos como o uso frequente do banheiro, “outras vezes, era possibilitar a descontração e sair para um bom banho de mar” (SOUZA, 2005, p. 162). O banho de mar, percebido como um momento de lazer por Serafim, fazia parte da estratégia da escola de premiar os esforços e trabalhos dos alunos de bom comportamento com idas à praia, mantendo assim uma atividade física

acompanhada. Ao retornarem ao colégio, os alunos estavam com as energias renovadas para voltar às atividades escolares.

Outro tema muito presente em suas cartas é o futebol, cujo esporte Serafim muito se interessa, mas em momentos em 1926, também em 1927, se vê impossibilitado de participar dessa atividade devido a problemas físicos: “há dias levei bem forte susto com meu joelho; estava eu jogando foot-ball, quando notei um estalo semelhante áquelle do dia em que me machuquei pela primeira vez. Deixei imediatamente o campo, mas isso não impediu com que eu andasse rengo por alguns dias.” (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [à mãe]. Florianópolis: 30 de março de 1927). Conforme os relatos nos meses seguintes, Serafim deixa de participar de jogos de futebol devido ao seu joelho machucado, o mesmo já havia acontecido no ano anterior.

Conforme apresentou Norberto Dallabrida, na década de 1920 “o regimento interno determinava que durante os recreios os alunos deveriam participar de jogos, exceto em caso de licença médica ou de castigo, e [no período do recreio] estavam proibidos de ler e estudar.” (2001, p. 174). Serafim tinha grande aproximação com esse esporte, jogava futebol no ginásio Anglo-Brasileiro, que prezava muito por esse esporte, também torcia para determinados times e “conversava” sobre o assunto nas cartas aos pais, como já visto.

Além dessas atividades, Serafim inicia logo em 1926 o curso de instrução militar. Apesar desse curso ser obrigatório para alunos com mais de 16 anos e que estivessem no quinto ano ginásial, Serafim opta em participar dele desde 1926, quando já tinha 16-17 anos, mas estava no 1º Ginásial. Em suas cartas, os relatos sobre os acontecimentos relacionados à instrução militar são tão presentes quanto o assunto futebol. Na carta abaixo é possível notar que Serafim vivencia esse disciplinamento dos corpos por meio da parada e da marcha como algo duro, utilizando os verbos “gememos”, entre aspas, e esfolar:

No dia 25 do mez passado, houve a parada projectada; compareceram todas as forças da cidade inclusive o gymnasio; esteve muito animada, mas “gememos”, sahimos às 8 horas e só voltamos às 12^{1/2}. Houve discursos etc.; mas demos graças á Deus quando entramos no portão do gymnasio, pois estávamos com uma brocaem companhia; nunca comi feijão tão bom. Na próxima terça-feira teremos uma marcha ao redor do morro; vae ser outra de esfolar (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. Florianópolis: 7 de setembro de 1926).⁸⁶

⁸⁶ Segundo pesquisa, pudemos constatar dentro do contexto de fala de Serafim, que broca seria uma gíria associada à fome. Vide: BROCA. 2007. Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/broca/>. Acesso em: 06 maio 2021.

As atividades de instrução militar se aproximavam muito de um treinamento militar do exército, tanto que realizavam marchas em eventos no município. Como o caso em que cita dia 25 de agosto, também conhecido por ser o dia do Soldado em homenagem a Duque de Caxias, patrono do exército. Podemos perceber o esforço físico exigido pela disciplina, que cansava os alunos. Souza explica que a disciplina chamada instrução militar era “ministrada frequentemente pelos próprios militares, os alunos eram graduados (de capitão comandante a sargento de ordenança) e faziam exercícios de tiro, ginástica e marchas pelas cidades (SOUZA, 2005, p. 86). A cada final de ano os alunos do curso realizavam um exame geral, e os quintanistas maiores de 16 anos, após finalizarem o curso, recebiam o título de reservistas do Exército brasileiro (DALLABRIDA, 2001, p. 125; SOUZA, 2005, p. 86). Ainda conforme observou Dallabrida, “as aulas da chamada instrução militar tinham uma parte teórica e outra parte prática, que consistia de ginástica militar, exercícios de tiro, esgrima a baioneta, marchas e paradas” (2001, p. 125).

A historiadora Sabina Loriga, que estudou a experiência militar de jovens na Europa na segunda metade do século XIX, observa que para muitos jovens italianos desse período, “a primeira prova de potência viril era o exame do serviço militar” (LORIGA, 1996, p. 37). Mesmo guardadas as diferenças temporais e espaciais, percebe-se que o exame pelo qual Serafim expressa ter passado no ano de 1927 foi perpassado por uma prova semelhante, conforme narra aos pais:

Nos dias 1 e 2 deste mez, finalmente houve o exame de instrucção militar; mas nos deu muito que suar, pois a banca examinadora estava disposta a reprovar o maior numero possível; mas foram completamente enganados, porque a nossa turma estava bem preparada. No dia 2 é que o negocio foi serio; desde as 8 horas até ao meio dia houve exame oral, mas somente trez foram examinados. Depois do almoço fomos ao stand fazer o exame de tiro. Terminado este, voltamos ao gymnasio para fazer exame pratico, que durou até o anoitecer. Nesta parte do exame e que foi que padecemos mais; pois tivemos que cavar um abrigo individual; isto é, um fosso que servisse para proteger todo o corpo. E o peor disso, é que é preciso ficar-se deitado para cavar, pois estávamos simulando um combate. Depois do jantar, já noite fechada, fomos fazer o exame de gymnastica; ter-minado este fomos continuar o oral, que, prolongou-se até as trez horas da [madrugada]. Eu fui chamado às 2 horas; estava com um somno de quasi nem poder parar em pé, bocejava depois de quasi cada palavra que dizia; mas, isso não impediu que eu falasse o possível para passar. Depois do exame, naquela hora mesmo, o P. Prefeito levou-nos para o refeitório, onde fomos surpreendidos por uma lauta mesa de doces regados com vinho, o que serviu para animar-nos um pouco. No dia seguinte, ao meio-dia, tivemos o juramento á bandeira, que foi bastante concorrido, tendo vindo a banda da policia para abrilhantar o acto. Depois de receber-mos a caderneta, fomos novamente levados pelo P.

Director, que nos obsequiou com outra mesa de doces. Felizmente agora já estou reservista. Já é um peso regular que tiro das costas (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais] Florianópolis: 14 de maio de 1927).

Podemos perceber que Serafim se dedicou nesse relato, algo que o mobilizou, como resultado a demora e cuidado na narrativa. Serafim mostra a intensidade dos dois dias de exame, que vai até tarde da madrugada. Logo no início mostra como os professores exigiram demasiado de seus alunos, esperando reprová-los, ou talvez reforçar nos alunos a dedicação, que gerou resultados, como afirma Serafim “foram completamente enganados, porque a nossa turma estava bem preparada.” Ao final o jovem demonstra alívio e sentimento de dever cumprido depois de ter concluído o exame e assim se tornando reservista do exército. Não por pouco, visto o detalhamento que deu, podemos perceber que o exame militar ocorria em uma simulação de guerra, muito comum em treinamentos militares dos exércitos. O jovem busca demonstrar em sua narrativa dedicação e resiliência diante das provas, especialmente no exame oral no qual já demonstrava exaustão.

Podemos perceber nessas primeiras questões abordadas que há uma preocupação do colégio com os corpos dos alunos, os quais são forçados a estar em constante atividade física e moral. Conforme Silvana Vilodre Goellner (2018, p. 38-39), no seu capítulo *A produção cultural do corpo*, no qual analisa as mudanças, buscas e cuidados com o corpo e como estava associado às mudanças culturais da sociedade, demonstra que após o processo de industrialização da sociedade e o advento das teorias higienistas, houve a busca pelo corpo limpo e vigoroso. Segundo a autora, a escola teve papel fundamental na interiorização dos hábitos corporais que sustentavam o ideal de sociedade moderna almejado pelas elites da época do século XIX, especialmente às urbanas:

uma educação suficientemente eficiente na produção de corpos capazes de expressar e exibir os signos, as normas e as marcas corporais da sociedade industrial evidenciando, inclusive, as distinções de classe. O corpo retilíneo, vigoroso, elegante, delicado e comedido nos gestos traduzia o pertencimento à burguesia da época, enquanto o corpo volumoso, indócil, desmedido, fanfarrão e excessivo era representado como inferior e abjeto ao que desejava produzir (GOELLNER, 2018, p. 39).

Mas ainda mais, podemos aqui inserir a Tese de Vanderlei Machado na qual estuda os modelos de masculinidades divulgados pela imprensa em Florianópolis nos anos de 1889 a 1930. Segundo ele, houve, no início do século XX, uma militarização dos jovens e, conforme percebeu, além do já mencionado em relação ao corpo vigoroso e viril dos homens, após o curso militar o homem deixaria “de ser um boçal para se transformar em um homem que sabe

ler, escrever e contar, um homem que poderia aparecer ao público, preparado intelectualmente para viver, para ser um cidadão e poder lutar pela vida.” (MACHADO, 2007, p. 131). Assim, Serafim passa por esse processo de militarização do corpo, num trabalho em conjunto da escola com o exército no treinamento desses alunos para além de corpos fortes, viris, mas também moldando-os numa postura diante da sociedade e vida pública.

Podemos observar nas cartas de Serafim que não somente as atividades físicas haviam marcado o seu corpo, mas ele também é cada vez mais disciplinado a partir das rotinas, da divisão do tempo conforme as atividades. É claro, precisamos ter em vista que as cartas as quais analisamos aqui foram escritas aos pais e ele, como filho, se mostra responsável e cuidadoso com as rotinas escolares e busca apresentar bom aproveitamento. Entretanto, é visível que não é somente na sua narrativa que ele apresenta isso, as boas notas dos exames, sejam bimestrais ou semanais, presentes em seus boletins, demonstram isto.

Serafim apresenta nas cartas como as atividades escolares são divididas entre o tempo de estudos/aula e o tempo do recreio ou do lazer. Pelo que demonstra, alguns domingos os alunos podiam sair do colégio e passear, mas havia o toque de recolher: “domingo passado sahimos, mas poucos foram os divertimentos que a capital nos proporcionou: De manhã nada se tem a fazer; a tarde, não fora a matinée, pior seria; á noite, quando a cidade começa a movimentar-se, têm-se que voltar ao gymnasio.” (CPF-B-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta [aos pais]. Florianópolis: 11 de julho de 1929). No momento dessa carta Serafim estava quase completando 21 anos de idade, se aproximando da maioridade e sentia falta de maior liberdade nas saídas do colégio. É profícuo analisar como esse jovem interno vive, entende e divide o tempo. Podemos pensar aqui na noção de tempo de Norbert Elias em seu livro *Sobre o tempo*, no qual entende como uma operação de estabelecimento de relações feitas pelos grupos humanos. (1998, p. 39)⁸⁷. Enquanto jovem, Serafim se interessa no tempo em que a cidade se movimenta e agita (à noite), mas esse tempo é limitado, interdito a ele, por ser interno, estudante e jovem os adultos que lhe são responsáveis entendem o tempo da noite como prejudicial à moral dos jovens estudantes, os horários proveitosos para uma sociedade moralista são os horários do trabalho, de manhã até o fim da tarde. Percebe-se, entretanto, que

⁸⁷ Ainda segundo Elias, “os grupos humanos são capazes de recolocar e de vivenciar os acontecimentos na dimensão do tempo, na exata medida em que, por um lado, dentro de sua vida social colocam-se problemas que requerem uma determinação social, e, por outro, sua organização social e seus conhecimentos lhes permitem utilizar uma série evolutiva como quadro de referência e padrão de medida para outra.” (1998, p. 41).

essa vontade de aproveitar o tempo da noite na cidade não fazia parte dos discursos de Serafim durante infância.⁸⁸

Serafim gostava de usar os dias de saída do colégio para se sociabilizar em outros espaços. Essas saídas eram os poucos momentos de convivência fora colégio. Entretanto, nem sempre o espaço externo possibilitava maior socialização dos jovens, visto que Serafim comenta muito mais sobre as atividades de lazer no espaço escolar ou a partir da escola. Apesar de se tratar de uma reflexão do contexto da sociedade atual, a reflexão de Rosimeri Aquino da Silva e Rosângela Soares pode ser trazida aqui para se pensar um aspecto da realidade vivida por Serafim: “muitas vezes a escola como um lugar de encontro é uma das poucas possibilidades, senão a única, de lazer para os/as estudantes, e ela é, portanto, um espaço de expressão da sexualidade juvenil e de exercício da sociabilidade.” (2018, p. 93). Assim, visto que Serafim como interno convivía diariamente com outros alunos, era no espaço escolar que construía suas amizades, sociabilidades, brincava, brigava, descobria seus gostos por determinadas coisas e compreendia seu corpo. Exceto, talvez, maior contato com as moças⁸⁹, por isso quiçá também o interesse de Serafim em sair à noite, pois dentro do colégio não teria tal oportunidade.

Percebe-se como Serafim acentua sua preocupação e constrói em seu discurso a ideia de que em período pré-exames é um momento de trabalhos intensos (inclusive o tempo do recreio é ocupado não por descanso, mas pelo estudo de flauta). Dallabrida ressalta que no Ginásio Catarinense “circulava produtivamente uma ética do trabalho, em que ‘amor ao trabalho’ era enaltecido como virtude cristã e moleza e o ócio eram diabolizados” (2001, p. 160). Veja o relato que o jovem faz em carta de 17 de novembro de 1928:

Estes dias que nos restam antes dos exames é um continuo labutar, estuda-se da manhã à noite. Eis o horario: Levanta-se as 5½ h., 6-6½ missa, depois café; 7 às 10 estudo, 10-11 tenho aula de Algebra, 11 almoço depois recreio até a 1; 1-2 estudo; 2-3 recreio (occupo-me geralmente na flauta), 3 café, 3,15 às 4½ recreio em que toma-se chimarrão ou quando está muito apertado

⁸⁸ Ou seja, se percebe uma diferença entre a percepção e acesso do tempo entre as crianças, os jovens e adultos. Aos adultos os tempos são contados pelas horas do trabalho e lazer. Os jovens, o estudo e lazer – mas nos entremeios à lazer também, muito semelhante às crianças, que são as que menos “contam” o tempo. Entretanto aos adultos os horários da noite e madrugada são possibilitados, enquanto às crianças, são negados, e aos jovens limitados. Os tempos são contados e sentidos de maneiras diferentes em determinados grupos sociais e também determinadas idades da vida.

⁸⁹ Não há menção de relações com moças por Serafim em suas cartas familiares. Entretanto, se associar o relato que fez ao pai da denúncia das jovens moças sobre os alunos do Ginásio Catarinense – que envolve ele também – podemos perceber que ele frequentava, em suas saídas, espaços mistos. Além disso, apesar de não tratar das cartas entre amigos de Serafim, cabe mencionar momentos em que Serafim parece se interessar nos relacionamentos – namoros, ou os não namoros – de seus amigos (já em 1922), como demonstra a carta de seu primo Ogular, enviada a Serafim: “me perguntas-te se eu estava namorando alguém então tu me achas com cara de louco?” (CPFIB-CEOM. OGULAR. Carta [a Serafim]. Curitiba: 22 de julho de 1922).

estuda-se; 4½-6 estudo; 6-6½ jantar; 6½- 7 recreio; 7-8½ estudo com uma pausa de 10 minutos. Depois vae-se dormir (CPFB-CEOM. BERTASO, Serafim. Carta aos pais. Florianópolis: 17 de novembro de 1928).

Os tempos contados aqui por Serafim são narrados como uma tentativa de demonstrar seu trabalho, ao relatar o uso do tempo ele constrói-se diante da família como o jovem que trabalha e se aplica diante das atividades escolares. Conforme Norberto Dallabrida, o Ginásio Catarinense prezava pelo trabalho constante e para provocar o “máximo de obediência e produtividade do corpo discente” (2001, p. 160). Assim, seguindo a lógica da *Ratio Studiorum* o colégio jesuíta organizava os horários e atividades dos estudantes, prezando não somente pelas atividades físicas – instrução militar, ginástica, banhos de mar –, mas também na utilização de exercícios e atividades de aulas sempre presentes. “O árduo e regular trabalho escolar era obtido pela realização de exercícios constantes e variados, que incitava o estudante a ficar ‘em estado de alerta permanente’, procurando se sujeitar-se continuamente aos ritmos didáticos das práticas discursivas e maquinicas.” (DALLABRIDA, 2001, p. 161). Percebe-se a dedicação com os exames escolares por parte de Serafim. Como Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, no capítulo que estuda as práticas de disciplinamento e de vigilância escolar no século XVIII e XIX, avalia que os exames fazem parte das táticas disciplinares, pois é no exame que percebe a objetivação dos poderes disciplinares no sujeito, quem é colocado à vista no exame é o súdito do poder (1998, p. 156).

Outro detalhe que cabe ressaltar aqui é como a religiosidade era tão presente no internato católico, que inclusive ele registra a participação da missa dentro do cronograma diário de estudos.

Ao escrever para os pais sobre os intensos estudos antes dos exames, Serafim se percebe como parte de um sistema escolar que o submete, sobretudo ao final, a um “contínuo labutar”, a um rígido plano diário de estudos que começa cedo na manhã até à noite, o que o faz ansiar pela chegada das férias. A mesma ansiedade aparece em carta de outubro do mesmo ano, quando ainda restavam dois meses de atividades escolares:

Não calculas quão grande é o desejo de unirvo-nos comvosco á proporção que o anno finda; temos apenas um mez de aulas, depois quinze dias de preparação para os examês, mais quinze ainda para fazel-os e então sim podemos nos lançar nos braços de nossos tão saudosos paes e adorar a nossa deusa “Férias” (BERTASO, Serafim. Carta aos pais. Florianópolis, 15 de outubro de 1928. Arquivo do CEOM, coleção particular da família Bertaso).

O momento é tão aguardado que ele imagina, projeta e planeja o momento junto da família, mais ainda, personifica as férias numa deusa a ser adorada.

Entretanto, as saídas do colégio, apesar de serem tidas como momentos e espaços de maior liberdade e produção do cuidado de si – fora do internato –, os alunos ainda estavam sob o controle do colégio e do internato, ou seja, ainda sujeitos a regramentos da escola. Podemos lembrar uma carta já abordada no capítulo anterior na qual Serafim escreve ao pai e narra a situação vivenciada fora do colégio, no cinema com os amigos (Vide capítulo II, tópico 2.2). Não vale citar por completo a carta daquele momento, apenas lembrar que Serafim junto de seus colegas haviam ido ao cinema e alguns dias depois encontram uma notícia em jornal que denunciava atitudes cometidas pelos jovens moços diante de jovens moças: “mas eis senão quando no dia seguinte, se depara em nossas mãos ‘Folha Nova’ com um artigo contra os alumnos do gymnasio, chamando-os de moleques de gallerias, de minusculas pessôas e outras qualificativas semelhantes, e, por fim, pedindo á policia que tomasse conta do caso.” (BERTASO, Serafim. 9 de junho de 1928). Interessa aqui pontuar que, apesar de não confirmar ao pai qual atitude teriam os jovens cometido para serem noticiados de tal forma, os padres do Ginásio Catarinense parecem não hesitar em tomar uma atitude disciplinar: castigo. “O pior foi as consequencias. Chegado o annuncio aos ouvidos dos padres, este prohibiram terminamente nossa estrada do cinema, cortando-nos, alem disso, alguns outros privilegios.” Conforme Michel Foucault, em que atenta à relação disciplinar de controle dos corpos presentes em escolas e exércitos do século XVIII e XIX, “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve portanto ser essencialmente *corretivo*.” (1998, p. 150). Dallabrida (2001, p. 196-201), que analisa a atuação do Ginásio Catarinense sobre a formação de alunos das elites, afirma que as punições de cunho físico já não eram incentivadas, mas por vezes eram utilizadas, especialmente em alunos do primário; para os secundaristas estimulava-se que se autoeducassem. Ele afirma que os castigos seguiam a lógica binária de “gratificação/sanção” e eram proporcionais à gravidade das infrações cometidas. “No internato, a privação da saída mensal – realizada no primeiro domingo de cada mês – era uma das privações mais temidas, pelo fato do passeio dominical na casa de parentes e na cidade ser a principal válvula de escape da pressão disciplinar jesuítica.” (DALLABRIDA, 2001, p. 199).

Precisamos pontuar que Serafim recebe apenas um pequeno castigo diante as acusações, castigo escolar e talvez alguma cobrança a mais dos pais. Enquanto um jovem branco de elite, Serafim teve sua moral protegida pela escola. Se tais acusações teriam tido as mesmas proporções caso fossem jovens pobres, não podemos dizer. Contudo é necessário ressaltar aqui que, diante de tais acusações, Serafim teve possibilidade de se posicionar ao pai

e reclamar a veracidade ou exagero produzida pelo jornal sobre os fatos, justamente por ser um jovem que estudava o ensino secundário em colégio particular, algo que para muitas crianças e jovens no início do século XX nem sequer era possível acessar⁹⁰.

Ao mesmo tempo em que Serafim cumpre os cronogramas e se submete às normas do colégio, ele anseia pela vida fora do colégio, demonstra a exaustão frente às exigências daquele sistema escolar. Traços de um período da vida, juventude enquanto momento de mudança, mas que também, conforme as reflexões de Sílvia Fernandes:

Levando-se em conta o elemento heterogêneo, a juventude pode ser pensada como um ator que (des)orienta a vida social com base no quanto catalisa, rejeita ou contesta os anseios de uma sociedade mais ampla. O segmento passa a ser objeto de olhares interdisciplinares e inter-temáticos por ser exatamente nele que os indivíduos tendem a projetar expectativas de futuro tendo como referência a ideia de progresso, desenvolvimento ou processo civilizatório (2019, p. 341).

Podemos visualizar em sua escrita aos pais como Serafim produz uma agência sobre si em relação à escola, questiona sua posição e os espaços que está ocupando, contudo sempre o faz com o cuidado de não gerar reações negativas por parte dos pais. Em carta de agosto de 1929, Serafim que estava no quarto ano ginásial e com 21 anos, faz uma análise e um pedido aos pais sobre seu último ano que iria ser em 1930:

O anno que vem eu acho melhor voltar para o externato, para cursar o quinto anno. Tem muita materia e difficil que só dá para dar conta com vagar e com união. Digo com união porque tem mais uns cinco quintannistas que tambem ficarão externos. Os restantes trez ou quatro ficarão, creio, no internato, pois são muito crianças e acho que os paes não os deixarão ficar externos. Como ia dizendo, o tempo para estudar é muito mais pois eu, por exemplo, cuido da questura do estudo, especie de bodega para vender objetos escolares, que me faz perder metade do estudo das terças, quintas e domingo; depois, quando é tempo de festas, dramas, etc. tem os ensaios para “matar” os estudos. Aos domingos que se teria tempo para estudar, tem jogos de manhã e á tarde e lá tenho eu que servir de juiz, pois sou o juiz oficial da liga gymnasial. Não pensem, porém, que tenho alguma segunda intenção em ir para externato; a minha unica intenção refere-se ao melhor aproveitamento do tempo. Depois, tomarei um banho de civilização, depois de estar engaiolado quatro annos. Isso é um facto que até os padres reconhecem: o alumno que sae daqui pode ter solido preparo intelectual, mas não sabe cumprimentar,

⁹⁰ Ressaltamos as afirmações de Norberto Dallabrida sobre o ensino secundário em Santa Catarina: “é importante sublinhar que, em meados do século XX, na capital catarinense, a Igreja Católica dirigia os dois únicos colégios de ensino secundário, dois dos quatro grupos escolares e o único Abrigo de Menores de Santa Catarina. No entanto, essas instituições católicas tinham diferenças marcantes em relação às suas propostas educativas e populações discentes. Grosso modo, o Ginásio Catarinense e o Colégio Coração de Jesus proporcionavam escolarização primária e especialmente secundária para boa parte das classes abastadas de Florianópolis e de Santa Catarina.” (2005, p. 115). O ensino secundário em Santa Catarina durante o início do século XX ficava mais restrito aos jovens moços e moças das classes mais altas da sociedade.

falar, apresentar-se, finalmente, a uma pessoa de posição ou respeito. E neste ponto deveis convir commigo, porque o papae já teve ocasião de me chamar diversas vezes de jeca neste respeito. As despesas não serão maiores que as do internato, pensei demoradamente nos prós e contras e afinal me decidi a pedir vosso consentimento. Comtudo, nas ferias fala-remos com mais vagar e passaremos tudo na vossa conscienciosa balança (BERTASO, Serafim. Carta aos pais. Florianópolis, 6 de agosto de 1929. Arquivo do CEOM, coleção particular da família Bertaso).

Atentamos ao cuidado de Serafim ao realizar tal pedido aos pais, ele como um jovem quase adulto entende que pode por si próprio tomar tal decisão, entretanto, como era ainda provido pelos pais, busca neles a resposta para tal pergunta. Poderia Serafim ficar como aluno externo no ano seguinte? Interessante que nas justificativas que o jovem traz, ele critica justamente a alta taxa de ocupação do tempo com atividades que diz serem para “matar os estudos”. Para Serafim, ter um ano no colégio como externo permitiria tanto melhor utilização do tempo para focar nos estudos como também para interagir e conviver socialmente no “mundo externo”. Ou seja, estaria assim encontrando alternativas para desviar-se dos poderes e constantes vigilâncias da escola onde diz que esteve “engaiolado” por quatro anos, para poder interagir e experienciar a realidade cotidiana na sociedade, pois entende ele que não está preparado para conviver socialmente com outras pessoas por ter sido amplamente isolado do mundo social, gostaria de “tomar um banho de civilização”, o qual o ginásio não é capaz de oferecer. Interessante o uso do termo “engaiolado”, visto que Norberto Dallabrida, respaldado em Michel Foucault, percebeu o uso da panóptica no Ginásio Catarinense, que visava a constante vigilância tanto por meio da hierarquia dos poderes entre alunos e professores, como também na arquitetura escolar (DALLABRIDA, 2001, p. 265; FOUCAULT, 1998, p. 156-158) – o que se assemelhava com a arquitetura das prisões, daí a associação de Serafim com a gaiola –, poderia ele se entender como um pássaro preso, engaiolado?

Pode-se notar que, em sua narrativa, Serafim utiliza de argumentos que o aproxima daquilo que a sociedade e seus pais esperavam dele como homem de elite: não basta ter sólido preparo intelectual, ele se preocupa com sua performance enquanto homem que se apresenta diante da sociedade. Ou seja, usa de algo socialmente compartilhado entre as famílias de elite para argumentar sua saída do internado. Serafim não queria ser associado ao Jeca Tatu como o pai já havia lhe chamado, pois, o termo pejorativo, lembrava dos homens que não se encaixavam nos ideais da modernidade. Como discute Tania de Luca, em seu capítulo *Higiene e Eugenia*, no qual analisa a construção da imagem caricata do Jeca Tatu criada por Monteiro Lobato em 1914, para a construção e divulgação de teorias higienistas e de eugenia

no início do século XX, a imagem do Jeca Tatu estava associada ao homem “incapaz de evolução e impenetrável ao progresso, arredio à civilização, vegetando no seu isolamento e ignorância, indisciplinado e refratário ao trabalho árduo e contínuo que tanto necessitava o país” (1999, p. 202). Para Serafim e seus pais, essa não era a imagem que buscavam, logo eles, descendentes de europeus que buscavam levar a civilização para o interior do estado. Jeca Tatu associado ao caboclo, era a imagem oposta da elite eugenista e higiênica, com intuito de impelir a modernidade ao país. Cabe ressaltar aqui que foi em 1929 a primeira visita de um governador, Adolfo Konder, a Chapecó.⁹¹

Mas além disso, Serafim que já estava com 21 anos parecia se desconectar com os outros colegas da turma, que eram mais jovens que ele, os quais ainda os chama de crianças, o que reforça sua vontade de estudar o restante do curso como externo, pois já se entendia como jovem adulto. Tal declaração demonstra seu atraso diante dos colegas na escola. Podemos, a exemplo, comparar com seu irmão Jayme, que em 1929 completava 17 anos e estava no terceiro ano do Ginásio – 4 anos mais novo que Serafim, mas apenas um ano atrás no curso escolar. Apesar de não haver uma definição exata das idades que deveriam ter os alunos em cada série, havia o que se entende como idades de aprender, que variavam de acordo com o passar dos anos. Geralmente essas idades se davam dos 7 aos 20 anos. Conforme Natália Gil, onde discute a construção das idades de aprender, afirma que:

Num mesmo período histórico e espaço geográfico, indivíduos da mesma idade tiveram identidades etárias diversas. Para os que frequentavam a escola, a infância podia ser uma experiência mais longa do que para aqueles que, nas mesmas idades que os outros, já trabalhavam e/ou casavam (GIL, 2020, p. 323).

Ainda conforme a autora, no Rio Grande do Sul e no Brasil houve, no início do século XIX, uma preocupação com a educação alfabetizadora das crianças, por meio da instrução pública elementar, ainda em 1888 a definição das idades que deveria receber educação elementar se dava para idade mínima de 7 a 15 anos, isso para realização da matrícula, mas a legislação não definia até que idade deveria ser concluído os estudos (GIL, 2020, p. 326-327). Ainda a autora sustenta que é durante a República que vai ocorrer um processo longo que

⁹¹ Cabe ressaltar aqui que foi em 1929 a primeira visita de um governador, Adolfo Konder, a Chapecó. E conforme assinalam Maria Bernadete Ramos Flores e Élio Cantalicio Serpa, em artigo no qual discutem a visita em caravana do Governador Adolfo Konder ao interior de Santa Catarina, “em Santa Catarina, como no Brasil, a elite estava interessada no processo de branqueamento da população, não só pela cor da pele, mas também pela reformulação de formas de sociabilidades e condutas que pudessem conferir status de sociedade civilizada, pautada nos paradigmas europeus” (1999, p. 218). Assim, entre outros motivos, a visita do governador ao interior de Santa Catarina se deu para reforçar esse ideal civilizador de brasilidade e modernidade, aproximando o interior com o litoral – capital – do estado.

estabelece um disciplinamento que pretende separar e distinguir os processos educativos dirigidos às diferentes idades, muito em função dos estudos da psicologia (2020, p. 331).

Percebe-se que a idade em que os jovens homens deveriam concluir o ensino secundário ainda não era bem definido, dependendo especialmente da idade em que iniciavam o curso. Dallabrida, ao fazer uma reflexão sobre quem eram esses jovens que ingressavam e se formavam no Ginásio Catarinense, que estavam amplamente associados à família de elite, apresenta alguns dados interessantes, ao que podemos entender como as idades com que crianças e jovens poderiam adentrar ao ensino secundário: “no Brasil, em 1920 havia seis milhões de jovens entre 12 e 20 anos, que teoricamente tinha idade para estar em curso secundário, mas somente 52.077 estavam incluídos neste nível de ensino”. Percebe-se que ele coloca até a idade de 20 anos para o ensino secundário, e conforme o desconforto de Serafim diante de seus colegas mais novos e por se ver como mais velho ainda “engaiolado”, podemos entender que tanto para ele e talvez para sua família, esse jovem entendia que 21 anos já não era uma idade escolar – ainda mais como interno.

Por fim, podemos perceber tanto a atuação das forças disciplinares do Ginásio Catarinense sobre os corpos de seus alunos, o qual buscava formar homens de elite, conforme conclui Norberto Dallabrida:

A população escolar do Ginásio Catarinense era constituída por grupos sociais elitistas e específicos: tratava-se de filhos do sexo masculino das elites e parte das classes médias. O colégio jesuíta de Florianópolis integrava-se ao projeto educativo da Companhia de Jesus no bojo da reuropeização do catolicismo, que não visava universalizar a escolarização secundária, mas formar uma elite católica, laica, masculina e de ascendência europeia, que viesse a ocupar posições de liderança nas instituições sociais catarinense e particularmente no aparelho estatal (DALLABRIDA, 2001, p. 243).

Entre esses alunos estava Serafim e seu irmão Jayme, filhos de um coronel e colonizador, imigrante italiano. Mas nessa pesquisa também pudemos analisar e observar um movimento de subjetivação de Serafim, que ao escrever sobre si nas cartas aos pais, constrói-se e se analisa e dessa forma atua sobre sua própria existência, faz assim o trabalho de cuidado de si⁹², seja por vezes submetendo-se ao sistema escolar, ou encontrando forma de

⁹² Cuidado de si, conforme a noção proposta por Michel Foucault no livro *A hermenêutica do sujeito*, no qual o filósofo retorna aos antigos gregos para compreender a *epiméleia heautoú* (o cuidado de si) e o *gnôthi seautón* (o “conhece-te a ti mesmo”), e apresenta cuidado de si como “uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade.” (FOUCAULT, 2006, p. 15).

resistência ou de desviar-se das normas e padrões impostos sobre ele. Infelizmente os documentos escolares e cartas de Serafim se encerram (no arquivo ao qual temos acesso) em 1929, o que dificulta saber o que acontece em 1930, se o jovem volta ao Ginásio como interno ou não. Entretanto, a biógrafa Maria Adelaide Hirsch afirma que Serafim e Jayme permanecem em Florianópolis estudando até 1930-1931 e que em 1931: “Serafim faz vestibular para Engenharia, na Faculdade de Engenharia Federal do Paraná, e passa” (2005, p. 139). Naquele momento, ainda conforme a autora, ele, Jayme e Plínio se mudam para Curitiba, Serafim inicia seus estudos na Faculdade de Engenharia enquanto seu irmão e primo concluem os estudos ginasiais no Ginásio Paranaense. Serafim se forma em engenharia Civil em 1935 (2005, p. 173), e assim segue os caminhos conforme prezavam os ideais das elites da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa colocamos em questão a infância e juventude de Serafim Bertaso nos espaços da família e da escola por meio de sua escrita de si nas cartas. Após estudar a trajetória de Serafim enquanto criança e jovem numa família de elite, pudemos observar que os caminhos por ele seguidos nessas idades se deram especialmente por conta da posição social em que estava locada a família Bertaso naquele período. Percebemos que a família Bertaso não iniciou a trajetória de ascensão social do zero, pois sua mãe, Zenaide Ballista, era filha de comerciantes e imigrantes italianos bem estabelecidos na cidade de Bento Gonçalves já no início do século XX e o pai, assim como tios, souberam reproduzir capitais ao longo de suas vidas profissionais. Zenaide e Ernesto Bertaso construíram suas vidas a partir de redes sociais que se estendiam para além das famílias de imigrantes italianos da região de Bento Gonçalves, Guaporé e Porto Alegre. Desde novo, Ernesto trabalhou como caixeiro-viajante, possibilitando conhecer diversas pessoas em diferentes localidades, inclusive a esposa, desenvolvendo redes sociais de apoio que ultrapassavam as relações comerciais e que reproduziram seu capital social.

Pudemos perceber já haver na família Bertaso uma valorização da cultura escolar que motivou o investimento financeiro em prol de uma educação distinta para a filha Elza e os filhos Serafim e Jayme em colégios de regime interno privadas. Essas escolas nem sempre eram confessionais, como no caso do Colégio Júlio Theodorico e do Instituto Ginásial de Passo Fundo, pelos quais passou Serafim. Mas todos os colégios, tanto os voltados somente para os meninos, quanto os para meninas, eram muito reconhecidos na sociedade e destinados a crianças das elites e quase sempre educavam as crianças conforme a moral cristã nos dogmas da religião católica. Nessas escolas, os filhos de Zenaide e Ernesto se constituíram como sujeitos aprendendo a se portar como sujeitos da elite, construíram então um capital cultural por meio da escolarização e das sociabilidades.

Conforme vimos no primeiro capítulo, foi por conta do distanciamento de Serafim e seus irmãos de casa para estudar em colégios internos que se estabeleceram relações epistolares deles com a família e eles, ainda enquanto crianças, começam a escrever cartas para os pais. Mas foi por meio de ações de arquivamento e de guarda dessas cartas visando a preservação de uma memória familiar, que anos mais tarde pôde se constituir a coleção familiar Bertaso no CEOM. No primeiro capítulo pudemos perceber não apenas elementos da trajetória da família Bertaso para alcançar capital social e econômico, como também em

manter esse capital aos herdeiros, por meio dos investimentos na educação dos filhos. Também pudemos discutir estratégias para manter viva na região de Chapecó uma memória sobre essa família por meio de doação de documentos particulares para um acervo público e a publicação de um livro biográfico laudatório sobre Ernesto Bertaso, que se insere numa memória hegemônica na região de Chapecó-SC, reforçando o papel dos Bertaso na esfera pública, por meio da Colonizadora Bertaso, Maia e Cia, e atuações políticas de Serafim Bertaso.

Pudemos notar que, apesar de não se caracterizarem enquanto uma grande elite nacional, a família Bertaso foi uma família da elite local do Oeste Catarinense, tendo poderes políticos e sociais sobre a sociedade de Chapecó-SC e região e, mesmo o poder dessa família sendo local, as redes de sociabilidade e o capital financeiro possibilitaram aos filhos uma educação diferenciada.

Em 1920 Serafim saiu de casa para estudar como interno no Colégio Júlio Theodorico, em Curitiba-PR, colégio não católico, mas reconhecido pela qualidade da educação oferecida na capital paranaense. Nos anos de 1921 a 1922 Serafim muda de colégio, vai para São Paulo estudar como interno no Ginásio Anglo-brasileiro, um colégio de origem inglesa voltado para as famílias das elites naquela capital. Na mesma cidade estava sua irmã Elza, que desde 1920 estudava também como interna no Colégio Nossa Senhora de Sion.

Enquanto criança as cartas que Serafim escreveu aos pais, de 1920 a 1922, apresentavam diversos traços de seu mundo infantil. Serafim perguntava e se interessava sobre as brincadeiras e o cotidiano de seu irmão mais novo Jayme e seu primo Plínio, demonstrava que queria fazer parte desse cotidiano do qual precisou se afastar para estudar. Na relação com a família, Serafim demonstrava dificuldade em lidar com o afastamento da família, sentia saudades e por isso escrevia diversas cartas aos pais e à mãe, mas sente por eles pouco lhe retornarem. Eles não investem o mesmo tempo que ele para responder suas cartas, o que o abala e às vezes demonstra revolta por não querer estar distante. A família buscava ver em Serafim um bom aproveitamento escolar, o faz entender que deve valorizar os investimentos feitos, devendo este ser o seu foco. Entre resistências e conformações, em meio a esses conflitos, Serafim se coloca enquanto filho grato, assume a posição de filho respeitoso e entende que estar longe de casa é devido ao investimento no seu futuro.

No ano de 1923 Serafim volta a morar com os pais até o ano de 1925, e de 1924 a 1925 estuda no Instituto Ginásial de Passo Fundo com seu irmão Jayme Bertaso. Contudo lá não era interno e por isso não escrevia cartas aos pais. Após esse período, Serafim, aos 17

anos de idade, vai para Florianópolis junto do irmão Jayme para estudar como interno no Ginásio Catarinense, colégio jesuíta também voltado para a educação das elites. Serafim reinicia sua troca de correspondências com os pais e agora também com a irmã Elza, que em 1925 havia se casado com Paulo Pasquali, de uma família de posses da região colonial italiana do Rio Grande do Sul e que, desde então, morava com ele em Bento Gonçalves. Nessa fase Serafim demonstra maior maturidade, também na escrita, e assume a responsabilidade de cuidar e prestar atenção em seu irmão Jayme. Em suas cartas se apresenta como um jovem responsável e estudioso. Podemos notar o desenvolvimento de um estilo próprio de escrita de cartas, vimos como aos poucos Serafim utiliza de metáforas e ironias para declarar seus posicionamentos e opiniões.

Nas relações epistolares pudemos notar o desenvolvimento das identidades narrativas de Serafim e como ele se construía e procedia uma reflexão sobre si próprio diante do outro por meio de sua escrita de si. Quando escreve para a mãe, os assuntos envolvem mais a família e seu cotidiano escolar, brincadeiras, entendia a mãe como aquela que cuidava da família, que estava próxima das outras crianças e dos outros membros familiares. Mas quando escreve ao pai, apresenta mais o aproveitamento escolar, pede orientações sobre acontecimentos e principalmente aborda assuntos relacionados a problemas escolares como pagamentos, viagens de retorno, mal-entendidos com a direção etc. Entendia o pai como o que se ocupava mais no espaço público e provia a família financeiramente. Nas cartas se preocupa em não os chatear ou desagradá-los. Já na relação com a irmã Elza ele demonstra maior despreocupação com determinadas formas de “dizer” o que pensa, é mais incisivo, utiliza de gírias, palavreado mais íntimo e jovem, mesmo que aquilo que fosse lido escrever seria repassado aos pais, confia na irmã como confidente e amiga que irá amenizar situações.

Visualizamos também como Serafim constrói sua subjetividade e elabora reflexões sobre si nas cartas, desenvolve gostos, afeições e particularidades ao longo da infância e juventude. Aos poucos, em suas cartas, Serafim passa a escrever mais sobre seu cotidiano escolar, suas recentes experiências na escola e a partir da escola, os momentos de lazer como as saídas do colégio, as idas ao cinema, os desfiles com o batalhão escolar, mas sempre colocava o lazer como uma recompensa dos trabalhos árduos desenvolvidos na escola durante a semana. Quando jovem, Serafim reflete mais sobre suas experiências e cotidiano, mesmo não recebendo muitas respostas dos pais como gostaria, ainda se dedica à atividade epistolar, as narrativas longas do cotidiano e assuntos como futebol, universo público e da escola preenchem os papéis das cartas de Serafim. Cabe destacar a importância de ser um jovem ou

criança de elite para ter a possibilidade de ter tamanha agência sobre si. É por ter acesso a determinada educação e ser das elites (mesmo que local) o que possibilitou a Serafim expressar opiniões por meio de sua escrita. Ser jovem de elite possibilitou acesso a uma educação diferenciada, com acesso a diversos materiais, leituras, a ter acesso à cultura e diversos espaços sociais que muitas vezes se tornavam restritos a crianças comuns de classes sociais mais baixas, é por ter acesso a tais espaços que Serafim enquanto jovem de elite pode se posicionar não somente sobre si, mas também sobre política, cinema, esporte.

O estudo por meio das cartas de Serafim enquanto criança e jovem para a família, permitiu perceber a relação desse indivíduo consigo próprio e com outros sujeitos, membros da família, nessas fases da vida. Dessa forma, no capítulo dois pudemos perceber também o papel formador e constitutivo da família para a construção do sujeito Serafim, é na família que ele encontra suporte, é nela que ocupa posições sociais a partir do que a família dele espera.

No terceiro capítulo adentramos no universo escolar e percebemos que as idades da vida, infância e juventude também o fizeram vivenciar as escolas de maneiras diferentes. Enquanto criança, entre resistências e conformações, vê a escola como obrigação, mas agencia suas relações e aos poucos insere a valorização da escola e passa a incorporar códigos de comportamentos aprendidos nos colégios e desenvolve sociabilidades. Aos poucos Serafim começa também a performar um padrão de masculinidade que era ensinado e reforçado pelas escolas e pela sociedade, uma masculinidade urbana, moderna, preocupada com a formação de corpos saudáveis, com o intelecto, visando a formação de jovens burgueses. Na escola, Serafim, assim como seus irmãos, começa a reconhecer os espaços que gostaria de ocupar, desenvolve seus interesses, traça redes de amizades. Nos limites deste trabalho não foi possível ainda contemplar o conjunto de cartas recebidas de amigos de Serafim e os assuntos nelas tratados.

Nos colégios internos Serafim se constitui entre a normatização de condutas, sujeição às normas, à disciplina e moral das instituições de ensino, mas também lidava com elas desenvolvendo técnicas de si. Especialmente quando jovem, é perceptível nas cartas como ele lida com as normas, os desafios e as exigências impostas pela escola, como encontra formas de desenvolver suas habilidades, como constitui seu cotidiano a partir do que se lhe oferece.

Entretanto, quando se torna adulto – numa idade superior a de outros colegas de classe – Serafim parece se preocupar com o fato de ainda estar no internato convivendo cotidianamente com outros alunos mais novos e mais imaturos que ele. Manifesta cada vez

mais querer aproveitar os espaços fora da escola, conviver mais no espaço público e aproveitar as possibilidades de sociabilidade fora da escola. Por já ter 21 anos em 1929 e ser maior de idade (último ano das cartas presentes na coleção disponível no acervo do CEOM) vê-se preso e deslocado, quer sair desse espaço e ocupar os espaços do mundo adulto. Podemos ver como se porta nessa fase de transição, nem adulto nem criança.

As correspondências enviadas da escola preservadas nos dão conta de suas atividades no Ginásio Catarinense até 1929. Sabe-se que Serafim termina o ensino Ginásial em 1930 com 22 anos de idade e no ano seguinte inicia o curso de Engenharia Civil na Faculdade Federal do Paraná em Curitiba, tomando parte da colação de grau em 1935. Em 1936 Serafim se casa com Elsa Feuerschuette em Tubarão-SC. Em 1939, acompanhado de sua esposa, Serafim fixa residência na cidade de Chapecó-SC para assumir os trabalhos da Colonizadora Bertaso S/A a pedido de seu pai (HIRSCH, 2005, p. 190). Ali ele inicia sua carreira política como membro das elites locais. Entre 1947 e 1951, Serafim atua como vereador de Chapecó pelo Partido Social Democrático (PSD) e entre 1951 e 1954 desempenha a função de prefeito de Chapecó. De 1955 a 1959 esteve como suplente de Deputado Federal, cargo que ocupa efetivamente de 1958 a 1959 após morte do antes deputado Leoberto Leal.

Os projetos familiares para Serafim, primeiro filho homem de Ernesto e Zenaide Bertaso, eram dele assumir, enquanto herdeiro, a empresa da família, dando continuidade aos trabalhos iniciados por Ernesto Bertaso. A educação formadora para jovens de elite levou Serafim a dar, não somente continuidade a esse projeto familiar, mas também a atuar ativamente na esfera pública política de Chapecó. Serafim também esteve à frente da elite intelectual local que idealizava uma Chapecó urbana e moderna, desenvolvendo projetos de modernização urbana e divulgando ideais de urbanidade, moralidade e masculinidades na esfera pública.

Ao analisar as cartas de Serafim escritas quando ele era criança e jovem, podemos discutir parte desse processo de constituição desse sujeito das elites no Sul do Brasil a partir de suas relações com a família e com as instituições escolares, formadoras de sujeitos socialmente distintos. Explorar sua escrita de si a partir de suas próprias cartas nos permitiu estudar os processos de subjetivação, como mobiliza agência de si às normas tanto escolares quanto familiares de um menino e jovem de classe favorecida, homem, branco, descendente de imigrantes do início do século XX. Estudar sua escrita de si nos permitiu refletir sobre a infância e a juventude como idades da vida em que se processam subjetivações e construções identitárias. Ao torná-la protagonista da história, podemos ver a criança não enquanto vítima

levada pelos sistemas, mas como sujeito capaz de se mobilizar, sujeitar e resistir às normas e padrões a elas impostas, ou seja, enquanto sujeito portador de agência.

Este estudo não encerra as possibilidades de exploração do rico acervo de correspondências da família Bertaso, do qual exploramos apenas uma parte.

FONTES

DOCUMENTAIS:

Coleção Particular da Família Bertaso (CPFB) – 50.00. **Cartas e correspondências, boletins, certidão de óbito, despesas dos filhos**. Ano 1914-1940. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM).

BIBLIOGRÁFICAS:

HIRSCH, Maria A. P. **Ernesto Bertaso**: de Verona a Chapecó. Chapecó: Argos, 2005. 327 p.

ENTREVISTA:

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. Entrevista com Maria Adelaide Pasquali Hirsch. [Entrevista concedida a] Salete Fanin. CHOLC-Coleção **História Oral Laboratório CEOM**. 26/11/1997.

SITES:

EXECUTIVO, Poder. DECRETO Nº 64.454, DE 5 DE MAIO DE 1969: legislação.
FAMILYSEARCH. **Jayme Ernesto Bertaso**, 1912. Corregedoria-Geral da Justiça, Brasil. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:DCG3-DQPZ>. Acesso em: 08/06/2021

COLÉGIO BOM CONSELHO. **Nossa História**: dedicados à educação desde 1905. Dedicados à educação desde 1905. Disponível em: <https://www.bomconselho.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 24 maio 2021.

FAMILYSEARCH. **José Bertaso**. 1905. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:YN5D-XFV>. Acesso em: 08 jun. 2021.
FAMILYSEARCH. **Registro de batismo de Ernesto Ballista**. 1988. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9392-36H6-N?cc=1582573>. Acesso em: 08 jun. 2021.

FAMILYSEARCH. **Registro Morte de Francisco Bertaso**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G9LD-7R7S?cc=3741255&personUrl=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3ADC89-RVN2>. Acesso em: 07 jun. 2021.

FAMILYSEARCH. "Brasil, Rio Grande do Sul, Registro Civil, 1860-2006", **Jayme Ernesto Bertaso**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:DCG3-DQPZ>. Acesso em: 08/06/2021

FAMILYSEARCH. **Otto Frederico Feuerschuetze**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/LZ3W-4D1>. Acesso em: 15 jun. 2021.
LEGISLAÇÃO. 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64454-5-maio-1969-405815-norma-pe.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

GONÇALVES, Centro da Indústria Comércio e Serviços de Bento. **Histórico:** mais de um século de representatividade. Mais de um século de representatividade. Disponível em: <http://www.cicbg.com.br/historico>. Acesso em: 08 jun. 2021

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia de Otto Feuerschuette.** Biografia. Disponível em: http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/773-Otto_Feuerschuette. Acesso em: 15 jun. 2021.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Serafim Enoss Bertaso.** Disponível em: <http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1218-Serafim_Enoss_Bertaso>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

SION. **Colégio Sion.** Disponível em: <http://www.colegiosion.com.br/colégio-sion/>. Acesso em: 24 maio 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporânea - Revista de Sociologia da Ufscar**, v. 8, n. 2, p. 371-383, jul-dez. 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. D. (Mais)culinos: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas pela presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 17, n. 29, p. 260–281, 2020. Disponível em: https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/776. Acesso em: 10 out. 2021.

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na História. In PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

ALVIM, Z. M. F. **Brava Gente: os italianos em São Paulo 1870-1920**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil 3: república: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Cap. 3. p. 215-287

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro, UERJ, 2010.

AREND, Silvia Maria Fávero. Ainda vivemos como nossos pais? **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 21, p. 144-164, nov. 2013.

AREND, Silvia Maria Fávero. Três meninas brasileiras pobres: relações de trabalho sob uma perspectiva interseccional (1930-1990). AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; SOSENSKI, Susana (org.). **Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2018. P.92-112

AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; SOSENSKI, Susana (org.). **Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2018. 368 p.

AREND, Silvia Maria Fávero; MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Um norte em comum: infância no sul do Brasil na produção historiográfica brasileira. In: CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 9-34, jul. 1998.

ARTIÈRES, Philipe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p.45-44.

BARBOZA, Kaline Gonzaga. **Leituras das regras de escrita de cartas: manual epistolar**

novo secretario portuguez ou código epistolar como dispositivo de formação pedagógica. João Pessoa, 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: Global Universitária, 1987. p. 159-194.

BATISTA, Karina Ribeiro. **A trajetória da editora Globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940**. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BELLANI, Eli Maria. **Madeira, balsas e balseiros no rio Uruguai o processo de colonização do velho município de Chapecó (1917/1950)**. Florianópolis, 1991. 308 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

BARROS, M. M. L. de. Memória e Família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Álbuns e escrita Infantil: escrita epistolar dos alunos do curso primário do Colégio Farroupilha (Porto Alegre/RS 1948-1966). **Conjectura: Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 17, n. 2, p. 75-97, mai. 2012.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 103-141, dez. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.236>.

BIASOLI, Vitor Otávio Fernandes. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul - 1870/1920)**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo.

BILUCZYK, Roberto. Conexão Texas: os missionários estadunidenses e a obra educacional metodista em Passo Fundo/RS (1920-1957). **Revista Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 158, p. 135-159, jul. 2020.

BLAS, Verónica Sierra, Escribir y servir: las cartas de una criada durante el franquismo. **Revista de Historia de la Cultura Escrita**. Alcalá de Henares, n. 10, p. 121-140.

BLAS, Verónica Sierra. “Autobiografias en miniatura”: Apuntes y reflexiones sobre la correspondencia infantil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 42-70, maio/ago. 2015.

BUSATO, Marinilse Marina. **Casar bem: estratégias matrimoniais e econômicas na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul (1906-1970)**. Passo Fundo, UPF, 2019.

_____, MAYER, L. “Imigrantes e colonização”: Expansão territorial da colônia Guaporé (Rio Grande do Sul) para o oeste catarinense e particularidades na colônia Porto Novo. **Boletim Escolar**, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/9555>. Acesso em: 22 set. 2020.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando Condutas: Educação católica em escolas masculinas**. Curitiba: SAMP. 2018. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27149/T%20-%20BOSCHILIA,%20ROSELI%20T.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15/07/2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. 9ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

BRANDT, Aline. **De Borges a Getúlio: a transição política nas páginas de O Nacional (1923-1930)**. Passo Fundo, 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo.

COLOMBO, Maria Alzira da Cruz. As congregações religiosas femininas francesas frente às opções de Secularização ou Exílio na França da Terceira República. **Pro-Posições**, v. 28, n. 3, p. 374-390, dez. 2017.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; Cartas adolescente. Uma leitura e modo de ser.... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venacio; BATOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: Tecendo Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 17-27.

CAMPOS, Paulo Fernando Souza; MARAMALDO, José Ribamar Vieira. História e sentimento: gênero e masculinidade nas cartas de Martiniano Medina (1908-1919). **Gênero**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 117-137, nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31250/18339>. Acesso em: 04 maio 2021.

CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020.

CLEMENTE, Elvo; UNGARETTI, Maura. **História de Garibaldi, 1870-1993**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993. 91 p.

COSTA, Bianca. **Estudo de caso dos Vinhos Bettú**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/27139979/estudo-de-caso-dos-vinhos-bettu>. Acesso em: 05 maio 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Rev. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, Abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

CONSELHO, Colégio Bom. Nossa História: dedicados à educação desde 1905. Dedicados à educação desde 1905. Disponível em: <https://www.bomconselho.com.br/institucional/historia>. Acesso em: 24 maio 2021.

CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas** (org.). São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Do Coração à Caneta: Cartas e diários pessoais nas teias do vivido (Décadas de 60 e 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115–142, jul./dez.2013.

CUNNINGHAM, Hugh. Histories of Childhood. **The American Historical Review**, Chicago, v. 103, n. 4, p. 1195-1208, out. 1998. The University of Chicago Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2651207>. Acesso em: 21 jun. 2021.

DALLABRIDA, Norberto. "**Virtus et Scientia**": o ginásio catarinense e a (re)produção das elites catarinenses na primeira república. São Paulo, 2001. 284 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República**. 1.ed. Florianópolis: Cidade futura, 2001.

DALLABRIDA, Norberto. O ascetismo jesuítico e a disciplina escolar. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 30, p.127-147, out. 2001.

DALLABRIDA, Norberto. Modos de educação católica em Florianópolis: final do século XIX e meados do século XX. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 23, n. 9, p. 102-118, mai-ago.2005.

_____; MARTINI, Estela Maris. Colégios de elite distintos em gênero. **Educação Unisinos**, v. 14, n. 1, p. 66-75, 7 maio 2010. <http://dx.doi.org/10.4013/edu.2010.141.09>.

DAUPHIN, Cécile. POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: Upf, 2002. p. 13-74.

DE PAULA, Débora Clasen. Conversas à distância: o cotidiano epistolar da baronesa dos três serros no início do século XX (rio de janeiro/pelotas-rs). **Varia História**, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 833-848, jul. 2012.

DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 223-258, jun. 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11148>.

DIAZ, Brigitte. **O Gênero epistolar ou o pensamento nômade**. São Paulo: Edusp, 2016.

EAKIN, Paul John. **Vivendo autobiograficamente: a construção de nossa identidade narrativa**. São Paulo: Letra e voz, 2019. 186 p.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

EXECUTIVO, Poder. DECRETO Nº 64.454, DE 5 DE MAIO DE 1969: legislação. LEGISLAÇÃO. 1969. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-64454-5-maio-1969-405815-norma-pe.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

FALK, P. F. Charles Wicksteed Armstrong e a eugenia positiva: estudo de caso a respeito de um eugenista e sua experiência no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 27, n. 2, p. 11–28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8656454>.

FÁVERI, Marlene de. **Moços e moças para um bom partido**. 2. ed. Itajaí: Univali, 1999. 200 p.

FAVRETTO, Juliana. Estado Novo (1937-1945): a educação profissional no município de passo fundo. In: **XV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH RS**, 15., 2020, Passo Fundo. Anais Eletrônicos. Passo Fundo: Anpuh-Rs, 2020. p. 1-25. Disponível em: https://www.eeh2020.anpuh-rs.org.br/resources/anais/15/anpuh-rs-eeh2020/1598205756_ARQUIVO_39fef50527b31dd07277f525c770fb39.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 115-130, jan. 2000.

FERNANDES, Sílvia. Sociologia da juventude: olhares interdisciplinares e intertemáticos. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 9, n. 2, p. 339-350, mai.-ago. 2019.

FERREIRA, Laura Senna. Elementos para uma sociologia do consumo: o automóvel como símbolo de distinção social. **Teoria e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 127-137, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12276>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e de sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro (org.). **A escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 241-255.

FERREIRA JUNIOR, Osmar Novaes. **A contribuição dos colégios particulares da cidade de São Paulo na propagação do foot-ball entre 1900 a 1930**: um estudo de caso do colégio marista arquidiocesano. São Paulo, 2013. 165 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu,

FIGUEIRA, Sérvulo. **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 11 - 29.

FLORES, Maria Bernardete Ramos; SERPA, Élio Cantalício. A hermenêutica do vazio: fronteira, região e brasilidade na viagem do governador ao Oeste de Santa Catarina. **Projeto História**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 215-235, jan. 1999.

FROTSCHER, Méri. **DA CELEBRAÇÃO DA ETNICIDADE TEUTO-BRASILEIRA À AFIRMAÇÃO DA BRASILIDADE**: ações e discursos das elites locais na esfera pública de blumenau (1929-1950). 2003. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

_____. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

_____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004. p. 288-293. Organização e seleção de Manoel Barros da Motta.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 681 p.

_____. **História da Sexualidade II**: O uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2019. 232 p.

GIL, Natália Lacerda. Escolarização das crianças e a definição das idades de aprender. In: CARDOZO, José Carlos da Silva et al (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020. p. 319-337.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 30-42.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-26.

GÓMEZ, Antonio Castillo. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-74.

_____. Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 66-72, abril, 2012.

GÓMEZ, Antonio de Castillo. Historia de la cultura escrita ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, p. 93-124, jan./jun. 2003.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Maria Joana (Orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 43-63.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2008. Tradução de Beatriz Sidou.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local - 1945 a 1965. um estudo de poder local - 1945 a 1965**. Florianópolis, 1993. 361 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina.

HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer**: Chapecó (1950-1956). Chapecó: Argos. 2013.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 224 p.

HEYMANN, Luciana. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Fgv, 2013. p. 67-76.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Edusp, 2016.

HERÉDIA, Vania. Família italiana no Rio Grande do Sul. In: CARDOZO, José Carlos da Silva. et al.(org.). **História da Família no Brasil Meridional**: temas e perspectivas. Vol. 2 São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014. p. 336-351. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Ehila2.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

IONTA, Marilda. Cartas de pijama: Amizade e relações de gênero na correspondência de Maria de Andrade e Anita Malfatti. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das Letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-74.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista brasileira de História da Educação**, nº1, p. 4-43, jan./jun. 2001.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l], v. 15, n. 1, p. 159-176, Dez/2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/JYYxCr33QdTvPLpDTBYWXFg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

LACERDA, Aline Lopes de. A imagem nos arquivos. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p.55-66

LAGE, Ana Cristina Pereira. Escolas confessionais femininas na segunda metade do século XIX e início do XX: um estudo acerca do colégio nossa senhora de Sion em campanha (MG). **Navegando Pela História da Educação**: HISTEDBR, Campinas, v. [S.I], p. 2-20, jan. 2006.

LAGE, Ana Cristina Pereira. As diferenças sociais e a divisão do trabalho presentes no ensino feminino do Colégio Nossa Senhora de Sion de Campanha (MG). In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2007, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Associação Nacional de História – Anpuh, 2007. p. 1-8.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LORIGA, Sabina. A experiência militar. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUCA, Tania Regina de. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação**. São Paulo: Unesp, 1999.

LUCHESE, T. Â. **O processo escolar entre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. In: REUNIÃO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28. 2005. Caxambu, Anais [...]. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-1138-intok.pdf>. Acesso em: 24/05/2021

LUCHESE, T. A.; RECH, G. L. O processo escolar entre imigrantes italianos e descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1914). In: LUCHESE, T. Â. (org.). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul: Educus, 2014.

_____. **O processo escolar entre os imigrantes no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Educus, 2015.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)**. Porto Alegre, 2007. 302 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10919/000602883.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 maio 2021.

MACHADO, Alzemi; BORSZCZ, Iraci. **A imprensa catarinense no século XIX: catálogo descritivo e ilustrado do acervo de jornais raros da Biblioteca Pública de Santa Catarina**. Florianópolis: Hemeroteca Digital Catarinense, 2020. 112 p. Disponível em: http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/A_Imprensa_Catarinense_ebook.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: DE LUCA, Tania Regina, PINSKI, Carla Bassanezi (Org). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2015. p. 195 – 222.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau et al (Org.). **História da Vida Privada no Brasil 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

MASCHIO, E. C. F. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba**, entre táticas e estratégia (1875-1930). Curitiba, 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná,

_____. As escolas étnico-comunitárias no processo de escolarização dos imigrantes italianos em Curitiba. In: **XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2013**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Anais [...]. Curitiba- Pr: Educere, 2013. p. 22247-22260.

MARTINY, Carina. Os usos do escrito no universo familiar: a prática da escrita no Brasil da segunda metade do século XIX. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 73-83, 26 abr. 2016. Disponível em <http://dx.doi.org/10.4013/htu.2016.201.07>.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. **Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 20, p. 61-72, ago. 2011.

MATIELLO, Marina. **Catolicidade, Etnicidade e Educação**: a presença das irmãs carlistas-scalabrinianas no rio grande do sul (1915-1948). Caxias do Sul, 2019. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Caxias do Sul.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p.137-176.

MELLO, J. T. DOS S. DE; DALLABRIDA, N. Formando sujeitos masculinos, católicos e de elite: cultura escolar no Colégio Catarinense na década de 1950. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 2, 10 mar. 2014.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Exercício de intimidade: uma aproximação com a aprendizagem da escrita de si. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 237-246, jun. 2013.

MONTEIRO, Lorena Madruga. A romanização do catolicismo e os instrumentos de restauração católica dos Jesuítas no Brasil. In: XXVII Congreso de La Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, 2009, Buenos Aires. **Anais [...]**. Buenos Aires: VIII Jornadas de Sociología de La Universidad de Buenos Aires, 2009. p. 1-14. Disponível em: <https://cdsa.academica.org/000-062/1702.pdf>. Acesso em: 14 set. 2021.

NEDEL, Letícia Borges. Da sala de jantar à sala de consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 131-163.

NODARI, Eunice. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009. 222 p.

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres**. 2008. 1-279 f. Universidade Federal Fluminense, 2008.

PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

PERROT, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **A história dos Jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 83-135.

PESSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **A história dos Jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.319-382.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5. n.10, 1992, p. 200-212.

PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

RADIN, J.C., and CORAZZA, G. Formação política. In: **Dicionário histórico-social do Oeste catarinense** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 65-69. ISBN: 978-85-64905-65-8. <https://doi.org/10.7476/9788564905658.0015>.

RADIN, José Carlos. **Ítalo-brasileiros em Joaçaba**. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 1995.

RAGO, Margareth. **A Aventura de Contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. São Paulo: Unicamp, 2013. 344 p.

RECH, Gelson Leonardo. **Escolas étnicas italianas em Porto Alegre/RS (1877-1938)**: A formação de uma rede escolar. Pelotas, 2015. Doutorado em Educação – Universidade Federal de Pelotas.

RENK, Arlene. **Narrativas da diferença**. Chapecó: Argos, 2004. 160 p.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006. 250 p.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005. 92 p.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções**: problemas e métodos. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 70 p.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 6, p. 260-299, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na Era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 33-41, jan. 2005

SANTOS, Luciana Mara Espíndola; CUNHA, Maria Teresa Santos. Infâncias por escrito: cartas de escolares em um suplemento infantil catarinense (1972-1987). **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 232-254, 27 ago. 2017. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/rhhe.v1i3.52752>.

SCARPIM, Fábio Augusto. **O mais belo florão da igreja: família e práticas de religiosidade em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo Paraná, 1937-1965)**. 2017. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de 2017, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:

<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=8724&idprograma=40001016009P0&anobase=2017&idtc=29>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. Do que falamos quando empregamos o termo "subjetividade" na prática da história oral? In: LAVERDI, Robson; FROTSCHER, Méri; DUARTE, Geni; MONTYSUMA, Marcos; TORRES, Antonio (org.). **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife; Florianópolis: Editora UFPE; EDUFSC, 2012. v.1. p. 83-96.

SCHMIDT, Benito Bisso. "Grades invisíveis para rebentar": memórias de um militante de esquerda brasileiro sobre as prisões argentinas (1975-1979). In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Grafia Da Vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 227-239.

SIERRA BLAS, Verónica. "Autobiografias en miniatura": Apuntes y reflexiones sobre la correspondencia infantil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 42 - 70. maio/ago. 2015.

SIGNORI, Andréia Aparecida. **As mulheres no processo de colonização do Oeste catarinense: invisibilidade e resistência (1920/1960)**. Chapecó, 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul.

SIMON, Paula Marisa. **"Queridos Paes": uma história da escrita epistolar no oeste Catarinense através das cartas de Elza Bertaso à sua família**. Chapecó, 2015. 46 f. TCC (Graduação em História) - Universidade Federal da Fronteira Sul.

SILVA, S. M. Araújo. Ritos, rituais e rotina: educação feminina nos colégios confessionais católicos do século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 117-136, jul./ago. 2018.

SIQUEIRA, Gustavo Henrique de. **Os donos do "celeiro do progresso": redes sociais e política (Chapecó, 1956-1977)**. Florianópolis, 2016. 288 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2229/dissertacao_gustavo_siqueira_completa.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 83-95.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. "Descobrimo" as famílias no passado brasileiro: uma reflexão sobre a produção historiográfica recente. In: SCOTT, A. S. V. et al. (org.). **História da Família no Brasil Meridional: temas e perspectivas**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2014. p. 13-39. Disponível em: <http://oikoseditora.com.br/files/Ehila2.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

_____. História da infância, da juventude e da família: que caminhos percorrer? In: CARDOZO, José Carlos da Silva *et al* (org.). **História das crianças no Brasil Meridional**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020. p.14-34.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-99, 06/1995.

SOSENSKI, Susana. Dar casa a las voces infantiles, reflexiones desde la historia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**: Niñez e juventud, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 43-52, 13 jan. 2016. Fundacion Cinde. <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.1411250315>.

SOUZA, Rogério Luiz de. **Uma História Inacabada**: Cem Anos do Colegio Catarinense. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Cadernos Cedex**, v. 20, n. 52, p. 104-121, nov. 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-32622000000300008>.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Grupo escolar e produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911-1935). **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 29, p. 57-77, ago. 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em: 06 set. 2021

TORRES, Rozalia Brandão; CAPRARA, Bernardete Schiavo. Os papéis dos agentes econômicos, políticos e religiosos na evolução urbana de Bento Gonçalves. **Boletim Gaúcho de Geografia**, [s. l], v. 37, n. 85, p. 85-101, maio 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37362/24121>. Acesso em: 21 jun. 2021.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 51-84, abr. 1997.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. Entrando no arquivo do Drummond e lendo suas crônicas na imprensa. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (org.). **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Fgv, 2013. p.229-247

TRUZZI, Oswaldo; MATOS, Maria Izilda. Saudades: sensibilidades no epistolário de e/immigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 257-277, 8 dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472015v35n70011>.

TUMELERO, Michele Rodrigues. **A legião brasileira de assistência e os investimentos feitos sobre as mulheres e as crianças na construção de uma "nova" Chapecó-SC (1940-1960)**. Florianópolis, 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Estado de Santa Catarina.

VENDRAME, Máira Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins (1877-1914). Porto Alegre, 2007. 235 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. **Ares de vingança: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre imigrantes italianos no sul do Brasil (1878-1910)**. Porto Alegre, 2013. 478 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VENSON, Letícia Maria. **Colonização militar no Oeste Catarinense: José Bernardino Bormann e a colônia militar de Xaçupé (1880-1898)**. Passo Fundo: Acervus Editora, 2020. 92 p.

VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. Porto Alegre: Globo, 1981.

VICENZI, R. Colonizadora Bertaso e a (des) ocupação no Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM**, v. 19, n. 25, p. 301–318, 2006. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/139/showToc>. Acesso em: 27 jan. 2020.

VOJNIAK, Fernando. Qual masculinidade? Elementos para refletir a construção do comportamento masculino. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 117-126, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/473>. Acesso em: 08 set. 2020.

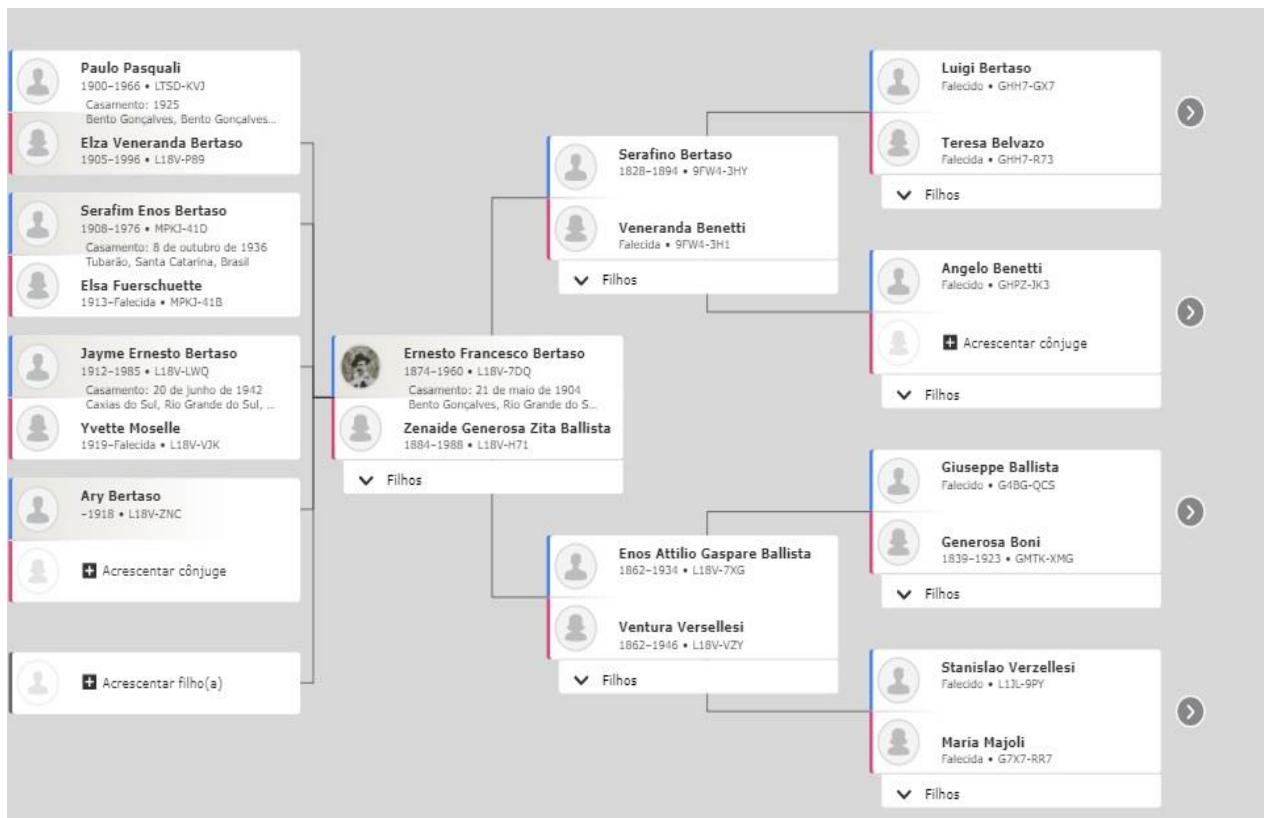
VOJNIAK, Fernando; MACHADO, Ricardo (org.). **Cultura escrita no Sul do Brasil: estudos de história intelectual e das correspondências**. Chapecó: Perspectivas, 2021. 344 p.

WENDLING, Isabel Schapuis. **O que diziam as crianças quando escreviam cartas: as construções de gênero na escrita dos irmãos Bertaso (1914 a 1929)**. Chapecó, 2018. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul.

WENDLING, Isabel Schapuis. Ser mãe e esposa: gênero e subjetividades nas cartas de Elza Bertaso para sua mãe (1925 - 1929). **Aedos**, [s. l.], v. 13, n. 28, p. 68-92, out. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/102259>. Acesso em: 12 out. 2021.

ANEXO

ANEXO 1: ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BERTASO



Fonte: FAMILYSEARCH. Ernesto Bertaso.

Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/pedigree/portrait/L18V-7DQ>. Acesso em: 20 jun. 2021.